

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

SHARLENE DAVANTEL VALARINI

DIÁRIOS DE BORDO: UMA VIAGEM PELA LEITURA DE TEXTOS
COM O TEMA INFÂNCIA NA PENITENCIÁRIA ESTADUAL DE
MARINGÁ

MARINGÁ - PR
2009

SHARLENE DAVANTEL VALARINI

DIÁRIOS DE BORDO: UMA VIAGEM PELA LEITURA DE TEXTOS
COM O TEMA INFÂNCIA NA PENITENCIÁRIA ESTADUAL DE
MARINGÁ

Dissertação apresentada à
Universidade Estadual de Maringá,
como requisito parcial para a
obtenção do grau de Mestre em
Letras, área de concentração:
Estudos Literários.

Orientadora: Profa. Dra. Alice Áurea
Penteado Martha

MARINGÁ – PR
2009

Uma longa viagem começa com um único passo.

Lao-Tsé

*À Marina.
A mamãe te ama do tamanho do céu.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua presença em meu coração.

Aos meus pais e irmãos por acreditarem em mim.

À minha menininha, que pede inúmeras histórias e que tem a fantasia em sintonia com o seu coração puro. Não tem bruxa e nem lobo mau que resistam.

À toda minha família, tios, tias, primos, primas, pelos bons exemplos e valores.

Aos meus avós, Maria e Ângelo (in memoriam) e José e Antonia. A presença de vocês dispensa comentários.

À tia Elízia, a pessoinha que me ensinou a ler.

À professora Alice, pela dedicação, exemplo e autenticidade.

À banca examinadora, professoras Dra. Rosa Maria Graciotto Silva e Dra. Maria Zaira Turchi, pela leitura desse trabalho e também pelas preciosas contribuições.

A todos os meus amigos, presentes e ausentes, por me ajudarem nos bons e maus momentos. Um agradecimento especial à Daiany, Vivian e Carla, amigas do Curso de Letras; à Giovana e Marcela, do Mestrado, e à Odete e Camila, também pesquisadoras do projeto “Literatura, Leitura e Escrita”.

A todos os professores do Curso de Letras da UEM e do Programa de Pós-Graduação em Letras que participaram da minha formação. Vocês foram essenciais para que eu compreendesse que estava no caminho certo.

A todos os meus alunos que me ensinam todos os dias o quanto é admirável a infância e a adolescência. Através de suas mentes e conversas, descobri o quanto de criança pode existir em um adulto. Divirto-me muito com todos vocês.

A todos os detentos participantes das oficinas. As experiências compartilhadas foram essenciais para a existência desse trabalho.

RESUMO

Ao entender a Literatura como elemento humanizador, fator indispensável para o equilíbrio psíquico dos sujeitos (Candido, 1995), esta dissertação teve como objetivo primeiro analisar, a partir da leitura do tema “Infância”, a recepção e a produção de um grupo de indivíduos marcados por exclusão social: os detentos da Penitenciária Estadual de Maringá – PR. Tal intuito decorre do recorte nos objetivos de um Projeto de Pesquisa mais amplo – “Literatura, Leitura e Escrita: a resignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social” – coordenado pelas professoras doutoras Alice Áurea Penteado Martha e Marilurdes Zanini. Em tal projeto, foram propostas Oficinas de Leitura e Escrita com textos literários referentes às três fases da vida humana (Infância, Juventude e Velhice) a presidiários da Penitenciária Estadual de Maringá. Nesta dissertação, apresentam-se resultados da análise do tema “Infância”, obtidos nos diários escritos pelos detentos e em suas produções textuais. Para tanto, foi utilizado como base metodológica o texto *Níveis da recepção literária no ensino*, do teórico alemão Hans Kügler (apud MARTHA, 1987), com ênfase nas fases da *Leitura primária* e da *Constituição coletiva do significado*, discutidas por esse estudioso. A fundamentação teórica do trabalho constituiu-se a partir das seguintes Teorias da Leitura: Estética da Recepção, Teoria do Efeito Estético e Sociologia da Leitura. Além da metodologia e da base teórica, esta dissertação apresenta a análise dos resultados, que se encontra subdividida em três etapas: 1. Perfil socioeconômico e cultural dos indivíduos, delimitado por dois questionários: um no início e outro no fim do projeto, e uma produção textual com as imagens mais significativas para o indivíduo participante; 2. Análise dos textos com o tema Infância e dos diários produzidos pelos participantes; 3. Análise das produções textuais escritas por eles. Observa-se, como resultados da pesquisa, uma significativa melhora na leitura e na compreensão do texto literário por parte desses indivíduos. Apesar de não ultrapassarem a referida etapa da *Leitura primária*, os indivíduos do Projeto puderam resignificar suas identidades a partir da aquisição de uma nova visão de mundo, graças ao contato com os textos literários.

Palavras-chave: Literatura e Humanização; Oficinas de Leitura; Resignificação de Identidades; Exclusão social.

ABSTRACT

Literature is a humanizing factor indispensable for the psychic equilibrium of the subjects (Candido, 1995). In the wake of this dictum, current dissertation analyzes the reception and the production of a group of people characterized by social marginalization, convicts at the State Prison of Maringá, Maringá PR Brazil, through the interpretation of the 'childhood' theme. It is rather a section of a wider research project titled 'Literature, Reading and Writing: the re-signification of individuals' identity in conditions of social exclusion,' coordinated by professors Alice Áurea Penteadó Martha and Marilurdes Zanini. The project included workshops on reading and writing dealing with literary texts on the three phases of life (childhood, youth and old age) involving convicts of the State Prison of Maringá. Current dissertation shows results on the analysis of the 'childhood' theme from the convicts' textual production in their diaries. Methodology is based on Hans Kügler's *Levels of Literary Reception in Teaching* (apud MARTHA, 1987), enhancing the phases *Primary Reading* and *Collective Constitution of Meaning*, discussed in the above mentioned book. The sections of Reading Theory, namely, Reception Aesthetics, Aesthetic Effect Theory and Sociology of Literature, foreground the theoretical basis of current investigation. Dissertation also includes analyses of results subdivided into three stages: (1) social, economical and cultural profile of the subjects collected by two questionnaires undertaken at the start and at the end of the project, coupled to textual production with the most significant images for the participating subject; (2) text analysis with the 'childhood' theme and an analysis of the diaries produced by the subjects; (3) analysis of textual productions written by the convicts. Result results show a significant improvement in reading and in the comprehension of the literary text by the subjects involved. Although they have not progressed beyond the *Primary Reading* stage, the Project's subjects could re-signify their identities through the acquisition of a new weltanschauung brought about by dealing with literary texts.

Key words: Literature and Humanization; Reading Workshops; Re-signification of Identities; Social Exclusion.

SUMÁRIO

1. CALÇANDO AS SANDÁLIAS.....	12
2. COM A BAGAGEM PRONTA!.....	17
2.1 NATUREZA DA PESQUISA.....	19
2.2 LOCAL DA PESQUISA.....	21
2.2.1 O SISTEMA PENITENCIÁRIO.....	22
2.2.2 O ESPAÇO FÍSICO DA PEM.....	24
2.3 OFICINAS DA PEM.....	26
2.4 A METODOLOGIA UTILIZADA.....	34
2.5 INSTRUMENTOS DA PESQUISA.....	37
3. NA ESTAÇÃO, RUMO AO DESCONHECIDO.....	39
3.1 LITERATURA: CONCEPÇÕES E FUNÇÕES.....	39
3.2 TEORIAS DA LEITURA.....	47
3.2.1 ESTÉTICA DA RECEPÇÃO.....	47
3.2.2 TEORIA DO EFEITO.....	53
3.2.3 SOCIOLOGIA DA LEITURA.....	56
4. COM A ROTA DEFINIDA.....	61
4.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS DETENTOS DA PEM.....	61
4.1.1 INFÂNCIA E ATUALIDADE: QUEM SÃO, O QUE E POR QUE LEEM OS DETENTOS DA PEM?.....	62
4.2 PRIMEIRAS IMAGENS	70
4.3 QUESTIONÁRIO FINAL: QUAL A IMPORTÂNCIA DO MEDIADOR?....	76
5. DIÁRIOS DE BORDO.....	81
5.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA INFÂNCIA E DE PERSONAGENS CRIANÇAS.....	81

5.1.1 O MENINO GRAPIÚNA, DE JORGE AMADO.....	82
5.1.2 INFÂNCIA, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.....	87
5.1.3 MEUS OITO ANOS, DE OSWALD DE ANDRADE.....	90
5.1.4 CRIANÇA, DE CECÍLIA MEIRELES.....	92
5.1.5 DIÁRIOS SOBRE A ANTOLOGIA.....	94
5.2 A CRIANÇA E A RELAÇÃO COM ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO.....	97
5.2.1 O HERÓI, DE DOMINGOS PELLEGRINI.....	97
5.2.2 BIRUTA, DE LYGIA FAGUNDES TELLES.....	104
5.2.3 MINSK, DE GRACILIANO RAMOS.....	106
5.2.4 DIÁRIOS SOBRE A ANTOLOGIA.....	107
5.3 COMPORTAMENTOS INFANTIS.....	108
5.3.1 O MENINO MAIS NOVO, DE GRACILIANO RAMOS.....	109
5.3.2 OS NETOS DE LENNON, DE WALCYR CARRASCO.....	110
5.3.3 O INFERNO, DE GRACILIANO RAMOS.....	111
5.4 PESSOAS QUE MARCARAM A INFÂNCIA.....	112
5.4.1 O AVÔ SECRETO, DE MOACYR SCLiar.....	113
5.4.2 A CASA DOS MISTÉRIOS, DE MIGUEL JORGE.....	114
5.4.3 O CANTEIRO DE MEU AVÔ, DE ADRIANO MESSIAS.....	116
5.4.4 AI QUE SAUDADES QUE EU TENHO, DE TATIANA BELINKY.....	117
6. QUASE NO FIM DA ESTRADA.....	119
CAMINHO DE VOLTA	127
REFERÊNCIAS.....	130
APÊNDICES.....	133
APÊNDICE 1 – CARTA CONVITE.....	134
APÊNDICE 2 – PRIMEIRO QUESTIONÁRIO.....	135
APÊNDICE 3 – PRIMEIRAS IMAGENS.....	140
APÊNDICE 4 - QUESTIONÁRIO FINAL.....	141
ANEXOS.....	142
ANEXO 1 – RESPOSTAS DO PRIMEIRO QUESTIONÁRIO.....	143

ANEXO 2 – PRIMEIRAS IMAGENS.....	164
ANEXO 3 – RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO FINAL.....	177
ANEXO 4 – DIÁRIOS DE LEITURA.....	188
ANEXO 5 – PRODUÇÕES DE TEXTO COM PERSONAGENS CRIANÇAS.....	207

1. CALÇANDO AS SANDÁLIAS

A leitura do texto literário abre um novo horizonte de expectativas para o leitor, levando-o a refletir sobre sua situação no mundo, sobre sua postura, enquanto personagem principal da “história”. O sujeito que lê sabe perguntar mais do que responder, pois aprende, através da leitura, a duvidar das coisas que se encontram prontas e acabadas, aprende a questionar as próprias atitudes e as dos seres que o rodeiam. Essa função humanizadora da literatura, proposta por Candido (1995), possibilita ao homem a reflexão sobre o seu *estar no mundo*.

O papel da leitura na formação de um indivíduo é visto como a aquisição de modos de vida. Por meio da leitura, o indivíduo, ativado pela imaginação e sustentado pelo constante contato com a realidade (re)criada, (re)descobre mundos, cria um universo próprio e legitima outros tantos. Isso torna a literatura um alicerce para o equilíbrio psíquico em uma sociedade rodeada de prazeres, situações e desejos não controlados.

Dessa forma, todos os leitores, independente da classe e do *status* social que ocupam, podem atribuir sentidos a um texto literário, de acordo com seu repertório (horizonte de expectativas), adquirido no seu convívio social e cultural.

O texto literário pode ser ferramenta ideal para o (re)colocar-se no mundo, pois traz em si mais de uma possibilidade de leitura. Assim, o medo de fazer-se ouvir, dar opiniões sobre o lido pode desaparecer e, em lugar do medo, surge uma negociação de sentidos. Fatores antes comprometidos pela leitura utilitarista e pedagógica, a autoafirmação e a autonomia ressurgem, ou simplesmente surgem, dessa interação democrática entre sujeitos em busca de identidade e espaço.

Segundo Bahloul (2002, p. 31-2), em tradução livre da autora,

a leitura não é uma prática social unicamente porque classifica ou está classificada na hierarquia dos níveis sociais, mas também porque dá origem a interações e intercâmbios sociais. Tampouco é, como afirma a representação tradicional, um ato de intimidade pura ou de retraimento individualista ilhado do mundo e da sociedade. A leitura está totalmente imbricada na organização e nas condições sociais¹.

¹ La lectura no es una práctica social únicamente porque clasifica o está clasificada en la jerarquía de los niveles sociales, sino también porque da origen a interacciones e intercambios sociales. Tampoco es, como lo afirma la representación tradicional, un acto de intimidad pura o de retraimiento individualista aislado del mundo y de la sociedad. La lectura está totalmente imbricada en la organización y las condiciones sociales.

Por entendermos a relação íntima entre leitura e sociedade, relatamos, nesta dissertação, resultados de uma pesquisa, na qual analisamos a recepção de textos literários por indivíduos em situação de exclusão social, no caso, os detentos da Penitenciária Estadual de Maringá – PR (PEM). Tal pesquisa tinha como *corpus* diários e análises iniciais realizadas no Projeto de Pesquisa “Literatura, Leitura e Escrita: a ressignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social”². Nesse Projeto, foram montadas três coletâneas de textos que versavam sobre Infância, Juventude e Maturidade, respectivamente. Nesta dissertação, privilegamos a etapa da Infância para análise.

O grupo com o qual o projeto atuou é considerado excluído da sociedade. Pessoas marcadas pelos atos que cometeram ou pelos caminhos que escolheram. Os detentos da Penitenciária Estadual de Maringá – PR foram privados de sua liberdade e tiveram, por várias e diferentes razões, que abandonar ou parar, temporariamente, o estudo escolar. Esse ponto também foi relevante para o desenvolvimento do Projeto, pois o grupo de detentos forma um grupo não-escolar. Apesar de frequentarem a escola (CEEBJA) dentro da penitenciária, as oficinas não foram realizadas no horário escolar, constituindo-se como uma atividade extra, com a intenção de fugir da leitura escolarizada e imposta pelo Sistema Educacional.

Em nenhum momento, buscamos criticar o Sistema Educacional ou a leitura escolarizada. No entanto, sabemos que, na sociedade atual, permanece a visão da literatura a serviço de ensinamentos morais e de valores. A literatura prazerosa ainda é considerada inútil, uma fugitiva dos tempos modernos em que se busca a praticidade em primeiro lugar.

Dentro dessa visão, pretendíamos criar, no ambiente da Penitenciária, uma roda de leitura agradável e prazerosa, com o objetivo de formar leitores e não de afugentá-los com uma série de exercícios.

Assim, eram objetivos do Projeto de Pesquisa “Literatura, Leitura e Escrita: a ressignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social”:

- Verificar a importância do trabalho com textos literários e imagens para a ressignificação de indivíduos em situação de exclusão social;

² Iniciado em 2005 e finalizado em 2008, sob a coordenação das professoras doutoras Alice Áurea Penteadó Martha e Marilurdes Zanini, o projeto teve a participação de graduandos e pós-graduandos em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

- Fundamentar teórica e metodologicamente a pesquisa, com a revisão bibliográfica de temas como Literatura, Leitura e Escrita;
- Associar concepções de leitura e produção de textos à ressignificação da identidade de presidiários da PEM;
- Organizar antologia com textos produzidos pelos presidiários;
- Observar a recepção de textos por indivíduos em situação de exclusão social.

Partindo dos mesmos pressupostos do Projeto maior e da leitura do tema Infância, nosso objetivo principal foi analisar a recepção e a produção de um grupo de indivíduos marcados por exclusão social: os detentos da Penitenciária Estadual de Maringá – PR.

Outros objetivos derivaram desse primeiro:

- Levantar as bases teóricas de fundamentação deste trabalho;
- Analisar um questionário socioeconômico e cultural dos indivíduos em questão, como pano de fundo para as análises dos diários produzidos por eles;
- Verificar como o horizonte de expectativas desses indivíduos se apresenta, através da análise de um texto que contemple as histórias e experiências mais importantes para esses indivíduos;
- Entender como as experiências de vida que eles tiveram preenchem os lugares vazios dos textos, mediante a análise dos diários de leitura com o tema Infância.

Poucas dissertações versam sobre a leitura de detentos. As mais conhecidas estão ligadas ao mesmo grupo de pesquisadores da Universidade Estadual de Maringá (UEM) cujas discussões desencadearam esta proposta. São elas: “O leitor e a leitura do texto literário na Penitenciária Estadual de Maringá, Paraná”, de Daniela Carla de Oliveira, e “A liberdade vigiada: estudo sobre os modos de recepção da obra O Alquimista, de Paulo Coelho, pelos detentos da Penitenciária Estadual de Maringá”, de Ivan Luiz de Oliveira. Vinculada à área da Linguística, temos a dissertação “Escrita: resgate da identidade de indivíduos em situação de reclusão – as oficinas de produção de texto na PEM”, de Odete Ferreira da Cruz, cujo *corpus* de análise praticamente coincidiu com o desta dissertação, visto que colhemos parte dos dados em grupo. Além disso, há a dissertação em curso de Camila de Souza

Fernandes, intitulada como “Literatura e identidade: a leitura na Penitenciária Estadual de Maringá”, que aborda o tema da Juventude.

Na verdade, os trabalhos anteriores derivaram da pesquisa de pós-doutorado da Dr^a. Alice Áurea Penteado Martha, orientadora desta dissertação, que se voltou para a leitura de Monteiro Lobato na PEM. Da realização desse projeto de pós-doutorado, três capítulos de livros já foram publicados: “Leituras na prisão: Negrinha, de Monteiro Lobato” (2006), “Leitores no presídio: histórias em construção” (2006b); “Leitores em situação de exclusão social: instâncias mediadoras de leitura na Penitenciária Estadual de Maringá” (2008). Por sua vez, da realização do Projeto de Pesquisa “Literatura, Leitura e Escrita: a resignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social”, surgiu a seguinte publicação: “Leitores no presídio: leitura do texto literário e resignificação de identidade” (2008b).

Também são frutos do Projeto vários trabalhos apresentados em Congressos e Seminários, além de artigos, sendo a maioria de autoria da mesma pesquisadora que orientou esta dissertação ou de alunos sob sua orientação. Já se encontra no prelo um livro com os textos escritos pelos detentos durante as oficinas do Projeto, o que finaliza a execução deste.

Outros estudos também apresentam a história de leitura de leitores em situação de exclusão social, tais como: *Lecturas precárias: Estúdio sociológico sobre “los poco lectores”*, de Bahloul (2002), e *Historias de lectura: trayectorias de vida y de lectura*, de Peroni (2003). Esses estudos evidenciam o caráter sociológico da Sociologia da Leitura, do mesmo modo que esta dissertação.

Justificada a importância de discussões sobre o tema, esta dissertação divide-se em cinco capítulos. No primeiro, apresentamos a metodologia utilizada na execução das atividades, com a descrição do *corpus* e dos instrumentos utilizados. No segundo, temos o levantamento das bases teóricas que fundamentam esta dissertação. No terceiro, a análise do perfil dos detentos pesquisados, capítulo, que se encontra subdividido em três partes: 1. Análise de um questionário inicial aplicado na PEM, cujo objetivo era delinear o perfil dos detentos; 2. Análise da primeira produção textual dos participantes, com tema livre, em que pedimos apenas para que eles incorporassem uma experiência pessoal; 3. Análise de um questionário final, com o objetivo de avaliar a viabilidade do projeto e o resultado de sua execução. No quarto capítulo, fizemos a análise dos textos literários trabalhados na PEM e dos diários escritos pelos detentos durante as oficinas. No quinto capítulo,

procedemos à análise das produções textuais escritas pelos detentos a partir do tema Infância. Por último, apresentamos as considerações finais, com os resultados obtidos com a pesquisa. Nesse momento, retomamos o que já foi dito e deixamos o caminho aberto para novas pesquisas e produções no cárcere.

2. COM A BAGAGEM PRONTA!

Neste capítulo, descrevemos os caminhos percorridos na execução desta dissertação, desde a sua gestação até a sua apresentação final. Para tanto, mostramos de onde surgiu a conexão entre o trabalho aqui apresentado e o Projeto de Pesquisa “Literatura, Leitura e Escrita: a ressignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social”, as concepções fenomenológicas, o caráter qualitativo da pesquisa, a metodologia e os instrumentos utilizados.

O Projeto “Literatura, Leitura e Escrita: a ressignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social” teve início em 2005, sob a coordenação das professoras doutoras Alice Áurea Penteado Martha e Marilurdes Zanini. Participaram do Projeto professores e alunos de graduação e pós-graduação da Universidade Estadual de Maringá – PR.

No ano de 2005, os participantes do Projeto reuniram-se para preparar o aparato teórico que o fundamentava e somente em julho de 2006 é que começaram as oficinas de leitura e produção textual. Às segundas-feiras aconteciam as reuniões para determinar os textos que seriam trabalhados em cada etapa (Infância, Juventude e Maturidade) e, principalmente, prepará-los, seguindo a metodologia de Hans Kügler (apud MARTHA, 1987), para serem discutidos com os detentos na PEM. Às quartas-feiras, os pesquisadores, divididos em dois grupos, um de manhã e outro à tarde, iam à Penitenciária discutir e observar a leitura dos detentos. Os textos analisados neste trabalho foram discutidos com os detentos que frequentavam as oficinas no período da tarde.

Antes da execução do Projeto propriamente dita, consultamos a diretoria da Penitenciária e o Conselho de Ética da UEM, responsáveis pela análise da proposta do Projeto e autorização para sua execução. Além disso, apresentamos aos detentos uma Carta-convite, explicando os objetivos do Projeto, o seu funcionamento e o convite para sua participação (apêndice 1).

Alguns passos foram seguidos até o Projeto realmente começar. O primeiro passo foi um questionário (apêndice 2) que incidia sobre aspectos socioeconômicos e culturais relativos aos sujeitos pesquisados. Procuramos levantar dados como: Identificação; Família; Infância e Situação atual. Tais dados foram analisados nesta dissertação, juntamente com os outros coletados, com a finalidade de delinear um

perfil dos sujeitos participantes e, principalmente, delimitar o quanto esse perfil poderia influenciar nas suas preferências de leitura.

Em seguida, pedimos aos sujeitos participantes uma produção de texto, na qual se objetivava reconhecer quais os seus temas preferidos. Nesses textos, a principal preocupação dos detentos era lembrar aspectos de suas vidas que justificassem a entrada para o crime ou as escolhas que fizeram. A maioria dos textos aponta o crime como consequência de uma vida miserável, sem recursos e rodeada de morte, roubos, bebida e drogas.

Além da temática, os textos escolhidos para as oficinas na PEM tinham outro diferencial: estavam todos de acordo com o cânone. Ao pesquisarmos sobre os textos preferidos pelos detentos, descobrimos a preferência por textos e autores canônicos. Essa preferência encontra raízes na ideia reproduzida pela sociedade sobre o que vem a ser a boa leitura. Os detentos são excluídos dessa sociedade e, como consequência, a todo momento querem mostrar que podem fazer parte dela e que possuem os mesmos gostos.

Portanto, levar textos canônicos para a PEM era atender os gostos “explícitos” dos sujeitos participantes, mesmo que “implicitamente” houvesse a preferência por livros de autoajuda.

Depois de escolhermos os textos, as oficinas de leitura, discussão, análise de textos e, posteriormente, produção e reescrita textual começaram a funcionar. Com a antologia Infância, alguns textos foram produzidos e reescritos, mas nem todos os detentos escreveram relatos (diários). Desde o início, eles ficaram livres para participar ou não das oficinas, bem como deixar de participar no momento em que quisessem. O curioso foi que nenhum saiu por opção, mas por transferência de presídio ou regras internas da Penitenciária. A aceitação do Projeto foi muito boa entre os detentos.

Essa aceitação ficou evidente quando lhes foi proposto um último questionário (apêndice 3), com o objetivo de avaliar, ou melhor, entender como eles processaram as intenções do Projeto. Vários detentos relataram o gosto pela leitura e o quanto gostariam que o Projeto continuasse.

2.1 NATUREZA DA PESQUISA

Como sabemos, toda pesquisa de caráter científico compreende um subsídio teórico e filosófico que lhe forneça a base de sustentação para o seu desenvolvimento. Em nosso caso, utilizamos a abordagem fenomenológica, que justifica a utilização das Teorias da Leitura abordadas: Estética da Recepção, Teoria do Efeito e Sociologia da Leitura.

Nos estudos fenomenológicos, dá-se uma atenção especial aos estudos de Husserl. O pensamento desse estudioso teve suas origens na filosofia de Platão, Leibnitz, Descartes e Brentano. Deste último, Husserl reaproveitou o conceito de *intencionalidade*, baseado no fato de não haver objeto sem sujeito, já que toda consciência está sempre dirigida para um objeto. A intencionalidade é o ponto mais discutido na filosofia de Husserl, já que “as essências surgem como processos de reduções fenomenológicas que se iniciam com a intuição das vivências” (TRIVIÑOS, 1987, p. 45). Dessa forma, a intencionalidade é quase que determinada pelos pontos objetivos do pensamento do pesquisador-observador, que avalia um objeto, de acordo com a vivência que já adquiriu sobre ele.

A Fenomenologia é a ciência que procura estudar as “essências”, isolando ao máximo um determinado fenômeno, a ponto de descrevê-lo tal qual ele é ou se apresenta ao olhar do pesquisador, sem interferência de um “mundo” fora do fenômeno em si. Ela torna-se uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é. É a visão de um sujeito sobre um objeto, visão que não pode se encontrar obscurecida pela opinião de outros sujeitos ou a existência de outros objetos.

Para a Fenomenologia, quando se pensa em sujeito e objeto, pensa-se, por consequência, em algo único. O sujeito insere-se no mundo do objeto para conseguir abstrair toda a sua essência, desfazendo-se, para isso, de toda e qualquer carga de “preconceito” ou “vivência” anterior ao início de sua pesquisa. É preciso lembrar que a sua vivência, na verdade, só o leva à escolha do fenômeno a ser estudado, mas não o explica nem interfere em sua análise.

Por tudo isso, a Fenomenologia parte do pressuposto da *universalidade*, considerando que a essência de um determinado objeto (ou fenômeno) é igual para outros objetos (ou fenômenos) semelhantes ao examinado. Esse conceito é também aplicável em relação ao sujeito: “O que eu conheço, o que eu vivencio, é vivência

para todos, porque foi reduzido a sua pureza íntima, a sua realidade absoluta” (TRIVIÑOS, 1987, p. 46).

Desse modo, os estudos fenomenológicos não abordam a ideologia nem os conflitos sociais e as mudanças estruturais. Talvez esse seja o seu ponto negativo, já que negando esses pontos sociais de um contexto vivido por um determinado sujeito, tais estudos deixam de analisar fatos ou condicionamentos que talvez sejam importantes para aquele sujeito. No entanto, o seu ponto positivo é ter questionado o Positivismo, reservando um lugar para o sujeito na construção do conhecimento.

No que se refere à nossa proposta, os estudos fenomenológicos justificam-se pela restrição do grupo social observado e analisado: os detentos da PEM. Para tanto, foi necessário partir de um ponto de análise nulo que não interferisse na coleta e análise dos dados, ou seja, pensar no grupo como excluído, mas sem rótulos no que condizia às suas leituras do texto literário. Além disso, trabalhamos com sujeitos que possuem uma subjetividade e uma consciência próprias. Por isso, quando tomam contato com textos literários são capazes de se colocarem como leitores, como “personagens”, influenciando o texto e, por consequência, suas vivências, através da leitura e da compreensão desses textos.

Outro ponto relevante, dentro da perspectiva fenomenológica, é o fato de um grupo de detentos ser exemplo (recorte) de um grupo maior, composto pelos detentos do Sistema Penitenciário Brasileiro. Desse modo, colocam-se não como exemplos generalizadores, e sim como exemplos para grupos formados com características parecidas ou hábitos similares.

Diante da caracterização dos estudos fenomenológicos explicitados, a abordagem utilizada na proposição desta dissertação foi a pesquisa qualitativa de tipo fenomenológico, cuja apresentação, segundo Triviños (1987), dá-se mediante cinco características principais:

- “A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave” (TRIVIÑOS, 1987, p. 128), isto é, o ambiente é influenciador na construção da personalidade do sujeito em questão, no caso, dos detentos da PEM. Nesse sentido, o ambiente em que se encontram torna-se parte de si mesmos, como fonte de conhecimento ou de alargamento do seu horizonte de expectativas.

- “A pesquisa qualitativa é descritiva” (TRIVIÑOS, 1987, p. 128), já que descreve os fenômenos observados, carregados de características que o ambiente

lhes impõe. Particularmente, neste objeto de estudo, buscamos a descrição da leitura dos detentos da PEM, com o intuito de interpretá-la de acordo com as influências específicas de seu contexto de atuação. Desse modo, não procuramos levar influências externas para a análise interior.

- “Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto” (TRIVIÑOS, 1987, p. 129), o que significa que, no caso da abordagem de cunho fenomenológico, a preocupação recai sobre as circunstâncias envolvidas durante a observação do fenômeno. Dessa forma, observamos como o processo se desenvolveu com o avanço das leituras e das discussões sobre os textos, sem nenhuma intervenção social ou histórica, ou seja, levando em consideração somente a leitura dos indivíduos em questão.

- “Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente” (TRIVIÑOS, 1987, p. 129), ou seja, as interpretações surgem da percepção do fenômeno em seu contexto. Nesse sentido, todas as reflexões, significados e análises foram relatados de acordo com o contexto em que os sujeitos de nossa pesquisa estão inseridos.

- “O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa” (TRIVIÑOS, 1987, p. 130), isto é, buscam-se os significados que os sujeitos observados dão às suas experiências, suas vidas e aos seus projetos. Assim, neste caso, detectamos, nos textos escritos pelos detentos, o que eles relacionam com as suas vidas e percepções pessoais.

Além de ser um estudo exploratório e uma pesquisa participativa, o tipo de pesquisa qualitativa realizada foi um estudo de caso, que se constitui como “uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma *unidade* que se analisa aprofundadamente” (TRIVIÑOS, 1987, p. 133). Nesse sentido, apresentamos, nesta dissertação, um estudo de caso da recepção de textos literários pelos detentos da PEM.

2.2 LOCAL DA PESQUISA

Nesta seção, apresentamos o local onde se desenvolveu a pesquisa relatada na presente dissertação. Primeiramente, colocamos em pauta algumas discussões acerca do Sistema Penitenciário, sua formação, suas regras, seus pontos positivos e negativos. Em seguida, fazemos a apresentação da Penitenciária Estadual de

Maringá (PEM), seu espaço físico e os projetos que desenvolvia durante a realização do Projeto de Pesquisa “Literatura, Leitura e Escrita: a ressignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social”³.

2.2.1 O SISTEMA PENITENCIÁRIO

Ao se pensar em Sistema Penitenciário, pouco se atenta para a importância de tal sistema na sociedade moderna, sua finalidade e suas atribuições.

Desde a antiguidade, a prisão servia como momento de reclusão ou de tortura, não se tinha a ideia do encarceramento punitivo com a finalidade de isolamento temporário. Do modo como se apresentam hoje, as Instituições Carcerárias originam-se do fim do século XVIII e início do século XIX. A partir desse período, a prisão passou a ser um castigo, um sistema de penalidades com normas e leis.

A organização das Instituições Carcerárias procura, de forma civilizada, penalizar aqueles que não se comportam de acordo com as normas vigentes no âmbito social. Segundo Foucault (1987), pessoas que transgridem as normas sempre existiram e fazem-se necessárias para que a sociedade tenha exemplos a serem punidos. Na verdade, a sociedade pune os delinquentes que produz através de inúmeras carências.

Geralmente, a prisão acaba por reproduzir, dentro do cárcere, a violência gerada pelo indivíduo delinquente na sociedade. Mostrar, através da violência, que aquele indivíduo errou serve de incentivo para gerar mais revolta e violência quando esse indivíduo sai do ambiente de reclusão.

A Instituição Carcerária pune, privando o delinquente de sua liberdade, utilizando a medida de tempo como forma de quantificar o tamanho do delito causado. Para Foucault (1987, p. 196),

retirando tempo do condenado, a prisão parece traduzir concretamente a ideia de que a infração lesou, mais além da vítima, a sociedade inteira. Obviedade econômico-moral de uma penalidade

³ Buscamos informações atuais (ano de 2009) sobre a Penitenciária Estadual de Maringá (PEM). No entanto, não obtivemos muitas informações, a não ser as que estão no *site* da PEM: http://www.pr.gov.br/depen/pen_pem.shtml

que contabiliza os castigos em dias, em meses, em anos e estabelece equivalências quantitativas delitos-duração.

Outro modo de se ver a Instituição Carcerária é entendê-la como mecanismo de transformação de indivíduos. Essa Instituição pretende, assim, impor-lhes as normas sociais vigentes e fazer com que eles compreendam o funcionamento da sociedade e a necessidade de que esse funcionamento continue.

Dois princípios básicos se aplicam ao modo como a prisão lida com os indivíduos e busca os seus resultados:

1). Isolamento: favorável à reflexão, o isolamento provoca remorso. Desse modo, os indivíduos tornam-se mais submissos às normas e às regras. No entanto, por trás desse isolamento, há outros pontos em questão, como, por exemplo, o isolamento das más companhias, com a intenção de evitar complôs e tumultos. A prisão não pode, de forma alguma, propiciar o envolvimento de indivíduos; pelo contrário, deve separá-los.

2). Trabalho remunerado: em Instituições Carcerárias, é proibida a circulação do dinheiro. O trabalho remunerado, em algumas instituições, gera lucro para as famílias dos indivíduos apenados, não para eles. Além disso, o trabalho, no sistema carcerário, pode ser visto como “moeda de troca”. Desse modo, os dias trabalhados diminuem progressivamente o tempo de cumprimento da pena, pois a intenção principal do trabalho, nesse caso, é ensinar uma ocupação e educar para a vida em sociedade.

O sistema penitenciário, ou a Instituição Carcerária, do modo como se apresenta, é falho. Apesar de provocar o isolamento do indivíduo, a prisão, nos dias de hoje e especialmente no Brasil, não é capaz, na maioria dos casos, de conter a propagação da violência. Pelo contrário, não se tem uma diminuição no número de criminosos ou de crimes, e sim um aumento, pois, geralmente, o criminoso continua no crime e volta para a prisão. Sendo assim, a prisão não educa; nas prisões, os indivíduos são levados ao isolamento, mas também se organizam em motins e pequenos grupos. A família de um detento, por sua vez, pode, na maioria das vezes, cair na miséria, ao ser abandonada.

Apesar de saber da falha do e no sistema penitenciário, não se sabe de nenhum outro método para conter a violência ou isolar indivíduos. Na verdade, como defende Foucault (1987), caso se fechem as instituições penais, não se sabe o que

pôr no seu lugar. Por isso, a delinquência é produzida pela própria prisão, como reflexo do seu funcionamento e como prova real de sua ineficiência.

Foucault (1987, p. 224-225) reproduz sete máximas universais da boa “condição penitenciária”. Segundo ele, essas máximas constituem as funções que o sistema penal deve cumprir para firmar-se como um mecanismo social. São elas:

- 1). A detenção penal deve transformar o comportamento do indivíduo;
- 2). Os detentos devem ser isolados ou separados de acordo com o crime que cometeram;
- 3). As penas devem ser modificadas de acordo com as peculiaridades de cada indivíduo e seu comportamento;
- 4). O trabalho no cárcere deve servir para transformar e socializar o indivíduo;
- 5). A educação do detento é interesse da sociedade e obrigação do poder público para com o indivíduo;
- 6). O regime da prisão é controlado por pessoas especializadas e treinadas para zelar pela formação dos indivíduos;
- 7). O encarceramento deve ser acompanhado até a regeneração do indivíduo.

Essas “máximas” são verdades estipuladas até os dias de hoje. No entanto, na maioria das Instituições Carcerárias, não são cumpridas ou não produzem os efeitos que deveriam produzir.

Sem generalizações, muitas instituições penais procuram “retirar indivíduos de circulação” por um tempo determinado, mas não buscam muitas formas de regeneração ou de ressignificação da identidade desses indivíduos. Para essas instituições, amontoar indivíduos ou tratá-los com violência é o modo encontrado para consertar o erro cometido.

Contudo, em muitas instituições, como é o caso da Penitenciária Estadual de Maringá – PR (PEM-PR), o ambiente encontrado e os projetos que envolvem os detentos podem propiciar sua regeneração e seu arrependimento, levando-os a uma possível ressignificação da identidade.

2.2.2 O ESPAÇO FÍSICO DA PEM

Este tópico procura descrever o espaço físico da Penitenciária Estadual de Maringá, com a finalidade de caracterizar o ambiente em que os detentos leram e produziram seus textos.

A Penitenciária Estadual de Maringá possui capacidade para 360 presos do sexo masculino que cumprem pena em regime fechado. O endereço é Estrada Velha para Paiçandu, Gleba Ribeirão Colombo, divisa com o município de Paiçandu s/n, CEP: 87001-970, Caixa Postal 831 – Maringá – Paraná. Fone: (44) 3266-1148 – Fax: (44) 3266-1148. Diretor: Cel. Antonio Tadeu Rodrigues⁴.

Inaugurada em 10 de abril de 1996, localizada na área agrícola de Maringá-PR, no limite entre os municípios de Maringá e Paiçandu, a Penitenciária Estadual de Maringá (PEM) tem uma área construída de 5.800 metros quadrados, em um terreno de 24 mil metros quadrados. A extensão do muro é de 664 metros, com altura de 9 metros, sendo 6 metros acima da superfície e 3 metros abaixo. Possui 60 celas com capacidade para seis presos cada, perfazendo um total de 360 vagas, mas mantendo uma média de 345.

Os presos são divididos em sete galerias. Estas são assim divididas: 04 solários, 07 refeitórios (um por galeria), 3 guaritas (postos de vigilância), 1 pátio de visitantes, 1 área para visita íntima com 10 quartos, 1 consultório médico-psiquiátrico, 2 enfermarias de isolamento, 5 salas de aula com capacidade para 15 alunos cada, 10 salas para atendimento técnico, 1 lavanderia, 1 biblioteca, 1 cozinha industrial com capacidade de produção de 2.000 refeições/dia e 1 padaria com capacidade de produção de 1.800 pães/dia.

A PEM teve um custo de R\$ 3 milhões de reais, possuindo o mesmo projeto da Penitenciária Estadual de Londrina - PR, com a mesma estrutura de segurança e capacidade de lotação. A sua instalação proporcionou à cidade 202 novos empregos e contempla a região noroeste do Estado, servindo a 30 cidades.

Cerca de 55% da população carcerária emprega sua mão-de-obra em 24 canteiros de trabalho nas áreas de manutenção, artesanato, agricultura, fábrica de bolas de futebol, marcenaria, dentre outros. A PEM também estabelece algumas competências, tais como:

⁴ Desde 11/04/2008, o Diretor é o Ten. Cel. Eduardo Krevieski.

- A segurança e a custódia dos presos do sexo masculino que se encontram internados no estabelecimento por decisão judicial, em cumprimento de pena em regime fechado;
- A promoção da reintegração social dos internos e o zelo pelo seu bem-estar, através da profissionalização, educação, prestação de assistência jurídica, psicológica, social, médica, odontológica, religiosa e material;
- A prestação de assistência social aos familiares dos internos.

Vários projetos, muitos dos quais de natureza profissionalizante, atuam na PEM. Alguns já atuavam concomitantemente ao Projeto “Literatura, Leitura e Escrita: a ressignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social”; outros são novos. São eles: Aplicação de agrotóxicos; Artesanato – confecção de bichinhos de retalhos; Bordado em ponto cruz; Capacitação em braile; Corte de cabelo; Cultivo de eucalipto; eletricista instalador predial; instalação hidráulica; jardinagem; locução no rádio; montagem e manutenção de microcomputador; noções de sistema braile; olerícolas de frutos e sementes; olericultura orgânica; patchwork; pintor de obras; pintura em escultura em resina; plasticultura; restauração de material bibliográfico; técnicas do trabalho em lavanderia; “Cultivar” (viveiro de mudas); Restauração de livros da biblioteca da UEM – Universidade Estadual de Maringá; Projeto “Visão de Liberdade”; Família na escola; Educação – ensino regular; Paraná digital.

2.3 AS OFICINAS NA PEM

Como em todo trabalho de cunho científico, o desenvolvimento dos encontros com os detentos na PEM seguiu alguns passos na busca da identificação do horizonte de expectativas e da ressignificação da identidade desses indivíduos.

As oficinas realizadas na PEM não se propunham ao ensino da leitura ou da produção de texto; pelo contrário, através da leitura dos textos literários, não se buscava o pretexto de ensinar ou “catequizar” os detentos. A proposta principal do Projeto era buscar a ressignificação desses indivíduos por meio do exercício das competências leitora e escrita, a partir dos conhecimentos de mundo que eles traziam e daqueles que eles acabavam de adquirir.

Durante as oficinas e a partir dos temas trazidos pelos textos literários, os detentos puderam compartilhar suas experiências e seus horizontes de expectativas.

A leitura de textos e imagens lhes proporcionou a reflexão sobre o mundo em que vivem, as relações que exercem, os conflitos que enfrentam, as pessoas que os cercam. Toda reflexão feita a partir do texto e das imagens aparece retratada, posteriormente, nos relatos e nas produções escritas pelos detentos.

Encontram-se, a seguir, alguns momentos básicos no trabalho desenvolvido na PEM: 1). Discussão das bases teóricas que fundamentam o trabalho com leitura e escrita; 2). Escolha dos textos a serem lidos e trabalhados na PEM nas três fases propostas: Infância, Juventude e Velhice; 3). As oficinas de leitura e discussão do texto literário e das imagens; 4). As oficinas de escrita, em que os detentos traçavam planos de escrita, escreviam e reescreviam textos; 5). Análise do material coletado para a construção de trabalhos científicos e a seleção de textos dos detentos para a composição de um livro.

De todos esses momentos, destacamos as Oficinas de Leitura e Escrita com o tema Infância. Nas Oficinas de Leitura, os textos apresentavam-se sem um questionário definido e os detentos realizavam a leitura por fruição, em que se deliciavam e se entregavam ao texto apenas com o objetivo de obter prazer. Por isso, os textos retratavam temas cotidianos com a intenção de caracterizar mundos parecidos para todos, com situações, sentimentos e pessoas que fazem parte da vida de todo ser humano. Depois de alguns encontros com a leitura de textos literários, em que os detentos puderam perceber alguns elementos básicos na composição destes, começaram as Oficinas de Escrita. A partir de temas presentes nos textos literários lidos, os detentos tinham seu ponto de partida para exercitarem a competência escrita.

Fase I: A Infância

Ao todo, foram 19 textos selecionados para fazerem parte do tema Infância no Projeto “Literatura, Leitura e Escrita: a ressignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social”.

Na montagem das antologias do tema Infância para o Projeto, os textos foram divididos em seis antologias: a essência da infância, animais de estimação, brincadeiras, família, avós e escola. No entanto, como alguns textos constituíram-se como material de apoio e não foram mediados em oficinas na PEM, os detentos não escreveram diários sobre eles. Para a análise desta dissertação, portanto, dividimos

os textos em quatro antologias: a apresentação do tema infância e as personagens crianças, a criança e a relação com animais de estimação, comportamentos infantis e pessoas que marcaram a infância.

Essa segunda divisão fez-se necessária para que pudéssemos ter um panorama mais completo de toda a produção dos detentos sobre o tema Infância. Desse modo, pudemos compreender todos os diários de acordo com a temática trabalhada nos textos literários.

A primeira antologia diz respeito à caracterização de momentos da infância, de situações e personagens infantis. Nesse momento, foram apresentados quatro textos. Dois desses textos foram trabalhados efetivamente com os detentos durante as oficinas e os outros dois ficaram como material de apoio para que eles lessem em suas celas.

Esses textos considerados como materiais de apoio não foram menos importantes para o Projeto, mas, por conta do pouco tempo para o trabalho nas oficinas da PEM, era impossível dar conta de todos os textos selecionados. Parte desses textos, portanto, ficaram para a leitura solitária dos detentos.

Em relação à primeira antologia, o primeiro texto trabalhado foi *O menino grapiúna*, de Jorge Amado. Esse texto é o relato de um narrador-personagem, com voz de um adulto, lembrando o seu tempo de internato na infância. Vemos a criança sob a tutela intelectual de um adulto possuidor de dois estigmas sociais: o de professor e o de religioso, lendo livros clássicos não censurados pelos adultos, como *As viagens de Gulliver* e outros de Charles Dickens. Percebemos um tom amargo na lembrança da figura infantil do texto, uma figura que aos onze anos conheceu a sua “primeira prisão”.

Essa personagem infantil difere um pouco da encontrada no texto *Infância*, de Carlos Drummond de Andrade, segundo texto proposto. Neste, há valorização da criança do campo. Trata-se de uma criança também leitora (leitora de *Robinson Crusóé*), pertencente a um modelo familiar fechado, em que o pai trabalha no campo, a mulher costura e cuida dos filhos em casa e o irmão dorme tranquilo. Essa criança pertence a um modo pacífico de condutas: não vive grandes conflitos nem aventuras, nem faz as peripécias de uma criança. Talvez, por isso, seja a personagem infantil mais representada na literatura, ou seja, a criança idealizada que observa o mundo “dos adultos” e não o questiona.

Para simples leitura e reflexão dos detentos, foram oferecidos os textos *Criança*, de Cecília Meireles, e *Meus oito anos*, de Oswald de Andrade. O primeiro traz uma criança solitária, abandonada e que vê o mundo passar e ir embora; trata-se de uma criança infeliz, “que não teve nada, que não pediu nada”. Já o segundo apresenta um adulto saudoso que se lembra com carinho de quando era criança e de como o seu crescimento estava vinculado ao crescimento de sua cidade.

Ambos os textos trazem representações diferentes da infância; no entanto, apresentam visões muito particulares do universo infantil: uma criança abandonada e uma criança que brincava e se divertia, enquanto sua cidade florescia.

A segunda antologia constituiu-se no trabalho com a temática dos animais de estimação. Sabemos que as crianças gostam dos animais e aceitam muito bem sua presença. Esses animais tornam-se amigos, companheiros, irmãos. Por isso, três textos foram selecionados: *O herói*, de Domingos Pellegrini; *Minsk*, de Graciliano Ramos; e *Biruta*, de Lygia Fagundes Telles. Somente o primeiro foi trabalhado diretamente com os detentos; os outros dois somaram-se aos textos de apoio para leitura.

O herói, de Domingos Pellegrini, tem como personagem central um menino esperto, peralta e aventureiro que vive ilusões infantis, acreditando ser um herói e líder de um grupo de meninos. Amadurece quando se vê frente à morte de um animal, mas continua com o mesmo espírito iludido de uma criança, ao passar de soldado a um detetive maior que viu em um filme.

Minsk, de Graciliano Ramos, traz uma personagem espreitada, inquieta, esperta, “imaginando casos romanescos” com “amigas invisíveis” e que “inventava interlocutores, fazia confidências às árvores do quintal e às paredes”. Essa história apresenta uma criança sensível aos apelos de seu animal de estimação, que era um passarinho. Apesar de ser extremamente inquieta, a personagem do texto possui a ingenuidade e os sonhos de uma criança carinhosa e amiga.

O terceiro texto dessa antologia foi *Biruta*, de Lygia Fagundes Telles. Diferente dos outros que trazem crianças inseridas em um ambiente familiar, *Biruta* retrata uma personagem sem família, morador de uma garagem de casa rica. É caracterizada como um menino de “bracinhos finos”, com “mãos de velho e andar de velho” e “expressão desolada”. A criança já tinha sido morador de um abrigo e perde o seu único amigo, seu animal de estimação, o que o deixa mais sozinho ainda.

A terceira antologia tratou de comportamentos infantis, de relacionamento familiar, de sentimentos inerentes às relações com pais, irmãos e educação. Os textos selecionados foram: *O menino mais novo* e *O inferno*, ambos de Graciliano Ramos, e *Os netos de Lennon*, de Walcyr Carrasco. Na Penitenciária, os textos serviram de material de leitura, já que, além da leitura dos textos literários, os internos também produziam textos e procuravam melhorar o seu processo de escrita.

Os três textos trazem visões interessantes sobre a criança e o seu modo de ver e sentir o mundo à sua volta. No episódio *O menino mais novo*, presente no livro *Vidas Secas*, Graciliano Ramos reproduziu um menino que admira o pai, mesmo tendo medo da figura paterna, e que espera crescer para ter o que o adulto tem e para conquistar o orgulho e o respeito do pai, do irmão mais velho e até mesmo da cachorra Baleia. O menino possui muito medo do pai, uma figura austera que impõe respeito e espera admiração. É, assim, muito diferente do menino apresentado em *O inferno*, texto no qual o menino é questionador, inquieto, curioso, esperto e cheio de porquês. Ele questiona a mãe sobre tudo, até chegar o dia em que deseja saber como é o inferno. A mãe é a figura adulta com sapiência, apesar de ser jovem, mas que, mesmo dando abertura para os questionamentos do filho, trata-o como ser inferior em relação aos conhecimentos dela e, por achá-lo impertinente, castiga-o.

Já em *Os netos de Lennon*, Walcyr Carrasco representa uma visão da criança atual, fruto de gerações que eram contra o castigo e a reprovação. A criança é retratada como uma figura esperta, de grife, sem limites; quer tudo na mesma hora que pede e não aceita um “não” como resposta. O narrador faz uma comparação com a criança que ele já foi, a mesma de *O inferno*, e chega à conclusão de que falta “não” para essas crianças de hoje em dia.

Na quarta antologia, encontravam-se textos que falam de pessoas que marcaram a infância, de pessoas que serviram de exemplos, da admiração pelo pai e pela mãe, e da importância da figura do avô na construção da identidade da criança, por ser ele símbolo de experiência e, muitas vezes, também ser um contador de histórias capaz de mexer com o imaginário infantil.

O primeiro texto é *Ai que saudades que eu tenho*, de Tatiana Belinky. Esse texto traz o relato do adulto que foi uma “criança feliz” e sabia lidar com os pais e com as suas diferenças, respeitando-os acima de tudo. Percebemos uma criança inserida em um ambiente de respeito e admiração, crescendo feliz com o que vê à

sua volta. Em *O Canteiro do meu avô*, Adriano Messias apresenta a voz do adulto que relembra a sua relação com o avô mesmo depois de morto. Relações parecidas ocorrem em *O avô secreto*, de Moacyr Scliar. Esse texto traz a memória do adulto, lembrando o seu tempo de criança e o seu avô contador de histórias. *A casa dos mistérios*, de Miguel Jorge, traz meninos em uma época de guerra, em que não podiam ouvir conversas de adultos, mas que tinham prazer em colaborar com a pátria e até possuíam certo orgulho patriótico. Ao procurarem um espião dos alemães, vivem aventuras, medos e inseguranças próprias dessa idade, até descobrirem que tudo não passou de um engano.

De todos os textos selecionados para a leitura dos detentos, somente cinco não obtiveram nenhum diário de leitura, são eles: *Quando tudo podia ser brinquedo*, de Ângela Leite de Souza; *Profundamente*, de Manuel Bandeira; *Cavaleiro do cavalo de pau*, de Afonso Lopes Vieira; *Na rua do sabão*, de Manuel Bandeira; e *Era uma vez quando não podia*, de Fernando Bonassi.

Esses textos, portanto, não se encontram analisados nesta dissertação. Os possíveis motivos para a falta de diários e de leitura desses textos por parte dos detentos podem ser elencados: não houve mediação voltada para eles nas oficinas, ficando como material de apoio; dificuldade na leitura de poemas; dificuldade de identificação com as personagens dos textos.

Dos dezenove textos selecionados, os cinco que ficaram sem anotações em diários eram os que tinham menos aspectos narrativos, retratando sentimentos particulares dos seus autores por meio de imagens poéticas. Desse modo, os detentos esquivaram-se de escrever sobre eles, deixando-os de lado, por acharem difícil a sua leitura.

Além do trabalho com textos literários, as Oficinas de Leitura abarcaram o trabalho com a leitura de imagens. Para a fase da Infância, foram escolhidas obras de Candido Portinari: “Futebol”, “Plantando a bananeira” e “A menina e o passarinho”.

Nesta dissertação, por opção da pesquisadora, não se trabalhou com a leitura das imagens, por duas razões: 1). O foco das oficinas e dos próprios detentos foram os textos literários; 2). Poucos diários foram escritos para a leitura das imagens.

Em todos os textos, sem discriminação, a imagem da criança é construída a partir de características muito peculiares ao universo infantil, como a inocência, a honestidade, a sinceridade, o sonho e a ilusão. Além disso, percebemos a

representação das diferenças de uma criança para outra, algumas mais sofridas e outras mais bem tratadas. No entanto, todas são crianças, possuem sentimentos de medo, revolta, diversão, tristeza, alegria, etc. Em todos os textos, a alegria de ser criança é o ponto mais relevante.

Fase II: A Juventude

Organizados do mesmo modo que as antologias da fase da Infância, nesta fase, os textos retratavam temas sobre a juventude, tais como: decepções amorosas, trabalho, relacionamento familiar, sonhos, preocupações. Como esses textos não fizeram parte do recorte desta dissertação, apenas dispusemos uma lista com o título de todos:

- Venha ver o pôr do sol – Lygia Fagundes Telles;
- Vinte anos – Machado de Assis;
- Bolo na garganta – João Antonio;
- O peru de natal – Mário de Andrade;
- Paulino e Roberto – Artur Azevedo;
- Amar – Florbela Espanca;
- Eu – Florbela Espanca;
- Lira V – Tomás Antonio Gonzaga;
- Soneto da fidelidade – Vinicius de Moraes;
- Soneto da separação – Vinicius de Moraes;
- Soneto do amor total – Vinicius de Moraes;
- As rosas do tempo – Carlos Drummond de Andrade;
- Bilhete – Mário Quintana;
- O namoro a cavalo – Álvares de Azevedo;
- Nascer – Carlos Drummond de Andrade;
- Da importância do diploma – Mário Prata;
- Quase doutor – Lima Barreto;

As imagens escolhidas foram:

- Mulher lendo – José Ferraz de Almeida Junior;
- Amolação interrompida – José Ferraz de Almeida Junior;
- Pescaria - José Ferraz de Almeida Junior;

Fase III: A Velhice

Na fase que tratava da Velhice, os textos versavam sobre recordações da infância e da juventude:

- Biografia de um sucesso – Carlos Heitor Cony;
- Feliz aniversário – Clarice Lispector;
- A foto oficial – Walcyr Carrasco;
- Peregrinação – Manuel Bandeira;
- Velha chácara – Manuel Bandeira;
- Consolada – Manuel Bandeira;
- Remorso – Olavo Bilac;
- Nel mezzo del camim – Olavo Bilac;
- Recordo ainda... – Ângela Leite de Souza;
- Inventário – Carlos Drummond de Andrade;
- Saudade – Paulo Mendes Campos;
- O crime perfeito – Moacyr Scliar;

As imagens escolhidas foram:

- A mendiga – Almeida Junior;
- Auto-retrato com chapéu branco – Renoir;
- O pai do artista sentado à mesa – George Seurat.

Todos os textos apresentados⁵ formam um panorama da vida humana com o objetivo de instaurar uma reflexão sobre a presença humana e a sua função no mundo. Por isso, as Oficinas de Leitura e Escrita ocorriam paralelamente, uma completando o sentido da outra.

Nas Oficinas de Leitura, aconteciam a discussão e o diálogo com o texto literário, com a aplicação de perguntas básicas de análise narrativa sobre as personagens, o tempo, o espaço, o enredo, o narrador, a unidade temática. Não havia um roteiro de questões definidas para a discussão. As questões fluíam de acordo com o interesse dos detentos e com o que eles achavam importante na leitura de cada texto.

⁵ Dessas três fases, analisamos somente os textos e a leitura dos detentos que versavam sobre o tema Infância. Os textos sobre a Juventude e a Velhice se encontram aqui nomeados apenas para ilustrar o Projeto realizado na PEM como um todo.

As Oficinas de Produção Escrita também seguiam um roteiro aberto, em que as questões básicas eram: De que fala o texto? Quem fala no texto? Por que escrevo esse texto? Para quem escrevo esse texto? As ideias no texto se relacionam? Há alguma contradição? O tema do texto é sempre o mesmo, do início ao fim? O texto está escrito de modo claro? Existem conflitos no texto? Quais? Como o conflito é resolvido? Qual o tempo e o espaço do texto? Eles estão definidos? Quais as personagens do texto?.

Do mesmo modo que nas Oficinas de Leitura, nas Oficinas de Escrita essas questões não eram impostas, mas discutidas no grupo de acordo com a necessidade e a frequência com que apareciam. Aos poucos, os detentos foram percebendo a importância da unidade temática de um texto e de como essa unidade temática pode ser construída mediante planejamento. Coletivamente, discutiam e aprimoravam os textos escritos, tendo como referência o projeto de escrita apresentado anteriormente pelo professor-mediador da oficina.

Tanto as questões de leitura do texto literário quanto as de produção de roteiro de escrita textual serviam para que o detento adquirisse o hábito e o prazer de realizar questionamentos antes de estipular definições e concluir raciocínios.

2.4 A METODOLOGIA UTILIZADA NAS OFICINAS

A proposta de metodologia utilizada foi a desenvolvida pelo teórico alemão Hans Kügler (apud MARTHA, 1987), que sistematizou o que denominou *Níveis de leitura da recepção do texto literário no ensino*, a partir de três etapas: a Leitura Primária, a Constituição Coletiva do Significado e os Modos Secundários de Ler.

De acordo com Kügler, o ensino da literatura é um processo de comunicação que não está ligado apenas ao transporte da mensagem do emissor ao receptor por meio de um texto. O autor enfatiza que a essência da comunicação, no caso do ensino literário, é constituída pelo processo de interação entre o leitor e o texto.

Partindo desse pressuposto, Kügler pôde definir o que ele entende como *Níveis da recepção literária no ensino*. Para isso, o autor dividiu três etapas:

1). *Leitura Primária*: compreende a dimensão pessoal da recepção do texto. Essa etapa encontra-se subdividida em três partes. A primeira denomina-se *Leitura não-duplicada*, em que o leitor tem “o texto para mim”, “uma silenciosa compreensão

coletiva do texto” (KÜGLER apud MARTHA, 1987, p. 36), já que o leitor entra em relação com o mundo de representação através de sua co-produção. Esse processo de formação da ilusão é pessoal, pois a ilusão produzida não depende só do texto, mas, principalmente, do leitor.

Na segunda fase da Leitura Primária, chamada por Kügler de *Projeção e auto-inserção simulativa*, o leitor começa a perceber o texto e a relacionar a leitura com a sua experiência de vida, a se identificar com as personagens e atitudes ou a repudiar determinados acontecimentos. Com isso, ele começa um diálogo efetivo com o texto que, com o avanço de leituras, ficará cada vez mais inteligível.

Essas duas primeiras etapas foram as mais recorrentes na análise de textos dos detentos, pois a maior parte deles leu os textos como se eles fossem as personagens ou como se o texto tivesse sido escrito especialmente para eles.

A última fase dessa etapa denomina-se *Deslocamento e Condensação do texto*. Tal nomeação ocorre pelo fato de o leitor demonstrar, simultaneamente, os dois processos. O leitor opera o deslocamento quando as posições exercidas pelo texto são totalmente interpretadas segundo sua postura pessoal. Desse modo, as perspectivas e posições textuais são ofuscadas pelas do leitor. Por sua vez, na condensação, o leitor começa a perceber e articular o cenário apresentado pelo texto e o cenário criado por ele. Quando isso ocorre, o leitor começa a ser capaz de comparar o texto com outros textos ou significados já produzidos. A esse momento dá-se o nome de *Ruptura da formação da ilusão*.

Depois das primeiras discussões e da leitura dos primeiros textos, os detentos começaram a entender o funcionamento de alguns elementos textuais, tais como: personagem, enredo (início, meio e fim), espaço e tempo narrativos. Com isso, uma parte dos detentos começou a deixar de lado suas experiências pessoais e a pensar no texto como criação de um autor com experiências e vontades próprias.

2). *Constituição coletiva do significado*: essa constituição começa quando a opinião (experiência de produção de significado) individual entra em contato com outras opiniões (experiências). Dessa forma, perde-se totalmente a ilusão de uma leitura única e começa-se a discutir sobre as possibilidades semânticas levantadas por diferentes pessoas para um mesmo texto.

A partir das oficinas que trabalharam com animais de estimação, os detentos passaram a ouvir o que os outros tinham a dizer, a dialogar com as pesquisadoras em busca de respostas sobre como o autor teria imaginado aquela personagem, por

que teria lhe dado aquelas características, o que isso influencia no texto, e assim por diante. Essas discussões foram muito enriquecedoras, pois mostraram exatamente como os *Níveis da recepção literária no ensino*, de Hans K ugler, evoluem etapa a etapa, em uma sequência linear. No entanto, essa etapa foi realizada parcialmente, devido às dificuldades que os indivíduos participantes do Projeto encontraram para ler os textos propostos.

3). *Modos secundários de ler*: a última fase dos *Níveis de recep o* propostos por K ugler (apud MARTHA, 1987) começa com a discussão coletiva e o levantamento de hipóteses e de prováveis leituras para o mesmo texto. Partindo desse levantamento, os leitores começam a deixar cada vez mais de lado a fase inicial do “texto para mim” e a relacionar melhor sua leitura com outras leituras e com eventuais intenc es do autor e do próprio texto. Dessa forma, fecha-se o ciclo, com a forma o de uma leitura mais crítica, apoiada em aparatos teóricos que deixam a leitura do texto dentro de um grupo possível de respostas, levando em considera o o que o autor, o texto e o leitor têm a dizer.

Essa última etapa do método desenvolvido por K ugler não chegou a ocorrer durante as Oficinas de Leitura e Escrita na PEM. Em nenhuma etapa das oficinas, os detentos chegaram aos *Modos secundários de ler*. Para essa fase, era necessário que os detentos possuíssem uma história de leitura mais ampla para que conseguissem refletir além do que o texto apresenta fisicamente e chegassem a discussões sobre a inser o desse texto na história da literatura brasileira, na produ o individual de seu autor e suas características semelhantes a outros textos.

Essa metodologia está de acordo com a proposta de recep o de Jauss (1994). A primeira etapa, *Leitura primária*, corresponde ao que Jauss (1994) prega quanto   recep o e   inser o do horizonte de expectativas na leitura do texto literário. O leitor está frente ao texto, relacionando-o com as suas experiências de vida, suas atitudes e seus desejos.

Os conceitos de Iser (1996) enquadram-se perfeitamente na segunda fase proposta por K ugler, *a Constitui o coletiva do significado*, na qual o leitor percebe e analisa, mesmo que parcialmente, o texto e seus aspectos físicos. No caso das Oficinas de Leitura e Escrita da PEM, não se chegou a completar essa segunda fase do método de K ugler, dadas as dificuldades de interpreta o encontradas pelos indivíduos participantes. Os conceitos de Iser tornam-se importantes não para analisar questionamentos dos detentos – pois isso praticamente não ocorreu, visto

que eles não analisavam os textos sozinhos, necessitando de uma mediação constante – mas para ilustrar a construção de esquemas textuais dentro de um texto e a concretização do texto literário mediante a leitura de um leitor real que primeiramente era apenas implícito.

Tanto Jauss (1994) quanto Iser (1996) definiram conceitos em busca de um leitor ideal que tivesse um conhecimento grande de literatura e dos elementos que a compõem. Kügler demonstra também pensar assim na última etapa de seu método, *Modos secundários de ler*, que pede ao leitor a formação de uma leitura crítica e engajada ideologicamente. No entanto, essa fase não fez parte de nossa análise. Isso porque se trata de uma proposta de leitura escolarizada, ambiente do qual a proposta desta dissertação procurou fugir, com o intuito de buscar novas formas e meios de ensinar literatura, apreciando-a e não a aprendendo. Desse modo, espera-se a leitura prazerosa e não a leitura imposta pelo ambiente escolar.

2.5 INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Neste estudo de caso, foram necessários alguns instrumentos para a coleta e análise eficazes dos dados obtidos. O primeiro deles foi um questionário (apêndice 2), necessário para caracterizar o grupo em questão. Esse questionário foi dividido em quatro partes: 1- Identificação (idade, naturalidade, escolaridade); 2- Família (escolaridade e profissão dos pais, condições de leitura e lazer na família); 3- Infância (atividades lúdicas, memória de histórias ouvidas e lidas, sentimentos causados pelas leituras, frequência a bibliotecas, atividades de escrita); 4- Situação atual (estudos, frequência à biblioteca do presídio, para que leem, leituras procuradas, leituras realizadas, gêneros procurados, bem como atividades de escrita). Tais dados contribuíram para o delineamento do perfil dos detentos e colaboraram no entendimento da aquisição do horizonte de expectativas desses indivíduos. Como suporte para a análise dos questionários, foi utilizada a Sociologia da Leitura.

Além desse primeiro questionário, foi proposto aos detentos um questionário final (apêndice 3). Nesse questionário, buscamos refletir sobre o Projeto em si e analisar sua execução, os objetivos atendidos e a importância do mediador na ressignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social.

Além da análise dos questionários, foram utilizados relatos de leitura feitos pelos sujeitos em questão. Esses relatos tiveram como base a leitura de textos que versavam sobre o tema Infância. Conforme as oficinas aconteciam, os detentos escreviam diários do que eles entenderam antes e depois dos encontros nas Oficinas. São esses diários que serviram de suporte para a análise da recepção dos textos feita pelos detentos.

Como se pode perceber, desde a ideia inicial deste trabalho, a busca por respostas sobre como os indivíduos leem, os objetivos se direcionavam para preocupações constantes da área de Formação do Leitor e das Teorias da Leitura. Por isso, no próximo capítulo, apresentamos as concepções e funções da literatura e as Teorias da Leitura que nortearam os objetivos deste trabalho: a Estética da Recepção, Teoria do Efeito e Sociologia da Leitura. Tais teorias focalizam a recepção de obras, a formação do horizonte de expectativas, a mediação e o preenchimento de espaços em branco durante a leitura.

3. NA ESTAÇÃO, RUMO AO DESCONHECIDO...

Neste capítulo, encontramos os pressupostos teóricos das Teorias da Leitura que embasaram esta dissertação. Primeiramente, apresentamos uma discussão acerca das concepções e funções da literatura, desde suas aplicações teóricas às suas aplicações práticas. A seguir, observamos, respectivamente, a descrição dos principais fundamentos da Estética da Recepção, da Teoria do Efeito e da Sociologia da Leitura, fundamentos estes imprescindíveis para a análise dos diários de leitura feitos pelos detentos da PEM.

3.1 LITERATURA: CONCEPÇÕES E FUNÇÕES

Muito já se tem feito na tentativa de definir claramente o que é a literatura e o que ela compreende de fato. Diversos estudiosos da literatura têm procurado levantar hipóteses através de conceitos e procedimentos próprios, desenvolvidos a partir da observação e do modo como a literatura é vista em diferentes grupos sociais, na recepção dos leitores, na história, nas teorias, etc. Desse modo, ao procurarmos compreender o que vem a ser a literatura, acabamos analisando um levantamento de dados sobre o que a compõem e suas implicações práticas.

Segundo Candido (1985, p. 53),

a arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade. Gratuidade tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor, no momento de sentir e apreciar.

Não só Candido (1985), mas também Escarpit (1969), Eagleton (1997) e Compagnon (2001) dividem a mesma proposição de que a literatura é gratuita. Ainda que não se tenha uma definição certa para o que ela seja, pelo menos, sabemos o que a compõe. A gratuidade, portanto, está intrinsecamente ligada à produção transfigurada ou representativa de uma sociedade ou de um contexto, das pessoas que ali estão, de valores comuns a determinados indivíduos.

Segundo Escarpit (1969, p. 36), “é literatura toda a leitura não funcional, quer dizer, que satisfaça uma necessidade cultural não utilitária”. Mais adiante, o mesmo autor completa: “na medida em que permite cada um evadir-se, sonhar, ou pelo contrário, meditar, cultivar-se, gratuitamente, tudo o que é escrito pode tornar-se literatura” (ESCARPIT, 1969, p. 38).

Apesar disso, durante muito tempo, a literatura foi vista como sendo tudo o que era impresso. Até hoje, podemos encontrar o termo literatura relacionado à “revisão da literatura sobre patologia” ou coisas do gênero. Isso tudo porque a literatura em si varia segundo a época e a cultura, ou seja, o que para uma época não é, ou não foi, literatura pode ser que seja em um período seguinte. Dessa forma, em cada época cria-se um conceito diferente de literatura. Tivemos a época em que o lírico era considerado gênero menor e época em que o verso lírico se sobressaiu. A teoria aristotélica sobre os gêneros épico, dramático e lírico saiu de e entrou em foco várias vezes, em movimentos literários diferentes (COMPAGNON, 2001).

Escarpit (1974), em seu texto *Hacia una sociología del hecho literario*, busca pontos que confirmem a especificidade da literatura nas discussões ao longo dos tempos, citando Platão e Sartre. Para Platão, a literatura é uma arte e, por isso, é impura. Essa impureza vem da ambiguidade de sua expressão. Em Sartre, sabemos que, na poesia, o significante domina e, na prosa, a significação sobressai. A coexistência desses dois “destinos” da escritura, às vezes paralela, às vezes convergente, em algumas ocasiões, pode ser considerada como um “primeiro caráter específico do fenômeno literário”.

Outra especificidade da literatura é a combinação de elementos díspares (diversas ordens de significações e de relações entre significante e significado), que comporta uma supersignificação através da linguagem, ou seja, um significado de uma obra junto com outros significados já estabelecidos.

O fenômeno literário resulta de um equilíbrio entre as pressões da situação histórica e da liberdade do escritor, enquanto criador de significações. Não se tem literatura sem esse equilíbrio. Isto porque a literatura como fato histórico leva consigo a própria negação e conduz à própria superação. Do mesmo modo que Escarpit (1974), Iser (1996) utiliza o valor da negação no desenvolvimento de sua teoria. Para Iser (1996), a cada re-elaboração de um novo conceito ou de um novo conhecimento adquirido pelo leitor, este processa uma superação do conceito ou do conhecimento antigo. Essa negação e essa superação, enquanto especificidades da

literatura, fazem parte da formação de um novo horizonte de expectativas, visão também compartilhada por Jauss (1994).

Pensando a literatura enquanto comunicação entre autor, obra e público, Escarpit (1974) retoma as especificidades da literatura encontradas até então: 1). A literatura se difere das artes por ter significante e significado; 2). Em nossa sociedade, a literatura se caracteriza por uma adequação ou confrontação, além da e pela linguagem.

Retratando um pensamento de Sartre, Escarpit (1974) afirma que, para o objeto literário ser visto como tal, é preciso um ato concreto que é a leitura. Sem a leitura, o que está escrito não é nada. Em Escarpit (1974), a obra é resultado de um esforço conjunto entre leitor e autor. A leitura, em geral, começou a ser mais bem difundida com o desenvolvimento do teatro e a invenção da imprensa. É principalmente a imprensa que começa a influenciar no modo de se produzir a leitura, pois os escritores tornaram-se trabalhadores para o mercado editorial.

O mercado sempre existiu e a literatura, portanto, sempre esteve relacionada com o comércio e o dinheiro; a única diferença é que houve uma expansão das relações de mercado com a impressão do livro e os avanços das produções técnicas (WELLERSHOFF, 1970). Segundo esse autor, o consumo rápido pode ser mais uma tendência de literatura que está surgindo, já que – e não podemos nos esquecer – a literatura faz parte de um universo cambiante, sujeito a mudanças e oscilações dos mais variados tipos.

Conforme Escarpit (1974), podemos considerar a literatura como organização mercantil. Enquanto tal, compreende uma produção, um mercado e um consumo. Seu produtor é o editor, aquele que fabrica e coloca o livro à venda. Desse modo, o produto literário, a obra em si, é resultado de uma série de filtros sociais, econômicos e culturais que agem sobre os projetos dos escritores. O produtor compra textos que serão aceitos pelo mercado, tentando, muitas vezes, melhorá-los com seus “conselhos”. Seu objetivo é somente a venda do produto.

Por tudo isso, essa indefinição, quanto ao significado da palavra literatura, dá-se principalmente porque não há uma “essência” da literatura, ou seja, algo que a torne singular, dentre outras práticas escritas de uma sociedade. Essa busca pela “essência” faz com que, muitas vezes, a literatura seja definida “... como a escrita ‘imaginativa’, no sentido de ficção – escrita esta que não é literalmente verdadeira” (EAGLETON, 1997, p. 1). O próprio autor coloca essa tentativa de definição para

refutá-la, já que muito do que é factual aparece incluso em manuais literários e muita ficção fica de fora.

A resposta para essa afirmativa está no fato de a literatura, desde os tempos mais remotos, vir intrinsecamente ligada a juízos de valor. Como afirma Compagnon (2001, p. 33), “todo julgamento de valor repousa num atestado de exclusão”, ou seja, se algo é visto ou classificado como literário pressupõe-se que alguma outra coisa não seja.

A definição do que é ou não literário pauta-se, portanto, em um ponto de vista fundamentado segundo um cânone que unifica as obras de valor, tornando-as clássicas. Candido (1985, p. 41) pondera que esse ponto de vista foi sempre “o do adulto, branco, civilizado, que reduz à sua própria realidade a realidade dos outros”, e que avalia tudo ao seu redor segundo uma “ilusão antropocêntrica”, fruto do seu “crivo deformante”.

Para alguns, literatura é uma escrita bonita. Esse tipo de julgamento de valor, muitas vezes, valoriza demais textos que não possuem uma qualidade estética tão evidente. Se assim fosse, qualquer coisa poderia vir a ser literatura e qualquer coisa que é considerada literatura poderia deixar de ser.

Compagnon (2001, p. 33) define o cânone como sendo “composto de um conjunto de obras valorizadas ao mesmo tempo em razão da unicidade da sua forma e da universalidade (pelo menos em escala nacional) do seu conteúdo; a grande obra é reputada simultaneamente única e universal”.

Nenhuma obra nasce destinada a fazer parte de um cânone. O que ocorre é a análise e a classificação por parte de estudiosos, críticos literários, editores, pessoas envolvidas no processo de produção, recepção e circulação das obras. No entanto, muitas vezes, essa classificação ocorre mais por “achismo” do que por qualidades estéticas da obra. Nesses momentos, é levado em consideração mais o nome do autor ou as relações que ele tem do que a qualidade estética do seu texto e o seu enquadramento em determinado movimento literário. Dessa forma, muitos textos e autores bons são deixados de lado em detrimento de outros que não são tão relevantes assim.

Segundo Compagnon (2001, p. 46), “literatura é literatura, aquilo que as autoridades (os professores, os editores) incluem na literatura. Seus limites, às vezes se alteram, lentamente, moderadamente, mas é impossível passar de sua extensão à sua compreensão, do cânone à essência”.

Se seguirmos as normas canônicas e o que prevalece nos meios acadêmicos, “a literatura, no sentido restrito, seria somente a literatura culta, não a literatura popular...” (COMPAGNON, 2001, p. 33-4). Porém, o que hoje é um cânone literário pode não ser mais visto assim pelo público futuro. Nesse sentido,

alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta. Sob este aspecto, a produção do texto é muito mais importante do que o seu nascimento. O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que o seu autor tenha pensado. (EAGLETON, 1997, p. 12).

Grande parte de tudo o que consideramos positivo ou negativo em nossa sociedade, e nisso inclui-se a literatura, carrega em sua essência a influência intimista dos grupos sociais dominantes. Assim, os juízos de valor são condicionados e pré-determinados por eles.

Candido (1985) propõe que o problema dos juízos de valor é o nosso ponto de vista. Partimos sempre de uma “ilusão antropocêntrica”, como se fôssemos mais civilizados, melhores e detentores de conhecimento. Esse autor defende que, em toda e qualquer sociedade, há representações de mundo e que essas representações, independente do universo que elas retratem, são gratuitas, não podendo ser classificadas nem como melhores nem como piores.

A criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma práxis socialmente condicionada. Mas isto só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da ilusão e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão do mundo. (CANDIDO, 1985, p. 55).

No texto *O direito à literatura*, Candido (1995, p. 242) complementa o seu raciocínio, dizendo que “... a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos”.

Várias correntes teóricas tentaram definir o que é literatura e como ela se constrói. Uma dessas correntes foi a dos formalistas russos. Eles acreditavam que “a literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana” (EAGLETON, 1997, p. 3). Para os formalistas, a

obra literária é um trabalho com a linguagem, um fato material, composta por leis específicas, regras e mecanismos não encontrados na linguagem cotidiana. Desse modo, eles analisavam muito mais a forma do que o conteúdo da obra literária. Apesar das críticas ao formalismo russo e das ponderações de Jauss (1994), essa é uma das teorias que melhor observou a unicidade da literatura e o fato de ela poder ser vista como algo diferente do trivial. Inclusive, uma noção de cunho formalista muito utilizada até hoje é a do *estranhamento* ou *desfamiliarização*, que consiste em uma deformação da linguagem comum.

Segundo Eagleton (1997), os formalistas não queriam definir literatura, mas literariedade – um uso especial da linguagem. Entretanto, para fazerem isso, acabaram utilizando regras e conceitos que também são encontrados na linguagem cotidiana. Eles achavam que toda literatura era poesia. O mesmo modo de analisar a poesia era aplicado à análise da prosa.

Para Compagnon (2001, p. 42-3), “a literariedade (a desfamiliarização) não resulta da utilização de elementos lingüísticos próprios, mas de uma organização diferente (por exemplo, mais densa, mais coerente, mais complexa) dos mesmos materiais lingüísticos cotidianos”. Esse autor questiona que alguns textos não se afastam da linguagem cotidiana. Com isso, “será que eles não são literários?”. Na verdade, o que os formalistas fizeram, ao proporem o conceito de estranhamento ou desfamiliarização, foi considerar a licença poética como literatura.

Não obstante tudo o que discutimos, a única certeza que temos é de que não existe uma definição para literatura. Inúmeras são as tentativas e as posições tomadas acerca da dicotomia “é literatura ou não é literatura?”. No entanto, podemos partir de alguns pressupostos mais ou menos catalisadores de uma visão convincente acerca da literatura.

Candido (1995) considera a literatura como uma necessidade universal do homem e, portanto, um direito. Para ele,

... Assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Neste sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar. Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os

seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles. (CANDIDO, 1995, p. 243).

As ideias de Candido (1995) são essenciais para se entender a busca pela ressignificação da identidade dos indivíduos em situação de exclusão social. Em relação a homens presos, desprovidos de sua liberdade temporária, do convívio social e familiar, a leitura do que a sociedade entende como acontecimento passível de ser retratado ou ficcionalizado torna-se quase uma lei de tão indispensável.

Um aspecto importante e bastante inerente a toda essa discussão sobre o que é ou não literatura diz respeito à sua função ou funções. Candido (1985) propõe três funções da literatura: *função total*, *função social* e *função ideológica*. Para ele, a *função total* seria a predominante entre os civilizados, já que comporta o uso de um sistema simbólico que transcende a situação imediata e compreende a universalidade; além disso, a individualidade do autor gera uma qualidade estética maior à obra. A *função social* é mais encontrada em grupos iletrados, em que o universo da obra está de acordo com a necessidade do grupo. Por último, há a *função ideológica*, que abarca a obra interessada, empenhada, fruto das intenções e dos objetivos de um autor e leitor engajados.

Algumas obras surgiram no seio de comunidades com a finalidade de cumprir uma função social dentro daquele respectivo grupo, como é o caso da sociedade grega. No entanto, o modo como essa sociedade foi composta acabou por relegar uma atenção maior para a obra com o passar das épocas; como consequência, ela passou de uma função social para uma função total. Seu conteúdo deixou de ser visto somente como um manual para os gregos e ganhou o *status* de universal, servindo, assim, para toda e qualquer sociedade ocidental.

Complementando sua posição adquirida alguns anos antes, Candido (1995), em seu *Direito à literatura*, coloca a função da literatura como detentora de três faces. Essas três faces podem ser entendidas como complementos das três funções propostas por ele anteriormente.

(1) Ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado. Dessa forma, ao compor uma obra, o autor recupera palavras existentes e as dispõe em um todo articulado, responsável por organizar a apreensão de nossa mente e a visão que temos do mundo. Nessa acepção, conteúdo e forma estão juntos como um par indissolúvel.

(2) Ela é uma forma de expressão, já que manifesta emoções e a visão de mundo de indivíduos e grupos. A literatura tem um nível intencional, construído pelo autor e conscientemente assimilado pelo receptor. Ela traz conhecimentos sobre uma determinada sociedade, ajudando-nos a tomar posição.

(3) Ela é uma forma de conhecimento, o que não quer dizer que somente o cânone literário traz algum conhecimento, pois obras consideradas de menor valor também possuem um poder atuante.

Analisando as três faces da função da literatura, propostas por Candido (1995), percebemos que houve uma reflexão mais aprofundada das três funções definidas por ele. Assim, a *função total* também é a construção de objetos autônomos como estrutura e significado e organiza a visão que temos do mundo; a *função social* manifesta a emoção e a visão de mundo de indivíduos e grupos, trazendo conhecimentos sobre uma determinada sociedade; e, por último, a *função ideológica* também tem um nível intencional propagado pelo autor e assimilado pelo receptor.

Os três pontos levantados por Candido (1985; 1995) são importantes para que se entenda a literatura como manifestação de um pensamento autônomo, que segue regras próprias e interfere em nosso modo de ver a arte e o mundo à nossa volta. Por isso, Candido (1995) trabalha com outro conceito bastante importante para que se entenda a literatura e a sua função na formação humana. Esse conceito é o da humanização, indispensável para o entendimento desta dissertação.

Segundo o autor (1995, p. 249), a humanização é

o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Essa posição de Candido (1995) também é defendida por Compagnon (2001, p. 35), que discute uma possível função da literatura ligada ao conteúdo que ela evoca. É como se houvesse uma relação de contiguidade entre a literatura e a vida humana, de forma que uma complete a outra. Hoje, o leitor é capaz de ter voz, de ver-se e compreender-se naquilo que está sendo escrito. Além disso, a literatura pode estar em acordo ou desacordo com a sociedade da qual faz parte.

Por tudo isso, a literatura é social, é humana, é linguística, é trabalho, é diversão e é prazer. É muita coisa ao mesmo tempo e, mesmo assim, continua sem uma definição própria. Mas, na verdade, analisando a posição e os direcionamentos de tantos autores, fica a pergunta: *como descrever algo tão subjetivo e contraditório?*

3.2 TEORIAS DA LEITURA

Nesta seção, apresentamos as principais correntes críticas e teóricas vinculadas à Leitura e ao Leitor. Primeiramente, temos a Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss; na sequência, apresentamos a Teoria do Efeito Estético, de Wolfgang Iser; e, por último, mas não menos importante, abordamos a Sociologia da Leitura.

3.2.1 ESTÉTICA DA RECEPÇÃO: HISTÓRIA E METODOLOGIA

A Estética da Recepção, enquanto modalidade de teoria literária, teve seu precursor em Jauss (1994), que proferiu, em 1967, uma palestra na Universidade de Constança, na Alemanha, em que criticou a teoria literária e a história da literatura tal como vinham sendo feitas. A expressão Estética da Recepção, para a nova crítica que fundara, viera somente anos mais tarde, quando o pensamento e a metodologia de Jauss (1994) começaram a se propagar. É preciso ressaltar que, naquele momento inicial, ninguém nem o próprio Jauss tinha consciência de que se fundara uma vertente de crítica literária.

Quando falamos em Recepção, abarcamos orientações diferentes. As mais utilizadas são a recepção e o efeito. Segundo Iser (1996, p. 7),

a recepção [...] diz respeito à assimilação documentada de textos e é, por conseguinte, extremamente dependente de testemunhos, nos quais atitudes e reações se manifestam enquanto fatores que condicionam a apreensão de textos. Ao mesmo tempo, porém, o próprio texto é a 'prefiguração da recepção', tendo com isso um potencial de efeito cujas estruturas põem a assimilação em curso e a controlam até certo ponto.

Há uma interligação da recepção e do efeito na construção de sentidos, em que um completa as lacunas que o outro deixa. A recepção trabalha com métodos histórico-sociológicos e o efeito, com métodos teórico-textuais. Desse modo, “uma teoria do efeito estético se funda no texto, ao passo que uma estética da recepção é derivada de uma história dos juízos de leitores reais” (ISER, 1999b, p. 21).

Apesar de, neste trabalho, privilegiarmos a Estética da Recepção, não deixamos de lado as contribuições da Sociologia da Leitura e da Teoria do Efeito. Ambas as teorias são importantes para entendermos o universo do leitor e os processos envolvidos no ambiente da leitura.

Enquanto a Estética da Recepção preocupa-se com o modo como os leitores leem, a Sociologia da Leitura levanta dados importantes para que se entenda o entorno social dessa leitura e a Teoria do Efeito demonstra os espaços vazios encontrados no texto e que permitem a entrada do leitor.

Os traços do pensamento centrados no leitor sempre estiveram mais ou menos implícitos em alguns tratados de teoria literária, mas, somente a partir da sistematização de Jauss, começou-se a dar atenção à participação do leitor no processo criativo da leitura. Para Aguiar e Bordini (1993, p. 82), “a recepção é concebida [...] como uma concretização pertinente à estrutura da obra, tanto no momento de sua produção como no da sua leitura, que pode ser estudada esteticamente”.

De acordo com Jauss (1994), o problema estava no modo como a história da literatura estava instituída, encontrando-se presa à cronologia e ao agrupamento de obras e de autores, em pequenos grupos. Mesmo levando em conta a nacionalidade, a origem e as características peculiares e gerais de cada autor, Jauss (1994) acredita que o modo como esses autores foram ou ainda eram lidos era muito mais significativo do que o mero apanhado cronológico.

Eco (2000, p. 9) afirma que

a estética da recepção faz seu o princípio hermenêutico segundo o qual a obra se enriquece ao longo dos séculos com as interpretações que delas são dadas; tem presente a relação entre efeito social da obra e horizonte de expectativa dos destinatários historicamente situados [...].

Por meio de uma crítica radical ao Formalismo e ao Marxismo, Jauss (1994) diz que esses dois métodos não correspondem a uma análise efetiva de obras

literárias, visto que abarcam diversas restrições em sua metodologia. O Marxismo vê a literatura como reflexo social, como um espelhamento da realidade, além de defender a existência de um forte vínculo entre o autor, o texto e a sociedade.

O Formalismo, por sua vez, prega que um texto é a soma de processos artísticos e singularizadores, que agem sob a força do efeito de estranhamento. O leitor abstrai a linguagem poética por meio da recepção e, com o passar do tempo, o que era poético torna-se cotidiano. Essa descoberta fez com que os Formalistas, em sua segunda fase, retomassem suas observações sobre a história da literatura, considerando-a como uma sucessão de cânones, que, uma vez “apreendidos”, tornam-se “desautomatizados” e passam a fazer parte do comum, dando espaço para que uma nova tendência apareça e a substitua.

A Estética da Recepção como um todo não coloca todas as contribuições do Marxismo e do Formalismo Russo totalmente de lado, apenas reagrupa noções e propõe um novo modo de ver a literatura, mas, desta vez, com o leitor no centro do processo.

Segundo Jauss (1994), a história da literatura se faz mediante o público, que lê as obras e atribui significado, acrescentando algo em seu repertório ou horizonte de expectativas. Como ele mesmo diz, “a obra literária é condicionada primordialmente pela relação dialógica entre literatura e leitor [...]” (JAUSS, 1994, p. 23). Mais adiante, ele prossegue para concluir temporariamente o assunto:

A implicação histórica manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética. Se, pois, se contempla a literatura na dimensão de sua recepção e de seu efeito, então a oposição entre seu aspecto estético e seu aspecto histórico vê-se constantemente mediada, e reatado o fio que liga o fenômeno passado à experiência presente da poesia, fio este que o historicismo romperá (JAUSS, 1994, p. 23).

Toda a teoria de Jauss é fundamentada a partir de sete teses, que englobam todos os preceitos de sua Estética da Recepção. Essas teses dão forma aos conceitos que Jauss (1994) desenvolveu ao longo de suas pesquisas e leituras acerca da literatura e de sua história.

Abordaremos apenas as teses que se adéquam à nossa proposta de análise dos textos escritos pelos detentos. As outras serão comentadas brevemente.

Sua primeira tese trata da historicidade nas várias e diferentes leituras que as obras recebem ao longo do tempo, pois, em estudos anteriores, o texto era um objeto fechado que não se rendia (ou não podia se render) às interpretações dos leitores, como se o seu significado fosse único e não pudesse mudar.

Nessa tese, Jauss (1994) exemplifica que a leitura é o meio por intermédio do qual o leitor lê e atribui significado ao que está escrito. Depois da leitura, na maioria das vezes, o seu mundo se transforma e o que ele abstraiu passa a constituir mais conhecimento no seu repertório, o que o ajudará em suas próximas leituras.

Essa mudança no repertório, esse alargamento de repertório, ocorre em todo e qualquer envolvimento com o texto literário. Segundo Jauss (1994, p. 26), o acontecimento literário

só logra seguir produzindo seu efeito na medida em que sua recepção se estenda pelas gerações futuras, ou seja, por elas retomada – na medida, pois, em que haja leitores que novamente se apropriem da obra passada, ou autores que desejem imitá-la, sobrepujá-la ou refutá-la.

A noção de acontecimento é parecida para Iser (1996), mas apresenta algumas modificações. Segundo Iser (1996, p. 11), o acontecimento literário é composto pelos processos de seleção e combinação. Dessa forma, o autor seleciona elementos ou imagens da realidade e os combina de forma que a referência seja de todo transformada, ou seja, uma nova realidade será criada sem referência direta com o mundo real.

A segunda tese de Jauss (1994) busca estabelecer que todo leitor já possui um “saber prévio”, ou melhor, todo leitor possui o próprio horizonte de expectativas, construído a partir de todos os atos de leitura e de interação desse leitor. As convenções sociais e o meio cultural ao qual ele está vinculado estabelecem determinados valores que são esperados ao longo da leitura de uma obra; já aqueles conhecimentos que são novos, aos poucos, vão sendo incorporados ao repertório do leitor, que os “aproveitará” em outras situações, seja de leitura ou não.

Jauss (1994, p. 28) afirma que

a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança de algo já lido, enseja logo de início expectativas quanto “a meio e fim”, conduz o leitor a determinada

postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então – e não antes disso –, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores.

Na terceira tese, Jauss (1994) apresenta a noção de distância estética, que se faz presente quando uma nova obra está distante do que o público espera dela ou está acostumado a ver. Para ele, isso não é um fator negativo, uma vez que, quanto mais distante do esperado, mais artística ela pode ser considerada, devido às novas “emoções” suscitadas e aos conhecimentos que são inseridos no horizonte de expectativas do leitor, transformando seus modelos predeterminados.

Com o passar do tempo, o que era estranho e novo torna-se normal e cotidiano, por causa da apreensão daqueles novos conceitos à vida cotidiana. Sobre isso, Jauss (1994, p. 32) observa que se deve

avaliar o caráter artístico de uma obra pela distância estética que a opõe à expectativa de seu público inicial, segue-se daí que tal distância (...) poderá desaparecer para leitores posteriores, quando a negatividade original da obra houver se transformado em obviedade e, daí em diante, adentrado ela própria, na qualidade de uma expectativa familiar, o horizonte da experiência estética futura.

A quarta tese trata da reconstrução do horizonte de expectativas desfeito. Jauss (1994) esclarece que essa reconstrução colabora com a construção do sentido, pois permite que se conheça a “história do efeito”, ou seja, permite que se conheça como as leituras daquela mesma obra aconteceram ao longo da história.

Para isso, é preciso ter em mente que o texto é o resultado de perguntas que foram feitas ao público de sua época. É somente quando se consegue descobrir qual a pergunta inicialmente proposta que se tem a reconstrução do horizonte de expectativas.

A partir do desenvolvimento metodológico dessas quatro primeiras teses, Jauss (1994) desenvolveu outras três, que são o resultado das quatro primeiras.

Sua quinta tese discorre sobre o aspecto diacrônico da literatura. Ele postula (1994, p. 41) que

a teoria estético-recepcional não permite somente apreender sentido e forma da obra literária no desdobramento histórico de sua compreensão. Ela demanda também que se insira a obra isolada em sua “série literária”, a fim de que se conheça sua posição e significado histórico no contexto da experiência da literatura.

Dessa forma, a leitura de uma determinada obra deve ser vista, levando em conta todas as suas *recepções*, porque uma obra pode não ter sido bem recebida no momento em que foi publicada, tendo o seu significado pleno descoberto somente décadas depois, em outro momento histórico.

A sexta tese trata do caráter sincrônico da literatura. Segundo Jauss (1994), o aspecto diacrônico (ao longo da história) não é suficiente para abarcar todas as interpretações que uma mesma obra pode conter. A sincronia percebe a leitura no momento do seu aparecimento.

Jauss (1994) afirma que somente com a relação/interação entre a sincronia e a diacronia a obra de arte pode ser de fato entendida, pois esses dois modos de ver e/ou perceber a recepção de obras se complementam e se tornam eficientes na explicação de um fato literário.

A historicidade da literatura revela-se justamente nos pontos de interseção entre diacronia e sincronia. Deve, portanto, ser igualmente possível tornar apreensível o horizonte literário de determinado momento histórico sob a forma daquele sistema sincrônico com referência ao qual a literatura que emergiu simultaneamente pôde ser diacronicamente recebida segundo relações de não-simultaneidade, e a obra percebida como atual ou inatual, como em consonância com a moda, como ultrapassada ou perene, como avançada ou atrasada em relação a seu tempo (JAUSS, 1994, p. 48).

Na sétima tese, Jauss (1994) complementa o caráter diacrônico e sincrônico, acrescentando aos dois os efeitos que a literatura pode provocar na vida cotidiana dos seus leitores. Desse modo, a obra de arte seria um mecanismo que trabalharia não só com a concepção de artístico que o seu receptor tem, mas também com sua vida cotidiana, seus valores e seus conceitos. Segundo o autor, “a pré-orientação de nossa experiência por intermédio do poder criativo da literatura repousa não apenas em seu caráter artístico, que, através de uma forma nova auxilia-nos a romper o automatismo da percepção cotidiana” (1994, p. 52).

Esta última tese de Jauss (1994) relembra o que Candido (1995) propõe como função humanizadora da literatura, pois ela se torna capaz de colocar o leitor em confronto com uma situação inédita e modificar o modo como esse leitor vê o mundo e recebe suas interferências.

3.2.2 TEORIA DO EFEITO: AS CONTRIBUIÇÕES DE WOLFGANG ISER

Com o avanço dos estudos recepcionais, deixou-se de ser ponto central na construção de textos literários o que o autor queria dizer, tomando-se como novo ponto de partida o modo como o leitor receberia tal texto e o compreenderia para si. Dessa forma, a preocupação central passou a ser como o leitor construía o sentido para o texto literário e, principalmente, como respondia aos sentidos que emanam do texto.

Os estudos que privilegiavam o texto no ato da leitura, com o tempo, perceberam a importância do leitor. Descobriram, então, que o texto não era o único responsável pela atribuição e construção de significados, mas que o leitor, de acordo com o seu repertório, sua época e a cultura adquirida, é quem colocava todos os significados em evidência. Nessa perspectiva, o texto literário, segundo Iser (1999), não mostra a sua intenção; esta se encontra na imaginação do leitor, que a projeta e define. A realização do texto literário encontra-se, portanto, na relação entre texto e imaginação.

Privilegiando o texto e suas estruturas, Wolfgang Iser trouxe à tona, em 1976, na Alemanha, o seu mais famoso trabalho *O ato da leitura*. Diferente da Estética da Recepção, que vê um leitor histórico, a Teoria do Efeito focaliza a concepção de leitor implícito. Este fica aparente por meio de esquemas textuais, constituindo-se como parte da configuração do texto e um componente essencial para a compreensão do texto literário.

Os esquemas textuais não fazem parte da obra por acaso, mas constituem-se como peças-chave na construção do significado, pois, através da leitura do leitor e, principalmente, da inserção de seu repertório pessoal no texto, tais esquemas podem ser atualizados. É evidente que só o repertório do leitor não é responsável por toda a atualização dos esquemas encontrados no texto literário. O texto, por si só, potencializa o seu efeito por meio dos processos de seleção e combinação que juntos produzem o autodesnudamento.

Segundo Iser (apud Rocha, 1999), a seleção produz a intertextualidade, pois consiste na “coexistência de diferentes discursos”; a combinação, por sua vez, diz respeito à interligação das partes com os elementos do texto construídos pelo processo de seleção. Como resultado da junção desses dois processos, temos o

autodesnudamento, em que o mundo encontrado no texto não é, conforme Iser (1999b), aquilo que se diz, ou seja, esse elemento do processo construído no texto aponta para o caráter irreal do mundo criado, através da seleção e combinação de elementos. Para Iser (1999b), são esses três elementos (seleção, combinação e autodesnudamento) os responsáveis pela criação de um espaço de jogo entre os segmentos textuais.

Além desses três conceitos desenvolvidos, outros podem ser entendidos como cruciais para a compreensão do modo como Iser vê o leitor e a recepção do texto literário. Um deles é a perspectividade. Esse conceito envolve a ideia de que cada perspectiva abre um caminho para o leitor entrar no texto; assim, é a perspectiva do leitor que escolherá a do texto. É preciso salientar que o leitor escolherá, dentre as perspectivas que lhe parecerem pertinentes, aquelas que lhe saltarão aos olhos conforme os esquemas do texto literário forem se abrindo durante a leitura.

Em toda a Teoria do Efeito de Iser, o que se torna mais importante é a presença do conceito de espaços vazios. Segundo o autor (1999, p. 26),

ao leitor é dada apenas informação suficiente para mantê-lo orientado e interessado, mas o narrador, deliberadamente, deixa aberta as inferências que deverão ser extraídas dessa informação. Em consequência, espaços vazios são levados a correr, estimulando a imaginação do leitor a averiguar a assunção que poderia ter motivado a atitude do narrador. Dessa forma, nos envolvemos porque reagimos aos pontos de vista antecipados pelo narrador.

Os espaços vazios ou lacunas propostos por Iser (1999) constituem-se, portanto, em elos fundamentais entre texto e leitor durante a negociação da leitura. Esses espaços não significam que o texto ou a ideia que dele se quer abstrair precise de complemento, mas apenas que falta ali uma combinação entre os elementos textuais. O efeito e os significados do texto, portanto, estão sempre em evidência, precisando apenas do leitor para combinar as partes e selecionar qual o ponto de vista a ser privilegiado.

Desse modo,

a suspensão das conexões impede a 'boa continuidade' indispensável à compreensão. O que pode complicar tal suspensão é freqüentemente o modo como segmentos textuais desconexos estão confrontados uns com os outros na organização, no *layout* do texto. Os segmentos podem encaixar-se, interseccionar-se ou estar de tal maneira dispostos, que parecem em oposição ou em contraste mútuo.

Conferir elos ao que está desconexo implica abandonar algumas das concepções elaboradas no curso da leitura ... sempre que tais concepções não mais permitirem qualquer conexão com as novas informações que vão surgindo e precisam ser processadas. (ISER, 1999b, p. 30).

Os espaços vazios ou lacunas podem ser construídos através das mudanças de perspectiva e também pelo que Iser (1999b) chamou de negação. A negação consiste em cancelar a “validade, a semântica e a estrutura dos campos de referência extratextuais” (ISER, 1999b, p. 31). Com isso, o leitor, ao construir um sentido para uma lacuna, nega, mesmo que parcialmente, o sentido anterior ou o caminho anterior que ele achava certo. Dessa forma, no decorrer da leitura, algumas ideias ou significados elaborados podem ser descartados.

Tanto os espaços vazios (lacunas) quanto as negações construídas durante a leitura contribuem para o que Iser (1999b) denominou de negatividade. Segundo ele, três são as características da negatividade: 1. Contribui para a interligação das posições do texto que foram reforçadas pelos espaços vazios (lacunas) e pelas negações; 2. Ela está intimamente relacionada ao contexto, pois, mesmo que não se saiba as causas de determinados acontecimentos nos textos, o leitor ativará seu imaginário e estabelecerá hipóteses de acordo com aquilo que vivenciou ou vivencia; 3. O que a literatura traz para o mundo só pode ser revelado se for visto além das estruturas, dos espaços vazios e das negações, e o que está além é a negatividade.

Para Schollhammer (1999, p. 118),

o sentido do texto vai sendo então paulatinamente constituído por meio da experiência que o leitor tem da sua própria imaginação, uma experiência desencadeada pela relação que se processa na leitura entre a ficção e os esforços interpretativos que ele realiza. Desse modo, a leitura de ficção possibilita um auto-reconhecimento não só da densidade subjetiva do leitor individual, mas também da modelagem histórica e cultural específica do seu imaginário e, por fim, da sua constituição mediante a representação como ‘sujeito’ social numa perspectiva antropológica mais ampla.

A Teoria do Efeito de Iser (1999) é essencial para compreender alguns mecanismos utilizados pelos detentos no momento da leitura. Os espaços em branco, a negação de hipóteses, a seleção, a combinação, a perspectividade, o autodesnudamento e a intertextualidade são conceitos que colaboram com o

entendimento dos textos literários lidos pelos detentos e reproduzidos em parte nos relatos de leitura.

3.2.3 SOCIOLOGIA DA LEITURA

Ao compreender o leitor como sujeito ativo no momento em que lê, algumas teorias correlacionam-se e tornam-se complementares para uma mesma intenção: fazer do leitor um indivíduo ativo no momento da leitura. Em outras palavras, trata-se de focalizar o leitor para que ele seja reconhecido na teoria literária como parte ativa do e no processo de leitura.

Desse modo,

a sociologia da leitura é o segmento da sociologia da literatura que tem como objetivo estudar o público como elemento atuante do processo literário, considerando que suas mudanças em relação às obras alteram o curso da produção das mesmas. Nesse sentido, pesquisam-se as preferências do público, levando em conta os diversos segmentos sociais que interferem na formação do gosto e servem de mediadores de leitura, bem como as condições específicas dos consumidores segundo seu lugar social, cultural, etário, sexual, profissional, etc. (AGUIAR, 1996, p. 23)

Aguiar (1996), com essa definição, aponta uma vertente dos estudos que valoriza a figura do leitor como elemento atuante na perpetuação de leituras do texto literário: a Sociologia da Leitura. Como complemento da Estética da Recepção, a Sociologia da Leitura leva em conta todos os elementos e aspectos sociais que se encontram presentes nos públicos leitores, avaliando o entorno da produção de leitura.

Portanto, a Sociologia da Leitura não se atém ao valor literário das obras, e sim ao seu contexto de circulação e consumo. Segundo Peroni (2003, p. 17), “implica a problematização das próprias representações do livro e da leitura, de pressupostos prévios positivos e normativos que se atribuem à leitura”. Para esse autor (2003), a Sociologia da Leitura ainda está por constituir-se, apresentando-se como um terreno a ser explorado. Do mesmo modo que Aguiar (1996), Peroni (2003, p. 19) defende que “o enfoque ‘qualitativo’ da leitura consiste em uma análise da

distribuição social das produções culturais (neste caso, o livro e, de forma mais geral, os impressos) em função do grau de escolaridade e da origem social”⁶.

Segundo Zilberman (2001, p. 77),

a admissão do leitor na posição de fator determinante do sistema literário sustenta a sociologia da leitura, que, enquanto campo de investigação, não prescinde da pesquisa histórica, retomando dados e acontecimentos do passado; além disso, lida prioritariamente com as publicações consumidas sobretudo pela classe trabalhadora.

A Sociologia da Leitura, portanto, é mais quantitativa do que qualitativa. No entanto, conforme Hansen (2005, p. 22),

as classes sociológicas são necessárias para determinar materialmente os atos empíricos de leitura. Mas seu uso, ..., é mais uma avaliação do conhecimento que agentes empíricos têm da presença do texto em suas vidas, como diz Chartier, do que a própria forma literária da leitura.

Esse é um dos pontos que justifica a utilização da Sociologia da Leitura como ciência complementar aos estudos da Estética da Recepção. Enquanto esta última preocupa-se com a recepção propriamente dita, a Sociologia da Leitura coleta dados que colaboram com o entendimento dessa recepção.

A Sociologia da Leitura advém da Sociologia da Literatura, cujo viés histórico é inquestionável. Preocupada com o entorno social, a Sociologia da Leitura valeu-se dos métodos quantitativos para compreender como aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos influenciavam as obras. Logo, o que circundava a produção literária também era avaliado, como o mercado livreiro, a materialidade dos textos e como os livros eram consumidos.

Um conceito importante para os estudos da Sociologia da Literatura e, por conseguinte, da Sociologia da Leitura é o de consciência possível, de Lukacs (apud Mury, 1974). Mury (1974) desenvolve alguns conceitos lukacsianos, apoiado nas falas do mais famoso discípulo de Lukacs, Lucien Goldmann. A consciência possível vem a ser

a consciência que os homens teriam em uma situação vital determinada, se tivessem sido capazes de compreender perfeitamente esta situação e os interesses que dela se derivavam.

⁵ “El enfoque ‘cualitativo’ de la lectura consiste entonces en un análisis de la distribución social de las producciones culturales (en este caso el libro y, en forma más general, los impresos) en función del grado de escolaridad y del origen social.

Descobrimos, assim, os pensamentos, etc., que se correspondem com sua situação objetiva⁷ (Lukacs apud Mury, 1974, p. 206).

Para Mury (1974), para que essa consciência coletiva possa ser compreendida, é preciso que se analise o entorno social dos sujeitos pretendidos, ou seja, as ideias e os valores do grupo no qual os sujeitos estão inseridos.

Desse modo, a consciência coletiva não encontra um objeto a ser analisado na realidade, mas compreende conceitos abstratos que, excluindo as características individuais, estão em todos os indivíduos. No entanto, a consciência coletiva e as características individuais não se excluem completamente, pois é através das características individuais dos sujeitos (principalmente daquelas que possuem traços em comum) que se chega a definir uma consciência de classe (possível ou coletiva). Portanto, essa “consciência”, define Lukacs (apud Mury, 1974, p. 206), é uma entidade existente à parte, mas que participa “na elaboração histórica de cada pensamento individual⁸”.

É por isso que Mury (1974) afirma que a união e a “perfeita” relação entre autor, obra e público só é possível graças a essa consciência coletiva, que torna comum aos três elementos algumas características peculiares.

Para avaliar e medir essa consciência coletiva, Mury (1974) aponta dois métodos de coleta de informações: o questionário e a entrevista. Ambos os métodos são de cunho quantitativo e muitos veem esse tipo de análise com olhar negativo, pois entendem que constituem um amontoado de números. O estudo quantitativo no âmbito sociológico é importante para que se conheça o ambiente ou o grupo a ser analisado. É claro que essa análise e estudo têm outras interferências, como, por exemplo, recortes em grupos sociais e atitudes seletivas de especificação do campo a ser analisado.

No entanto, a utilização de métodos quantitativos não possibilita o entendimento de sentimentos, pensamentos ou necessidades (Mury, 1974). Esse entendimento acaba surgindo de inferências particulares do pesquisador que, a partir de um conhecimento prévio (e dos dados coletados), acaba por chegar a conclusões genéricas sobre determinado grupo ou ambiente:

⁷ “la consciencia que los hombres habrían tenido, en una situación vital determinada, si hubiesen sido capaces de comprender perfectamente esta situación y los intereses que de ella se derivaban. Descubrimos así los pensamientos, etc., que se corresponden con su situación objetiva”.

⁸ “en la elaboración histórica de cada pensamiento individual”.

Em suma, a sociologia da literatura, neste estado, certamente emprega os métodos qualitativos. Mas, se situa em um nível em que as opiniões e as seleções estão muito perto de refletir exatamente as atitudes subjacentes. E este é, sem dúvida, um postulado errôneo, em todo caso discutível, do individualismo clássico, que leva certos investigadores a admitir que a distância de um plano superior a um plano profundo do eu se traduz pela difusão, desaparecimento e aniquilamento de toda dimensão coletiva⁹. (MURY, 1974, p. 209-210)

Em uma pesquisa de caráter sociológico, o viés ideológico acaba aparecendo exatamente nesses recortes seletivos, em que se escolhe um grupo ou ambiente. O pesquisador e o pesquisado podem até ter posturas ideológicas diferentes, mas algum ponto de contato existe entre os dois.

Além disso, é muito importante a presença individual em uma pesquisa que pretende “qualificar” o coletivo. Isto porque o indivíduo nunca se encontra sozinho, estando inserido em uma coletividade. Dessa forma,

a determinação da ‘consciência possível’ de uma classe, em função de sua posição na produção social, permite ao menos medir que distância a separa dos pensamentos individuais’ próprios dos membros da classe, tais como existem empiricamente¹⁰. (MURY, 1974, p. 213).

Os métodos empregados pela sociologia do público literário cruzam dados como sexo, idade, escolaridade, profissão, dentre outros, para determinar um perfil de determinada classe. A partir desse perfil, outros dados são cruzados e se chega a um resultado final que, para todos os efeitos, é sempre parcial, pois as visões sobre um determinado dado podem ser sempre ampliadas e revistas.

Por tudo isso, a Sociologia da Leitura aplica-se como teoria auxiliar nos estudos da recepção por preocupar-se com aspectos secundários, mas que circundam o ato de leitura. Dessa forma, na análise de questionários socioeconômicos e de questionários de avaliação de mediação, a Sociologia da Leitura torna-se fundamental para demonstrar a importância da produção e do consumo para a recepção dos detentores.

⁹ En suma, la sociología de la literatura, en este estadio, emplea ciertamente los métodos cuantitativos. Pero se sitúa a un nivel en que las opiniones y las selecciones están muy cerca de reflejar exactamente las actitudes subyacentes. Y este es, sin duda, un postulado erróneo, en todo caso discutible, del individualismo clásico, que lleva a ciertos investigadores a admitir que el paso de un plano superior a un plano profundo del yo se traduce por la difuminación, la desaparición, el aniquilamiento de toda dimensión colectiva.

¹⁰ ... la determinación de la ‘consciencia posible’ de una clase, en función de su posición en la producción social, permite por lo menos medir qué distancia la separa de los ‘pensamientos individuales’ propios de los miembros de la clase, tales como existen empiricamente.

Desse modo, entendemos que as três teorias aqui apontadas são importantes para compreendermos como o grupo real de leitores pesquisado lê e apreende o texto literário. Tanto a Estética da Recepção quanto a Teoria do Efeito e a Sociologia da Leitura possuem o seu lugar neste trabalho.

Levando em consideração os conceitos mais pertinentes de cada teoria, podemos, assim, chegar a um panorama real de como os detentos processam a leitura e de como eles assimilam e relacionam o ato de ler com a vida que levam.

4. COM A ROTA DEFINIDA...

4.1. PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS DETENTOS DA PEM

Neste capítulo, apresentamos o perfil socioeconômico dos detentos da Penitenciária Estadual de Maringá (PR), participantes do Projeto “Literatura, Leitura e Escrita: a ressignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social”. O primeiro questionário (apêndice 2), respondido por aqueles presidiários que haviam assinado a carta-convite (apêndice 1), continha questões que incidiam sobre aspectos socioeconômicos e culturais, cujas respostas permitiram que conhecêssemos as condições em que tais leitores chegam ao presídio e que papel delegam à leitura e à escrita em suas vidas.

De maneira bastante sintética, podemos afirmar que os pressupostos da Sociologia da Leitura – que observa os modos ou meios pelos quais é feita a circulação de bens culturais na sociedade, verificando os fatores externos, responsáveis pelos caminhos percorridos pelas obras, da produção à recepção – mostram-se fundamentais para a análise dos dados levantados pelo questionário. Além do interesse pela função social do escritor, pela história das obras junto a diferentes públicos, pelos processos de produção e popularização do livro, a Sociologia da Leitura interessa-se, sobretudo, pela formação de públicos leitores, considerando as preferências de leitura de segmentos sociais diferenciados.

As perguntas elaboradas para o questionário tinham como objetivo levantar dados como: 1 – Identificação (idade, naturalidade, escolaridade); 2 – Família (escolaridade e profissão dos pais, condições de leitura, escrita e lazer na família); 3 – Infância (atividades lúdicas, memória de histórias ouvidas e lidas, sentimentos causados pelas leituras, frequência a bibliotecas, lembranças de atividades de escrita); 4 – Situação atual (estudos, frequência à biblioteca do presídio, para que lê, leituras procuradas, leituras realizadas, gêneros procurados e textos produzidos). Foram deixados 100 exemplares desse questionário com os participantes do Projeto “Literatura, Leitura e Escrita: a ressignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social” que atuavam no Presídio. Os mesmos deveriam colher as assinaturas daqueles que aceitassem participar das atividades e responder às

perguntas desse primeiro instrumento. Recebemos um total de 25 questionários respondidos.

Um último questionário (apêndice 4) foi aplicado com a intenção de avaliar os resultados obtidos pelo Projeto junto aos detentos. Um dos principais pontos a se analisar nesse último questionário é o papel decisivo dos mediadores de leitura, ou seja, os professores / pesquisadores do Projeto, e os textos canônicos utilizados nas oficinas.

Dessa forma, o embasamento na Sociologia da Leitura justifica-se duas vezes: nas preferências de leitura de um segmento social e na função da mediação no ensino da literatura.

Além dos dois questionários, o que constituiu uma fonte de dados importante na definição do perfil dos detentos da PEM foi a primeira produção de texto que eles fizeram a pedido dos pesquisadores (apêndice 3). Essa produção, intitulada como Primeiras Imagens, pedia apenas para que os detentos escrevessem sobre uma experiência importante da vida deles. Todos escreveram a respeito de algum momento de miséria ou de envolvimento com crime, drogas ou álcool.

4.2. INFÂNCIA E ATUALIDADE: QUEM SÃO, O QUE E POR QUE LEEM OS DETENTOS DA PEM?

A primeira observação que precisa ser feita na análise do material obtido com as respostas aos questionários é o caráter flutuante desse *corpus*, visto que muitos presos tinham datas de benefícios muito próximas, sendo transferidos ou deixando o Projeto por causa de regras internas da PEM.

Por essa razão, muitos que responderam à pesquisa inicial já não estavam mais na PEM durante as oficinas. No entanto, esse fato não foi um problema e não comprometeu os resultados da pesquisa, já que os indivíduos participantes do Projeto formavam um grupo social com características mais ou menos comuns. E como parte de um grupo social, refletiam, aproximadamente, o modo como esse grupo pensa, lê e escreve.

O primeiro questionário foi dividido em 4 etapas: Identificação, Família, Infância e Situação Atual. Todas as perguntas procuravam determinar qual o perfil socioeconômico e cultural desses indivíduos, ou seja, de onde vinham, há quanto

tempo estavam na PEM, idade, escolaridade; a importância que a família teve em sua formação inicial e na sua relação com a leitura e a escrita; os hábitos de leitura adquiridos na infância, o que liam, o que escreviam e por que faziam isso; como eles se relacionavam com a leitura e com a escrita, o que eles esperavam dessas duas atividades e como eles se sentiam exercendo-as.

Os sujeitos da pesquisa, vinte e cinco, eram todos homens e detentos da Penitenciária Estadual de Maringá. Quanto à faixa etária dos indivíduos pesquisados, vale salientar que tinham entre 20 e 56 anos, pertencendo à classe social de menor poder aquisitivo. Alguns desses indivíduos voltaram a estudar depois de anos fora da escola e a maioria cursava ou tinha o Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série completo.

O CEEBJA de Maringá – PR é a escola regular na PEM onde a maioria dos detentos voltou a estudar. Considerando as respostas dos participantes, observamos que eles reiniciaram os estudos na PEM e a maioria deu como referencial de estudo o CEEBJA. É interessante comentar que o sistema de ensino do CEEBJA tem suportes diferentes se comparado com o ensino tradicional. O conteúdo resumido, o material apostilado e as disciplinas realizadas por etapas fazem desse ensino um método mais individual, suprimindo as carências e necessidades particulares de cada indivíduo. Esse sistema, no ambiente da Penitenciária, é mais um elemento de isolamento de indivíduos de um grupo social já excluído da sociedade, mas que precisa recuperar o tempo perdido nos estudos e ter uma ocupação, enquanto estiver recluso.

Além da idade e escolaridade, verificamos ainda, no item *Identificação*, a região de origem dos apenados, constatando que a maioria era do Estado do Paraná, especialmente das regiões Norte e Noroeste.

Ao responderem às questões referentes às suas famílias, percebemos que a maioria das mães dos detentos era dona de casa ou “do lar”, apesar de também termos detentos com mãe comerciante, empresária, vereadora, doméstica, zeladora, autônoma. Quanto à profissão do pai, as opções se dividiram, não havendo uma predominante. Temos pais lavradores, pedreiros ou mestres de obras, funcionários públicos, autônomos, funileiros e caminhoneiros. Quase todas as profissões assinaladas são referentes a uma classe mais pobre da população, visto que são profissões simples, com salários reduzidos e de valores cambiantes, que não exigem escolaridade.

O nível de escolaridade, em sua maioria, é baixo. Entre as respostas que continham o nível de escolaridade tanto do pai quanto da mãe, percebemos uma predominância da escolaridade do homem em relação à mulher. No entanto, nas respostas que continham somente o nível de escolaridade da mãe dos detentos, constatamos que esse nível aumentou, ficando entre a 8ª série do Ensino Fundamental e o 3º grau. Poucos foram os casos em que apareceu a resposta da escolaridade dos dois, pai e mãe, e a escolaridade da mulher foi superior a do homem. Quando isso ocorreu, a variação foi de um ou dois anos para as mulheres.

Entre os meios de comunicação existentes em casa, a maioria assinalou rádio e TV, sendo que aparelho de som também foi bem assinalado (relação com rádio). Entre opções diferentes, encontramos celular, micro-ondas e vídeo.

Apesar de existir uma maior escolaridade por parte dos pais dos detentos, as mães, os irmãos ou irmãs apareceram bem à frente deles no que condizia aos hábitos de leitura. Os avós também apareceram com duas opções cada (avô e avó). Houve uma predominância da leitura feminina em detrimento da masculina; contudo, é preciso ressaltar que as mães são, em sua maioria, donas de casa, um pouco mais presentes na vida e na formação dos filhos. Certamente, por trabalharem fora, os pais leem menos. A importância dessa mediação feminina se reflete nos hábitos de leitura atuais, em que os detentos reproduzem o que ouviram ou o que viram as mães, irmãs ou avós lerem.

Quanto a ler, já se sabe que quem lia mais eram as mães (mulheres), mas o que liam? A maioria, a Bíblia, seguida de jornais, histórias em geral ou histórias infantis, romances e revistas. A opção religiosa foi muito forte em todos os questionários e a presença da mãe (e da figura feminina em geral) como maioria leitora trilhou um caminho importante na formação dos filhos. A leitura religiosa e de autoajuda são chaves nesse processo de formação do leitor do grupo social em questão. Desde a sua infância, eles têm contato com essa leitura “de esperança e força”, o que aumenta quando estão enclausurados.

Dentre os objetos de leitura mais encontrados na casa dos indivíduos pesquisados, temos a Bíblia com uma supremacia quase total. Ela é seguida pelas revistas, que se dividiram, respectivamente, entre os quadrinhos, as de cunho religioso e as de atualidades. Poemas, romances e literatura (em geral) também foram leituras citadas, seguidas do jornal e dos almanaques. Relacionando a Bíblia

com as revistas religiosas, percebemos novamente a presença forte da religião no ambiente de formação desses indivíduos.

Ler e escrever não foram as opções preferidas dos detentos quando crianças. O que mais gostavam de fazer na infância era jogar ou brincar, ver TV, ouvir música, ouvir histórias. Ler e escrever, respectivamente, eram opções secundárias. No entanto, ouvir histórias foi uma opção bastante escolhida pelos indivíduos pesquisados. Dentre aqueles que lhes contavam histórias, a mãe foi a opção mais assinalada, confirmando o fato de que eram elas quem mais liam em casa. A segunda opção (também confirmando a presença feminina) foi a avó. Nesse ponto, a surpresa foi a resposta “ninguém”, pois muitos indivíduos disseram que não tinham quem lhes contasse histórias. Por outro lado, isso pode ser visto como algo esperado, já que os pais trabalhavam muito tempo, as mães também tinham bastante serviço para fazer e, muitos deles, ficavam brincando pelas ruas, jogando bola ou interagindo em outras brincadeiras, que não a leitura.

Para os que ouviam histórias, as mais ouvidas eram contos de fada, com o predomínio de Chapeuzinho Vermelho e do Lobo Mau, sendo que outras histórias citadas foram: Cinderela, Branca de Neve, Peter Pan, Pinóquio e os Três Porquinhos. Lobisomem e Mula-sem-cabeça também foram lembrados. Quando perguntados sobre os sentimentos causados por essas histórias, as respostas foram as mais variadas: alegria foi a opção mais escolhida, seguida um pouco de longe por medo, tristeza, curiosidade, espanto e satisfação.

As histórias que eles mais leram na infância também foram contos de fada. O mais citado foi Branca de Neve. Alguns apontaram O Gato de Botas, João e o pé de feijão, Cinderela, O Grilo Falante (Pinóquio), Lobo Mau. Também foram citadas as seguintes narrativas: Meu Pé de Laranja Lima, Histórias Bíblicas, As aventuras de Xisto, Robinson Crusoe, Robin Wood, Saci Pererê, Lampião, Cleópatra, A Volta ao mundo em 80 dias, Viagem Submarina, dentre outros.

Indagados sobre o que diziam as histórias lidas, muitos responderam de modo superficial, fazendo apenas uma leitura rasa sobre o texto. Alguns disseram que as leituras foram ficção, piadas, lendas e mitos de heroísmo, falavam sobre Deus, vida, histórias em quadrinhos. Outros, porém, já contaram um pouco sobre essas histórias, como podemos observar nos participantes cujas falas transcrevemos a seguir: “A história era sobre a vida amorosa de Cleópatra e das

outras a rainha do amor¹¹” (EPS); “Deus, vida, histórias em quadrinhos, pesquisas etc” (PHJ); “Das aventuras vividas por um garoto e a historia de um naufrago” (ADM); “Tratava de que ele João trocou a vaca” (AO); “De Maria Bonita” (ANS); “Bíblicas: sobre os heróis da bíblia dos tempos bíblicos e sobre a vida de Jesus aqui na Terra e seus intermináveis milagres e sua admirável e inflexível generosidade” (AVC); “Falava de um menino que trocou uma vaca em carochos de feijão que eram mágicos” (JSL); “De um garoto que era muito triste” (JPS); “Eram contos de fadas, da menina pobre se que tornara princesa e de um grilo que falava e que era muito esperto” (MCG); “Uma criança e sua avó” (AMM).

Cada um retratou, a seu modo, do que falavam as histórias lidas. Os detentos, em sua maioria, retomaram a história que haviam citado no questionamento anterior, ou seja, a que haviam mencionado quando inquiridos a citar histórias que tinham lido na infância.

Ao serem indagados sobre o local de onde vinham os livros lidos, os detentos responderam que eram retirados da biblioteca escolar ou eram de alguém de sua casa. Muitos também escolheram a opção biblioteca da cidade.

Percebemos, aqui, o problema da aquisição dos livros. Muitos não tinham dinheiro para comprar livros e tê-los em casa, mas usavam bibliotecas públicas e escolares para emprestá-los. O preço dos livros no Brasil ainda é muito alto, de modo que poucas são as pessoas que podem adquiri-los. Às vezes, o acesso a bibliotecas também é restrito, havendo uma mistificação a respeito das pessoas que as frequentam (superiores, muito inteligentes, etc.), por isso, muitos se sentem excluídos desse mundo, preferindo não se envolver. Dessa forma, a Bíblia e os informativos religiosos acabam predominando no ambiente familiar, tornando-se fontes de exercício de leitura.

Quanto à escrita, os indivíduos foram perguntados sobre o local onde costumavam escrever. As respostas encontraram-se divididas: muitos disseram que escreviam somente na escola, mas muitos também responderam que escreviam em casa, quando tinham vontade. Em muitos casos, os indivíduos assinalaram as duas opções de respostas. A opção “somente na escola” foi a que, sozinha, mais apareceu. Entendemos, com isso, a importância da escola para a difusão e a aquisição da escrita. Muitas vezes, é somente na escola que os indivíduos tomam

¹¹ Nesta dissertação, devido à grande quantidade de desvios encontrados na linguagem escrita dos indivíduos pesquisados, não será utilizada a marcação *sic*, sendo os textos transcritos do modo como eles escreveram.

contato com a escrita e vão exercitá-la continuamente. Como se dá essa mediação é algo fundamental para o desenvolvimento de um futuro leitor ou escritor.

O que eles escreviam também foi um item bastante interessante. A grande maioria escrevia cartas e bilhetes. Historinhas, listas e poemas apareceram em poucas opções. Sobre o hábito de escrita dentro de casa, temos que os irmãos eram quem mais escreviam, mas as mães apareceram logo em seguida, com uma diferença muito pequena. O que chamou a atenção foi a opção “ninguém”, que muitos assinalaram. Conhecendo a vida difícil que muitos deles tiveram, apareceu também a falta relativa a elementos intelectuais para mudar a realidade. Quem escolheu essa opção não tinha muito que aprender sobre leitura e escrita no seu meio. Às vezes, somente a leitura da bíblia por parte de alguém da família, na maioria dos casos pela mãe ou avó, preenchia essa lacuna.

Em relação aos hábitos atuais de leitura e escrita, percebemos que os participantes do projeto estudavam, sendo que a maioria cursava o Ensino Fundamental. Perguntados sobre a finalidade de suas leituras, a maioria disse que era para aprender coisas úteis; no entanto, a opção para aprender religião também foi bastante escolhida. Como já dissemos, há uma mistificação da leitura e da escrita, uma vez que aqueles que leem e sabem escrever bem são vistos como superiores ou detentores de características que os tornam melhores ou mais sábios que os demais. Na resposta dos indivíduos pesquisados, percebemos que eles veem a escrita e a leitura exatamente desse modo, como se elas pudessem abrir portas e melhorar a vida atual deles, tornando-os pessoas melhores e mais bem vistas socialmente.

Apesar de lerem para aprender coisas úteis ou para aprender religião, os indivíduos apontaram que costumavam ir à biblioteca de vez em quando, não sendo este um hábito muito comum. Ao procurarem um livro na biblioteca, eles deram preferência a livros religiosos e de autoajuda, seguidos de livros de ficção. Dada a situação em que os indivíduos se encontravam, presos e solitários, eles procuravam buscar ajuda e conforto nos livros, alguns para tentar mudar de vida e costumes, outros para passar o tempo. Os indivíduos entrevistados apontaram que os livros religiosos e de autoajuda eram procurados por uma escolha pessoal, sem interferências alheias.

É preciso ressaltar que a questão religiosa, como fonte de ajuda e conforto, é muito forte em todos os questionários. A presença da mãe ou da avó leitoras, a

presença da bíblia em quase todos os lares, assim como a dos livros religiosos e de autoajuda revelam uma busca por esperança, enquanto se está preso e desprovido da liberdade. E isso pode, posteriormente, ser constatado na escrita desses indivíduos, por ser essa escrita repleta de valores morais e religiosos. Com isso, eles procuravam mostrar que tinham se tornado indivíduos melhores, estavam refletindo sobre a vida e que essas leituras serviam como ponte para essa reflexão.

Em relação a isso, os detentos elencaram algumas leituras que fizeram na PEM. Os livros mais procurados eram de autoajuda, tais como: “Viver bem para viver sempre”, “O sucesso não ocorre por acaso”, “Paz de espírito, riqueza e felicidade”, “O maior sucesso do mundo”, “O maior vencedor do mundo”, “Relações humanas na família e no trabalho”, “Drogas: opção de perdedor”, “Aprender para crescer”, “Psicologia do êxito”, “O poder da mente”, etc. Dentre as leituras literárias, houve os que liam Literatura Brasileira, como, por exemplo, “Poesias de Castro Alves”, “Memórias do Cárcere”, “Fogo Morto”, “Tieta”, “Hilda furacão”, etc., e também os que liam Literatura Estrangeira, como exemplificam as seguintes obras: “Se houver amanhã” e “O reverso da medalha”, de Sidney Sheldon, “O contador de histórias”, de Harold Robins, etc.

Esses livros serviram para confirmar os dados colhidos anteriormente e que apontavam a força da literatura de autoajuda dentro do sistema penitenciário. Tal força, como já dissemos, pode ser motivada por fins pessoais: melhorar como pessoa, passar o tempo durante o cumprimento da pena ou ainda agradar funcionários e outras pessoas, demonstrando o quanto tinham se tornado pessoas melhores por estarem lá dentro.

Um dado interessante é que os indivíduos participantes gostariam de ver mais obras de poesia na biblioteca da PEM, seguidas de livros de pesquisa escolar, livros religiosos (o que confirma a regra) e ficção científica. Em função do fato de lerem muito autoajuda, talvez como única opção, esses indivíduos gostariam também de ler outros gêneros textuais para aprenderem coisas diferentes, enquanto estavam presos.

Em relação à escrita, a grande maioria dos indivíduos pesquisados gostava de escrever, mas escrevia somente quando tinha vontade. Eles escreviam cartas e bilhetes, alguns também escreviam poemas, histórias e músicas. Perguntados se já tinham feito algum texto de que tinham gostado ou que tinha agradado a outra pessoa, houve uma divisão nas respostas dos participantes: muitos disseram que

sim, mas muitos também responderam que não. Os que responderam afirmativamente disseram que escreveram ou escreviam sobre a vida deles, autobiografias, mas houve os que disseram escrever sobre religião (sermões) ou política. Quase todos responderam que escreviam para trabalhos escolares ou na escola, e alguns por causa do sofrimento, por inspiração ou para alcançarem admiração alheia.

Essa admiração alheia veio, na maioria dos casos, por retratarem a realidade, sendo também opções válidas o fato de transmitirem força e esperança ou por ser interessante. Dentro do sistema penitenciário, os presos escreviam, muitas vezes, para passar o tempo. Desse modo, a escrita, assim como a leitura, acaba se tornando algo esporádico, apenas com uma finalidade prática, apesar de alguns detentos terem respondido que escreviam poemas em seus momentos de solidão.

A última pergunta do questionário foi sobre o que eles gostariam de melhorar no texto que escreviam. As respostas foram variadas, mas versavam sobre melhoria no vocabulário, na letra, no uso da pontuação, no uso das regras gramaticais ou ainda para amadurecer ideias.

Esse último aspecto chamou a atenção justamente por ter sido menos citado nas respostas. O amadurecimento das ideias implica reflexão e posicionamento frente ao mundo da leitura e da escrita. A folha em branco é preenchida por ideias, pensamentos, experiências que, muitas vezes, são ofuscadas, senão podadas, pelas regras gramaticais. Constatamos, portanto, que os escritores participantes dessa pesquisa priorizavam os aspectos gramaticais, assim como, ainda hoje, é propagado pela escola tradicional. Nesse caso, o texto nada mais foi, ou é, do que um pretexto para estudar gramática.

Podem ser verificadas, com esse primeiro questionário, as dificuldades de leitura e escrita do grupo social representado pelos detentos da PEM. A carência de leitura e escrita em suas vidas desaguou em uma profunda falta de prazer durante a realização dessas duas habilidades. Em sua maioria, os presos leem e escrevem por obrigação, para passar o tempo ou por alguma finalidade prática.

A partir do que constatamos, foram escolhidos os textos que correspondiam àquilo que o cânone pregava, mas com temáticas cotidianas. O trabalho com a Infância, a Juventude e a Maturidade colaborou para que ocorresse a humanização da literatura, proposta por Candido (1995), e a ressignificação da identidade desses indivíduos em situação de exclusão social, objetivo principal do Projeto maior

“Literatura, Leitura e Escrita: a ressignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social”.

4.3 PRIMEIRAS IMAGENS

Logo depois de realizado o questionário inicial, o Projeto “Literatura, Leitura e Escrita: a ressignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social” promoveu uma segunda intervenção, com a finalidade de delimitar o perfil dos detentos da PEM-PR. Nessa intervenção, foi pedida uma produção textual sobre alguma lembrança do passado que os detentos participantes quisessem relatar.

Diferentemente dos questionários inicial e final, em que foram utilizadas todas as questões, independentemente do turno em que os detentos tinham participado das oficinas, na análise da primeira produção textual, escolhemos somente os detentos que continham algum diário analisado nesta dissertação. Dessa forma, sete textos são aqui analisados, com o intuito de perceber como esses detentos projetam suas lembranças e sobre o que escreveram naquele momento inicial do Projeto.

O primeiro texto analisado foi o do detento C.E.O., que escreveu uma mensagem de remorso, de saudade dos familiares e de conselhos para que as pessoas não entrem no mundo do crime. O foco desse texto estava na tentativa de mostrar que, apesar do crime e da pena, o detento tinha aprendido a lição e melhorado enquanto ser humano: “Hoje, estou com vinte e oito anos, cumprindo seis anos de pena chego a conclusão absoluta e definitiva de que, está maldita e infeliz escolha acaba com a vida de milhares de pessoas, seduzidas e enganadas pelo ilícito”. O detento mencionou a impossibilidade de mudar o passado; no entanto, escreveu que “se pudesse voltar ao tempo, faria tudo diferente evitando tanto sofrimento, aborrecimento e frustrações!”.

Evitar o sofrimento dos familiares foi o ponto principal de todos os textos e diários. Apesar de muitas famílias serem desestruturadas, as lembranças vinculadas a comportamentos, atitudes e conselhos de familiares permearam praticamente todos os textos dos detentos.

C.E.O. apontou a imagem do pai e da mãe indo embora como o principal momento de reflexão para os seus erros:

[...] vendo meu pai e minha mãe indo embora, virando as costas pra que eu não veja eles chorarem, não é nada facil! Olho de um lado, os meus pais indo embora, olho de outro lado está a cadeia onde terei que enfrentar mais uma semana rotineira para revê-los novamente.

O segundo texto foi o de A.D.M., que selecionou, como a lembrança mais significativa de sua vida, o nascimento de seu filho. O detento contou em seu texto que, quando o filho nasceu, ele já estava no mundo do crime e precisava viajar constantemente para “buscar dinheiro”. Com o filho, ele passou a se preocupar mais com o futuro, mesmo continuando vinculado ao crime e sendo perseguido pela polícia. Ele apontou que quer ensinar o filho a não se envolver com as drogas nem com o crime, para que não cometa os mesmos erros do pai. Novamente, temos ensinamento e valores morais em um texto escrito por um detento.

Do mesmo modo que o primeiro texto, de C.E.O., A.D.M. também relatou uma lembrança vinculada à família. A presença de seu filho teria mudado o seu modo de ver a vida, mas não de agir, pois continuou no crime.

Um detalhe interessante, em relação à família retratada por esse detento, diz respeito à mãe de seu filho que, no início do texto, foi descrita como “esposa” e, sete parágrafos adiante, como “ex-mulher”. Os relacionamentos instáveis, que geram famílias desestruturadas, formam uma constante nos textos dos detentos. Dos sete textos iniciais, escritos pelos detentos que possuem algum diário, dois apresentaram o relato da perda das esposas ou companheiras por causa do crime (A.D.M.; N.P.R.) e dois mencionaram que têm mulheres esperando do lado de fora (J.B.; J.S.L.). Dos outros três diários, dois (C.E.O.; N.P.S.) apresentaram a imagem não de esposas, mas da família ou da mãe. Somente o detento I.F. reproduziu uma mensagem e não contou nada da sua vida particular.

Além da imagem da mulher e do filho, A.D.M. também escreveu em dois momentos sobre Deus: “Mas Deus me guardou e me livrou”; “Eu agradeço a Deus pelo filho que Ele me deu, porque eu amo o meu filho”.

A presença de valores morais e religiosos permeou todos os textos. Os detentos demonstraram um grande apego a Deus para mostrarem o seu arrependimento e o que aprenderam na Penitenciária. Esse foi um dos propósitos levantados durante a execução de todo o Projeto. Os detentos preocuparam-se, a todo momento, em demonstrar arrependimento e regeneração, buscando reconhecimento através disso.

No terceiro texto, escrito por I.F.F. (I.F.), encontramos novamente essa preocupação em demonstrar arrependimento e regeneração. O detento não escreveu um texto sobre uma lembrança sua, mas aparenta ter copiado uma mensagem de autoajuda, referente a algo sobre fazer a diferença no mundo ou para alguém.

Em outros momentos, esse mesmo detento fez cópias não só de textos escritos, mas também de participações orais. Durante as oficinas, I.F. tinha sempre respostas prontas ou repetidas, baseadas nas falas de outros participantes. Insegurança sempre foi característica desse detento, que buscava o reconhecimento alheio, reproduzindo a fala também alheia.

No quarto texto, de N.P.S., este dirigiu-se a um leitor, fez um agradecimento a Deus e contou quando e onde nasceu, falou das lavouras de café e da união familiar em torno do trabalho no campo. No entanto, as descrições feitas não serviram para descrever o ambiente familiar apenas ou para contar uma história, mas também para transmitir ensinamentos e valores.

N.P.S. narrou a “vida maravilhosa no campo” e depois mudou o tom na escrita para mostrar que “infelizmente a vida não é feita somente de alegria, pois temos as dificuldades e obstáculos do dia-a-dia, que nos fazem crescer e amadurecer ao longo da vida”.

Foi nesse tom que o detento começou o texto e seguiu “contando a sua história” até o fim. Na verdade, não se tem uma narrativa, e sim uma argumentação com tom moral:

Feliz daquele que reconhecer seus erros o quanto antes em plena juventude, pois estes terão melhores e mais oportunidades para corrigi-los, sendo que na maioria das vezes temos apoio e conselhos de nossos pais para que sempre tomemos as melhores escolhas na vida.

Nos dias de hoje muitos jovens e adolescentes se recusam a aceitar velhos e sábios conselhos que sempre é para o nosso bem.

Busquemos o entendimento, que mesmo que a sociedade mude e nós nos envelheçamos sempre haverá bons e sábios conselheiros.

O texto de J.B., o quinto desta análise, serviu para que o detento se lembrasse da morte do pai. Nesse texto, verificamos as mesmas marcas encontradas nos textos anteriores: valor moral e ensinamentos, presença de Deus e da família, nas pessoas do pai, da mãe, dos irmãos, dos tios, da esposa e da filha.

Comparado com os textos anteriores, esse texto apresentou um grau maior de narratividade, pois o autor realmente narrou a história que levou o pai à morte e como isso, posteriormente, influenciou sua vida, levando-o para o crime.

J.B. contou que o pai precisava receber o pagamento por seu trabalho, ficou nervoso, bebeu, foi insultado pelo patrão e queria revidar. Foi para casa buscar uma arma, mas, ao chegar a casa, a esposa não o deixou sair novamente e ele a agrediu. Acreditando que a esposa pudesse morrer, ingeriu veneno e se matou.

A mãe de J.B. faleceu cinco anos mais tarde e os três filhos ficaram com uma tia cujo marido não gostava dos meninos. J.B. e o irmão mais velho saíram de casa, mas as dificuldades os levaram para o tráfico de drogas. O irmão saiu do tráfico, mas J.B. continuou até ser preso, fugir da cadeia, ser preso novamente e ver aumentada a sua pena.

No final de seu texto, J.B. afirmou:

Graças a DEUS, estou vivo e com uma mente muito mais aberta e evoluída, porque com os erros de ontem eu aprendi a não errar mais hoje, e com todo esse tempo desde 2001, até hoje 2006, eu tive muito o que refletir.

Agora tenho uma mulher e uma filha que são as pessoas além de mim que eu mais amo, e que me dá muitas esperanças. Para quando eu sair possa trilhar o meu caminho de forma digna, e honesta e objetiva para assim conquistar meu projeto de uma nova vida junto com a minha amada família.

A carga de moralidade foi muito grande durante toda a sua narrativa. J.B. construiu o seu texto, com base nas dificuldades que sofreu por ter que conseguir “as coisas sozinho”, ser órfão e não ter ninguém. Tudo isso partiu da morte do pai, lembrança que ele primeiro recordou. Em mais um texto, a presença da família, ou melhor, a falta dela foi vista como decisiva para o destino de um detento.

N.P.R. é o sexto detento a narrar sua história. Essa narrativa também trouxe a presença de Deus e da família como marcas. No entanto, diferentemente das demais, não apresentou valores morais ou ensinamentos; pelo contrário, N.P.R. contou a sua vida de forma banal, resumindo os acontecimentos ligados à família e discorrendo por boa parte do tempo sobre situações vividas ao lado de mulheres. Na verdade, tanto a presença da mãe quanto a das namoradas indicam um apego às figuras femininas. Mulheres representadas de forma erótica foi uma constante nesse texto.

O único ensinamento presente no texto é um pensamento de N.P.R., segundo o qual “nessa vida e só cadeia ou semiterio”. Somente nesse momento o autor demonstrou parar para pensar naquilo que fazia de errado e nos destinos que poderia tomar na vida.

Na sua história, N.P.R. contou que era muito apegado à mãe e à irmã e que o pai começou a beber e a bater na mãe. Para ele, “nossa família se destruindo pouco a pouco”. Aos poucos, o pai parou de beber, mas N.P.R. começou a usar “drogas, passar a noite na rua, como se eu não tivesse casa”. Roubava para manter o vício.

Um dia, procura a mãe e pede para sair, conversa com o pai e sai sem a permissão dos dois. Nessa noite, encontra uma garota (a primeira das três que aparecem no texto) e passa a noite na casa dela, pois seu pai não o havia deixado entrar em casa. Segundo ele, “foi a melhor noite da minha vida pois namoramos a noite inteira”. No dia seguinte, já foi morar na casa da garota. Ficaram oito meses juntos. Para N.P.R., “tudo era mil maravilhas com ela aprendi muitas cantadas, como chegar numa mulher, ela me ensinou tudo sobre amor, onde tocar no momento certo do carinho sempre dizer palavras carinhosas no momento que mais precisa”.

Como continuava roubando para comprar drogas, precisou sair da casa da garota e foi morar sozinho. Não tinha nenhuma mobília, por isso, roubava mais ainda. Depois de um furto, fugindo da polícia, conheceu a segunda namorada citada na história. Logo de início, segundo ele, ela se interessou. Ela o levou para casa e, naquele mesmo dia, saíram juntos e ele dormiu na casa dela. Em poucos dias, ele comprou todos os móveis de que precisava e levou essa namorada para morar com ele. Ficaram três meses juntos.

Um mês depois, N.P.R. conheceu outra moça. Namoraram um mês e, depois, ela foi morar com ele. Ficaram juntos um ano. No fim de sua narrativa, N.P.R. afirmou que “sigo minha família pois aprendi que só eles me apóiam na hora que mais preciso”.

Diferente dos demais, esse detento não se preocupou em justificar os crimes que cometeu, passando a imagem de curtição, alegria, busca pelo prazer como sendo as coisas mais importantes de sua vida e que mereciam ser retratadas. Em nenhum momento, demonstra estar arrependido, pois o seu objetivo era contar sobre suas conquistas.

O último detento, J.S.L., contou a história de sua vida, sem escolher um momento específico. Ele procurou resumir os fatos para, assim, contar tudo. Em sua

história, J.S.L. contou que era filho adotivo e que sua mãe biológica dera os seis filhos para outras famílias cuidarem. Ele e uma irmã ficaram na mesma rua. Sua mãe adotiva faleceu quando ele tinha doze anos. Nas palavras dele, “Fiquei chocado com esta tragédia pois já tinha perdido uma mãe e depois perdi a outra”. Este se constituiu no ponto-chave de toda a narrativa. Talvez sem perceber, J.S.L. deixa em evidência o fato de a ausência da figura materna ter motivado a sua entrada para o crime, pois foi a partir daí que os delitos começaram a ocorrer.

Os irmãos de criação e a irmã biológica tentavam ajudá-lo, mas ele sempre voltava a roubar. Para a juíza da cidade, ele disse que roubava para ajudar nas despesas. Ela começou a ajudá-lo com uma cesta básica, mas ele começou a se envolver com maconha e cola de sapateiro. As irmãs não o aguentavam mais e o mandaram para a “Casa do Oleiro”, um centro de recuperação para usuários de tóxicos de qualquer natureza. Ficou lá por quase um ano e, quando voltou, não conseguiu mais ficar em casa.

A mesma juíza que o tinha ajudado nas despesas, arrumou-lhe um curso de mecânico. J.S.L. começou o curso e depois mudou para serigrafia. Começou a trabalhar. Com o tempo, resolveu procurar o pai biológico em Curitiba-PR. Lá passou a conviver com o pai, a madrasta, os dois filhos do casal e o filho da madrasta. Arrumou emprego em uma funilaria e dividia o quarto com o enteado do pai.

Um dia, o enteado do pai roubou e o pai de J.S.L. não acreditou que ele não estivesse envolvido no roubo. Segundo ele, “Meu pai não deu ouvidos à minha explicação e então, peguei minhas roupas e fui morar na oficina do meu patrão eu dormia em um opala velho, ganhava pouco e sem solução fui para o mundo do crime”.

Quando já tinha uma mulher que estava grávida, foi preso. A filha dele nasceu. Ela ficou grávida novamente, mas os pais da moça não queriam que ela continuasse a visitá-lo e os dois se afastaram, apesar de ele ainda receber telefonemas dela para saber notícias dos filhos.

Nesse longo relato, o que mais chamou a atenção é o trecho em que ele diz estar “sem solução”. Durante a sua narrativa, J.S.L. demonstra ter tido inúmeras possibilidades de inserção social e de reabilitação; no entanto, nunca demonstrou estar arrependido ou buscar um caminho melhor.

Nesse texto, não apareceu Deus ou qualquer fundamento religioso. Também não encontramos ensinamentos morais, apenas a presença constante da família e a

figura feminina da mãe como ponto crucial para o destino do filho. De fato, as imagens da mãe biológica e da mãe adotiva marcam toda a narrativa, pois é a partir delas que se verifica a falta da fundamentação da família, levando J.S.L. ao crime e às ruas.

Em suma, as lembranças dos detentos, retratadas nessas primeiras imagens, estão ligadas a histórias que têm o crime em seus conteúdos. Assim, o primeiro falou sobre o remorso de ter entrado no crime; o segundo, sobre o nascimento do filho e a mudança nele ocasionada por conta desse nascimento; o terceiro reproduziu uma mensagem de autoajuda; o quarto contou a sua vida no campo e trouxe ensinamentos para seguir o caminho certo; o quinto contou que a falta de dinheiro o levou ao crime, mas que já se encontra regenerado; o sexto apresentou a figura feminina e o apelo sexual ligado ao crime; e o último reproduziu a sua vida e relacionou a sua entrada para o crime com o abandono causado pela falta da mãe.

Todas essas experiências levam a uma reafirmação no perfil dos detentos. As vidas miseráveis, as famílias desestruturadas e o prazer pelo ilícito levaram esses homens a cometerem crimes pelos quais estão pagando e também colaboraram para a formação de seus repertórios pessoais, constituídos a partir de suas vivências.

4.4 QUESTIONÁRIO FINAL: QUAL A IMPORTÂNCIA DO MEDIADOR?

Como forma de fechar o levantamento do *corpus* de análise do Projeto “Literatura, Leitura e Escrita: a ressignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social”, na Penitenciária Estadual de Maringá, aplicamos um último questionário com o intuito de fazermos uma avaliação final do que foi produtivo e importante para os detentos.

Foram respondidos e devolvidos somente 7 questionários; assim, se no início do Projeto houve 25 questionários respondidos, agora, no seu término, constatamos que somente 7 participantes continuaram envolvidos. Isso se explica pelo caráter flutuante do grupo social formado pelos detentos, pois muitos tiveram seus

benefícios concedidos durante a execução do Projeto, enquanto outros foram transferidos, havendo ainda alguns isolados¹² por motivos particulares.

Mesmo assim, questionamos aos que ficaram: “Como você ficou sabendo do projeto? Por que decidiu participar?”; “Quando assinou a carta convite, o que você esperava do projeto?”; “No primeiro contato com o grupo, foi solicitada a produção de um texto. Quando fez o texto, o que esperava que fosse feito a partir dele?”; “O trabalho com a leitura e a produção de texto, durante o curso, correspondeu ou não às suas expectativas? Por quê?”; “O que mais lhe agradou durante a participação no projeto?”; “O que você achou dos textos e das atividades de leitura de textos?”; “O que você achou das imagens e dos textos realizados?”; “O que você achou das atividades de produção textual?”; “O seu entendimento de leitura e de produção de texto se alterou pela participação no projeto? De que forma?”; “Ter participado do projeto modificou ou não a sua compreensão do mundo e de si próprio? Por quê?”; “Se desejar, pode acrescentar qualquer observação que julgar interessante”.

Todas essas questões centraram-se na importância da mediação realizada pelos participantes do Projeto nos encontros, dos professores do CEEBJA que funciona na PEM e dos textos literários lidos.

De acordo com as respostas dadas, os primeiros mediadores do Projeto foram professoras atuantes dentro do Sistema Penitenciário: D.^a Marlene, primeira Diretora do CEEBJA, e D.^a Bernadete, segunda chefe da Divisão Ocupacional do Presídio. Como mediadoras, ambas deixaram os detentos escolherem se gostariam de participar ou não de um projeto que envolvesse Leitura, Literatura e Escrita. Na verdade, houve um recorte no grupo de detentos “escolhidos” por elas, pois somente alunos que estudavam no CEEBJA e que tinham bom comportamento foram avisados das oficinas do Projeto.

Não foi objetivo do Projeto escolher alunos do CEEBJA; no entanto, seguindo normas de funcionamento da Penitenciária, somente os que ali estudavam participaram das oficinas. Também não se procurou estabelecer uma comparação com a metodologia de ensino utilizada no CEEBJA. O objetivo era apenas oferecer aos detentos uma pequena amostra de que a leitura e a escrita de textos também podiam ser prazerosas e significativas.

¹² O termo “isolados”, nesse contexto, significa um sistema de castigo. Serve para os detentos que cometeram algum deslize dentro da Penitenciária.

A expectativa gerada nos detentos sobre o Projeto foi positiva, refletindo na sua participação também positiva durante as oficinas. Somente dois disseram não terem criado muitas expectativas em relação ao Projeto, mas os demais procuravam melhorar o uso da língua escrita, saber mais sobre leitura ou apenas escrever.

Essa expectativa inicial é sempre importante na avaliação da formação do gosto de um determinado público, porque ela foi ponto de chegada de uma mediação. Em outras palavras, só se pode gerar expectativas sobre algo, caso se tenha uma noção do que seja. Dessa forma, os detentos procuravam melhorar os seus conhecimentos escolarizados de Leitura, Literatura e Escrita. As suas expectativas partiam de autores e livros canonizados pelo público e pela crítica; entretanto, muitos não esperavam que a opinião deles fosse mais importante, ou seja, que as suas leituras primárias, utilizando a terminologia de Kügler (apud MARTHA, 1987), seriam o ponto de partida para a análise dos textos e as atividades de produção escrita.

Avaliação e Correção foram duas palavras sempre presentes na escrita dos detentos. Muitos acreditavam que essas seriam as duas atitudes primordiais na execução do Projeto. Essas ações são comuns no sistema escolarizado, em que são atribuídos notas e conceitos a tudo. Por conta disso, mesmo em suas participações orais, os detentos imaginavam estarem sendo analisados.

Perguntados se o Projeto havia correspondido ou não às suas expectativas, os detentos responderam, com unanimidade, que sim. A principal razão para isso pode ter sido a abordagem dos textos, porque foi diferente do que eles veem em sala de aula. A opinião deles e o modo como eles liam os textos foram os pontos de partida, diferentemente da leitura escolarizada e crítica, que parte de conhecimentos historiográficos e biográficos.

Essa superação de expectativas deveu-se, principalmente, à presença e recepção do mediador de leitura, no caso, os professores e os textos canônicos, respectivamente. O que os detentos viram e o modo como eles viram não foi o mesmo da leitura e da escrita na escola.

Segundo alguns detentos,

o que mais me agradou foi a maneira com que as professoras conduziram o curso, deram respeito e amizade e receberam o dobro, com paciência souberam nos ensinar e, com certeza, todos os esforços não foram em vão. (ASM).

o que mais me agradou no projeto foi a diversidade de idéias, visões diferenciadas, mas que de certo sentido tinha suas razões (MCG).

o que me agradou mais foi aquelas professoras que estavam nos passando uma nova visão sobre coisas que eu não conhecia dentro da leitura e interpretação de histórias (AMSR).

A escolha dos textos, as atividades com análise de imagens e as de produção textual foram avaliadas como excelentes, pois trouxeram à tona sentimentos comuns, textos canônicos e imagens simples. Dessa forma, os detentos afirmaram que o modo como eles liam mudou para melhor e que eles passaram a entender pontos que antes eram difíceis nos textos.

[...] Aprendi a analisar mais a fundo uma obra, ou um quadro, aprendi a usar os recursos necessários para um melhor aproveitamento da leitura. E aprendi a organizar melhor um texto, preparando um projeto e aproveitando ao máximo o material quer seja, as lembranças, sentimentos, amores, dores, ilusões, sonhos, etc., por mim guardados na memória (LFS).

Alterou e muito, antes a minha leitura era pobre, eu lia bastante mas sem qualidade, depois do projeto ficou mais rica, hoje leio com mais emoção, me entrego a leitura e isso me dá muito prazer (MCG).

[...] Aguçou ainda mais o meu prazer de ler e escrever (GPFS).

Um dos objetivos do Projeto era a ressignificação da identidade desses indivíduos, fazê-los se sentir parte de uma sociedade, detentores de algo mais e, principalmente, perceber que o texto literário é aberto a diferentes leituras e que a posição individual de um leitor pode (e deve) influenciar uma coletividade.

Todos os detentos que responderam ao último questionário, quando perguntados se houve mudança no seu modo de vida, disseram que sim. As imagens e os textos lidos e vistos fizeram com que um horizonte de possibilidades se abrisse dentro desses indivíduos que disseram terem se tornado mais humanos e melhores depois da participação no Projeto.

Modificou bastante, tanto a compreensão do mundo, como de mim próprio, hoje vejo o mundo cheio de imagens lindas e as armazeno mentalmente, isso me trás paz, quando quero viajo nos pensamentos para lugares lindos e tranquilos, e dentro de mim se é feita a real modificação, se vejo o mundo lindo meu interior também é lindo. (MCG).

[...] ao longo do período do projeto me fez refletir como ser humano e com os mesmos direitos de todos “ser livre” de preconceitos etc... (OMA).

Foi deixado um espaço em aberto para que os detentos pudessem fazer comentários sobre o projeto e as experiências de leitura que eles tiveram ao longo das oficinas. As respostas ao Projeto e ao trabalho das professoras, como mediadoras de leitura, foram positivas e extremamente gratificantes.

O que foi para mim importante nesse trabalho foi compreender o que os personagens destacam e saber quem são as outras pessoas que são citadas durante a história, como em poucas palavras eles descrevem todos que estão participando da história contada, interessante é fazer leitura das imagens que de princípio parece ser só uma imagem qualquer e quando analisamos ela vemos que elas nos dá muito mais do que nós imaginamos. logo sai um lindo texto que agente achava que não podia produzir (NPS).

A título de sugestão: Façam esse tipo de trabalho com mais frequência. (GPFS).

Tanto no primeiro quanto no último questionário, percebemos duas coisas muito importantes vinculadas à corrente metodológica a que estamos ligados: a importância do mediador de leitura, seja o texto ou alguém que seja leitor, e a presença de leituras canônicas.

Os detentos participantes, ao se envolverem com o Projeto, buscaram melhorar os seus conhecimentos escolarizados sobre Leitura, Literatura e Escrita. Poucos participaram apenas por gostarem de ler. Havia algo mais. Um objetivo escondido. Uma vontade de mostrar-se além da escrita, de agradar e ser agradado, enquanto leitor ou escritor.

5. DIÁRIOS DE BORDO

Neste capítulo, encontramos a análise dos textos que versavam sobre o tema Infância e os diários de leitura escritos pelos detentos. A análise de todos os textos segue a mesma estrutura. Apresentamos primeiro os aspectos semânticos e estilísticos de cada texto, em seguida, a abordagem mediada feita na PEM e, por último, o que os detentos escreveram sobre tais textos.

É preciso enfatizar que nem todos os textos foram sistematicamente discutidos na PEM. Muitos deles serviram de base para a leitura solitária dos detentos, não seguindo um esquema de discussão que apontava para os *Níveis da recepção do texto literário no ensino*, de Hans Kügler (apud MARTHA, 1987).

Todos os textos foram escolhidos por abordarem o tema Infância sob vários aspectos: solidão, família, brinquedos ou brincadeiras, animais de estimação, pessoas importantes, relação com a escola. Dos 19 textos selecionados e lidos pelos detentos, somente 14 possuem, pelo menos, um diário de leitura escrito.

Os textos *Quando tudo podia ser brinquedo*, de Ângela Leite de Souza; *Profundamente*, de Manuel Bandeira; *Cavaleiro do cavalo de pau*, de Afonso Lopes Vieira; *Na rua do sabão*, de Manuel Bandeira; e *Era uma vez quando não podia*, de Fernando Bonassi, não têm nenhum diário de leitura, por isso, esses textos não se encontram analisados neste capítulo.

Inicialmente, durante a preparação das oficinas do Projeto “Literatura, Leitura e Escrita: a ressignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social”, os 19 textos foram divididos em seis antologias. No entanto, como alguns textos constituíram-se em material de apoio e os detentos não entregaram todos os diários, para a análise nesta dissertação, dividimos a fase da Infância em quatro antologias: 1). Apresentação do tema infância e de personagens crianças; 2). A criança e a relação com animais de estimação; 3). Comportamentos infantis; 4). Pessoas que marcaram a infância.

5.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA INFÂNCIA E DE PERSONAGENS CRIANÇAS

Nessa primeira antologia, ou coletânea de textos, reunimos textos que trazem personagens crianças e sua inserção no ambiente adulto. *O menino grapiúna*, de Jorge Amado; *Infância*, de Carlos Drummond de Andrade; *Meus oito anos*, de Oswald de Andrade; e *Criança*, de Cecília Meireles serviram de introdução para o tema Infância na PEM. Esses primeiros textos foram bastante lidos pelos indivíduos leitores do Projeto e possuem um número considerável de diários escritos sobre eles.

5.1.1 O MENINO GRAPIÚNA, DE JORGE AMADO

Esse livro de Jorge Amado constitui-se como memórias autobiográficas romanceadas, que tratam da infância do autor com uma linguagem bastante coloquial e um leve tom de nostalgia. Jorge Amado é um dos autores brasileiros que mais livros tem entre os ditos clássicos e, por essa razão, encontra-se presente como o primeiro texto abordado junto aos detentos da PEM.

Para a leitura dos detentos, escolhemos um trecho do livro em que o narrador-personagem encontra-se em um internato, aos onze anos, e faz uma redação, tendo o mar como tema. Padre Cabral, professor de Português, ao ler a redação, afirma ter ali um futuro escritor. A partir de então, o menino torna-se uma personalidade no internato; no entanto, o sentimento de solidão e de encarceramento são muito evidentes e ele consegue suportá-los através da leitura dos clássicos que Padre Cabral lhe apresenta. Um dia, foge para começar a viver de verdade as próprias aventuras e construir os próprios conhecimentos.

Nesse texto, percebemos, com muita evidência, a vida solitária de um menino. Contudo, o que é mais sobressalente é o lugar – o internato – em que esse menino se encontra, lugar este que tem influência direta na construção dessa solidão. As palavras cela, prisão e suportar confirmam toda a força dessa solidão que emana do texto.

O fato de o internato ser um colégio jesuíta também é relevante. E é na imagem de Padre Cabral que o menino encontra o tipo amável e caridoso dos padres. Essa imagem torna o texto mais leve e a vida do menino mais fácil durante a estadia no colégio interno.

Relacionado a isso, outro ponto que merece ser discutido diz respeito à leitura dos clássicos por parte do menino solitário. A leitura dos clássicos, em detrimento de outras leituras, sobressaía-se e ainda se sobressai em nossa sociedade. Obras como “Os lusíadas”, de Luis Camões, e “As viagens de Gulliver”, de Jonathan Swift, são mencionadas no texto ao lado de nomes como Charles Dickens e Mark Twain. Tanto os livros quanto os autores atendem ao cânone literário ou àquilo que se entende como tal.

Segundo Iser (1996), todo texto é formado por espaços em branco, capazes de comunicar se o indivíduo leitor sentir-se capaz de preenchê-los. Na leitura desse texto, os leitores dessa pesquisa¹³ deveriam seguir as marcas que foram deixadas para compreender o texto em sua totalidade: “prisoneiro do internato”, “praias do Pontal onde conheceu a liberdade e o sonho”, “passei a ser uma personalidade, segundo os cânones do colégio”, “fui admitido numa espécie de Círculo Literário”, “o padre Cabral tomou-me sob sua proteção e colocou em minhas mãos livros de sua estante”, “demoraria ainda a conhecer Mark Twain, o norte-americano não figurava entre os prediletos do padre Cabral”, “menos por me haver anunciado escritor, sobretudo por me haver dado o amor aos livros, por me haver revelado o mundo da criação literária”, “ajudou-me a suportar”, “dois anos de prisão”, “fugi no início do terceiro ano [...] iniciando minhas universidades”.

Todas essas passagens fazem com que o texto possa ser compreendido e ajudam o leitor a fazer as inferências necessárias à sua adaptação de horizonte de expectativas em relação à obra.

Na discussão desse texto com os indivíduos leitores, foram as palavras “cela” e “prisão” que mais apareceram e que mais dúvidas trouxeram para eles. Em suas primeiras leituras, a grande maioria acreditou que o menino se encontrava preso de verdade.

O fato de um menino de onze anos estar preso não surpreendeu nem modificou a primeira impressão dos leitores. Um deles, na discussão coletiva, afirmou ter sido aos onze anos a primeira vez em que foi parar na FEBEM (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor). Para o universo desses homens, uma criança presa ou com a sua liberdade vetada é comum e não assusta.

¹³ Nesta dissertação, ao analisarmos as leituras feitas pelos detentos da PEM, apresentamos tais indivíduos como sujeitos leitores, sendo denominados detentos, leitores, indivíduos leitores, sujeitos leitores desta pesquisa ou coisa do gênero.

Além disso, os leitores não perceberam que se tratava da história pessoal de um escritor, no caso, Jorge Amado. Eles imaginaram ser o narrador da história uma criança de verdade e não um adulto. Esse ponto demonstra o quanto a leitura desses homens é fragmentada, faltando-lhes pontos de conexão entre aquilo que leem e conhecem, além de lhes faltar práticas de leitura.

Com exceção das discussões coletivas, não percebemos nada de novo em seus diários de leitura. Somente três indivíduos leitores entregaram diários sobre esse texto. O primeiro diário, escrito por C. E. O.¹⁴, relatou somente o fato de a criança que conta a história sentir “inúmeras saudades sentindo-se prisioneiro”. Esse detento enfatizou o fato de Padre Cabral ter encontrado naquele menino “a existência de uma vocação autêntica do jovem escritor” e de que isso despertara nele o gosto pela leitura.

Com uma linguagem informal e com problemas de concordância, esse leitor percebeu que fora naquele momento, a partir da descoberta de Padre Cabral sobre a veia artística do menino, que o narrador-personagem sentiu despertar nele o gosto “pelos livros”.

De certa forma, ele encontrou o ponto-chave da compreensão da narrativa. Segundo Iser (1996), todo autor deixa rastros para que o leitor consiga amarrar em sua consciência os caminhos percorridos pela história. São esses rastros, também conhecidos como espaços em branco, que deixam para o leitor o fardo de compreender, ou melhor, amarrar aquilo que o autor quis comunicar.

O segundo leitor que escreveu um diário, N. P. R., recontou a história lida com algumas modificações. Segundo ele, a história era um sonho contado por uma menina que lembrava “momentos especiais que acontecia com a vida dela dentro do internato”. Esse leitor não percebeu que a história é narrada por um narrador-personagem masculino, um menino.

Essa foi somente a primeira modificação que ele produziu na história. A segunda foi confundir-se com esse narrador-personagem, colocando-se como ponto central da narrativa e relatando-a em primeira pessoa, como fosse sua história: “Sempre que fecho meus zolhos sinto a brisa do mar batendo em meu rosto lembro que não volta mais [...] Sinto muita saudades da minha família pois minha vida só tem lembranças ruins depois que me internaram [...]”.

¹⁴ Todos os diários escritos pelos detentos encontram-se no anexo IV.

Essa confusão entre narrador-personagem e leitor aponta para a *Leitura primária* proposta por Kügler (apud MARTHA, 1987). Segundo esse autor, durante o processar da leitura, em um primeiro momento, o leitor pode acreditar que o texto foi feito para ele, construído para lhe dar informações ou conselhos. Em muitos relatos e discussões, os indivíduos leitores se confundiram com as personagens, ao lembrarem de atitudes semelhantes ou de conselhos que receberam.

Esse texto foi o primeiro lido e discutido na PEM; por isso, é normal que um leitor não tenha conseguido separar-se da personagem, dadas as suas condições de produção de leitura e o seu repertório, que só foi delimitado e colocado em pauta mais adiante.

No entanto, houve uma terceira modificação feita por esse leitor em *O menino grapiúna*, de Jorge Amado. Ele deu uma continuidade à história do narrador-personagem, continuidade esta que não está prevista no texto e que foi criada por ele, na função de leitor. Ele continuou a narrativa já adulto, dizendo, em primeira pessoa, como se fosse sua a história: “hoje já terminei minha universidade tenho uma grande família, também tenho problemas na minha família mas nunca pensei em levar meus filhos para onde me levaram sinto muito pelas crianças que estão lá no orfanato [...]”

Nesse trecho, encontramos dois problemas. O primeiro é a continuidade imaginada pelo leitor. Ele entendeu que universidade fosse o espaço acadêmico, mas, na verdade, o narrador-personagem entende universidade como sendo as experiências enriquecedoras da vida que ele foi ter após a sua fuga do internato.

Além disso, apesar de ter colocado no início do seu relato que “a menina estava lembrando momentos especiais que acontecia com a vida dela dentro do internato”, nesse momento, ele utiliza o espaço do “orfanato”. Há novamente uma confusão de histórias aqui, a do leitor e a do narrador-personagem. Em uma das discussões na PEM, esse leitor havia apontado o fato de ser filho adotivo, podendo, portanto, ter morado em um orfanato. No final de seu relato, ainda confundindo a sua história com a do narrador-personagem, ele escreveu: “pois eu encontrei minha família e sou feliz...”.

O narrador-personagem, no entanto, não era um menino sem família. Ele tinha a sua família e esta o colocou em um internato. Há uma diferença entre o funcionamento de um orfanato e a de um internato.

Essa confusão entre personagem e leitor apareceu em outros relatos e em outras leituras. Os indivíduos leitores, muitas vezes, reproduziam a sua história, misturando-a com a das personagens. Por isso, muitos não saíram da *Leitura primária* proposta por Kügler (apud MARTHA, 1987), pois não havia uma ruptura da ilusão. Talvez isso ocorresse pelo fato de esses leitores quererem buscar argumentos para mostrar o quanto estavam regenerados e, principalmente, para mostrar que a vida que tiveram, seja na infância ou na juventude, não foi fácil, o que acabou levando-os ao crime.

Um terceiro diário foi escrito sobre *O menino grapiúna*, de Jorge Amado. Esse diário é de A. G. P. Também nesse diário podem-se encontrar algumas lacunas na compreensão do texto. A primeira diz respeito à compreensão do tempo em que se passa a história. Essa narrativa encontra-se no passado, pois surge das memórias de um adulto. No entanto, esse leitor confunde-se, ao recontar a história com marcas do presente e do futuro: “comesou a gostar de uma coisa que para ele era um modo de esquecer o lugar onde ele se encontrava atualmente: o internato”; “[...] mais estes dois anos não foi envão, porque ele colheuse o mundo da criação literária, que servirá de boa ajuda para ele”.

Na escrita desses leitores, fica evidente a confusão entre o que eles são e o que eles gostariam de ser (no sentido de passar uma imagem de regeneração). Quanto à imagem de literatura que esses indivíduos leitores conhecem, temos um bom exemplo nesse diário. Esse leitor diz que a personagem conhecera “o mundo da criação literária, que servirá de boa ajuda para ele”. Nesse trecho, temos a imagem canônica da literatura, enquanto espaço destinado a poucos que tiveram o privilégio de conhecê-la. Seguindo esse raciocínio, para esse leitor, a “criação literária” é algo superior e de extremo valor para quem tem a oportunidade de conhecer.

Além da visão canônica da literatura, não só nesse diário como também em outros, eles procuram retirar mensagens de conforto, de alento para seus problemas:

Quando agente descobre um dom ou um talento guardado em nosso ser interior, e comesamos a lapidar, logo também comesamos a ser valorizados pelas pessoas que estão ao nosso redor. Mais se você for forçado a fazer o que não gosta, o esforço não adiantará de nada.”; “[...] eu tenho serteza que não foi por acaso que Deus o levou até este internato (...) Deus disse que escreve as coisas por linhas tortas.

A presença de Deus é uma constante na vida desses homens encarcerados. A busca por conforto e pela moral das coisas tornou-se habitual na leitura desses homens, que acreditam estar ali a resposta para seus medos.

Em todos os diários escritos para esse primeiro texto trabalhado na PEM, encontram-se problemas na compreensão do texto e na abstração dos sentidos que o texto traz. Os leitores demonstraram não compreender os espaços em branco que o texto carrega e, principalmente, os rastros que nos levam a esses espaços em branco.

5.1.2 INFÂNCIA, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

O poema *Infância*, de Carlos Drummond de Andrade, narra a história de um menino que afirma ser sua história “mais bonita que a de Robinson Crusóé”. Essa história encontra-se marcada na memória do autor Drummond, ligando-se fortemente à infância do autor e, conseqüentemente, à memória do menino – eu lírico do poema.

Nesse poema, encontra-se representada uma família do Brasil do início do século XX: “Meu pai montava a cavalo, ia para o campo./ Minha mãe ficava sentada cosendo./ Meu irmão pequeno dormia./ Eu sozinho menino entre mangueiras...”. Essa família convive no ambiente rural e patriarcal, em que a vida no campo ainda era melhor que a vida nos centros urbanos. Além disso, o homem comandava a casa e todos os bens da família.

O tempo do poema é visto de modo cotidiano e subjetivo, focado pelo menino – eu lírico em um ambiente bucólico e caseiro. As figuras paterna e materna estão em evidência, representando a estrutura familiar; no entanto, nota-se um distanciamento da figura paterna em relação à vida familiar e caseira. Essa vida fica a cargo da figura materna, o que não significa que a mãe esteja presente na vida dos filhos. Ela se responsabiliza apenas pelos cuidados referentes ao lar e à organização das tarefas domésticas.

Esse distanciamento das relações familiares torna-se evidente nos versos: “Eu sozinho menino entre mangueiras / lia a história de Robinson Crusóé, / comprida história que não acaba mais”. Robinson Crusóé, o naufrago mais conhecido da

Literatura Universal, sentia-se tão perdido e distante da sua família quanto o menino que lê o seu livro entre mangueiras.

A presença da “preta velha” completa a estrutura familiar do início do século XX. É nela que o eu lírico encontra o aconchego e o carinho de que necessita, visto que não encontra esse carinho e aconchego nas figuras paterna e materna.

Além disso, temos o uso das reticências, que reforçam o distanciamento entre a mãe e o filho: “– Psiu... Não acorde o menino” e “E dava um suspiro... que fundo!”. Somente nessas duas situações a mãe se dirige ao filho, que passa a maior parte do tempo sozinho.

Para esse texto, foram escritos quatro diários. No primeiro, o leitor C. E. O. interpreta e busca escrever aquilo que compreendeu do texto. Nesse diário, está a interpretação comum do texto, sem a análise e a preocupação de contextualizar historicamente a narrativa. O leitor reconheceu uma fartura e uma união entre os membros da família, não percebendo a divisão de papéis existente.

Desse modo, repete-se o que vimos no primeiro texto: a presença da etapa da *Leitura primária* de Kügler (apud MARTHA, 1987) na leitura deles. As leituras rasas e superficiais realizadas durante a vida desses leitores não facilitaram o aprofundamento da compreensão e a intersecção entre obras e conhecimentos. Sem uma mediação eficaz, dificilmente esses indivíduos serão capazes de percorrer os espaços em branco encontrados nos textos e aumentar os seus horizontes de expectativas.

O segundo diário foi escrito por A. G. P., que comparou os dois primeiros textos lidos: *O menino grapiúna*, de Jorge Amado, e *Infância*, de Carlos Drummond de Andrade. A comparação feita foi a seguinte:

O menino do texto 1, não era feliz, não estava com sua família, não tinha o livre arbítrio para ir e vim para onde quisece era deciplinado com alto rigor no colégio dos jesuítas. E já o menino do texto dois, já não estava em um internato, não sofreu disciplina com rigor, não estava longe de sua família, mas em uma bela fazenda ele vivia feliz e contente.

De certo modo, houve uma compreensão dos textos, apesar de essa compreensão ter sido superficial e não ter superado as expectativas do texto para o seu leitor. No entanto, o que mais chama a atenção nesse diário é a repetição da mensagem escrita pelo mesmo leitor para o texto *O menino grapiúna*:

[...] são totalmente diferente uma da outra. Mais que tem fundamentos iguais mostra aos leitores que uma vida pode ser escrita tanto em linhas tortas como tanto em linhas retas. O menino do texto dois, não demonstra ter algum dom mais demonstra ser uma pessoa feliz com a vida que Deus lê-deu [...].

Novamente, A. G. P. repete o tom moral que utilizou no primeiro diário: “Uma vida pode ser escrita tanto em linhas tortas como tanto em linhas retas” e “pessoa feliz com a vida que Deus lê-deu” são frases que certamente ele já ouviu de outras pessoas em algum momento da vida.

O tom moral apareceu em vários diários e produções de texto desses leitores. Uma de suas preocupações centrais era demonstrar resignação e arrependimento pelos crimes que cometeram.

O terceiro diário escrito foi de I. F. F. Esse leitor escreveu somente sobre as lembranças que a leitura do texto *Infância* lhe despertou: a vida que ele tinha em um sítio na sua infância, as brincadeiras embaixo dos pés de manga, o café e a família reunida na hora de comer o bolo de fubá. Portanto, há uma semelhança entre a vida do menino do texto e a do indivíduo leitor. Percebe-se, porém, que esse leitor não conseguiu passar da fase da *Leitura primária* de Kügler (apud MARTHA, 1987). Apesar de conseguir dar significados para as imagens apresentadas no texto, tanto isso é verdade que conseguiu resgatar lembranças por meio dessas imagens, ele não conseguiu compreender a história do menino, que é fictícia e possui segundas intenções, ou seja, espaços que precisam ser captados para que deem um sentido maior para o texto (ISER, 1996).

O quarto e último diário escrito para esse texto é o do leitor N. P. R. Do mesmo modo que I. F. F., N. P. R. também relacionou a vida do menino do texto com a sua vida de criança. Ele colocou a sua imagem de menino ao lado da imagem da personagem do texto: “[...] de manha sai para brincar no quintal de minha vó, quando escutava minha vó cantando para o nenê também podia se ver que o café estava para sair então ficava porali para tomar café com minha vó”.

A confusão maior entre a imagem da personagem e a do leitor está na parte em que este último conta sobre a leitura de um livro:

Percebi que o livro era bom entrei na estória de cabeça pois onde eu andava no quintal de casa percebia que apaisagem era mais linda e tranqüila, pois na cidade aquele barulho, poluição, então resolvemos ficar no sitio pois estamos mais perto da natureza e num lugar mais aconchegante.

Há um elemento novo: a comparação da vida do campo com a vida na poluição da cidade. Essa comparação não existe no texto de Drummond, pois o menino do campo, no início do século XX, talvez nunca tivesse conhecido a vida na cidade.

Nos quatro diários, encontramos a imagem do menino do texto reproduzida de acordo com a experiência de cada leitor. A seu modo, cada um escreveu a sua interpretação pessoal da história, relacionando-a com a experiência da sua vida. Nenhum dos quatro demonstrou ter compreendido os espaços em branco da história ou ter ultrapassado aquilo que Kügler (apud MARTHA, 1987) denominou *Leitura primária*.

Além disso, tornou-se evidente o restrito repertório de leitura desses indivíduos e a influência de suas raras leituras em seus horizontes de expectativas, já que, em seus diários, o que se constatou foi a influência exercida pela Bíblia, por outros textos religiosos ou pelos livros de autoajuda.

5.1.3 MEUS OITO ANOS, DE OSWALD DE ANDRADE

Em *Meus oito anos*, Oswald de Andrade parodia o poema de mesmo nome, do autor Casimiro de Abreu. Situados em séculos diferentes (o poema de Casimiro de Abreu data do século XIX e o de Oswald do século XX), tais poemas retratam as lembranças da infância sob o olhar do adulto.

No poema de Oswald de Andrade, que foi lido pelos detentos da PEM, temos a recordação de uma criança paulista que vê sua cidade crescer junto com ela. Em vários momentos, esse poema retoma o de Casimiro de Abreu, misturando-se a ele.

Três diários foram escritos para esse texto, que, embora não tenha sido discutido durante as oficinas de leitura, constituiu-se como material de apoio.

O primeiro diário analisado é de C.E.O. Nesse diário, o detento confundiu saudosismo com saudade e arrependimento. Essa última palavra apareceu em vários diários e textos de C.E.O., até mesmo em seus relatos orais. A imagem criada para transmitir arrependimento é uma constante na produção dos detentos.

Além do arrependimento, C.E.O. interpretou a palavra “cocaína” como sendo a droga comum utilizada pelos jovens dos dias de hoje. No entanto, no texto de

Oswald de Andrade, a “cocaína da infância” significa o êxtase, o deslumbramento de todas as diversões que ele vivia quando criança. Para C.E.O., a personagem “tinha doces visões, da cocaína da infância. Acredito que influenciado ou despercebido a situação complicada que acaba de entrar”.

As drogas também foram constantes nas produções de diários e, principalmente, de textos desse detento. A leitura particular dos textos fez com que, muitas vezes, as interpretações feitas também fossem muito particularizadas.

A visão de um ser humano parado no tempo e na própria vida foi a visão transmitida por C.E.O. Também em seu diário, tem-se essa percepção, quando encontramos a passagem: “relata também que a cidade progredia, deixando parecer que acompanhava a progressão da cidade e não falou a respeito de sua própria progressão”. Oswald de Andrade retratou uma progressão humana vinculada à progressão da cidade; assim, a criança cresceu junto com o crescimento de sua cidade.

O segundo diário trouxe uma leitura próxima do primeiro. N.P.R. retratou a personagem da história como uma criança sofrida, que usava drogas na sua infância e com carinho de mãe e não de pai.

Há quatro pequenos problemas na leitura desse detento: 1). A vida do garoto do texto não foi retratada de forma sofrida, mas de forma alegre, divertida e espontânea, configurando a imagem de um garoto criado de forma livre; 2). Do mesmo modo que C.E.O., N.P.R. acreditou que a personagem do texto consumia drogas, a partir da confusa interpretação da palavra “cocaína”. Essa interpretação não se confirma, pois o garoto representado no texto fala do êxtase da infância e de toda a diversão que encontrava nela; 3). A presença de carinho de mãe e não de pai no diário desse detento não encontrou nenhuma explicação no próprio texto, mas, analisando o perfil desse detento, a presença da mãe, da figura feminina, é muito mais significativa que a do pai; 4). Não há laranjais no quintal da personagem do texto, no entanto N.P.R. afirmou que havia no diário produzido.

Os problemas na leitura do detento indicaram, como também aconteceu com C.E.O., uma leitura muito individual, particular, enquadrando-se no *texto para mim*, etapa da *Leitura primária* de Kügler (apud MARTHA, 1987). Essa leitura é significativa para o leitor, faz com que ele se sinta valorizado, no entanto, não coopera com a valorização dos sentidos do texto.

O terceiro e último diário fechou as interpretações particularizadas dos detentos sobre o texto *Meus oito anos*, de Oswald de Andrade. N.P.S. trouxe o texto totalmente para sua vida, conferindo-lhe um tom de ensinamento.

O detento percebeu que o texto retratava a saudade dos bons tempos da infância. Segundo ele, “na verdade todos nós quando éramos criança éramos felizes e não sabíamos e que quando envelhecemos e amadurecemos temos uma visão completamente diferente da vida”.

Os ensinamentos vão até o fim do texto: “todos nós possuímos belas e lindas histórias da vida, só depende do ponto de vista de cada um, de fazer das dificuldades e obstáculos uma meta a ser vencida na história de cada um de nós [...]”.

O fato de a leitura de *Meus oito anos*, de Oswald de Andrade, não ter sido mediada nas oficinas da PEM foi decisivo para o pouco conteúdo encontrado nos diários escritos pelos detentos. As dificuldades de interpretação foram maximizadas pela falta do mediador na análise e na leitura do texto.

Os três diários analisados ficaram no nível da *Leitura primária* proposta por Kügler (apud MARTHA, 1987), não ultrapassando a etapa do *texto para mim*. Sem a mediação de um professor, o repertório já existente e insuficiente dos leitores participantes do Projeto “Literatura, Leitura e Escrita: a resignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social” comprometeu a análise e interpretação dos textos.

5.1.4 CRIANÇA, DE CECÍLIA MEIRELES

Esse poema nos traz a imagem de um menino triste, sozinho, ausente, pensativo, mudo e santo. Esses adjetivos constroem o menino que a autora imaginou. Segundo ela (2005), esse menino sofre sozinho, mas resiste, mesmo não tendo nada na vida nem felicidade. As rimas dão um tom melancólico ao poema e colaboram na criação da imagem de um menino cheio de necessidades. Essas necessidades não vêm nomeadas no poema, mas podemos pensar em necessidades materiais, de afeto, de companhia, de autoestima.

Os detentos poderiam ter se identificado mais com esse poema, no entanto, em relação aos três primeiros, o poema ficou apagado, talvez por ser menos conhecido do que os anteriores.

Três diários foram escritos sobre esse texto. O primeiro é do leitor A. G. P., que se prendeu somente à leitura de uma expressão: menino santo, apontando que “sinto que esta estrofe fala de Deus, acho”. A presença da leitura fragmentada ou de pedaços soltos é muito comum em todos os diários. Contudo, ainda mais comum é a presença de Deus. Em quase todos os textos, algum leitor relacionou um trecho a Deus, a passagens bíblicas ou a ensinamentos.

O segundo diário é de C. E. O., que demonstrou ter entendido a temática do texto, quando diz: “a história contada fala de uma criança triste, sozinha e sofrida”. No entanto, sua análise não passa disso e, no final, deixa a mensagem de que “o texto fala de pessoas que vivem sozinhas e se acostumaram com esse tipo de vida”.

Novamente, temos um ensinamento aprendido com o texto. Esse tipo de visão prática da literatura é comum em ambientes onde a leitura não é muito presente. Ler para aprender algo é o objetivo principal de muitas pessoas que ainda não encontraram o prazer na leitura do texto literário.

Essa visão prática da leitura e da literatura encontra lugar no ambiente escolar, em que a busca por respostas exatas ainda é o hábito mais constante. A leitura do aluno-leitor passa pelo crivo do certo ou errado apontado no material didático do professor, sem espaço para o levantamento de hipóteses e a discussão coletiva.

Esse tipo de comportamento é o mais reproduzido nos diários e nas produções textuais que os indivíduos leitores escreveram. No terceiro diário, escrito por N. P. R., encontramos a seguinte mensagem:

o texto que mais gostei foi Criança pela força dos sentimento do escritor por espirar tão fundo e soprar palavras maravilhosa. Que encantou muito minha pessoa não tenho muita palavra para diser mais foi oque mais espirei e me identifiquei pois palavras para vencer na vida precisa lutar muito.

Como nos outros diários, esse também retirou uma mensagem do texto, que, apesar de trazer a imagem de uma criança triste e sofrida, não deixa abertura para uma mensagem referente à luta para vencer na vida. Desse modo, ao selecionarem trechos do texto, esses indivíduos procuram adaptá-los à própria vida, ao que

ouviram ou gostariam de ouvir se estivessem naquela situação. Nesse sentido, eles selecionam trechos, imaginando espaços vazios e procuram preenchê-los de acordo com as suas experiências de vida.

Como Iser (1996) propõe, o leitor sente-se responsável para co-escrever o texto ao lado do autor, respondendo aos questionamentos que imagina que o autor tenha feito. O preenchimento com o horizonte de expectativas encaixa-se no posicionamento de Kügler (apud MARTHA, 1987) e Jauss (1994), pois, ao ler, o leitor procura as imagens que já vivenciou e que são semelhantes às aquelas retratadas pelo autor. O problema, contudo, está no fato de o leitor ler todo e qualquer texto como se fosse escrito somente para ele, ficando apenas na *Leitura primária* (Kügler, apud MARTHA, 1987).

5.1.5 OUTROS DIÁRIOS

Dos nove leitores que escreveram diários sobre essa primeira antologia, quatro não escreveram diários individuais sobre cada texto lido nessa primeira parte das oficinas. Eles escreveram, de maneira geral, sobre o que cada texto abordava, sendo que um mesmo leitor escreveu dois comentários diferentes. O primeiro diário não tem título nem identificação. Esse último dado é interessante, pois esses leitores ficaram livres sobre o nome que iriam colocar em seus diários e produções. Eles não precisavam necessariamente se identificar.

Nesse diário, encontramos apontamentos sobre os dois primeiros textos: *O menino grapiúna* e *Infância*. Podemos observar a repetição dos mesmos pontos de construção do texto que os diários já analisados. O primeiro ponto foi o enquadramento e a análise superficial de passagens isoladas dos textos. Quanto ao primeiro texto, o leitor enfatizou a solidão e a prisão em que o menino vivia: “o colégio onde estudava era ruim ele se sentia na solidão e muito desconfortado, pois o lugar fazia como se sentisse preso, sem contar as normas do colégio onde estudava”.

Esse leitor também utilizou uma segunda estratégia para construir o seu diário: a busca por ensinamentos e mensagens de superação. Logo no início de seu diário, encontramos o seguinte apontamento: “minha opinião a respeito do texto é que o mar de ilhéus fez que ele entende o quanto a liberdade é valiosa e que é

importante sonhar ter esperança e muita fé, pois sem fé não é possível viver”. Mais adiante: “[...] os livros deu bastante forças para ele chegar em seu objetivo [...]”.

As mensagens de fé e de superação demonstram que os indivíduos leitores procuram escrever o que alguém quer que eles escrevam ou o que alguém quer que eles sejam. Quanto ao segundo texto, *Infância*, o leitor abstraiu a seguinte mensagem: “a importância desse texto é que viver em harmonia na paz com a família é muito bom, uma família unida é uma família feliz”.

Esse leitor não percebeu o quanto o menino que lia era solitário. Ele percebeu somente o que está na superfície do texto: a imagem de uma família feliz, não ultrapassando a *Leitura primária* proposta por Kügler.

O segundo diário, escrito pelo detento J. S. L., foi bem simples e direto. Esse leitor não analisou nenhum texto em específico, apontando apenas a presença de crianças nos textos. Segundo ele, “a diferença entre eles está apenas na maneira de expor a história”.

Nesse diário, também foi possível notar a etapa “texto para mim”, presente na fase da *Leitura primária* de Kügler (apud MARTHA, 1987). O leitor diz ter se identificado com o quarto texto, *Criança*, “porque vivi momentos semelhantes na minha infância”. Essa identificação ocorreu não porque o texto trouxe elementos novos que proporcionassem um avanço no horizonte de expectativas do leitor (JAUSS, 1994), e sim porque o leitor se identificou com as imagens do texto, relacionando-as com a sua infância. Assim, não houve um avanço no repertório do leitor, mas apenas uma confirmação daquilo que ele já conhecia por ter vivenciado.

O terceiro e o quarto diário são do detento L. F. Esse leitor possui um tom rebuscado em sua escrita, diferenciando-se dos demais. Percebemos nele um grau de letramento maior, um número de leituras maior; no entanto, apesar da forma como escreveu esses e outros diários, suas análises não chegam a ser profundas, demonstrando apenas maior habilidade na escrita.

Quanto à antologia sobre infância, esse detento deixou claro, durante as oficinas, que achava todos os textos muito chatos, “sem graça”. Nesses dois diários, sobre os quatro primeiros textos, ele procurou discutir sobre a literatura brasileira e fez comentários gerais sobre os quatro textos lidos.

Sobre literatura brasileira, ele comentou:

Lendo todos os textos que nos foram apresentados, observa-se que na literatura desse país, a grande maioria dos nossos escritores buscam no cotidiano do brasileiro comum, os temas nos quais se inspiraram para escrever suas obras. [...]. Em síntese, são temas comuns de um Brasil provinciano, dando ênfase para o comportamento, a fala, os tabus e tantas outras peculiaridades deste país. O conflito de gerações faz parte da convivência humana. Vários são os motivos que contribuem para isso. Entre estes podemos destacar a necessidade de afirmação, a busca de autonomia, o rompimento com o tradicional com seus valores e princípios.

Quanto aos textos lidos, L. F. disse apreciar mais o texto de Jorge Amado, por gostar do estilo com que ele escreve. Ele analisou brevemente os três primeiros textos:

No entanto, percebi que mesmo se tratando do mesmo tema, todos se diferenciam entre si quanto ao modo com que cada um encara o seu destino, Enquanto o primeiro é inconformado com o seu mundo e tem espírito aventureiro, o segundo era feliz com sua vida rústica no campo. Sobre a terceira obra tenho dúvidas, pois acreditava que este poema era de autoria de Casimiro de Abreu e acredito que se foi ele que escreveu este poema – plágio, ele pretendia provocar uma polêmica ao satirizar Casimiro de Abreu. Irreverência é uma das características de sua obra, como falta de rima, o jeito simples de falar do brasileiro comum.

Mesmo tendo ido mais longe do que os outros indivíduos leitores desta pesquisa, o que se percebeu, durante as oficinas e nos diários escritos por ele, foi um tom de desprezo em relação ao tema Infância. Em vários momentos, ele deixou claro não gostar de “texto de criança” e isso apareceu em seus textos.

No entanto, apesar de esses textos terem personagens crianças e tratarem do tema Infância, eles não foram escritos para leitores mirins, e sim para leitores adultos que já foram crianças um dia. Isso foi repetido em todos os encontros, mas o leitor L. F. relutou em compreender.

Percebemos que a leitura que L. F. fez dos três primeiros textos é simples e superficial; porém, acertada. Ele não analisou as personagens nem o espaço ou a ação, mas compreendeu a temática. Quanto ao texto *Meus oito anos*, de Oswald de Andrade, o leitor não percebeu seu tom de paródia, afirmando ser um plágio. Esse texto não se constitui como um plágio pelo fato de o texto demonstrar ter sido ambientado em outro espaço, agora urbano e bem diferente da obra original de Casimiro de Abreu.

O texto de que esse leitor menos gostou foi *Criança*, de Cecília Meireles, e isso ficou evidente em seu diário. Sobre esse texto, L. F. diz: “a quarta obra, de

autoria de Cecília Meireles, trata-se de um poema melodramático cheio de tristeza. Suas poesias são consideradas de grande reflexão, mesmo assim eu esperava mais da mulher que é considerada a principal voz feminina da poesia moderna brasileira”.

O quinto diário, escrito de modo geral sobre os quatro primeiros textos trabalhados com o tema Infância, foi de J. B. R. R. Esse leitor comentou brevemente *O menino grapiúna*, *Meus oito anos* e *Criança*, prendendo-se ao texto *Infância*, de Carlos Drummond de Andrade, “por que foi honde ele aparentemente vivia uma fase feliz, da sua infacia. Adiferença entre eles, au meu ver, nos outros texto ele de um fôrma ou outra estava se sentindo prisioneiro”.

A escolha desse leitor demonstrou também uma identificação e uma relação direta com a sua vida e com o seu horizonte de expectativas (JAUSS, 1994). A personagem que mais lhe chamou a atenção foi aquela que vivia feliz, ao lado da família. Os comentários e os textos de J. B. ou J. B. R. R. (ele se identificou das duas formas no Projeto) sempre enfocaram a vida familiar desestruturada e a falta que uma família mais estável fazia para ele. Por isso, não é estranho ter sido o texto *Infância* o seu favorito. Assim ele descreve a história: “[...] conta uma historia honde ele aparentemente vivia uma fase feliz, da sua infacia, junto com a família que erra contituida pelo pai, mãe, ele e um irmão [...]”.

O que se percebe, em todos os diários que retrataram a primeira antologia, composta pelos textos *O menino grapiúna*, *Infância*, *Meus oito anos* e *Criança*, é que os indivíduos leitores se identificaram com momentos específicos dos textos, momentos parecidos com os que viveram.

Todos, sem exceção, encontram-se, portanto, na *Leitura primária*, primeira fase dos *níveis da recepção* de Kügler (apud MARTHA, 1987) em que o texto responde às primeiras expectativas do sujeito leitor. Este se identifica com os elementos do texto e, desse modo, procura algum ponto de identificação entre a sua história e a da personagem.

5.2 A CRIANÇA E A RELAÇÃO COM ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

Nessa antologia, foram reunidos três textos: *O herói*, de Domingos Pellegrini; *Biruta*, de Lygia Fagundes Telles; e *Minsk*, de Graciliano Ramos. A preocupação

com a reunião desses textos foi enfatizar um ponto importante no universo da criança: a relação com animais de estimação.

Os dois primeiros textos foram discutidos e trabalhados em oficinas na PEM e o último ficou para a leitura silenciosa dos detentos nas celas. O primeiro texto possui quatro diários individuais, enquanto o segundo e o terceiro somam dois diários cada um.

O número maior de diários para o texto *O herói*, de Domingos Pellegrini, deveu-se, principalmente, ao interesse dos detentos no texto durante a sua discussão. *Biruta*, de Lygia Fagundes Telles, também foi um texto que chamou a atenção pelo final deixado em aberto. Os detentos se perguntavam: “O que teria acontecido com Biruta?”. *Minsk*, de Graciliano Ramos, igualmente agradou a todos; no entanto, não foi discutido em sala e isso talvez explique a pequena quantidade de diários sobre esse texto.

5.2.1 O HERÓI, DE DOMINGOS PELLEGRINI

Resumidamente, o texto *O herói*, de Domingos Pellegrini, fala de um menino que, certo dia, saiu às ruas à procura de algo que desse um fim “mais feliz” ao seu dia. Ele saiu imponente, fazendo de conta que estava em uma guerra, igual às dos filmes a que assistia, até que, em um momento, vê um cachorrinho atravessar a rua e ser atropelado. O cachorro sai muito machucado e isso impressiona o menino. Um homem de um posto de gasolina examina o filhote e resolve que o melhor é sacrificá-lo “pra não sofrer mais”. O menino volta para casa ensimesmado, não come, não bebe e não fala nada. Seus pais o deixam um tempo de castigo, trancado no quarto, mas, quando sai, ele sai diferente, achando-se mais velho e maduro. Agora, ele já não quer marchar e bater tambor como um menino, mas vê-se como um detetive, capaz de observar e analisar os fatos nos mínimos detalhes. Alguns dias depois da morte do cachorro, o menino leva alguns amigos seus para ver o filhote morto, perto do posto de gasolina, mas não é só isso. O menino começa a contar vantagem e a dizer que foi ele quem sacrificou o cachorro “pra (ele) não sofrer mais”. Ele conta vantagem frente aos colegas, inclusive, ao dizer que não enterrou o cachorro porque enterro era coisa para menina.

É interessante, retomando Iser (1996), notar a construção do texto e a sua apresentação frente aos olhos do leitor. O texto é extremamente linear, seguindo uma cronologia que vai do menor para o maior, para representar o gradual amadurecimento do menino com a morte do cachorro. O texto pode ser dividido em três “fases”.

No início do texto, a referência ao garoto é o pronome “Ele”: “Quase acabando a tarde, **ele** resolveu que precisava salvar a honra do dia (grifo nosso)” (PELLEGRINI, 1991). Esse pronome parece estar sempre retomando a palavra “herói” que se encontra no título. Em todos os momentos iniciais, em que o garoto se vê como um bravo soldado de guerra prestes a derrotar o seu inimigo (“o menino mais velho da casa da esquina”), o pronome “Ele” o identifica.

A primeira menção à palavra “menino” dá-se no momento em que o cachorro cai aos seus pés e ele toma consciência do que aconteceu com o cachorro: “O cachorrinho voa atropelado num ganido seco, quase num estralo – e cai aos pés do **menino** (grifo nosso)” (PELLEGRINI, 1991). A partir desse momento até quando chega em casa, ele é visto como um menino, no sentido exato de quem é inexperiente e está passando por um momento difícil. Nesse momento, ele não é mais um “herói” ou um bravo soldado, mas apenas um menino.

Contudo, as referências ao “menino” terminam no momento em que ele parece ter amadurecido, quando sai do quarto e “saiu mais velho, devagar; e, antes de chegar ao fim do corredor já misturava a vagareza com sangue-frio” (PELLEGRINI, 1991). Até o seu gosto por filmes mudara; agora, ele não queria mais assistir a filmes de guerras e soldados, mas de detetives, de espionagem. Isso porque ele acreditava que “o homem do posto de gasolina” parecia-se com um espião, ao examinar o filhote, segurar um revólver e ter o sangue-frio de sacrificá-lo. Mais adiante, ao longo do texto, isso fica evidente quando ele assume para si as atitudes do “homem do posto de gasolina”.

Desde o momento em que ele sai do quarto até o fim do texto, a palavra “menino” não mais ocorre, sendo novamente utilizado o pronome “ele”. No último parágrafo do texto, ao responder por que não enterrara o cachorro, o garoto é denominado “o herói”: - “Enterrinho é coisa pra menina – disse o **herói**, e apressam os passos decididos e machos (grifos nossos)” (PELLEGRINI, 1991).

Essa última referência ao menino como “o herói” retoma o título. Sendo assim, o texto começa e termina falando de um herói, que enfrenta desafios ao

longo da narrativa, que, portanto, não começa nem termina do mesmo modo. Isso tudo porque, no início, ele apenas sonha com uma aventura e, no fim, ele já tinha vivido uma.

Outro ponto que chama a atenção na leitura do texto é o de que não há nomes para as personagens envolvidas. Todas são identificadas através de um artigo definido “o” / “a”: o menino, o homem do posto de gasolina, o filhote / o cachorrinho, a mãe, o pai e, também, o herói. Isso sugere uma determinação nas características dessas personagens. Desse modo, o pai e a mãe se comportam como qualquer pai e mãe se comportariam; o homem do posto de gasolina é tido como se este fosse o seu nome, como se o fato de (talvez) trabalhar em um posto de gasolina fosse sua marca registrada ou a coisa mais importante que fazia; o menino tem sentimentos ainda infantis, e o herói é um “homem” de valor, alguém que já passou por várias aventuras e perigos.

O texto deixa em suspenso quem seria o herói e quem seria o vilão. Quando o menino sai amadurecido do seu quarto querendo ser um detetive, ele quer, na verdade, se comparar ao “homem do posto de gasolina”, que tinha cara de espião e que matara o cachorro. No entanto, como já foi dito, “o homem do posto de gasolina” não tem características de herói no sentido colocado no texto, isto é, de um ser valoroso e que já vivera experiências perigosas e heroicas em sua vida. O mesmo acontece em relação ao menino que, aos olhos curiosos de seus amigos, se parece com um vilão, mas que, no fim, é visto como um herói, por ter salvado o cachorro do sofrimento.

Além de tudo o que já foi dito, é necessário expor o tema da morte, que sendo novo para o menino, desencadeia o seu amadurecimento. As crianças, geralmente, não entendem bem o significado da morte. Nesse texto, o menino presencia a morte do cachorro e sente-se tocado por esse fato, que faz com que ele mude o modo de ver a vida e até as suas brincadeiras, porque agora ele já não é mais igual aos outros “meninos”; ele presenciou um fato que os seus amigos ainda não tinham presenciado, o que o tornava, por assim dizer, melhor do que eles.

Ao propor a leitura do texto *O herói*, de Domingos Pellegrini, aos internos da Penitenciária Estadual de Maringá (PR), foram seguidos os níveis da recepção estabelecidos por Kügler (*apud* MARTHA, 1987). Dessa forma, eles fizeram primeiro uma leitura silenciosa do texto e, em seguida, foram incitados a lembrar de fatos relativos a suas infâncias e relacionados com os temas abordados no texto. Nesse

sentido, levantamos as seguintes questões: “Quais as suas brincadeiras prediletas na infância?”; “Você tinha medo de alguma coisa? De quê?”; “O que você gostava de ver no cinema e/ou na TV?”; “Quais eram os seus heróis na infância?”; “Quando pequeno, você sofria algum tipo de castigo? Quem o castigava?”; “Qual era a sua reação ao castigo?”. Essas questões fizeram com que cada interno pensasse um pouco sobre sua vida e sua experiência de menino. Isso é importante porque, como defende Jauss (1994), a leitura aciona o *horizonte de expectativas* de cada um, trazendo de volta acontecimentos passados que colaboram com a compreensão do presente.

Além disso, podemos observar, nas produções escritas de comentários acerca do texto, que alguns internos não saíram da *leitura primária*, como exemplifica a seguinte resposta: “[...] Como criança, eu o vejo como a mim, eu me formei no colégio dos mintirosos. Eu quando criança o que mais fiz foi menti. Por isso eu o vejo com os olhos voltado ao bem” (AGP). Dessa forma, a vida deles e a vida ficcional da personagem se misturaram. Durante o encontro em que foi aplicado o texto *O herói*, de Domingos Pellegrini, comentários como esse foram os mais comuns. Os detentos queriam explicar fatos de suas vidas, apoiados na história de *O herói*, fazendo o que Kügler (*apud* MARTHA, 1987) chama de *Projeção e auto-inserção simulativa*.

No entanto, a *Leitura não-duplicada* e a *Projeção e auto-inserção simulativa* foram fases que não duraram um grande período de tempo, visto que os internos já haviam tido outro encontro que também abordava o tema infância e no qual puderam perceber o que o texto tinha a dizer. Por isso, as fases do *Deslocamento* e da *Condensação* também foram rápidas, sendo que, logo na fase do *Deslocamento*, os detentos demonstraram um desapego em relação aos fatos de suas vidas e uma nova visão para o texto. A fase da *Condensação* começou com as questões que nortearam a *Constituição coletiva do significado*. Na verdade, não se tem uma divisão clara do início e do término de cada fase. Todas elas ocorreram segundo uma sequência, mas como frutos de um processo geral em que uma é importante para a ocorrência da seguinte e assim por diante.

Por isso, conforme os internos respondiam às perguntas iniciais, foi-se iniciando uma discussão coletiva acerca da vida deles e do texto. Desse modo, eles tornaram-se capazes de perceber que muito do que eles viveram também está relacionado com a experiência daquele menino do texto, mas que isso não é

resultado de uma boa leitura. Com isso, rompeu-se a ilusão formada acerca do texto e este começou a se articular em volta de um sentido mais ou menos comum a todos, já que deixou de “ser para mim”. Entrou-se, aqui, na segunda fase: a *Constituição coletiva do significado*.

Algumas perguntas nortearam a articulação do significado: “O texto fala de quem? Sobre o que o texto fala?”; “Que outras pessoas aparecem no texto? Que papel tem essas pessoas na história?”; “Quais os sentimentos do menino em relação às outras pessoas que participam da história?”; “Onde se passam os fatos narrados?”; “Houve alguma transformação do menino entre o começo e o final da história? O que pode ter provocado essa transformação?”; “É possível dizer em quanto tempo se desenrolou a história?”; “A passagem do tempo contribuiu para alguma transformação da personagem? Como?”; “Todos os fatos relatados realmente aconteceram na história ou alguns são imaginários? Quais aconteceram e quais são produtos de sua imaginação?”; “Qual trecho do texto chamou mais a sua atenção? Qual aspecto do texto despertou sua atenção?”.

Conforme os detentos eram indagados, eles acionavam os elementos que já tinham sido elaborados e discutidos durante o debate em grupo. Em seus comentários escritos, as respostas foram as mais variadas; no entanto, alguns exemplos retomam a questão da imaginação do garoto como sendo uma peça chave para a compreensão da história:

No 1º texto ‘herói’ eu entendi que o garoto era muito sonhador, tanto que sonhava acordado em batalhas guerriando e atirando batendo o tambor, salvando um sujeito ferido e gritando para os companheiros, atirando, era tudo de sua imaginação. Derrepente se deparou em uma situação real um cachorro atravessa a avenida e é atropelado (...) (I. F.).

O texto o herói; fala de um menino que sonha acordado. Em sua imaginação ele cria vários personagens, mais em todos ele quer ser o personagem principal. Quando a pessoa sonha muito alto, ela esquece o que acontece ao seu redor, e foi o que sucedeu com o menino (A.G.P.).

Todas essas respostas foram frutos de uma discussão coletiva sobre a personagem. Outros pontos mereceram relevância, como a importância da morte do cachorro para o amadurecimento do menino, a discussão e o castigo dos pais, o fato de o cachorro ser ou não do menino (muitos internos, mesmo depois da discussão e do trabalho com o texto, ainda apostavam nessa afirmativa, apesar de ela não ser

possível, como a análise realizada demonstrou), entre outros. Dessa forma, foram levantadas hipóteses sobre a personagem, sua função e sobre a dicotomia herói/vilão.

Com o levantamento de hipóteses, o texto passou a ter um significado formado para eles, significado este que acarretou uma compreensão um pouco mais crítica do texto. Muitos internos ficaram na fase da *Leitura primária* e não conseguiram ultrapassá-la; outros conseguiram levantar hipóteses e tecer comentários críticos acerca do texto. No entanto, apesar da criticidade nas discussões, esses leitores não ultrapassaram a fase da *Constituição coletiva do significado*. Desse modo, ficou o grupo dividido entre aqueles que compreenderam o texto a partir da mediação do pesquisador, e aqueles que ficaram na etapa do *texto para mim*.

O ponto que concentrou a crítica e as hipóteses dos internos foi a dicotomia herói/vilão: “Quem é o herói? Quem é o vilão? É o menino ou é “o homem do posto de gasolina”?”. Em discussão oral, a maioria dos internos disse, inicialmente, que o “homem do posto de gasolina” era um vilão por ter matado o cachorro, mas que o menino o via como um herói, tanto que fez de tudo para se parecer com ele depois. Um dos internos (A.D.M.) assinalou, em discussão oral, que a mudança da visão do garoto, em relação ao homem, deu-se no momento em que ele saiu do quarto, pois, segundo ele, se antes ele havia ficado triste com o acontecido, depois decidiu ser um detetive parecido com o espião que ele vira na televisão e no “homem do posto de gasolina” de quem tomara a autoria do sacrifício do cachorro.

Essa leitura comprova a compreensão maior do texto feita por alguns internos. Eles conseguiram visualizar a situação e criar hipóteses de leitura dentro do que era esperado pelo texto. Dessa forma, alguns comentários críticos fazem com que percebamos que houve a formação de uma leitura mais ampla, preenchendo espaços vazios do texto.

Eu vejo no meu ponto de vista que o menino é e não é herói, sabe por quê? Na parte que eu acho ele herói é na superação, para um menino é difícil presenciar uma morte, pode ser tanto a morte de um animal ou de um ser humano. Por ele ter conseguido superar este fato eu o considero um super herói. Mas por outro lado eu o vejo como um vilão, quando você quer ser superior a outra pessoa ou mente para querer ser o que não é, isto te faz sitorna em um vilão. (A.D.M.).

Essa posição crítica e o entendimento da relação autor-texto-leitor são responsáveis por uma melhor compreensão do texto literário. A discussão e a leitura de *O herói*, de Domingos Pellegrini, foram os primeiros passos para uma reflexão mais aprimorada do texto literário por parte dos detentos.

5.2.2 BIRUTA, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

O texto *Biruta*, de Lygia Fagundes Telles, relata a história triste de um menino solitário, morador de uma mansão e dono de um cachorro. O menino vivia sob os cuidados da empregada da casa e também prestava serviços domésticos ali. Um dia, a dona da casa resolveu dar um sumiço no cachorro do menino, na véspera do natal. Acreditando apenas que o amigo iria dar um passeio, o menino não se opôs à separação; no entanto, ao saber que o cachorro fora embora, ficou mais triste ainda e sonhava com ele e com suas peraltices.

O trabalho com esse texto pautou-se em questões que abordavam primeiramente a apreensão pessoal do texto por parte dos detentos e, em seguida, aspectos que os detentos considerassem importantes. Desse modo, as questões não foram sistematicamente preparadas, mas fluíram conforme a discussão e apresentação do texto.

A leitura de *Biruta* foi mais um exemplo do quanto é importante a discussão e a interpretação coletiva de textos literários. Como podemos perceber nas falas dos detentos, é na discussão coletiva que eles perceberam os espaços em branco do texto e que devem ser preenchidos por leitores capazes de compreendê-los.

É importante ressaltar o modo simples como os detentos processaram a leitura do texto literário. Isso porque suas vivências e seu conhecimento de mundo, em alguns pontos, entram em contato com a solidão, o desprezo e a saudade vivenciados pelo menino do texto.

Somente dois detentos escreveram diários de leitura sobre esse texto. Em todos os diários, eles reproduziram trechos da história sob a forma de um resumo, sendo que alguns mencionaram um ensinamento ou discutiram moralmente determinado pedaço do texto, além de relacioná-lo com a própria vida:

Alonso tem o biruta como seu grande amigo conversa, brinca e briga. Biruta é muito bagunseiro gostava de ficar mordendo as meias de dono zulu e a carterinha de Leduína. Foi por essas brincadeira Alonso ficou sem seu melhor amigo seu cachorro biruta. Eu achei essa história triste, porque acabou triste, me fez lembra também quando eu tinha 11 anos e tinha um cachorro malhado tinha muitos mas aquele era o que eu mais gostava infesmente ele morreu atropelado (I. F.).

O relato de A.D.M. apenas complementou o anterior, ao dizer que “com certeza a separação dele e de seu amigo o marcou muito”. Em todos os relatos, a estrutura se repete, pois os detentos procuraram escrever exatamente aquilo que leram, comentando alguns trechos que acharam importantes. Como esses relatos eram escritos antes dos encontros com os professores, a impressão que se tem é de que eles esperavam o momento de dialogar com os professores para tirarem suas dúvidas, seja por medo de errar ou por dificuldades que possam ter encontrado na leitura dos textos.

Alguns pontos chamaram a atenção na análise dos diários escritos pelos detentos. Um deles, o mais aparente, foi a interpretação restrita de alguns termos encontrados no texto. A escolha de determinadas passagens demonstra a insegurança e a dificuldade em processar a leitura como um todo, além de deixar à mostra o equívoco que se faz, ao imaginar que, interpretando pedaços do texto, pode-se chegar a um sentido uno.

Além dos dois “mecanismos de leitura” apontados anteriormente, um outro muito evidente no discurso dos detentos é o de analisar moralmente cada texto, como se todos trouxessem um ensinamento. Segundo A.D.M., o texto foi “uma oportunidade de aprender mais sobre as crianças”.

O que apresentamos aqui é uma breve discussão sobre como a leitura pode vir vinculada a aspectos limitadores. Tanto o resumo do texto visto como expressão de uma opinião própria quanto a busca por respostas em trechos isolados ou o apelo moral demonstram claramente a dificuldade que esses detentos, vivendo uma situação de exclusão social, têm em relação à produção individual de sentido e posterior *Constituição coletiva do significado*, como nomeou Kügler (apud MARTHA, 1987).

5.2.3 MINSK, DE GRACILIANO RAMOS

Minsk, de Graciliano Ramos, traz a relação criança/animal e o mundo fantasioso do universo infantil em sua temática. A história gira em torno da menina Luciana, que ganha de presente um “periquito grande, com manchas amarelas, andava torto, inchado, e fazia: - ‘Eh! Eh!’” (RAMOS, 1988, p. 82). Ao receber o presente, a menina sente uma “mistura de admiração e triunfo” (RAMOS, 1988, p. 82). Luciana era uma criança muito desinibida e, sem agradecer o presente, pensa logo em batizar seu novo amigo. Para isso, abriu um Atlas e deixou que o bicho andasse pelas terras ali representadas até parar em um lugar chamado Minsk, na antiga União Soviética. Ficou assim nomeado: Minsk. Luciana andava com o animal como se ele fosse outra criança; mostrou-lhe tudo, deu-lhe conselhos e recomendações. Conselhos e recomendações eram muito amigos de Luciana de quem a sua mãe não parava de cuidar um só momento, tamanha a esprevidação. Minsk gostava de passear sozinho pela vizinhança, mas sempre voltava para o aconchego de Luciana. Esta tinha um hábito terrível: andar de costas. Nunca olhava por onde andava. Um dia, pisou “num objeto mole”: Minsk, transformado em uma “trouxa de penas ensanguentadas”. Luciana matara seu amigo, mas tenta fingir que nada acontecera.

Nesse texto, a imagem da criança é associada a um aprendizado duro que, muitas vezes, acontece durante a infância: a morte. Os animais, para o universo infantil, servem de condutores para exercitar nas crianças o afeto, o cuidado, o respeito e a necessidade de elementos básicos que garantam a sobrevivência de uma determinada espécie. No entanto, em Minsk, esse exercício de formação individual sofre um corte repentino, com a morte do periquito.

A morte de Minsk representa a impossibilidade da liberdade verdadeira, do amor verdadeiro. Além disso, o causador dessa impossibilidade é o próprio ser humano, representado por uma criança.

Esse texto não foi discutido abertamente na PEM, constituindo-se como um texto de apoio que os detentos leram nas celas. Foram escritos 2 diários de leitura sobre esse texto.

No primeiro diário, de C.E.O., encontramos um pequeno resumo do texto e uma lembrança de um animal de estimação do leitor: “este texto trouxe em mente

algumas passagens de quando criança, eu tive um cachorro que era muito engraçado e arteiro”. Esse fato poderia ter sido relatado nos diários dos textos *O herói* e *Biruta*, que possuem o animal de estimação cachorro em suas histórias. No entanto, foi em relação a *Minsk* que o leitor se lembrou de escrever sua história.

Há uma repetição na estrutura encontrada em alguns diários: resumo breve do texto e comentário a partir de uma experiência pessoal. No segundo diário escrito sobre *Minsk*, do leitor A.D.M., há apenas uma listagem das personagens e um breve comentário sobre o texto: “uma observação que acho importante citar é, a maneira como o periquito influenciou na mudança do comportamento da menina”.

Até mesmo a forma sucinta de alguns diários tem algum propósito, pois, muitas vezes, percebemos que, ou os leitores não entenderam o texto e preferem não comentar, ou não possuem nenhuma experiência de vida para relacionar com aquele texto e, portanto, não dão muita atenção a ele.

5.2.4 OUTROS DIÁRIOS

Apenas um diário com comentários gerais foi escrito sobre os três textos que tratavam de animais de estimação. Esse diário foi o do leitor L.F.

Alguns pontos mostram-se interessantes para serem analisados. O primeiro deles é a repetição, por parte desse leitor, do seu desinteresse por textos “infantis”, achando todos “piegas”.

Sou a pessoa menos indicada para opinar sobre o assunto. Principalmente porquê existe uma maneira quase generalizada dos escritores infantis conduzirem suas histórias por caminhos que levam a criança às lágrimas. Essa tendência vem se desvanecendo. Atualmente as crianças têm se ligado mais em histórias cheias de ação, mas infelizmente com pouco teor moral.

Nessa mesma passagem, já se encontra outro ponto a ser analisado: o teor moral. Em praticamente todos os diários, os leitores procuraram demonstrar moralidade, aprendizado ou abstração de conhecimentos. No ambiente em que esses leitores se encontram isso é uma regra, que, se não for seguida, acarretará punições.

Os traços psicológicos dos personagens foram os que mais chamaram a atenção desse leitor. Ele se preocupou não em resumir brevemente as três histórias,

mas em demonstrar que analisou as personagens e suas ações, o que facilitou sua compreensão dos textos: “os escritores não se limitaram em descrever simplesmente as personagens fisicamente, mas também marcando os traços psicológicos, selecionando e ressaltando aspectos considerados importantes para a caracterização dos personagens”.

Essa compreensão das características das personagens e de suas funções demonstrou que esse leitor ultrapassou a *Leitura primária* de Kügler (apud MARTHA, 1987), chegando à *Constituição coletiva do significado*. Independentemente do fato de o grupo de leitores não ter feito essa passagem a partir das discussões nas oficinas, esse leitor conseguiu abstrair os pontos-chave do texto, suas temáticas, seus espaços em branco, mesmo que não tenha tido competência para preencher todos eles.

Em vários momentos, o leitor analisa o texto do ponto de vista da sua construção, apontando sua temática: “a morte está também no seu final melancólico”; “[...] nesse texto a intenção da autora é descrever o comportamento do garoto e do cachorro no convívio familiar, ressaltando o aspecto psicológico do garoto”, e a relação entre o espaço e a ação das personagens: “a autora descreve muito bem o ambiente familiar com o qual o papagaio foi morar, a maneira como foi escolhido seu nome, e as pessoas que lhe rodeiam. A menina, uma solitária como sempre”.

Essa segunda antologia foi a mais produtiva do ponto de vista do conteúdo dos diários e das discussões. *Minsk*, *O herói* e *Biruta* foram os textos que mais agradaram aos leitores, que demonstraram facilidade em ler e entender os textos, mesmo que superficialmente.

A proximidade com o tema facilitou o desenrolar das oficinas e foi a partir dessa antologia que os indivíduos leitores participantes do Projeto começaram a entender o porquê de se preocupar com a construção do texto, com as perguntas que os textos nos fazem, com as reais intenções dos autores (ISER, 1999).

5.3 COMPORTAMENTOS INFANTIS

Nessa terceira antologia, selecionamos três textos: *O menino mais novo* e *Inferno*, ambos de Graciliano Ramos, e *Os Netos de Lennon*, de Walcyr Carrasco.

Esses textos abordam meninos diferentes. O primeiro possui uma admiração grande pelo pai que não o percebe, o segundo traz a curiosidade infantil como tema, enquanto o terceiro discute as atitudes “mal-educadas” das crianças do século XX – XXI.

Poucos diários foram escritos sobre esses textos, pois eles não foram discutidos abertamente na PEM. Após a discussão da segunda antologia, houve a inserção da escrita de textos nas oficinas¹⁵, diminuindo, assim, a escrita dos diários.

Isso não constituiu um problema na análise do material, pois o nosso interesse primeiro não é a quantidade, e sim verificar a presença de marcas que evidenciem como esses indivíduos leitores leem o texto literário.

No entanto, ficou evidente que, para textos não discutidos abertamente na PEM, o número de diários foi bem menor do que para aqueles que foram discutidos e analisados durante as oficinas. *O menino mais novo* e *Inferno*, de Graciliano Ramos, e *Os Netos de Lennon*, de Walcyr Carrasco, são exemplos disso, visto que apenas um leitor (A.G.P.) escreveu diários sobre esses textos.

5.3.1 O MENINO MAIS NOVO, DE GRACILIANO RAMOS

O menino mais novo é o quinto capítulo do livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Assim nomeado em toda a obra, “o menino mais novo” é o filho mais novo da personagem Fabiano, protagonista da história.

Uma das características principais dessa obra de Graciliano Ramos é o fato de se parecer com um romance e um livro de contos, ao mesmo tempo. Seus capítulos formam pequenos recortes e são autônomos. O que os une são alguns temas recorrentes: o problema da linguagem, a paisagem, a antropomorfização, dentre outros.

Cada personagem possui um capítulo próprio, caracterizando a solidão em que vivem. No caso de *O menino mais novo*, este procurava o tempo todo parecer-se com o pai: “Evidentemente ele não era Fabiano. Mas se fosse? Precisava mostrar que podia ser Fabiano” (RAMOS, 1969, p. 88).

¹⁵ O Projeto “Literatura, Leitura e Escrita: a resignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social”, já em seu título, promovia a interação entre a leitura de textos literários e a escrita de textos por parte dos detentos, acreditando que, quanto maior o repertório de leitura de um indivíduo, mais ele teria o que escrever.

A todo momento, o menino procura identificar-se com o pai, que, vestido para domar uma égua, torna-se o seu herói. Apesar do tratamento grosseiro que este lhe dispensa, o menino mais novo não desiste de realizar façanhas como a do pai. Um dia, imagina estar vestido como Fabiano e vai domar um bode bravo. Sua proeza torna-se uma luta da qual não sai vencedor. O seu irmão ri o tempo todo e provavelmente irá ser castigado pelos pais. Mesmo derrotado, continua sonhando com o que pode vir a ser um ato de heroísmo diário no seu futuro.

O uso do tempo verbal demonstram os sonhos do menino mais novo e, ao mesmo tempo, o quanto esses sonhos ficariam no passado, impossibilitados, talvez, de crescerem e se tornarem reais.

Sobre esse texto, foi escrito somente um diário de leitura, de A.G.P. Nesse diário, o leitor recontou a história, com suas palavras, e com alguns pontos controversos. O leitor compreendeu que “nesse texto fica um ar de inveja, o menino mais novo tem sonhos e admiração pelo seu irmão Fabiano [...] seu irmão gostava de montar na égua alazã [...] cada dia que passava a admiração por Fabiano alimentava, o menino mais novo queria ser como seu irmão [...]”. Na verdade, Fabiano não é o irmão do menino mais novo, e sim seu pai. Não é Fabiano quem ri dele quando ele tenta montar um bode, mas o menino mais velho, seu irmão de verdade.

Essa leitura superficial foi comum em praticamente todos os diários escritos pelos detentos. A grande maioria demonstrava dificuldade em ler passagens específicas dos textos. Os textos escritos em uma linguagem mais simples não causaram dificuldades para a compreensão dos indivíduos leitores, mas textos com uma linguagem mais apurada, como os de Graciliano Ramos, acarretaram dificuldades para um leitor não habituado com o ato da leitura.

5.3.2 OS NETOS DE LENNON, DE WALCYR CARRASCO

O texto *Os netos de Lennon*, de Walcyr Carrasco, conta a história de um homem que, um dia, recebeu em sua casa a visita de um casal e de sua filha autêntica. Para a menina, nada estava bom e os pais não se incomodavam com o mau comportamento da filha. O narrador utiliza essa visita como primeiro exemplo

para discutir o comportamento da nova geração de crianças, que mandam em seus pais.

Segundo o narrador, os pais dessas crianças desconhecem o sentido da palavra “não”, criando filhos que se revelam alheios a toda e qualquer forma de educação.

Esse texto não foi utilizado pelos mediadores como objeto de discussão nas oficinas da PEM, sendo apenas um texto complementar. No entanto, um detento, A.G.P., escreveu um diário de leitura sobre ele. Com suas palavras, ele reproduziu o assunto tratado pelo texto. Segundo ele, “neste texto fala de como os pais estão sendo improdente ao educar os filhos”.

Além disso, A.G.P. demonstrou ter compreendido alguns trechos do texto, principalmente aqueles em que são dados conselhos relativos ao modo como fazer com que os filhos sejam pessoas boas:

para que o filho seja bem educado e preciso que os pais sejam prudente, em saber dizer não nas horas certas e sim nas horas exatas. As vezes é difícil dizer para os filhos não, mas isto tem que acontecer com frequência porque se não os pais vão se lamentar até o fim de sua vida.

O diário todo trouxe marcas de ensinamento, de conselhos. Há apenas um ponto controverso, no que diz respeito aos “netos de Lennon”. Isso não foi bem explicado pelo leitor, deixando dúvida se ele entendeu que “os netos de Lennon” é toda uma geração que não aceita o “não” como resposta ou se ele entendeu que “os netos de Lennon” são parte de uma mesma família: “falou que os netos de Lennon não estão sendo bem educado pelos pais, deixa os filhos fazer o que bem entender”.

5.3.3 O INFERNO, DE GRACILIANO RAMOS

Em resumo, esse texto conta a história de um menino questionador, inquieto, curioso, esperto e cheio de porquês. Ele questiona a mãe sobre tudo, até chegar o dia em que deseja saber como é o inferno. O menino queria saber por que “o inferno era um nome feio”, por que não podia ser nomeado, como ele era e coisas do gênero. A mãe começou respondendo generalidades que não satisfizeram o filho: falou que no inferno havia “fogueiras enormes, tachas de breu, vítimas e demônios”,

até que o menino perguntou se a mãe já estivera lá. Ela ignorara sua pergunta, afirmando apenas que não e continuando a narração sobre o inferno, local de diabos, fogo, “almas supliciadas”, “almas nadando em breu”. Muito curioso, ele resolve perguntar se os padres já tinham estado lá e a resposta foi não. De repente, o menino começa a dizer que tudo aquilo é mentira e conversa. A mãe, então, decididamente aplica-lhe umas boas chineladas pela afronta.

Esse texto também não foi utilizado pelos mediadores como objeto de discussão nas oficinas da PEM, sendo apenas um texto complementar. No entanto, um detento, A.G.P., escreveu um diário de leitura sobre ele, em que reproduz, com suas palavras, a ideia do texto: “[...] um menino de 6 anos procura achar resposta para suas dúvidas. Ele pergunta a sua mãe o que significa inferno, sua mãe esprica, mas para ele fica algumas dúvidas”.

Nesse diário, não encontramos nenhuma marca diferente dos diários anteriores. Contudo, dessa vez, o leitor limitou-se a contar o ocorrido no texto, sem apegar-se em ensinamentos, sermões ou conselhos. O fato interessante deu-se pelo fato de esse texto tratar de um fundamento religioso: o inferno. Esperava-se que, sobre textos que abordassem qualquer aspecto de religiosidade, os detentos tivessem o que escrever; entretanto, com esse, ocorreu exatamente o contrário: eles não escreveram, abstiveram-se de emitir opiniões sobre um lugar misterioso onde se punem pessoas que cometeram “pecados” aqui na Terra.

5.4 PESSOAS QUE MARCARAM A INFÂNCIA

Nessa quarta e última antologia, seguindo a divisão adotada nesta dissertação, trabalhamos com figuras marcantes na vida de crianças: o avô, os pais e um estranho que causava medo. Os textos dessa antologia foram os seguintes: *O avô secreto*, de Moacyr Scliar; *O canteiro do meu avô*, de Adriano Messias; *A casa dos mistérios*, de Miguel Jorge; e *Ai que saudades que eu tenho*, de Tatiana Belinky.

Em todos esses textos, a curiosidade infantil misturou-se com a imagem de pessoas que influenciaram de alguma forma a infância das crianças-personagens ou das crianças-narradoras. Esse fato é comum na fase da infância, o que justifica a sua presença nesta coletânea e nos textos trabalhados com os detentos.

5.4.1 O AVÔ SECRETO, DE MOACYR SCLiar

Esse texto conta a história de três amigos de classe média alta que recebiam presentes generosos de seus avós em todas as datas comemorativas e competiam em relação a isso. Um dia, muda-se para essa mesma rua um menino chamado Rafael. Ele não era rico como os outros e não estudava na mesma escola, mas era um menino considerado muito inteligente; não tinha os mesmos brinquedos, mas não se importava com isso. Apenas uma coisa perturbava Rafael: a palavra avô. Segundo Rafael, seu avô era inválido e não saía de casa, mas contava histórias e aventuras incríveis, sendo essas histórias os presentes que ele ganhava. Assim, Rafael começou a recontar as histórias de seu avô. O avô de Rafael vivia mil e uma aventuras e os meninos se encantaram com isso. Um dia, o narrador-personagem foi acompanhar um enterro e entrou em um cemitério. Lá se deparou com o túmulo do avô de Rafael que morrera dois anos antes. Apesar de sentir vontade de desmascarar o amigo, não o fez. Logo depois, Rafael vai embora com a família e o narrador-personagem nunca mais ouviu falar dele, mas guardou para si todas as histórias vividas ou contadas pelo avô de Rafael.

Esse texto não foi discutido abertamente na PEM, constituindo-se como um texto de apoio que os detentos leram nas celas. No entanto, foram escritos 2 diários de leitura sobre esse texto. Ambos apenas recontam a história, sem nenhuma análise adicional que mereça ser relatada.

O primeiro é do leitor L.F. Esse leitor conta a história, fazendo um pequeno comentário sobre o texto: “esta é uma história muito bonita”. Acredito que este foi um dos poucos textos de que tal leitor realmente gostou.

O segundo diário é de A.G.P. Esse leitor escreveu um diário longo sobre a história de *O avô secreto*, de Moacyr Scliar. Ele reconta a história com suas palavras em parágrafos curtos, mas, em alguns momentos, utiliza as mesmas palavras encontradas no texto.

No final do seu diário, A.G.P. interpreta a ação do menino Rafael, que criara um avô fictício: “Rafael se sentia uma pessoa sozinha, por isso usava sua imaginação, era algumas vezes mentira mas não fazia mal a ninguém”. O fato de ser sozinho e de sentir a necessidade de conversar com alguém (ter amigos), segundo o leitor, justifica o fato de Rafael mentir algumas vezes. Esse tipo de atitude,

tipicamente humana, predomina na fase da infância, podendo estender-se para outras fases da vida humana.

Durante a infância, as “mentirinhas” ou histórias da imaginação são comuns para suprir alguma necessidade infantil que só poderá ser satisfeita mais tarde. O leitor percebeu o fato de o menino utilizar a imaginação para conquistar amigos e entendeu ser isso algo normal na infância.

5.4.2 A CASA DOS MISTÉRIOS, DE MIGUEL JORGE

Esse texto de Miguel Jorge está situado na época da Segunda Guerra Mundial entre japoneses e alemães. O narrador-personagem, uma criança da época, ficava ouvindo às escondidas a conversa das pessoas mais velhas, principalmente os trechos que falavam de espões, guerras, bombas, aviões.

Na escola, nas ruas, em casa, em todo lugar só se falava na guerra e na possibilidade de ajudar o Brasil a vencê-la, já que nossos pracinhas também estavam ajudando. O narrador-personagem conta, então, que reuniu alguns amigos para descobrir os espões que se encontravam na cidade. Em uma madrugada, fingindo serem soldados de guerra, as crianças (5 meninos e 2 meninas) saíram à procura de espões e encontraram uma base de treinamento de soldados em uma mata próxima. No outro dia, ficaram sabendo da chegada de um alemão na cidade. Ele comprara uma “casa na esquina da rua de cima, bem longe do centro”, com muros altos e muito misteriosa. Esse alemão era dentista e o seu consultório ficava em sua casa.

Muito curiosos, o grupo de crianças decidiu ir conhecer o tal consultório na tentativa de descobrir se o tal alemão era mesmo espão. No dia seguinte, foram ao consultório e observaram toda a casa. Eles acreditavam estar sendo espionados a todo o momento. Nessa busca, ficaram conhecendo a esposa do dentista, “paralítica por causa da guerra”. No momento da consulta, o narrador-personagem é empurrado pelos amigos para dentro do consultório para ser o primeiro. Mesmo achando o alemão “simpático”, continuou pensando ser ele um espão. É atendido e quando sai do consultório, “pronto para contar mil histórias”, não encontra nenhum amigo do lado de fora.

Durante a leitura do texto, percebemos que a empolgação com o fato de haver um espião na cidade cresce não só nas personagens, como também nos leitores. Mas, depois que o grupo de meninos entra na casa da esquina, essa empolgação diminui, conforme vão surgindo indícios de que, apesar de ser alemão, o dentista estava fugindo da guerra.

Esse texto não foi discutido abertamente na PEM, constituindo-se como um texto de apoio que os detentos leram nas celas. Foram escritos dois diários de leitura sobre esse texto.

O primeiro texto é de L.F. Esse leitor resume a história e faz pequenos comentários sobre ela: “enfim uma história engraçada. Uma história infantil para todas as idades. Escrita numa época em que havia muita tensão, e uma paranóia levava todo mundo a pensar que éramos alvo de espiões nazistas”.

Como todos os comentários que tece, esse não foi mais pertinente do que os demais. Pelo fato de conhecer bastante sobre história e de ler bastante, esse leitor deixa claro a sua compreensão do texto. No entanto, não faz uma análise apurada, impedindo-nos de perceber se realmente compreendeu ou não a história.

O discurso utilizado por esse leitor, muitas vezes, denota um tom arrogante e de desprezo pelo tema Infância. Nas discussões durante as oficinas da PEM, esse leitor não pôde esconder o alívio quando se começou a apresentar o tema da Juventude.

No segundo diário, do leitor J. B., encontramos um breve comentário sobre a história, no qual se mescla a história em si e as conclusões que o leitor foi tirando, conforme avançava em sua leitura:

[...] mesmo assim aquelas crianças não deixaram de ir em busca da verdade, pois viram que não tinha espiões na cidade, que a guerra não chegaria até aquela pequena cidade, principalmente, descobrirão que a casa da esquina não era esconderijo de espiões, [...] um dentista, que procurava um lugar longe das tormentas de qualquer possibilidade de guerra.

Em uma leitura mais apurada, observamos que o leitor percebeu o fato de que o alemão não era um espião, e sim um fugitivo da guerra. Esse leitor não se prendeu muito em analisar esse fato; no entanto, a partir da conclusão a que chegou, podemos imaginar que ele tenha compreendido a história.

5.4.3 O CANTEIRO DE MEU AVÔ, DE ADRIANO MESSIAS

Com temática semelhante a *O avô secreto*, esse texto de Adriano Messias (2005) também traz à tona a figura do avô. Resumidamente, o texto conta a história de um menino chamado André, cujo avô tinha um canteiro de flores escondido das outras pessoas. Esse avô, quando faleceu, foi enterrado junto com suas flores e, em seu túmulo, cresciam girassóis. André conversava com seu avô através da imaginação, relembando fatos e acontecimentos que os uniram. Nessa história, também temos Bá, uma negra que nunca fora empregada de seus avós, mas que morava por ali. Para Bá, André importunava a alma do avô; no entanto, ele respondia que estava apenas “prestando uma homenagem a ele”, demonstrando que se lembrava dele.

Esse texto também não foi discutido nas oficinas da PEM. Somente um diário foi entregue: o do leitor A.G.P. O que se tem é novamente um recontar da história, com pequenos comentários sobre o que foi entendido.

No texto de Adriano Messias, há alguns trechos que só são entendidos no final da narrativa, quando se juntam e processam todas as informações, como, por exemplo, a presença física de Bá no sítio, o túmulo do avô de André no meio da mata e cercado por flores, dentre outros. O narrador conta alguns trechos da história aos poucos e isso pode prejudicar a compreensão de um leitor que não possui o hábito da leitura. No entanto, para A.G.P., a narrativa ficou muito clara e linear; por isso, ele a reconta sem omitir trecho algum.

Esse leitor foi o que mais produziu diários de leitura sobre o tema Infância. Comparando os seus diários escritos e relembando sua participação durante as oficinas, podemos vislumbrar um acréscimo em sua compreensão e em seu entendimento textual. Seu modo de ler foi evoluindo, conforme as oficinas aconteciam. Contudo, nenhum dos leitores participantes do Projeto chegou, de fato, a completar a segunda etapa dos *níveis da recepção* propostos por Kügler (apud MARTHA, 1987): a *Constituição coletiva do significado*. No entanto, como os textos foram discutidos e analisados junto com os leitores na PEM, percebemos que eles conseguiram apreender a importância e o funcionamento da personagem, do tempo ou do espaço para o enredo narrativo.

5.4.4 AI QUE SAUDADES QUE EU TENHO, DE TATIANA BELINKY

Esse texto traz o relato do adulto, lembrando o seu tempo de infância, principalmente a convivência com os pais. A narradora descreve as características que os pais possuíam e que os tornavam tão diferentes: o pai era suave, terno, enquanto a mãe era calorosa, temperamental.

Esse texto não foi utilizado pelos mediadores como objeto de discussão nas oficinas da PEM, sendo apenas um texto complementar. No entanto, um detento, A.G.P., escreveu um diário de leitura sobre ele, em que reproduz, com suas palavras, a ideia do texto: “Neste texto mostra a diferença de temperamento do pai e de sua mãe. Mas ambos são carinhoso com a filha”.

O leitor reescreveu os costumes do pai e da mãe e o relacionamento que estes construíram com sua filha. No fim de seu relato, A.G.P. escreveu: “ela gostava muito de ouvir seus pais discutir era uma escola para ela. Mas apesar de tudo ela sabia que tudo que seus pais fazia era para o seu bem seja brigar ou fazer carinho era para o seu bem”. Encontramos, nesse trecho, a presença de um ensinamento dado à menina, personagem do texto, e apreendido pelo indivíduo leitor como algo útil para sua próxima leitura.

Em todos os textos analisados, encontramos alguns pontos em comum: 1). Resumos das histórias; 2). Ensinamentos com teor moral retirados dos textos; 3). Pontos controversos entre as histórias e os diários dos leitores; 4). Identificação dos leitores com as personagens, exemplificando a etapa do “texto para mim”, na fase da *Leitura primária* de Kügler (apud MARTHA, 1987).

Nas quatro antologias organizadas, foram analisados 36 diários de leituras de nove leitores diferentes. Apenas três leitores, C.E.O., L. F. e A.G.P., são constantes em suas produções, somando, juntos, 22 diários.

O caráter flutuante do público impediu que todos seguissem uma linearidade em sua produção. Poucos participaram de todas as oficinas, pois alguns transferiram de turno, participando, posteriormente, das oficinas da manhã; outros receberam benefícios ou foram transferidos. Enfim, inúmeros caminhos tomaram esses sujeitos participantes da pesquisa. No entanto, apesar dessa instabilidade, eles refletem a importância de ações vinculadas à leitura e, principalmente, à importância da mediação para que a leitura ocorra no meio carcerário.

Muitos deles tiveram pouco contato com a leitura em suas vidas e demonstraram o gosto por ela em oficinas que duraram um curto período de tempo. Com o objetivo de ressignificar identidades, o Projeto “Literatura, Leitura e Escrita: a ressignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social” cumpriu seus objetivos e pôde partilhar um pouco da importância da leitura na construção humanística de um indivíduo.

6. QUASE NO FIM DA ESTRADA

Paralelamente às Oficinas de Leitura, ocorreram as Oficinas de Escrita. Depois da discussão das duas primeiras antologias – Apresentação do tema Infância e de personagens crianças e A criança e a relação com animais de estimação –, os detentos foram inseridos no contexto da Produção Escrita, através de Oficinas de Escrita.

Tanto as Oficinas de Leitura quanto as Oficinas de Escrita não tinham por objetivo ensinar a ler ou a escrever textos. As Oficinas de Leitura indicavam e apresentavam contextos, sentimentos, personagens, além de prepararem o caminho para que os detentos tivessem o que escrever. Durante a Leitura, os detentos passavam a refletir sobre as características dos textos e imaginavam histórias próprias. Além disso, os detentos procuravam observar o modo de organização de cada texto, para, posteriormente, montar os seus. Desse modo, as Oficinas de Leitura caracterizavam-se basicamente pela leitura, discussão dos textos e análise do roteiro textual criado pelo autor.

Nas Oficinas de Escrita, os detentos eram estimulados a pensar em planos de escrita (roteiros) para textos. Levados a pensar no que escrever, por que escrever, para quem escrever e como escrever, os detentos rascunhavam roteiros, antes de transformar suas ideias em textos propriamente ditos.

Após a escrita dos textos, era realizada uma reflexão compartilhada de textos pelos detentos e, a partir dessa discussão coletiva sobre os textos, era pedida a reescrita nas celas.

O fato de boa parte da produção de textos ter ido para as celas, do mesmo modo que ocorreu com os diários, comprometeu o recebimento dessas produções, pois poucas chegaram até os pesquisadores. No caso dos detentos que frequentavam as Oficinas no período da tarde, somente dez produções de texto foram recebidas, sendo duas reescritas. O número pequeno de produções deu-se por várias e diferentes razões: diminuição no número de participantes da tarde, transferências ou liberdade para os presos, outras funções realizadas durante a semana, medo de escrever e ser corrigido. Todas essas razões tiveram igual peso na produção tanto de diários quanto de textos por parte dos detentos.

Neste capítulo, pretendemos apresentar como as personagens crianças foram retratadas pelos detentos, após as leituras que tinham como foco essa etapa da vida. Para tanto, levamos em conta o perfil dos detentos e os comentários principais feitos por eles durante as oficinas.

Seis detentos produziram textos: J.B (1 texto); I.F. (1 texto); A.G.P. (1 texto); L.F. (2 textos); C.E.O. (1 texto); N.P.S. (4 textos).

O primeiro texto analisado é de J.B, que escreveu um texto apenas. Intitulado “Pais e Filhos”, tal texto era dedicado às crianças do Brasil, para que elas cuidassem dos seus pais. O autor citou o fato de ter perdido os “pais cedo de mais antes de poder desfrutar tudo que eles tinha para me oferecer”.

Relembrando a produção inicial realizada por esse mesmo detento no início do Projeto “Literatura, Leitura e Escrita: a ressignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social”, tínhamos uma produção que relatou a morte de seu pai e os acontecimentos posteriores a isso. Na nova produção, J.B. retomou a mesma temática, agora sob a forma de reflexão. Assim, ele escreveu: “Gostaria de pensar a sim quando eu os tinha, talvez ate poderia ter evitado as tragedias que a acontecera e telos comigo hoje, assim dizer a eles o quanto são importante em minha vida, quanto sinto falta do carinho deles, principalmente a mãe”.

Nesse momento, o detento mudou o tom e passou a falar de “amor de mãe”. A presença, ou melhor, a falta dos pais foi o tema central desse texto. J.B. buscou uma definição para esse “amor de mãe”:

Amor de mãe é lembrar as noites quando ele entrava no quarto para ver se estava dormindo, se estava coberto, as manhãs que mi acordava para ir a escola, os cuidados com a minha roupa, como olha as minhas orelhas para ver se estava bem limpas, ela me servindo as refeições, até as veis que eu batia como fórmula de me educar. Tudo isso para mim é um grande amor, amor de mãe crianças...

Dirigindo-se a um leitor, “as crianças do Brasil”, J.B. produziu um texto que ensinasse outras crianças a respeitar seus pais, tratando-os com cuidado e carinho. No entanto, esse detento não conseguiu fugir da função de personagem, misturando as suas impressões, a sua história e os seus sentimentos com os ensinamentos que queria transmitir. Desse modo, J.B. criou a imagem de uma criança que deve ser amorosa, carinhosa, obediente, confundindo essa imagem com a da criança que ele gostaria de ter sido.

O segundo texto foi de I.F. Esse detento constituiu-se em um caso particular. Durante as discussões coletivas e também nas produções dos diários, I.F. sempre reproduziu, através de cópias, pensamentos ou de resumos, a sua leitura. No entanto, nessa única produção de texto, colocou-se como personagem para também, como J.B., falar do “amor de mãe”. A escolha desse tema deu-se durante a discussão coletiva, em que I.F. quis escrever sobre o mesmo tema que o amigo J.B.

Em seu texto, I.F. referiu-se à sua mãe. Ela é o seu destinatário. O detento começou contando um fato que ocorreu em sua infância para depois falar da falta que a mãe lhe fez:

Amor de mãe fui sentir sua falta, na minha adolescência, alguma coisa estava faltando, não era comida, não era roupa limpa nem o bolo de milho era carinho, atenção, abraço de mãe, um ombro onde eu pudesse colocar minha cabeça e falar de todas as minhas inseguranças.

Novamente, temos um texto que retratou um sentimento particular de um detento, um acontecimento de sua vida. Essa fusão narrador-personagem-detento criou a imagem de uma criança carente de afeto, solitária, que queria apenas “sentir um afago de mãe”.

O terceiro texto analisado foi de A.G.P., detento que mais produziu diários de leitura durante a fase da Infância, no Projeto “Literatura, Leitura e Escrita: a ressignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social”. Diferente dos demais detentos, que procuravam escrever narrativas, A.G.P. escreveu um poema. Durante a leitura e a produção dos diários, foi notória a dificuldade que os detentos tiveram em relação à leitura e análise de poemas, tanto que vários deles não possuem diários.

A.G.P. escreveu sobre um tema ligado à Juventude; porém, seu texto foi entregue na fase da Infância. O tema central foi a vida, que seguiu por um caminho errado. De acordo com o tema, em um texto sem título, o detento falou de abandono da família, dúvidas e incertezas em relação ao futuro, drogas e HIV, que foram vistos por ele como consequências de atos impensados. Um tom musical permeou todo o texto.

A imagem criada foi a de abandono e solidão. No entanto, essa imagem não se referiu a uma criança, e sim a um jovem, que, como o autor, se desviou do seu

caminho. Precisamos enfatizar que, para esta dissertação, a imagem da criança foi privilegiada.

O quarto e o quinto textos foram escritos por L.F. e representaram duas versões para o mesmo texto. À primeira versão deu o título de “Professorinha” e à segunda, de “Minha primeira professorinha”. Poucas mudanças ocorreram na estrutura do texto, de uma versão para a outra.

Nesse texto, L.F. contou, de modo romanceado, a sua primeira ida à escola e sobre a sua primeira professora. Em Fortaleza, onde morava com a família na década de 50, o narrador-personagem foi à escola pela primeira vez e, no meio de inúmeros sentimentos e impressões, o que mais lhe marcou foi o encontro com a sua primeira professora. Para ele, ela era vista como uma fada, “puro açúcar”.

Um dia, ele resolveu se declarar e disse que, quando crescesse, iria se casar com ela. A professora mandou um bilhete à mãe do narrador-personagem, pedindo para que ela viesse até a escola. As duas conversaram sobre o assunto e, à noite, os pais do então garoto davam gargalhadas, lembrando o comportamento do filho. O narrador-personagem disse não ter ficado magoado com a professora, mas gostaria que ela tivesse levado a sério o seu pedido.

Diferentemente das demais produções, que privilegiaram temas tristes (J.B.; I.F.; N.P.S.) ou ligados ao crime (C.E.O.; N.P.S; A.G.P.), esse detento foi o único que produziu um texto, lembrando um acontecimento que lhe marcou de forma positiva e que não estava relacionado ao crime.

A imagem criada foi a de um menino de seis anos, feliz, apaixonado pela professora e com uma família presente. Mais importante que a imagem criada para a criança, o que mais chamou a atenção foi a imagem da professora. Sob o olhar de um narrador adulto, essa imagem foi descrita de forma erótica:

Foi então que minha mãe me apresentou aquela fada, minha primeira professora. Fui flexado instantaneamente. Seu nome era Lucília. Era baixinha, magrinha, de olhar agateado e quente e sua voz era uma música suave que deixou meu coração em frangalhos. Acredito que tinha lá os seus 18 anos. Era puro açúcar. A professorinha brincava e cantava conosco como se nos conhecesse há muito tempo. Em pouco tempo estávamos familiarizados e encantados com ela.

[...]

Um belo dia, se fez ainda mais bonita e numa brincadeira de roda com meninos e meninas, ela se pôs a dançar, com as mãos na cintura, rebolando infantilmente, mas com graça e feminilidade. Tudo nela me deixava embevecido.

A imagem da professora sobrepôs-se a da criança, mas também colaborou para caracterizar a inocência infantil, ao se retratar a vivência de uma paixão platônica. Esses dois textos, a primeira versão e a reescrita, representam um autor-leitor diferente dos demais, com um repertório maior.

O modo como escreveu seus dois textos e seus diários demonstrou que L.F. possui um conhecimento maior do uso da língua e da criação literária. No entanto, faz-se necessário enfatizar que o desejo de reconhecimento e, principalmente, de mostrar regeneração são os principais objetivos de escrita desses detentos. A todo momento, esses indivíduos procuravam demonstrar valores morais, ensinamentos e apego a Deus. Com esse detento, isso não foi diferente. Entretanto, por ter um conhecimento maior que os outros, talvez isso tenha ficado mais camuflado.

O sexto texto foi de C.E.O. Esse detento participou somente da fase da Infância do Projeto “Literatura, Leitura e Escrita: a ressignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social”, possuindo um número significativo de diários de leitura. Somente um texto foi produzido por ele: “A teimosia de Thiago”. Apesar de ser uma história fictícia, em que o autor não se incluiu como personagem, a temática é o submundo do crime e das drogas.

O autor criou a personagem Thiago, que vivia nas ruas mentindo. Os pais eram pessoas de idade e não percebiam a revolta e o comportamento do filho. Thiago começou a se envolver com drogas e, junto com seu amigo Zezinho, passou a roubar para comprar mais drogas.

C.E.O. representou uma personagem que não era uma criança, e sim um jovem. Não havia, portanto, uma imagem de criança para definir. No entanto, percebemos que o seu comportamento era agitado, revoltado, mentia e gostava das ruas. Através dessas atitudes, C.E.O. deu vida a uma personagem próxima da sua realidade, podendo até ser essa uma personagem conhecida de sua vida.

Os quatro últimos textos foram escritos por N.P.S. Esse detento produziu dois textos: “O arrependimento” e “Continuação da história de Biruta”, e duas reescritas: “O arrependimento” e “O reencontro”.

Os dois textos intitulados “O arrependimento” contaram a história de Didi. Aos nove anos, entrou para o mundo das drogas, do tráfico e do crime. Aos dezessete, condenado pela vigésima vez, deu uma entrevista, falando sobre sua vida, seu arrependimento e sobre os seus sonhos. As diferenças encontradas entre os dois

textos foram somente na estrutura textual, nos diálogos e na pontuação. Não houve mudança no conteúdo da história.

A temática é o submundo do crime. O envolvimento com o consumo e tráfico de drogas e um assassinato formaram o centro da narrativa de N.P.S. Porém, o que chamou a atenção na construção do texto foi a entrevista concedida pela personagem a um repórter. Foi nessa passagem que Didi, a personagem da narrativa, demonstrou arrependimento, sentimentos e conselhos.

A todo momento, os detentos procuravam, de alguma forma, demonstrar regeneração e apego a valores morais. No referido texto, N.P.S., utilizou-se da personagem para dizer o seguinte: “eu diria o seguinte que sai dessa caminhada o quanto é tempo e que passe a dar ouvidos aos conselhos de seus pais e mãe, porque si eu tivesse dado ouvidos aos conselhos, eu não estaria aqui neste momento”.

Além disso, o detento afirmou ter objetivos na vida:

quero muito poder vencer o vício que tenho e poder voltar a ter uma vida digna, já voltei a estudar, quero ter a oportunidade de fazer alguns cursos profissionalizantes, pois quando eu poder sair eu possa ter mais chance no mercado de trabalho para conseguir um bom emprego, para poder ajudar minha mãe e meus irmãos.

Os objetivos de N.P.S. não são diferentes dos demais. Sair da prisão, arrumar emprego e “ter oportunidades” são pretensões de todos os detentos. Sabemos, todavia, que, muitas vezes, não é isso o que ocorre, pois o preconceito com o ex-presidiário é grande, impedindo-o de conseguir se manter em empregos dignos e longe do crime.

Além de objetivos, Didi, a personagem criada por N.P.S., tem sonhos:

- Você tem sonhos na vida?
- Sim.
- O que por exemplo?
- De terminar meus estudos e me formar.
- Você gostaria de se formar em que?
- Quero ser um professor.
- Por quê um professor?
- Eu acho uma profissão muito bonita, e desde que fui apresentado ao mundo do saber, sempre tive novidades pois a cada palavra nova que aprendo é como se uma nova janela se abrisse em minha vida.

Nesse último trecho, apareceu a figura do professor. Para os detentos, em sua busca por reconhecimento, os olhos do professor sobre qualquer produção deles era o mais importante, até mesmo no Projeto. O que eles mais queriam era

agradar e serem reconhecidos por isso. Ao falar do professor, N.P.S. utilizou palavras em tom poético, afirmando que novas janelas se abrem com a presença do professor.

Do mesmo modo que C.E.O. e A.G.P., N.P.S. não criou, nesses dois primeiros textos intitulados “O arrependimento”, personagens crianças. Apenas no início do seu texto temos uma menção de como a personagem Didi era na sua infância. Didi, que entrou para o mundo do crime aos nove anos, era uma criança rebelde que não ouvia os conselhos da mãe e era morador da favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, um ambiente rodeado de miséria e má qualidade de vida.

Não podemos afirmar que a personagem tenha se confundido com o narrador; no entanto, apresentou-se novamente o mundo do crime e da miséria, rodeando o protagonista.

Nos outros dois textos escritos por N.P.S., temos a continuação da história do cachorro Biruta, de Lygia Fagundes Telles, em uma produção e em uma reescrita. Durante a discussão do texto literário nas Oficinas de Leitura, esse detento interessou-se muito pela história de Biruta, achando triste a imagem do menino que perdera o seu cachorro. Esse texto de Lygia Fagundes Telles encontrava-se na antologia “A criança e a relação com animais de estimação”.

Entre a primeira versão, “Continuação da história do Biruta”, e a segunda, “O reencontro”, verificamos apenas uma melhora em alguns aspectos linguísticos do texto e também algumas explicações adicionais sobre a trajetória de Alonso depois da separação de Biruta.

Segundo a história de N.P.S., Alonso já estava com dezesseis anos e estudava em um colégio público próximo à casa de Leduína, a ex-empregada de seus pais adotivos e a quem ele considerava como sua mãe. Leduína tinha notícias sobre o paradeiro de Biruta. O cachorro estava na casa do “seu Cláudio”, diretor do colégio de Alonso. Biruta já tinha uma companheira e seis filhotinhos. “Seu Cláudio” deu um filhotinho para Alonso, que prometeu voltar para visitar o velho amigo.

A narrativa criada por N.P.S. é coerente ao texto original. Alonso, a criança que agora já é um jovem, continua marcado pela tristeza e pela falta de amor dos pais adotivos. A relação entre Leduína e Alonso é melhorada nesse texto, pois, apesar de próximos, os dois não aparentavam uma relação de mãe e filho. Leduína compadecia-se do menino, mas não o tratava propriamente como filho.

A imagem da criança que Alonso foi, representada por Lygia Fagundes Telles, continua a pairar sobre todo o texto de N.P.S. O detento conseguiu captar a imagem de tristeza do menino, a saudade e o sentimento que ele tinha pelo cachorro para inseri-los em um novo Alonso, agora com dezesseis anos. Contudo, também não se tem aqui uma personagem criança, mas a imagem da criança que Alonso foi está presente no Alonso jovem.

Nas dez produções textuais realizadas e entregues pelos detentos que participavam das Oficinas no período da tarde, temos, em relação à fase da Infância do Projeto, a seguinte constatação: 1). Escrita de emoções e histórias pessoais; 2). Histórias vinculadas ao mundo do crime; 3). Histórias com mensagens, conselhos, valores morais e ensinamentos.

Além desses três pontos importantes, foi relevante para a análise dessas produções o modo como as personagens foram construídas, principalmente as personagens crianças. Notamos que os detentos tiveram dificuldades para criar personagens com características infantis. Somente L.F., que contou uma história pessoal, conseguiu apreender a essência da fase infantil e a transportou para seu texto.

Não houve um distanciamento por parte dos detentos para a construção de suas personagens. Estas e os seus autores confundiram-se a todo momento. Do mesmo modo que nos diários de leitura, nas produções textuais, os detentos procuravam explicar as suas vidas e trajetórias a partir das personagens.

CAMINHO DE VOLTA

Neste trabalho, apresentamos um estudo da recepção de textos com o tema Infância por detentos de uma Penitenciária. Ao chegar aos resultados, descobrimos que o desafio em se formar leitores é grande. Simplesmente, pelo fato dos leitores formarem grupos isolados entre si. Grupos por terem características sociais, econômicas e culturais parecidas e isolados, porque cada um carrega em si o seu próprio repertório, as suas experiências de vida ou, de acordo com a Estética da Recepção, o seu próprio *horizonte de expectativas*.

Estes aspectos puderam ser revelados no decorrer da pesquisa, pois ficaram expostos nos instrumentos utilizados – nos questionários, nos diários e nas produções de texto. Em todo o *corpus* analisado nesta dissertação, percebemos a individualidade dos sujeitos envolvida em toda a homogeneidade do grupo formado pelos detentos.

Apesar de terem histórias de vida, conhecimentos e sentimentos semelhantes aos de homens que pagam uma dívida com a sociedade, todos os sujeitos envolvidos nesta pesquisa demonstraram também ter um modo todo pessoal para expor os seus sentimentos e as suas ideias. As leituras realizadas fluíram em forma de diários conforme os leitores sentiram essa necessidade.

O tema Infância e todos os textos envolvidos nesta etapa da pesquisa trouxeram à tona repertórios e histórias bem particulares. Histórias de sujeitos que se viram, a todo o momento, refletidos naqueles textos e naqueles personagens. No entanto, para que essa identificação ocorresse, com o intuito de levá-los a uma *Constituição coletiva do significado*, segunda etapa dos *Níveis de recepção*, de Kügler (apud MARTHA, 1987), foi de extrema importância a presença constante do mediador.

A mediação dos textos e as discussões coletivas acerca dos seus significados, roteiros, sentidos provocaram nos leitores uma identificação e até mesmo uma reflexão maior acerca do texto literário. Essa reflexão transpareceu no número de diários escritos para os textos mediados e para os não-mediados. Todos os textos discutidos coletivamente durante as oficinas tiveram diários escritos, no entanto, os textos considerados material de apoio obtiveram um número menor de diários.

Percebemos a relevância de trabalhar textos literários com indivíduos que vivem situações específicas, como o caso dos detentos de uma Penitenciária. Os conhecimentos prévios adquiridos por eles surgem de situações parecidas, vividas, muitas vezes, em um ambiente miserável. São essas situações que formam o horizonte de expectativas deles, já que poucos tiveram um contato efetivo com a literatura fora do cárcere.

Esse horizonte de expectativas formado nesses detentos surge o tempo todo nos diários de leitura que eles escreveram. As expectativas anteriores à leitura do texto literário chocam-se com as expectativas geradas durante a leitura e isso faz com que escrevam de um modo parecido e que vejam a literatura pela mesma visão unilateral da sociedade antropocêntrica, como se esse modo fosse o melhor e o mais verdadeiro.

Um ponto que alguns críticos consideram negativo, na Estética da Recepção, diz respeito a essa configuração de leitor. O leitor esperado, tanto por Jauss (1994) quanto por Iser (1996), é um leitor especial, com um horizonte de expectativas já formado, com habilidades e referências específicas. Seria um “leitor especializado”, que entenderia de literatura e dos fatores estéticos que a norteia. Dessa forma, somente os leitores com o perfil por ele proposto seriam “bons” o suficiente para serem avaliados.

Eco (1979, p. 58) discorre a respeito de um leitor pré-determinado ou *leitor modelo* (como ele define). Ele diz que

para organizar a própria estratégia textual, um autor deve referir-se a uma série de competências [...] Por conseguinte, deverá prever um Leitor-Modelo capaz de cooperar na actualização textual como ele, o autor, pensava, e de se mover interpretativamente tal como ele se moveu generativamente.

Independente da definição de um “leitor ideal” para o texto literário, não podemos esquecer que os leitores são reais, com experiências, valores e cultura. E tudo isso pode ter os seus pontos de deficiência e de incompreensão, dificultando o entendimento completo da obra literária. Cada leitor, ao seu modo, consegue construir significados pertinentes, mesmo não conhecendo a fundo conceitos e ideias dos estudos literários.

No caso dos detentos da PEM, a grande maioria não conseguiu abstrair significados simples dos textos literários, fazendo, assim, uma leitura superficial do

que o texto literário propõe. Essa distância entre os leitores reais e os ideais não diminui e nem deixa sobressalente a leitura de um dos grupos. Ambos são capazes de abstrair conhecimentos importantes sobre o texto literário, de acordo com o seu *horizonte de expectativas* e de sua necessidade.

Talvez a distinção entre leitores reais e ideais caia por terra ao nos depararmos com a humanização do texto literário. Ao recriar sentimentos e valores culturais, sociais e econômicos, a literatura torna-se também capaz de recriar indivíduos ou de resignificar identidades.

Tratando de indivíduos, seres humanos instáveis, não podemos retirar uma única conclusão acerca de suas leituras. Todas são retratos da humanidade existente em cada um deles. Todos aqueles homens carregam em si a dose de humanidade que lhes foi inculcada durante toda a sua história de vida.

Esta humanidade reflete o modo como pensam, leem, posicionam-se frente ao mundo e aos desafios. Todos os textos propostos foram desafios para aqueles homens. Desafios humanos, desafios que requisitaram esforço e dedicação, pois as dificuldades de leitura e compreensão apresentadas eram muito grandes.

Enfim, por se tratar de um estudo que compreendeu seres humanos e seus repertórios, este trabalho chega ao seu fim do mesmo modo como começou a ser gerado: caminhando.

A relevância desta dissertação está exatamente em deixar o caminho aberto para outras pesquisas em ambientes de exclusão. A leitura de textos literários no cárcere é só uma das possibilidades. Na área de Letras, e em suas subáreas, Linguística e Literatura, outros trabalhos podem ser desenvolvidos. A recepção de obras, a produção de textos, o discurso dos detentos e os sentidos produzidos por indivíduos que convivem em uma penitenciária são caminhos que podem ser seguidos e estudos que ainda estão por vir. Estudos como estes podem colaborar no entendimento de nossas práticas de Leitura e Escrita e fazer evoluir nosso modo de ver e ler o mundo.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. O leitor competente à luz da teoria da literatura. **Revista tempo brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 124, p. 23-34, jan-mar. 1996.
- AMADO, Jorge. **O menino grapiúna**. Rio de Janeiro: Record, 1981. p. 119-120.
- BAHLOUL, Joëlle. **Lecturas precárias**: Estúdio sociológico sobre “los poco lectores”. México: Fondo de Cultura Econômica, 2002.
- BELINKY, Tatiana. Ai que saudades que eu tenho. In: BASÍLIO, João; LEAL, Maria Teresa (Orgs.). **Meu tempo e o seu**. Belo Horizonte: Lê, 2005. p. 51-53.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura**: a formação do leitor: alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985. p. 3-39; p. 73-88.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Edusp, 1972.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.
- CARRASCO, Walcir. Os netos de Lennon. In: _____. **O golpe do aniversariante e outras crônicas**. São Paulo: Ática, 2000. p. 20-22.
- COMPAGNON, Antoine. A literatura. In: _____. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Ed. da UFMG: Belo Horizonte, 2001. p. 29-46.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ECO, Umberto. O leitor modelo. In: _____. **Leitura do texto literário**: lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos literários. Lisboa: Editorial Presença, 1979. p. 53-70.
- ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- ESCARPIT, Roger. **Sociologia da literatura**. Coimbra: Almedina, 1969.
- ESCARPIT, Roger. **Hacia una sociología del hecho literario**. Madrid: Edicusa, 1974, p. 11-43.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Tradução de Raquel Ramallete. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

HANSEN, João Adolfo. Reorientações no campo da leitura literária. In: ABREU, Marcia; SCHAPOCHNIK (Orgs.). **Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas**. São Paulo: Fapesp, 2005. p. 13-44.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. v. 1. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

ISER, Wolfgang. A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção. Tradução de Maria Ângela Aguiar. **Caderno do centro de pesquisas literárias da PUCRS: série traduções**. Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 1-47, março de 1999.

ROCHA, João C. de Castro (Org.) Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser. In: _____. **Teoria da recepção: reação a uma circunstância histórica**. Tradução de Bluma W. Vilar e João Cezar de C. Rocha. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JORGE, Miguel. A casa dos mistérios. In: JOSÉ, Elias. **Setecentos, setecentos**. v. 1. São Paulo: FTD, 1986. p. 71-79.

KÜGLER, Hans. Literatur unter kommunikation. Stuttgart: Ernst Klett, 1971. Tradução livre de Carlos E. Fantinati. In: MARTHA, Alice Áurea Penteado e outros. **O ensino da literatura**. Relatório de pesquisa, 1987. p. 34-38.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. Leituras na prisão: Negrinha de Monteiro Lobato. In: TURCHI, Maria Zaíra; SILVA, Vera Maria Tietzmann (Orgs.). **Leitor formado, leitor em formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2006.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. Leitores no presídio: histórias em construção. In: AGUIAR, Vera Teixeira; MARTHA, Alice Áurea Penteado (Orgs.). **Territórios da leitura: da literatura aos leitores**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2006b.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. Leitores em situação de exclusão social: instâncias mediadoras de leitura na Penitenciária Estadual de Maringá. In: _____. **Leitor, leitura e literatura: teoria, pesquisa e prática: conexões**. Maringá: Eduem, 2008.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. Leitores no presídio: leitura do texto literário e ressignificação de identidades. In: AGUIAR, Vera Teixeira; MARTHA, Alice A. P. (Orgs.). **Diálogos de Sevilha: literatura e leitores**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

MEIRELES, Cecília. Criança. In: QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de (Org.). **As palavras voam**. São Paulo: Moderna, 2005. p. 75.

MESSIAS, Adriano. O canteiro do meu avô. In: _____. **Histórias mal-assombradas do tempo da escravidão**. São Paulo: Biruta, 2005. p. 39-44.

MURY, Gilberto. Sociologia del publico literario. In: ESCARPIT, Roger. **Hacia una sociología del hecho literario**. Madrid: Edicusa, 1974. p. 205-218.

PELLEGRINI, Domingos. O herói. In: _____. **Tempo de menino**. São Paulo: Ática, 1991. p. 69-73.

PERONI, Michel. **Historias de lectura**: trayectorias de vida y de lectura. México: Fondo de Cultura Econômica, 2003. p. 17-40.

RAMOS, Graciliano. Minsk. In: VIANA, Vivina de Assis (Org.). **Graciliano Ramos**: literatura comentada. São Paulo: Nova cultural, 1988. p. 82-86.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. São Paulo: Martins Fontes, 1969. p. 85-91.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Fundamentos da estética do efeito: uma leitura. In: Rocha, João Cezar de Castro (Org.). **Teorias da ficção**: indagações à obra de Wolfgang Iser. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 117-130.

SCLIAR, Moacyr. O avô secreto. In: _____. **Histórias de avós e netos**. São Paulo: Scipione, 2005. p. 27-31.

TELLES, Lygia Fagundes. Biruta. In: _____. **Venha ver o pôr-do-sol & outros contos**. São Paulo: Ática, 1988. p. 51-9.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WELLERSHOFF, Dieter. Literatura, Mercado e Indústria Cultural. Trad. Teresa Balté. Hamburgo. **Humboldt**, n. 22, p. 44-48, 1970.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina. **Fim dos livros, fim dos leitores?** São Paulo: Senac, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – CARTA CONVITE

Título do Projeto: LITERATURA, LEITURA E ESCRITA: A RESSIGNIFICAÇÃO DA IDENTIDADE DE INDIVÍDUOS EM SITUAÇÃO DE EXCLUSÃO SOCIAL

Convite

Convidamos você a participar de um Projeto, pelo qual você será orientado para ler textos literários e escrever seus próprios textos. O Projeto tem o título **Literatura, leitura e escrita: a ressignificação da identidade de indivíduos em situação de exclusão social** e, em outras palavras, significa que você deverá dizer com suas palavras, após as leituras, como as suas experiências de vida são importantes para o reconhecimento de seu valor como cidadão, especialmente neste momento em que se encontram afastados da família e da sociedade. Assim, por meio do projeto serão realizados trabalhos de leitura de textos literários, de quadros com imagens e, a partir dessas leituras, você escreverá, com a orientação de professores e de participantes do Projeto, textos sobre as experiências que você sinta vontade de contar em prosa ou em versos. Queremos com isso ver se, por meio da leitura desses textos e de imagens que serão apresentadas durante os trabalhos, você gostaria de escrever textos que, deverão, se você consentir, compor um livro que poderá ser publicado. Os textos produzidos não se prestarão a outros objetivos, a não ser o de contribuir para o desenvolvimento da leitura e da escrita. Os textos serão corrigidos e avaliados pelos participantes do Projeto e só a eles serão encaminhados, a fim de que se reúnam aqueles que comporão o livro.

O Projeto será coordenado e desenvolvido por um grupo de professores e de alunos do Departamento de Letras e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Maringá – UEM, com a participação de professores da escola da PEM.

Você tem liberdade para aceitar ou não o convite. Também tem a liberdade de sair do Projeto, quando quiser.

Como pode perceber, você não correrá nenhum risco moral, nem físico, nem terá nenhuma despesa e, sempre que desejar, receberá informações sobre o Projeto. E, se você desejar que seu texto seja apreciado para compor o livro, poderá identificá-lo com seu nome verdadeiro ou com o apelido que você escolher.

Para aceitar o convite, você deve escrever seu nome completo, na primeira linha abaixo, fazer um X dentro do quadrinho que está antes de cada resposta com que você concorda e assinar no lugar da assinatura.

Eu, _____, **após ter lido e entendido as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas sobre o Projeto, com () Professora Marlene A. Barbosa (Diretora da Unidade Escolar da PEM); () Maria Bernardete G. Sanches (Chefe da Divisão Ocupacional); () Dagoberto Dias Ribeiro (Chefe da Divisão Assistencial).**

- Concordo, por livre e espontânea vontade, em participar do Projeto.
- Tenho liberdade para sair do Projeto, quando quiser.
- Tenho liberdade para identificar os meus textos com meu nome ou com o apelido que eu escolher.
- Autorizo a publicação do meu texto no livro que poderá ser publicado pelo Projeto.
- Autorizo a utilização dos meus textos para análises de uso da língua portuguesa ou para outros estudos dessa natureza.

Assinatura do convidado

Data: ____/____/____

Assinatura do responsável pelas informações

Data: ____/____/____

Responsáveis pelo Projeto

Profa. Dra. Alice Áurea Penteadó Martha

Departamento de Letras

Telefone: 44 – 3261-4889

Profa. Dra. Marilurdes Zanini

Departamento de Letras

Telefone: 44 – 3261-4889

Observação: Qualquer dúvida ou para maiores esclarecimentos procurar um dos membros da equipe do Projeto ou o Comitê Permanente de Ética em pesquisa envolvendo seres humanos (CODEP) da Universidade Estadual de Maringá – UEM, no Bloco 010, Sala 01, telefone 44-3261-4444.

APÊNDICE 2 – PRIMEIRO QUESTIONÁRIO

LITERATURA, LEITURA E ESCRITA: A RESSIGNIFICAÇÃO DA IDENTIDADE DE INDIVÍDUOS EM SITUAÇÃO DE EXCLUSÃO SOCIAL

QUESTIONÁRIO

1-Identificação:

Nome.....

Idade.....

Escolaridade:

() Ensino Fundamental: () 1ª a 4ª série () 5ª a 8ª série () Completo

() Ensino Médio () 1º ano () 2º ano () 3º ano () completo

Escola..... Cidade..... Estado.....

Cidade em que nasceu..... Estado.....

Data prevista para direito a benefício:

2- A família:

2.1- Qual a profissão de seus pais?

Pai.....

Mãe.....

2.2- Seus pais têm formação escolar?

() apenas o pai

() apenas a mãe

() ambos

() nenhum deles

2.3.- Qual o nível de escolaridade:

() do pai.....

() da mãe.....

2.4- Em sua casa havia:

() Rádio

() TV

() Aparelho de som

() Outros.....

2.5- Você tem lembrança de alguém que lia em sua família?

() apenas o pai . O que lia?.....

() apenas a mãe O que lia?.....

- () irmão ou irmã O que lia?.....
 () avô O que lia?
 () avó O que lia?.....
 () ninguém

2.6- Havia em sua casa objetos de leitura?

- () bíblia
 () revistas religiosas
 () livros de poesia
 () romances
 () revistas de atualidades
 () jornais
 () revistas em quadrinho
 () almanaques
 () outros.....

3- A infância:

3.1. Quando criança, o que você mais gostava de fazer? Numere, de acordo com a ordem de preferência (1 para o que mais gostava)

- () jogar ou brincar
 () ver TV
 () ouvir música
 () ouvir histórias
 () ler
 () escrever
 () outra.....

3.2- Quem lhe contava histórias?

- () o pai
 () a mãe
 () a avó
 () o avô
 () ninguém
 () outros.....

3.3- Cite uma ou mais história (s) ouvida (s) na infância

.....

3.4- Que sentimento essa (s) história (s) causava (m) em você?

- () Medo
 () Alegria
 () Tristeza
 () Outros.....

3.5- Cite uma (ou mais) história (s) que você leu na infância:

.....

3.6- Do que tratava (m) a (s) história (s)?

.....
.....
.....
.....

3.7- Esse (s) livro(s) lido (s) por você:

- () era(m) seu (s) ou de alguém de sua casa
- () foi (foram) retirado(s) na biblioteca escolar
- () foi (foram) emprestado (s) por um amigo
- () foi (foram) retirado (s) da biblioteca da cidade

3.8- Quando criança, você escrevia

- () somente na escola
- () em casa, quando tinha vontade

3.9- Você costumava escrever

- () poesias
- () historinhas
- () piadas
- () listas
- () cartas, bilhetes

3.10- Alguém em sua casa tinha o hábito de escrever?

- () o pai
- () a mãe
- () irmão ou irmã
- () o avô, a avó
- () ninguém

4- Hoje

4.1- Você continua estudando?

- () Ensino Fundamental
- () Ensino Médio
- () Outra.....
- () Não

4.2- Você costuma ler (Numere em ordem de importância):

- () somente para tarefas escolares
- () para se distrair
- () para aprender religião
- () para aprender coisas úteis

4.3- Você frequenta a biblioteca:

- () sempre
- () de vez em quando
- () nunca

4.4- Que tipo de leitura você procura na biblioteca:

- () ficção

- detetive/policial
- poesia
- religiosa
- escolar
- auto-ajuda
- Outra.....

4.5- Cite uma ou mais leituras que você tenha feito na biblioteca da PEM.

.....
.....
.....

4.6- Por que você fez essas leituras?

- trabalho escolar
- indicação de amigos
- indicação do professor
- escolha pessoal

4.7- Que gênero de leitura você gostaria de encontrar na biblioteca da PEM?

- pesquisa escolar
- romances
- poesia
- aventuras/ policiais/suspense
- ficção científica
- religiosa
- técnica (Assunto(s):.....)
- Outra (s).....

4.8- Você gosta de escrever?

- sim
- não
- muito
- muito pouco

4.9- Você escreve

- quando tem vontade
- quando lhe é solicitado por alguém

4.10- O que você escreve?

- poesias
- histórias, contos, “causos”, crônicas
- piadas
- cartas, bilhetes
- listas

4.11- Você já produziu algum texto do qual tenha gostado bastante ou que tenha agradado a outra pessoa?

- Não
- Sim. Do que tratava o texto?

.....

.....
.....

4.12- O que o levou a produzir esse texto?

.....
.....
.....

4.13- Por que lhe agradou ou agradou a outra pessoa?

.....
.....
.....

4.14- O que você gostaria de melhorar nos textos que escreve? Por quê?

.....
.....
.....

APÊNDICE 3 – PRIMEIRAS IMAGENS

Contar coisas do passado, lembranças que nos vêm à mente, é algo que valoriza as nossas experiências e faz com que os outros também saibam valorizá-las. Pense nas pessoas com que conviveu, nas brincadeiras de que participou, num acontecimento que lhe foi marcante. Que lembrança você gostaria de contar? Vamos lá, então? Conte-nos a lembrança que merece a sua atenção.

APÊNDICE 4 – ÚLTIMO QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

1. Como você ficou sabendo do projeto? Por que decidiu participar?
2. Quando assinou a carta convite o que você esperava do projeto?
3. No primeiro contato com o grupo foi solicitada a produção de um texto. Quando fez o texto o que esperava que fosse feito a partir dele?
4. O trabalho com leitura e a produção de texto, durante o curso, correspondeu ou não às suas expectativas? Por quê?
5. O que mais lhe agradou durante a participação proposta?
6. O que você achou dos textos e das atividades de leitura de textos?
7. O que você achou das imagens e dos trabalhos realizados?
8. O que você achou das atividades de produção textual?
9. O seu entendimento de leitura e de produção de texto se alterou pela participação no projeto? De que forma?
10. Ter participado do projeto modificou, ou não, a sua compreensão do mundo e de si próprio? Por quê?
11. Se desejar, pode acrescentar qualquer observação que julgar interessante.

ANEXOS

ANEXO I
RESPOSTAS DOS PRIMEIROS QUESTIONÁRIOS

1_ IDENTIFICAÇÃO

PARTICIPANTE	IDADE	ESCOLARIDADE	ESCOLA	CIDADE ONDE NASCEU	DIREITO A BENEFÍCIO
A.S.M.	29	Ensino Fundamental completo	Não respondeu	Santos - SP	Não respondeu
E.G.F.S.	25	Ensino Médio - 1º ano	CEEBJA - Maringá	Cascavel - PR	16 de outubro de 2006
L.F.	56	Ensino Médio - 1º ano	Não respondeu	Parnaíba - PI	Não respondeu
N.P.R.	22	5ª a 8ª série	CEEBJA - Maringá	Maringá - PR	2007
N.P.S.	31	Ensino Médio	CEEBJA - Maringá	Mariluz - PR	05-04-2006
J.B.R.R. ou J.B.	24	5ª a 8ª série - completo	CEEBJA - Maringá	Sojal - PR	22-10-2006
E.P.S.	30	5ª série	CEEBJA - Maringá	Umuarama - PR	07-09-2004
C.E.O.	28	5ª a 8ª série	CEEBJA - Maringá	Maringá - PR	2007
G.P.F.S.	35	Não respondeu	Não respondeu	Cianorte - PR	08-05-2007
O.M.A.	34	5ª a 8ª série	Colégio Castelo Branco	Icaraíma - PR	Não respondeu
P.H.J.	24	Ensino Médio	CEEBJA - Maringá	Floraí - PR	11-11-2007
R.R.L.	29	5ª a 8ª série	CEEBJA -	Sarandi -	2012

			Maringá	PR	
A.D.M.	34	Ensino Fundamental	Colégio Dr. Gastão Vidigal	Maringá - PR	Início de 2007
A.O.	33	Cursando o Ensino Médio	CEEBJA - Maringá	Campo Mourão - PR	Julho de 2006
I.F.F. ou I.F.	23	5ª a 8ª série	CEEBJA - Maringá	Presidente Prudente - SP	Junho de 2006
A.N.S.	43	Cursando o Ensino Médio	CEEBJA - Maringá	Rio Bonito - PR	Já tem direito
A.V.C.	29	5ª a 8ª série	Escola Homero Gomes - Florianópolis - SC	Lages - SC	Dentro de 60 dias (quando o questionário foi respondido)
A.G.P.	22	5ª a 8ª série	PEM - Maringá	Itarari - SP	27-06-2006
J.S.L.	24	5ª a 8ª série	CEEBJA - Maringá	Tapira - PR	08-07-2006
J.P.S.	38	2º ano do Ensino Médio	CEEBJA - Maringá	Foz do Iguaçu - PR	Novembro de 2006
M.C.G.	31	5ª a 8ª série	CEEBJA - Maringá	Apucarana - PR	2009
J.I.S.	20	5ª a 8ª série	Não respondeu	Guarulhos - SP	2009
M.P.S.F.	27	Cursando o 1º ano do Ensino Médio	CEEBJA - Maringá	Jardim Alegre - PR	09/01/2007
A.M.S.R.	25	5ª a 8ª série	Não	Não	2006

			respondeu	respondeu	
A.M.M.	34	5 ^a a 8 ^a série	Maringá - PR	Volta Redonda - RJ	05-05-2015

2 – A FAMÍLIA

PARTICIPANTE	2.1 - PROFISSÃO DO PAI	2.1 - PROFISSÃO DA MÃE	2.2 - FORMAÇÃO ESCOLAR DO PAI E DA MÃE	2.3 - NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO PAI	2.3 - NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA MÃE
A.S.M.	Não respondeu	Do lar	Apenas a mãe	Não respondeu	Não respondeu
E.G.F.S.	falecido	doméstica	Apenas a mãe	Não respondeu	Ensino fundamental
L.F.	Funcionário público	Dona de casa	ambos	Ginásial	Ginásial
N.P.R.	falecido	falecida	ambos	5 ^a série	4 ^a série
N.P.S.	lavrador	Do lar	Nenhum deles	falecido	Nenhum
J.B.R.R. ou J.B.	tratorista	Dona de casa	ambos	5 ^a série	4 ^a série
E.P.S.	pedreiro	Dona de casa	Nenhum deles	4 ^a série	3 ^a série
C.E.O.	Funcionário público	comerciante	Apenas a mãe	Não respondeu	2 ^o ano
G.P.F.S.	funileiro	zeladora	ambos	Não respondeu	2 ^o grau
O.M.A.	motorista	professora	ambos	5 ^a a 8 ^a série	Professora

					falecida
P.H.J.	Pedreiro	Dona de casa	ambos	4ª série	5ª série
R.R.L.	Não respondeu	doméstica	Não respondeu	Não respondeu	3ª série
A.D.M.	Aposentado	Do lar	Ambos	Primário	5ª série
A.O.	caminhoneiro	Do lar	ambos	6ª série	5ª série
I.F.F. ou I.F.	Autônomo	Autônomo	Nenhum deles	5ª a 8ª série	1ª a 4ª série
A.N.S.	Não respondeu	Comerciante	Nenhum deles	Não respondeu	Não respondeu
A.V.C.	autônomo	Do lar	ambos	1º grau	5ª série
A.G.P.	falecido	empresária	Apenas a mãe	Não respondeu	Formada, percebe-se um 3º grau.
J.S.L.	(pai verdadeiro) não sabe	(mãe verdadeira) não sabe	Adotivo apenas a mãe	Não respondeu	5ª série
J.P.S.	pedreiro	Dona de casa	Nenhum deles	3º ano primário	Não respondeu
M.C.G.	Mestre de obras	falecida	Apenas o pai	2º grau	Não respondeu
J.I.S.	eletrônica	vereadora	ambos	3º grau	8ª série
M.P.S.F.	lavrador	Dona de casa	Nenhum deles	Sem escolaridade	Sem escolaridade
A.M.S.R.	aposentado	aposentada	Apenas o pai	1º ano do Ensino Médio	Não respondeu
A.M.M.	lavrador	Dona de casa	ambos	8ª série	2ª série

PARTICIPANTE	2.4 - MEIOS DE COMUNICAÇÃO EM CASA	2.5 - ALGUÉM QUE LIA NA FAMÍLIA	2.5 - O QUE LIA	2.6 - OBJETOS DE LEITURA EM CASA
A.S.M.	Rádio, TV e aparelho de som	Apenas a mãe	romance	Romances
E.G.F.S.	TV e aparelho de som	Apenas o pai	Jornal, livros	Bíblia, revistas de atualidades e em quadrinho, jornais
L.F.	Rádio, TV e aparelho de som	Apenas o pai	Livros técnicos e romances	Livros de poesia, romances, revistas de atualidades e em quadrinhos, almanaques
N.P.R.	outros	Apenas a mãe	História infantil	Bíblia, jornais
N.P.S.	Rádio, TV, aparelho de som e celular	Irmão ou irmã	Livros sobre a matéria escolar	Bíblia, livros de poesia, jornais, revistas em quadrinhos, almanaques
J.B.R.R. ou J.B.	Rádio, TV, aparelho de som, outros	Mãe e pai	História, Bíblia	Bíblia, revistas religiosas, livros de poesia, romances, jornais
E.P.S.	Rádio e TV	ninguém	nada	Bíblia, livros de poesia, romances, revistas de atualidades e em

				quadrinho
C.E.O.	Rádio, TV, aparelho de som e outros	Apenas a mãe	Bíblia sagrada	Bíblia e jornais
G.P.F.S.	Rádio e TV	avô	Bíblia	Bíblia, revistas religiosas, livros de poesia, romances, revistas de atualidades e almanaques
O.M.A.	Rádio, TV, aparelho de som e outros	Mãe, irmão e irmã	Histórias, romance	Bíblia, revistas religiosas, livros de poesia, romances, revistas em quadrinhos
P.H.J.	Rádio, TV, aparelho de som e outros	Mãe, irmão e irmã, avô e avó	Bíblia e livros escolares	Bíblia, romances, jornais, revistas em quadrinhos e almanaques
R.R.L.	Rádio e TV	Pai e mãe	Bíblia	Bíblia
A.D.M.	TV	Apenas a mãe	Religião, conto, romance	Bíblia, revistas religiosas, romances, jornais, revistas em quadrinho
A.O.	Rádio, TV, aparelho de som e microondas, etc.	Irmão ou irmã	Jornal, revista, propaganda	Bíblia, revistas religiosas, revistas em quadrinho, jornais
I.F.F. ou I.F.	Rádio e TV	Avó	Bíblia	Bíblia

A.N.S.	Rádio, Tv e aparelho de som	ninguém	Não respondeu	Bíblia, revistas religiosas
A.V.C.	Rádio, TV, aparelho de som e outros	Irmão ou irmã, pai	Revistas, bíblia, jornal e livros	Bíblia, revistas religiosas, livros de poesia, romances, revistas de atualidades, jornais, revistas em quadrinho, almanaques e outros (livros religiosos, dicionários, etc.)
A.G.P.	TV, aparelho de som, outros	Apenas a mãe, irmão ou irmã	História	Bíblia, romances, revistas de atualidades, jornais e outros
J.S.L.	Rádio, TV e outros	Irmão ou irmã	Não respondeu	Bíblia, revistas religiosas, revistas em quadrinho, almanaques e outros
J.P.S.	Rádio, TV, aparelho de som e outros (vídeo)	Irmão ou irmã	literatura	Bíblia, revistas religiosas e em quadrinho, almanaques e outros (literatura)
M.C.G.	Rádio, TV, aparelho de som e outros	Apenas o pai	jornal	Bíblia, revistas religiosas, revistas em quadrinhos

J.I.S.	outros	Apenas o pai e apenas a mãe	Não respondeu	Não respondeu
M.P.S.F.	Rádio	irmão e irmã	Não respondeu	Bíblia
A.M.S.R.	Rádio, tv, aparelho de som e outros	Não respondeu	Não respondeu	Bíblia, revistas de atualidades, jornais, revistas em quadrinho
A.M.M.	Rádio, tv, aparelho de som e outros	irmão e irmã	Jornal e revista	Bíblia, revistas em quadrinho, almanaques e outros

3 – A INFÂNCIA

Foi perguntado aos participantes, com a questão 3.1, sobre o que eles mais gostavam de fazer quando criança. Seguem as respostas:

A.S.M.: Jogar ou brincar

E.G.F.S.: Jogar ou brincar, ver TV, ouvir música, ouvir histórias.

L.F.: Jogar ou brincar, ver TV, ouvir música, ler.

N.P.R.: Jogar ou brincar, ouvir música.

N.P.S.: Ler, escrever, ouvir música, ouvir histórias, ver TV, jogar ou brincar.

J.B.R.R.: Jogar ou brincar, ver TV, ouvir música, ouvir histórias, ler.

E.P.S.: Ouvir histórias, ler, escrever.

C.E.O.: Jogar ou brincar, ouvir música, ver TV, escrever, ler, ouvir histórias.

G.P.F.S.: Ver TV, ler, escrever, ouvir histórias, jogar ou brincar.

O.M.A.: Jogar ou brincar.

P.H.J.: Ouvir música, jogar ou brincar, ver TV, ouvir histórias, ler, escrever.

R.R.L.: Jogar ou brincar.

A.D.M.: Jogar ou brincar, ver tv, outra, ouvir histórias, ouvir música, escrever, ler

A.O.: Jogar ou brincar.

I.F.F.: Jogar ou brincar, ver TV.

A.N.S.: ouvir música e escrever.

A.V.C.: ouvir música, jogar ou brincar.

A.G.P.: Jogar ou brincar, ver TV, ouvir música, ouvir histórias, ler, escrever e outra.

J.S.L.: ver tv, ouvir música, ouvir histórias, ler, escrever.

J.P.S.: Jogar ou brincar, ouvir histórias, ler, escrever.

M.C.G.: jogar ou brincar, ouvir música, ver TV, ler, escrever, ouvir histórias.

J.I.S.: não respondeu.

M.P.S.F.: outra

A.M.S.R.: ouvir música, ver tv, ouvir histórias, ler e escrever.

A.M.M.: jogar ou brincar, ver tv, ler e outra.

Participante	3.2 – Quem lhe contava histórias	3.3 -Histórias ouvidas na infância	3.4.Sentimento causado pela leitura da história	3.5 -Histórias lidas na infância
A.S.M.	ninguém	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu
E.G.F.S.	mãe	Lobo mal, cuca, bicho papão	Medo e alegria	Gota de chuva
L.F.	ninguém	Não respondeu	Não respondeu	Adeus Mr. Chips, A volta ao mundo em 80 dias, 20 mil léguas submarinas
N.P.R.	mãe	Estórias em quadrinhos	alegria	gibi
N.P.S.	mãe	Lobisomem, mula sem cabeça entre outras	medo	Branca de neve, Robin Wood etc
J.B.R.R. ou J.B.	Pai e mãe	Chapeuzinho vermelho e a do lobo mal etc	Medo, alegria e tristeza	Não respondeu
E.P.S.	Avô e avó e	João e o pé de	tristeza	Não me lembro

	outras pessoas mais velhas	feijão		todos: Aspazia, Cleópatra e Teodora, As três rainha do amor
C.E.O.	avó	Muitas eram folclore	medo	Não respondeu
G.P.F.S.	Avó e avô	Os três porquinhos e Pinóquio	alegria	Não respondeu
O.M.A.	pai	Pescador, casador	alegria	Gibis
P.H.J.	Mãe, avó	Lobo mal, Peter Pam, mula sem cabeça etc.	Medo e alegria	Lobo mal, Branca de neve e os sete anões etc
R.R.L.	ninguém	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu
A.D.M.	A mãe, a avó	Pedro Malazarte, Lobisomem e outras	Medo, alegria, tristeza e outros (curiosidade)	As aventuras de Xisto, Robinson Crusóé
A.O.	irmã	Chapeuzinho vermelho, branca de neve	Alegria, medo, espanto	João: o pé de feijão
I.F.F. ou I.F.	A avó	Não lembra	Não lembra	Não lembra
A.N.S.	A mãe, a avó, o avô	Pescador e caçador	alegria	Lampião, saci pererê
A.V.C.	O pai e a mãe	Chapeuzinho vermelho, os três porquinhos, branca de neve e os sete anões e muitas histórias	Alegria, conhecimento, satisfação, curiosidades, etc.	Historias bíblicas e algumas historinhas de livrinhos da escola.

		bíblicas.		
A.G.P.	A mãe e outros	Os sete porquinhos e o lobo mau	alegria	A Cinderela, o grilo falante, etc.
J.S.L.	A mãe e outros	Lobo mau e chapeuzinho vermelho e Cinderela	tristeza	João e o pé de feijão
J.P.S.	O pai e a mãe	Massaropi	alegria	Meu pé de laranja lima
M.C.G.	A mãe	Lobisomem, mula sem cabeça	medo	Branca de neve, Gato de botas
J.I.S.	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu
M.P.S.F.	ninguém	Não tem	Nem uma	Não tem
A.M.S.R.	ninguém	Não respondeu	alegria	Não se recorda
A.M.M.	Não respondeu	Chapeuzinho vermelho, etc.	alegria	Branca de neve e outras

De acordo com o número de participantes que responderam à questão 3.5, os participantes responderam à questão 3.6 que pergunta do que tratava a história:

E.G.F.S.: Tratava-se de uma gotinha de chuva que contava sua trajetória desde quando caiu da nuvem até o momento de seu retorno em forma de vapor

L.F.: Todas ficção

N.P.R.: Trata-se de lutas e piadas

N.P.S.: Lendas e mitos de heroísmo

E.P.S.: A história era sobre a vida amorosa de Cleópatra e das outras a rainha do amor

P.H.J.: Deus, vida, histórias em quadrinhos, pesquisas etc

A.D.M.: Das aventuras vividas por um garoto e a história de um naufrago.

A.O.: Tratava de que ele João trocou a vaca.

A.N.S.: De Maria Bonita.

A.V.C.: Bíblicas: sobre os heróis da bíblia dos tempos bíblicos e sobre a vida de Jesus aqui na Terra e seus intermináveis milagres e sua admirável e inflexível generosidade.

J.S.L.: Falava de um menino que trocou uma vaca em caroços de feijão que eram mágicos.

J.P.S.: De um garoto que era muito triste.

M.C.G.: Eram contos de fadas, da menina pobre se que tornara princesa e de um grilo que falava e que era muito esperto.

M.P.S.F.: Não tem.

A.M.M.: Uma criança e sua avó.

Participante	3.7 -De onde veio o livro que você leu?	3.8- Quando criança, você escrevia	3.9 –Você costumava escrever	3.10 – Alguém em sua casa tinha o hábito de escrever?
A.S.M.	Não respondeu	Somente na escola	Cartas, bilhetes	Não respondeu
E.G.F.S.	Foi retirado da biblioteca escolar	Somente na escola	Não respondeu	mãe
L.F.	Era meu ou de alguém de minha casa, foram retirados da biblioteca escolar	Na escola e em casa quando tinha vontade	Piadas, listas, cartas e bilhetes	Ninguém
N.P.R.	Foram retirados da biblioteca da escola	Em casa, quando tinha vontade	Cartas, bilhetes	Irmão ou irmã, mãe
N.P.S.	Foram retirados da biblioteca escolar e da	Em casa, quando tinha vontade	Poesias, listas, cartas e	Irmão ou irmã

	biblioteca da cidade		bilhetes	
J.B.R.R. ou J.B.	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu
E.P.S.	Era meu ou de alguém de minha casa	Em casa, quando tinha vontade	Poesias, historinhas	Ninguém
C.E.O.	Não respondeu	Somente na escola	Cartas, bilhetes	Ninguém
G.P.F.S.	Foi retirado da biblioteca escolar	Em casa, quando tinha vontade	Poesias, cartas, bilhetes	Ninguém
O.M.A.	Era meu ou de alguém de minha família	Somente na escola	Cartas, bilhetes	Mãe, irmão ou irmã
P.H.J.	Foram retirados da biblioteca escolar ou da biblioteca da cidade ou emprestado por um amigo	Na escola e em casa, quando tinha vontade	Historinhas, piadas, listas, cartas e bilhetes	Mãe, irmão ou irmã, avô e avó
R.R.L.	Não respondeu	Na escola e em casa, quando tinha vontade	Cartas e bilhetes	Pai, irmão ou irmã
A.D.M.	Foi (foram) retirado (s) na biblioteca escolar	Somente na escola	Historinhas, cartas e bilhetes	A mãe
A.O.	Foi (foram) retirado (s) na biblioteca escolar	Somente na escola	listas	Irmão ou irmã
I.F.F. ou I.F.	Não respondeu	Somente na escola	Não respondeu	O avô a avó (anotações)

A.N.S.	Foi (foram) emprestado (s) por um amigo	Somente na escola e em casa, quando tinha vontade	Poesias, historinhas, cartas, bilhetes	Ninguém
A.V.C.	Era meu ou de alguém de minha casa	Em casa, quando tinha vontade	Poesias, piadas, listas	O pai, a Mãe, irmão ou irmã
A.G.P.	Era meu ou de alguém de minha casa	Na escola e em casa, quando tinha vontade	Historinhas	Mãe, irmão ou irmã
J.S.L.	Era meu ou de alguém de minha casa ou foi (foram) retirado (s) da biblioteca escolar.	Em casa, quando tinha vontade	Cartas e bilhetes	irmão ou irmã
J.P.S.	Era meu ou de alguém de minha casa ou foi (foram) retirado (s) da biblioteca da cidade.	Somente na escola	Cartas, bilhetes	Pai, irmão ou irmã
M.C.G.	foi (foram) retirado (s) da biblioteca da cidade.	Em casa, quando tinha vontade	listas	O pai
J.I.S.	Não respondeu	Somente na escola	cartas, bilhetes	O pai
M.P.S.F.	foi (foram) retirado (s) na biblioteca escolar	Somente na escola	Cartas, bilhetes	Ninguém
A.M.S.R.	foi (foram) retirado (s) da	Somente na escola	Historinhas, cartas e	irmão ou irmã

	biblioteca da cidade.		bilhetes	
A.M.M.	Era meu ou de alguém de minha casa	Somente na escola	Cartas e bilhetes	irmão ou irmã

4 – HOJE

Os participantes responderam como são os seus hábitos de leitura e de escrita hoje.

Participante	4.1 – Você continua estudando?	4.2 – Você costuma ler (numere em ordem de importância)	4.3 – Você frequenta a biblioteca	4.4 – que tipo de leitura você procura na biblioteca?
A.D.M.	Ensino Médio	Para aprender coisas úteis, para aprender religião, para se distrair, somente para tarefas escolares	De vez em quando	Ficção, religiosa, outra (biografia, filosofia, sociologia e psicologia)
A.O.	Ensino Médio	Para aprender coisas úteis	De vez em quando	religiosa
I.F.F.	Ensino Fundamental	somente para tarefas escolares	De vez em quando	Auto-ajuda
A.N.S.	Ensino Médio	Para aprender coisas úteis, para se distrair	De vez em quando	poesia, religiosa, escolar, auto-ajuda
A.V.C.	Ensino Fundamental	Para aprender religião, para aprender coisas	sempre	religiosa, escolar, auto-ajuda e outra

		úteis		(psicologia)
A.G.P.	Ensino Fundamental	Para se distrair, para aprender religião, Para aprender coisas úteis	De vez em quando	Ficção, poesia, auto-ajuda e outra
J.S.L.	Ensino Fundamental	Para aprender coisas úteis	De vez em quando	Ficção e outra
J.P.S.	Ensino Médio	Para aprender religião, para aprender coisas úteis.	De vez em quando	Religiosa, escolar, auto-ajuda e outra (psicologia)
M.C.G.	Ensino Fundamental	Para aprender religião, Para aprender coisas úteis, para se distrair	sempre	religiosa, auto-ajuda
J.I.S.	Ensino Médio	para aprender coisas úteis	De vez em quando	Não respondeu
M.P.S.F.	Ensino Fundamental	Somente para tarefas escolares	De vez em quando	Auto-ajuda
A.M.S.R.	Ensino Fundamental	para aprender coisas úteis.	sempre	Ficção, outra
A.M.M.	Ensino Fundamental	Para aprender religião, Para aprender coisas úteis	De vez em quando	Ficção, poesia, religiosa, outra

Os participantes citaram as leituras que fizeram na biblioteca da PEM:

A.D.M.: Poesias de Castro Alves, Memórias do Cárcere, de Graciliano Ramos, O desejado de todas as nações (religioso), Fogo morto, de José Lins do Rego.

A.O.: Fidel Castro.

I.F.: Viver bem para viver sempre.

A.V.C.: O sucesso não ocorre por acaso, Paz de espírito riqueza e felicidade, O maior sucesso do mundo, O maior vencedor do mundo, Relações humanas na família e no trabalho, Drogas opção de perdedor, etc.

A.G.P.: Fernando Pessoa.

J.S.L.: Se houver amanhã e O reverso da medalha (Sidney Sheldon) e O contador de histórias (Harold Robins).

J.P.S.: Aprender para crer, Psicologia do êxito.

M.C.G.: O grande conflito, O poder da mente.

M.P.S.F.: Fumar distrai ou distrói

A.M.S.R.: Tieta, Hilda Furacão, A herdeira, Raio x da mente humana, Ninguém é de ninguém, À espera de um milagre.

A.M.M.: As mulheres do médico, Jorge Amado, etc.

Participante	4.6 – Por que você fez essas leituras?	4.7 – Que gênero de leitura você gostaria de encontrar na biblioteca da PEM?	4.8– Você gosta de escrever?	4.9 – Você escreve?	4.10 – O que você escreve?
A.D.M.	Escolha pessoal	Romances, poesia, religiosa	sim	Quando tem vontade	Cartas, bilhetes
A.O.	Escolha pessoal	religiosa	Muito pouco	Quando lhe é solicitado por alguém	Cartas, bilhetes
I.F.F.	Indicação de amigos	Não respondeu	sim	Quando tem vontade	Cartas, bilhetes
A.N.S.	Não respondeu	Pesquisa escolar, romances,	Sim, muito	Quando tem vontade e	Poesias, Cartas, bilhetes

		poesia, religiosa		quando lhe é solicitado por alguém	
A.V.C.	Escolha pessoal	Pesquisa escolar, religiosa	Sim, muito	Acho que tenho por obrigação se quiser vencer amanhã (sic)	Poesias, histórias, contos, “causos”, crônicas, piadas, cartas e bilhetes
A.G.P.	Escolha pessoal	Romances, poesia, ficção científica	sim	Quando tem vontade e quando lhe é solicitado	música
J.S.L.	Escolha pessoal	poesia, aventura / policiais /suspense, ficção científica	sim	Quando tem vontade e quando lhe é solicitado por alguém	Cartas, bilhetes
J.P.S.	Trabalho escolar e indicação do professor	Pesquisa escolar, poesia, ficção científica, religiosa	Sim, muito	Quando tem vontade	Poesias, cartas, bilhetes
M.C.G.	Escolha pessoal	Pesquisa escolar, técnica (Artes)	sim	Quando tem vontade	Cartas, bilhetes
J.I.S.	Não	Não	Não	Não	Não

	respondeu	respondeu	respondeu	respondeu	respondeu
M.P.S.F.	Escolha pessoal	Pesquisa escolar	não	Quando tem vontade	Cartas, bilhetes
A.M.S.R.	Escolha pessoal	Aventuras / policiais / suspense, técnica	Muito pouco	Quando tem vontade	Cartas, bilhetes
A.M.M.	Escolha pessoal	Poesia, ficção científica.	não	Quando tem vontade	Cartas, bilhetes

Participante	4.11 – você já produziu algum texto do qual tenha gostado bastante ou que tenha agradado a outra pessoa?	Do que tratava o texto?	4.12 – o que o levou a produzir esse texto?	4.13 – Por que lhe agradou ou agradou a outra pessoa?
A.D.M.	Sim	Religião, especificamente sermões	Desejo de conseguir fazer e inspiração	Me agradou primeiro por conseguir, e agradou outras pessoas segundo elas por transmitir esperança e

				força.
A.O.	sim	Moradores das vavelas	Na sala de aula de português.	Porque falamos da realidade.
I.F.F.	Não.			
A.N.S.	sim	Uma alta biografia.	O sofrimento.	Por ser real.
A.V.C.	sim	Escrevo um livro que traz por título "Aconselhamentos esperiencias e autobiografia". Tudo o que acho interessante eu anoto, faço um comentário em cima do mesmo ou quando uso o mesmo sito a fonte retirada. Tenho muitas outras escritas que serviram para futuros livros do qual pretendo...	Admiro muito os escritores e seus livros inteligentes e acho que isso não seria impossível se eu me dedicasse profundamente e levasse as coisas mais a sério. Tenho criações próprias que tenho certeza que irá ajudar muita gente e, por sua vez, alcanças certas admirações.	Acho que tudo que tem fundamento consegue lograr um pouco de atenção, que traz em bogo por naturalidade certa admiração. Quando falamos de admiração, automaticamente falamos de agradar, porque, penso eu, que ninguém pode se agradar de algo sem admirar.
A.G.P.	Não.			
J.S.L.	Sim.	Contei da minha vida quando eu estava na rua.	Trabalho da apostila de português.	Porque as pessoas passa por cada

				situação na vida das pessoas que ela nem imagina e é tudo real.
J.P.S.	Sim.	Sobre a minha vida e da minha família.	Sobre assunto escolar.	A minha professora achou muito bom e o texto era interessante.
M.C.G.	Sim.	Política.	Meu interesse pela política.	Reflete a minha opinião.
J.I.S.	Não respondeu.			
M.P.S.F.	Não.			
A.M.S.R.	Não.			
A.M.M.	Não.			

4.14 – O que você gostaria de melhorar nos textos que escreve? Por quê?
A.D.M.: Português. Porque o meu vocabulário é muito fraco.
A.O.: A letra porque veia demas.
I.F.F.:
A.N.S.: Diversas coisas.
A.V.C.: Gostaria de amadurecer e ter uma visibilidade mais ampla e aberta para os comentários. Estou certo de que isso só irá acontecer com um certo tempo, se continuar persistindo, perseverando e avaliando tudo com incomensurável objetividade etc...
J.S.L.: Os parágrafo as pontuações e algumas palavras que nem todas estão certa.
J.P.S.: Evitar os erros dramaticais (sic).
M.C.G.:Tudo.

ANEXO II

PRIMEIRAS IMAGENS

Saudades mil

Aparentemente ao entrar no mundo do crime, as pessoas se iludem e só conseguem enxergar aquilo que é de seu interesse. Assim como:

Bens materiais, dinheiro, mulheres, drogas, bebidas seguido de muitas festas. Se esquecendo de que acaba de entrar num caminho muitas vezes, sem volta e obscuro. Deixando para trás a família e os verdadeiros valores.

Hoje, estou com vinte e oito anos, cumprindo seis anos de pena chego a conclusão absoluta e definitiva de que, está maldita e infeliz escolha acaba com a vida de milhares e milhares de pessoas, seduzidas e enganadas pelo ilícito.

Se eu pudesse voltar ao tempo, faria tudo diferente evitando tanto sofrimento, aborrecimento e frustrações! Com frequência, mas só nos finais de semana consigo rever os meus estimados familiares matando um pouco da imensa saudade que tanto me sufoca. Mas vejo o quanto que os meus pais estão abatidos, tristes, intranquilos com a minha situação.

Colocando este peso sobre a balança, vendo meu pai e minha mãe indo embora, virando as costas pra que eu não veja eles chorarem, não é nada fácil! Olho de um lado, os meus pais indo embora, olho de outro lado está a cadeia onde terei que enfrentar mais uma semana rotineira pra revê-los novamente...

C. E. O.

O nascimento de meu filho

Eu estava passando por uma fase muito difícil, haviam muitos problemas e para piorar a polícia estava no meu pé.

No meio destes problemas minha mulher me chegou com a notícia de que estava grávida.

Apesar da situação a notícia nos deixou muito felizes.

Era meu primeiro filho, e eu desejava muito ser pai.

Minha família também ficou feliz com a notícia.

Eu fazia o possível para estar sempre ao lado de minha esposa, só a deixava quando precisava sair ou viajar para buscar dinheiro.

E nessas horas eu me sentia solitário, mesmo estando entre outras pessoas.

Antes eu não me importava com os riscos que eu corria, mas a partir de então, eu já me preocupava pelo futuro do meu filho.

Eu não quero que ele sofra o que eu já sofri e nem que trilhe os mesmos caminhos errados que eu.

Quando eu começava a pensar, ficava imaginando como ele seria quando nascesse, com quem se pareceria.

Certa vez num confronto com a polícia pensei que não veria meu filho nascer.

Mas Deus me guardou e me livrou.

Foi mais um motivo para eu refletir na minha vida e quando enfim chegou o dia do nascimento, minha ex-mulher foi primeiro para o hospital e depois me ligou e eu fui para lá.

Quando ele nasceu o trouxeram para eu velo.

E quando segurei em meus braços foi a maior alegria que já havia sentido.

Ele ainda é bem pequenino, mas quando ele estiver em condições de entender, quero ensiná-lo a não se envolver com as drogas e com o crime.

Para que ele não sofra e para que não faça os outros sofrerem.

Eu agradeço a Deus pelo filho que Ele me deu, porque eu amo o meu filho.

A.D.M.

Faça a diferença

Era uma vez um escritor que morava em uma tranqüila praia, junto de uma colônia de pescadores.

Todas as manhãs ele caminhava à beira do mar para se inspirar e à tarde ficava em casa escrevendo.

Certo dia ele viu um vulto que parecia dançar.

Ao se aproximar, reparou que se tratava de um jovem que recolhia estrelas-do-mar da areia, uma por uma, para jogar de volta ao mar.

“Porque está fazendo isso? Perguntou o escritor.

“Você não vê explicou o jovem – a maré está baixa e o sol está brilhando, elas irão secar e morrer se ficarem aqui na areia”.

O escritor espantou-se.

“Meu jovem, existem milhares de quilômetros de praia por esse mundo a fóra, e centenas de milhares de estrelas-do-mar espalhadas pelas praias. Você joga umas

poucas de volta ao mar, mas a maioria vai perecer de qualquer forma. Que diferença faz?”

O jovem pegou mais uma estrela na areia da praia, jogou de volta ao mar e disse:

“Para essa aqui eu fiz a diferença”...

Naquela noite o escritor não conseguiu escrever, sequer dormir. Pela manhã, voutou a praia, procurou o jovem, uniu-se a ele e juntos, começaram a jogar estrelas-do-mar de volta ao mar.

Neste mundo em que estamos “secando por vários motivos, será que tem alguém fazendo a diferença?”

I.F.F

Momentos felizes da vida

Olá meu caro e amigo leitor venho através destas poucas palavras expressar meus sinceros e mais nobres agradecimentos, em primeiro lugar a “Deus”, por todos os momentos vividos por mim ao longo de minha vida.

Pois venho de família humilde, mas acima de tudo trabalhadores.

Sou natural do noroeste do Paraná, mais precisamente de Mariluz, nascido aos 30/12/74 em meados da década de 70, Nesta época o que mais se via no nosso Estado era grandes e imensas lavouras de café e parte de minha infância foram voltadas aos trabalhos do campo, sendo eu o mais velho dos irmãos.

E por sua vez, meu pai era arrendatário de 5 ha/meio com lavoura de café, tivemos nossas dificuldades, mas de certa forma éramos muito felizes com nossa vida no campo em meio a natureza.

Tínhamos uma vida maravilhosa no campo pois não era tão corrida, como nos grandes centros urbanos, sempre tínhamos nossos dias de confraternizações, nas festas que sempre havia na paróquia perto do sítio onde morávamos.

Nós nos uníamos com uns vizinhos que estudávamos na mesma escola rural e sempre tínhamos a oportunidade de participar de apresentações de teatro e danças de quadrilhas nas festas juninas que haviam.

Mas infelizmente a vida não é feita somente de alegria, pois temos as dificuldades e obstáculos do dia-dia, que nos fazem crescer e amadurecer ao longo da vida.

Tendo discernimento do quanto estamos prestes a cometer erros e acertos na vida.

Feliz daquele que reconhecer seus erros o quanto antes em plena juventude, pois estes terão melhores e mais oportunidades para corrigi-los, sendo que na maioria das vezes temos apoio e conselhos de nossos pais para que sempre tomemos as melhores escolhas na vida.

Nos dias de hoje muitos jovens e adolescentes se recusam a aceitar velhos e sábios conselhos que sempre é para o nosso bem.

Busquemos o entendimento, que mesmo que a sociedade mude e nós nos envelheçamos sempre haverá bons e sábios conselheiros.

N.P.S.

Fundamentos da vida

No meu passado houve varios acontecimentos que ficaram marcado em minha vida a lembrança que mais marcou foi a morte do meu pai. Eu ainda era pequeno mais me lembro muito bem oque aconteceu e como aconteceu. Foi em 1991, meu pai trabalhava empregado minha mãe como dona do lar, meu pai trabalhava de tratorista preparava a terra plantava tratava e também colhia.

Certo dia ele saiu de casa para ir receber o dinheiro do seu trabalho e durante o dia todo ele ficou fóra de casa no intuito de receber por seu trabalho como estávamos com necessidade de alguns alimentos, meu pai nao quis voltar para casa sem que estivesse com o dinheiro para comprar os alimentos que agente necessitava, meu pai tendo tres filhos menores, eu e mais dois irmaos, eu sou o filho do meio tenho um irmão mais velho e o outro que é o caçula, que na época ele estava apenas com 6 meses de vida, esse era o motivo do desespero do meu pai e o motivo que ele não queria voltar para casa sem que estivesse com o seu pagamento em mãos, para comprar principalmente o leite para o meu irmão mais novo que ainda mamava no peito, precisava do leite industrializado.

Assim vieram os acontecimentos que até hoje ficaram marcado na minhas lembranças.

No começo da noite meu pai encontrou com o patrão dele, ele já estava estressado e muito cansado, nervoso, então meu pai começou a falar alto e dizer coisas grossas para o patrão que no momento que o meu pai a encontrou ele estava em um BAR e já estava um tanto embriagado, decerto que o meu pai também tinha bebido um

pouco e estava alterado e começaram a discutir na quele bate boca e o patrão sentiu se no direito de agredi-lo, e em purou comtra aparede como ele também tinha bebido e estava cansado de amdar o dia todo procubrando o patrão ele caiu e se machucou.

Como ele era um homem de personalidade fort, de quele que não gosta de levar desaforo pra casa, ele quis brigar com aquele homem, mais viu que o patrão estava portando uma arma de fogo. Meu pai não quis revidar, e foi para casa na entenção de se armar e voltar para tirar limpo aquilo que pra ele não estava certo.

Por ser homem como o patrão mas quando ele chegou em casa e foi pegar uma arma para voltar ao local da discussão, a minha mãe não quis deixar ele voltar.

Ele ficou muito nervoso e começou a discutir com ela, comesaram a brigar até que ele pegou uma garafa de vidro e bateu contra a cabeça da minha mãe e desferiu um grande golpe saindo muito sangue. Ele vendo aquilo ficou apavorado achando que ela poderia morrer, e como ele tinha trazido para casa um litro de veneno, e estava embriagado, ficou em pânico e pegou aquele liquido e im geriu, tirando assim sua propria vida, deixando três 3 filhos menores, um com 11 anos outro que sou eu com 9 anos, e o caçula com apenas seis meses de vida.

Ea minha mãe graças a DEUS, não houve nada de mais grave apesar de ter perdido muito sangue, ficou bem, e continuou batalhando com a vida junto com a gente até 1996, quando ela veio a óbito deixando nós três ofãos.

Foi quando outra vez tivemos que enfrentar a maior das dificuldades, porque nossos parentes não queriam assumir a gente pois tinham medo que nós não os respeitassemos. Nossos avos tamben não queriam se responsabilizar por nós, mas graças a DEUS, uma tia nossa corajosamente bateu no peito e disse que se responcabilisava por nós três. Ela era viuva amasiada com outro homem. Depois de um ano que a gente estava morando com ele, o tal tio não queria que a gente mais morasse com eles por que nós erramos um pouco saido. e não irimos obedese-lo como deveria, ai ele começou a jogar na nossa cara que já estava na hora de arrumar um lugar para morarmos sozinhos.

Eu e o meu irmão mais velho resolvemos que íamos sair da casa dos nossos tios para irmos morar sozinhos.

Começando assim uma nova vida trabalhando honestamente para provar que podimos ser vitoriosos com o nossos proprio trabalho. Foi então quando veio muitas

dificuldades, porque nós não tínhamos casa própria vamos pagar aluguel, água, luz, comprar alimentos, roupas, calçados, tudo que precisavamos para sobreviver.

Ai foi quando comesaram a parecer os meios mais faceu de ganhar dinheiro.

Eu e o meu irmão com o dinheiro que tínhamos trabalhado, resolvemos comprar uma quantidade de drogas e fomos traficar, conseguindo assim obter alguns lucros como dinheiro, roupas, calçados até compramos carros, motos e conseguimos até comprar uma casa. Porem tudo tem seu preço logo fui cobrado pela lei da Natureza, e a lei dos homens. Na época o meu irmão já tinha parado com o trafico e foi para o interior de (SC) para trabalhar, eu continuei a insistir no submundo do trafico foi então quando a justiça da cidade onde eu morava expediu um mandato de busca e apreensão em minha casa. Encontraram em um fundo falso do meu banheiro 15 quilos de canabli sativa, e tambem 50 gm. de cocaina, dentro da minha geladeira.

Fui preso e fui condenado a 3 anos, e três meses de reclusão, em regime fechado.

Assim foi que eu cai na realidade, que o que eu estava praticando não era o certo.

O que eu queria para mim foi minha perdição, porque na prisão eu passei a conhecer os verdadeiros criminosos, porque apesar de eu estar traficando, eu ainda não tinha maldade em meu coração.

Resumindo eu logo fui da cadeia e como não tinha pago a condenação a mim aplicada, fui fazer um assalto e assim foi onde acabei complicando ainda mais a minha vida por alguns anos de reclusão, a qual até hoje eu pago e me arependo por não ter trilhado um outro caminho em minha vida.

Mais graças a DEUS, estou vivo e com uma mente muito mais aberta e evoluída, porque com os erros de ontem eu aprendi a não errar mais hoje, e com todo esse tempo desde 2001, até hoje 2006, eu tive muito o que refletir.

Agora tenho uma mulher e uma filha que são as pessoas alem de mim que eu mais amo, e que me da muitas esperanca. Para quando eu sair possa trilhar o meu caminho de forma digna, e onesta e objetiva para assim conquistar meu projeto de uma nova vida junto com a minha amada família.

historia de um novo homem.

J. B. R. R.

detento rejenerado

graças a DEUS,

e as dificuldades sofrida!!!

Minha vida

Em minha infancia sempre fui uma pessoa privilegiada, em todos os sentidos, não que eu tenho um carinho diferente das minhas irma, mas sempre fui o mais apegado com minha mãe. Quando eu era mais novo ela me levava para trabalhar junto com ela. Porque eu gostava de ficar olhando pela marquise do predio as pessoa ea paisagem da cidade. Depois do trabalho eu e minha mãe iam tomar soquete com ela, e depois buscava minha querida irma na creche, depois andavamos pelo sentro da cidade passavamos pelo shopem jogar friperama e depois iamos embora para casa, todos os dias era a mesma rotina. Chegando em casa esperava nossos pai chegar para o jantar mais aquele dia ele demorou para chegar, mas ele nunca demorou tanto daquele jeito, e ainda mais sem avisar minha mãe. Quando minha mãe se levantou e pegou no telefone para ligar, ele chegou trançando a perna de bicicleta nunca tinha visto ele daquele jeito, pois ele quiz me pegar no colo eu assustado com o jeito dele chorei como se não colhecesse ele minha mãe chamou ele para saber o motivo da converssa; Ai começou as brigas em casa eu e minha irma ficamos muito assustado pois aquele fato foi inédito para nois, em nossa familia. Eu e minha mãe ficava na porta de casa esperando ele chegar todos os dias bebado, pois começamos a ver nossa familia se destruindo pouco a pouco, seu dinheiro nos não viamos mais, pois ficava tudo no bar. Nisso começou as brigas mas graças a Deus ele nunca bateu em nois mais nois não viamos a hora de tudo aquele pesadelo se acabar. Com muito sacrifício eu e minha irma chegamos e conversamos com ele, nois disse para ele se amasse nois de verdade que ele parece de beber se não ele nós perderia, pois ele viu que tudo tinha conviquição nois já tinha pegado medo mesmo ele tando convivendo com nos, ele pençou bem e graças a Deus pouco a pouco ele parou. Logo depois de tudo isso eu fiquei de maior comecei usar drogas, passar a noite na rua, como se eu não tivesse casa. Como eu não trabalhava e nem estudava mais comecei a roubar, para manter meus vicios, logo mais aprendi fumar cigarro não escutava mais conselhos de ninguem, logo no decorrer da semana colheci uns amigos que ia para discoteca e papo vai e vem se colhecemos melhor e combinamos de ir para a danceteria. Chegando no sábado, conversei com minha mãe que ia sair. Ela falou converssa com seu pai. Cheguei nele e falei pari vou dar uma saída e já volto. Ele olhou e falou nem pensar eu sei onde você quer ir. Mas nisso eu fiz que nem escutei e segui meu caminho, encontrei com meus camaradas e fomos curtir, nisso comecei trocar ideias com uma garota e

vilhemos embora mais sedo, passei na casa dela demos uns beijos e se despedimos um do outro. Chegando em casa bati na porta, minha mãe levantou para abrir a porta e meu pai levantou junto. Naquele dia ele falou você vai dormir onde você estava, começamos discutir um com outro fui na janela converssa com minha mãe e ela estava chorando com muito comedo de acontecer alguma coisa comigo, falei para ela ficar tranquila que tudo ia correr bem e fui dormir na casa da menina que tinha ficado aquela noite. Quando cheguei lá abri o portão e bati na janela do quarto dela ela assustada.

Perguntou quem é; Falei sou eu gata ela tão anciosa abriu a janela eu fui e entrei, foi a melhor noite da minha vida pois namoramos a noite inteira, tanto que no outro dia sedo conversando com ela eu pedi ela em namoro pois ela aceitou claro. Mas e um pouco mais velha ela tinha 28 anos, e eu 18 anos claro que ela e mais esperiente doque eu mas recebi um convite inrecusavel para morar com ela. Eu aceitei e claro morena, simpática, 1,60 de altura, mística dos zolhos verdes, cabelos preto lizos. Depois de uma semana todos preucupados comigo eu resolvi voltar em casa, mas chegando em casa só estava minha mãe, e minha irma entrei para dentro e falei com eles que iria morar com uma garota ela perguntou se eu tinha serteza doque eu queria realmente na vida. eu olhei e falei e isso que eu quero sim mãe, então ela olhou para mim e disse. Filho querido você eo único filho homem que a mãe tem então você pega e vai tomar muito cuidado sempre de noticia para mãe onde você esta, que a mãe estava te apoiando e te dar muito carinho onde quer que esteja então va com Deus.

Peguei minhas roupa e fui para casa da moça que estava namorando. Chegando lá tudo era mil maravilhas com ela aprendi muitas cantadas, como chegar numa mulher, ela me ensinou tudo sobre amor, onde tocar no momento serto do carinho sempre dizer palavras carinhosas no momento que mais precisa, eu não tenho muito que dizer porque ela e muito maravilhosa, pois trabalha de dia e a noite, eu saia roubar ela me dava uns conselhos mas eu iguinorava, mas depois que ela virava as costa para fazer alguma coisa, eu deitava a cabeça no travesseiro e pensava né tudo que ela dizia ela estava sertã, porque nessa vida e só cadeia ou semiterio. Em 8 meses que ficamos juntos curtimos muito ate que se separamos pra nois foi muito doloroso perder um ao outro, sai da casa dela logo no outro dia arrumei uma casa para alugar peguei minhas coisas e fui morar sozinho, nisso comecei roubar todos os dias para comprar moveis pois não tinha nenhum, eu

estava dormindo encima duma cobertura mas eu procurei e prantei então estava colhendo pouco a pouco. Logo pratiquei um furto e robei 6 mil reais numa lotérica na fuga que pratiquei a policia estava atraz de mim porcausa do dinheiro. Na fuga colheci a Edvania ela estava limpando a área da casa cheguei e pedi uma água. Ela olhou para mim e disse eu não te colheço mas você cometeu alguma coisa de errado porque você tá assustado. Olhei para ela e falei estou só me exercitando. Ela olhou para mim e foi buscar a água no que ela voltou me serviu um copo de água, e falou você e um rapaz bonito de boa aparência, logo percebi que ela já tinha se interessado por mim. Então ela olhou e perguntou meu nome eu me apresentei. E perguntei tudo que tinha direito para ela sem deixar ela fugir da converssa, pois eu já tinha percebido que ela estava caidinha por mim, porque ela não olhava más em meus zolhos e sim em meus lábios. Então ela me pediu para esperar para nos colhecermos melhor, eu esperei e aproveitei para ajudar ela termina o servisso dela, ela trancou a casa da patroa dela então dessemos juntos, passei na casa dela, continuei conversando com ela, até que resolvi cantar para ela oque eu fazia. Ela olhou para mim e falou você conseguiu roubar meu coração e me beijou, nisso aproveitei esse momento que tinha galhado a gata e coloquei oque tinha tinha aprendido em pratica falei para ela que ia tomar um banho e já voltaria. Chegando em casa tomei aquele banho se arrumei se perfumei, e escondi o dinheiro só tirei cem reais para curtir com ela. Então dissí lá na casa dela, chegando lá ela já tava me esperando, cheguei perto dela dei um beijão nela e olhei dentro dos zolhos dela e disse você esta linda. Ela ficou toda vermelinha e me retribuiu com outro beijo e umas mordidinhas no pescoço então perguntei onde nois vai. Achei melhor levala na pitissaria se colhecermos melhor e depois voltando embora trocamos maior ideia ate quando ela me convidou eu para dormir na casa dela, eu aceitei chegando lá ela falou mas não pensa que vai rolar mais doque uns beijos, eu incisti troquei mais umas palavras com ela quando já estava dando por perdido aquela noite; Ela falou você tem preservativo então mostrei para ela que andava previnado, graças depois de todo aquele carinho ela sedeu aquela noite foi magínifico para nois dois, foi tão bom que ela no outro dia ela se abriu e disse que estava começando a gostar de mim por ser carinhoso e romantico. Com o passar dos dias comprei todos os moveis e levei ela para morar junto comigo, tudo era mil maravilhas conseguimos ficar três meses namorando ate que chegou ao fim, mas ela não deixou de morar comigo, continuamos morar júnτος ate que entramos num bom senço de termos uma

amizade, mas tentando esquecer de tudo. Passou um mês que estávamos daquele jeito curtindo todas e indo, em todas baladas sem exceção a nenhuma.

Numa dessas baladas encontrei uma moça muito simpática mas tímida, comecei a paquerar ela no olhar todos os lugares que via ela só paquerava no olhar pois ela também só ficava olhando eu de longe pois que japonesa linda, cabelo preto curto, 1,54 de altura olhos esverdeados, nariz empinado e decidiva. Eu não tive coragem de chegar nela; mas só dela ter pedido para o irmão chegar até mim, já percebi que houve um interesse da parte dela então aceitei. Sentamos no sofá primeira coisa que fizemos foi olhar um para o outro. Então perguntei como era o nome dela. Ela olhou e disse Josiane. Eu olhei para ela e disse muito prazer meu nome é; Nilton, mas o que me surpreendeu muito foi o olhar fiquinho dela e os contornos do rosto dela, pois começamos bater um papo aí, eu fiquei paralizado diante de tanta beleza escultural feita por Deus. Como ficamos quase uma hora conversando, aí acabou o papo eu estava tímido, estava pensando qual iniciativa iria tomar.

Quando ela levantou e disse foi um prazer te conhecer eu olhei e falei o prazer e tudo, quando fomos dar os três beijinhos para se despedir, no terceiro tomei atitude e beijei aquela linda boca. Depois do beijo achei que ela iria ficar brava ou até me bater mas não ela olhou e disse. Achei que você iria deixar eu escapar essa oportunidade, fomos curtir aquela noite inacreditável curti muito.

Depois daquele dia fui, conhecer a família dela, passamos a namorar ficamos um mês namorando na casa dela, depois arrumamos uma casa para alugar, ficamos mas um ano junto se separei da minha família mais uma vez, hoje só tenho comunicação com minha família pois também eu e, ela não deu certo mas sigo minha família pois aprendi que só eles me apoiam na hora que mais preciso.

N. P.R.

Minha vida

Em primeiro lugar quero dizer que sou filho adotivo, nunca vi minha mãe verdadeira, que deu para adoção os três filhos e filhas o nome de alguns deles são Ligia, Alciete, Giane, Odair e eu que sou o Israel o outro eu não sei mais um dia vou descobrir da mesma forma como descobri os outros.

Tudo aconteceu assim: eu e minha irmã a Ligia fomos doados na mesma rua eu na esquina de cima e minha irmã na esquina de baixo e durante nove anos nós

ficamos sabendo que nós éramos irmãos. Os outros foram espalhados por outro lados eu fiquei morando com a mesma família e ela com a dela.

Nós nos víamos todos os dias sendo eu o caçula da família e minha irmã uns 5 anos mais velha do que eu conforme o tempo foi passando minha mãe adotiva acabou falecendo quando eu tinha apenas doze anos de idade. Fiquei chocado com esta tragédia pois já tinha perdido uma mãe e depois perdi a outra.

Fiquei abalado mas fui forte com a ajuda dos meus dois irmãos de criação e de minha irmã de sangue porém fui ficando chato comigo mesmo e não parava na casa de ninguém até que, um dia, fui parar dentro de uma cadeia mas eu era de menor. Isso aconteceu porque fui tentar trocar um cheque roubado que alguns colegas tinha me dado mas não deu certo, pois fiquei preso duas semanas onde apanhei dos policiais com um cacete de borracha minha irmã de criação a Cida, foi na delegacia e me tirou mas não adiantou nada pois as companhias que eu andava fui outra vez para o mesmo lugar.

A juíza perguntou para mim porque eu estava fazendo aquilo que me prejudicava e eu disse para ela que eu tinha que ajudar minha nas despesas da casa.

A juíza disse-me que se fosse por causa disso ela iria me ajudar doando uma cesta básica todo o mês me colocou de novo na escola. Assim aconteceu que voltei a estudar mais me envolvi com o uso da maconha e cola de sapateiro. Com estes acontecimento não quis que eu voltasse a morar com ela e assim fui morar com minha irmã de sangue a Lígia porém ela não agüentou muito tempo e pediu para a juíza me internar numa clinica de recuperação, a casa do oleiro onde fiquei quase um ano internado. Voltei para casa fiquei duas semanas dentro de casa mas não consegui e comecei a sair. Fui novamente na mesma juíza e pedi para ela arrumar um curso. Ela me encaminhou para o tem ensino do encaminhamento do menor de Maringá onde fui fazer curso de mecânico de carros ali fiquei um tempo mas já pedi para mudar de curso fui então fazer o curso de serigrafia com o professor Luis e com o tempo consegui arrumar trabalho de meio período eu levantava 5:00 manhã tomava banho, café e saia de casa 6:00 manhã pois eu tinha que chegar no centro de Sarandi para tomar o ônibus que passava as 7:00 horas sendo que meu curso começava as 8:30 da manhã até 11:30, almoçava e com outro ônibus ia até a Avenida São Paulo perto do Aspen Park de onde eu ia a pé até na CAPSEMA (Servidores aposentados de Maringá) onde trabalhava da 13:30 até as 17:30 da

tarde eu era office-boy trabalhava pra prefeitura era estagiário-mirim, cheguei até a trabalhar na zona-verde, com o passar dos tempo umas das minhas irmãs falou que meu pai morava em Curitiba com mais duas irmãs. Minhas irmãs compraram a passagem para que eu fosse morar com meu pai.

Eu não queria deixar o emprego porque eu gostava do que eu fazia, poderia ter subido de cargo mais tive que deixar o curso e o trabalho e fui para a casa do meu pai.

Ele me recebeu muito bem. Meu pai tinha outras duas filhas de outro casamento que chamava Cristina e Dalila e um enteado com quinze anos de idade que se chamava Adriano.

Passei a morar com o Adriano em meia água ao lado da casa do meu pai arrumei um trabalho numa oficina de funilaria onde eu preparava os carros para a pintura.

Um dia meu pai apareceu no meu trabalho dizendo que a polícia havia estado em minha casa, porque o Adriano havia furtado alguns objetos. Meu pai não deu ouvidos à minha explicação e então, peguei minhas roupas e fui morar na oficina do meu patrão eu dormia em um opala velho, ganhava pouco e sem solução fui para o mundo do crime. Fui preso em 2000. Sai da cadeia no mesmo ano e em março de 2001 fui preso novamente, acusado de um crime que não cometi, fiquei preso onze meses consegui fugir da cadeia onde estive preso dois meses, minha mulher estava grávida tornei a ser preso em Maringá pois eu tinha vindo procurar pessoas que pudesse me dar um força.

Passei a pagar a cadeia que eu tinha sido condenado no passado e minha mulher ia lá me visitar todos os sábados.

Minha filha nasceu e continuei preso. Minha mulher levava minha filha pra eu ver quando ela ia me visitar.

Ela ficou grávida novamente e o pai dela não o deixou mais me visitar porque ele disse que não ia ficar cuidando de filhos dos outros fazendo com que ela escolhesse entre eu e os pais ela mora junto com os pais dela e depende deles não tenho pai e nem mãe não deixei nada pra minha mulher lá fora por isso que ela depende do pai dela.

Estou preso há quase cinco anos e tudo que estou tirando de cadeia só desta vez minha cadeia ao todo que posso dizer melhor minha pena e de 28 anos e seis meses 8 anos e seis meses e de crime hediondo já fez dois anos que estou aqui não

tive mais visitas minha filha eu vi ela dos dois meses pra frente até onze meses já fais dois anos que não vejo minha filha meu filho que nasceu só conheço por foto mais tudo bem já estou quase lá o difícil já passou ou está chegando o fim da minha caminhada estou estudando e trabalhando na faxina e aos domingos trabalho no motel fazendo faxina nós quartos. Minha mulher liga todos os mês e me fala como meus filhos estão e converso com a minha filha que tem 3 anos e o outro vai fazer dois anos eles se chama Yasmin e Ryan. Estou preso até hoje á espera da justiça.

J.S.L.

ANEXO III

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO FINAL

Questionário 1 (A.D.M.)

1. Fiquei sabendo através da d. Bernadete. Decidi participar do projeto porque enxerguei nele a oportunidade de crescer culturalmente e no conhecimento da literatura.
2. Eu esperava um curso que ajudasse a entender melhor a leitura.
3. Não sabia exatamente o que seria feito, mas achei ótimo a maneira que foi empregada para nos ensinar através dos textos.
4. Sim. Aprendi muito, passei a conhecer novos autores, e a fazer análises mais profundas das obras, e com isso também adiquiri mais gosto por quadros, poemas, etc.
5. A maneira simples e objetiva que foi aplicada para que pudéssemos absorver o máximo de conhecimento possível, a liberdade que cada um tinha de ser expressar, concordando ou não com as demais opniões.
6. Os textos foram excelentes, de muito bom gosto.
7. As imagens ao contrario do que eu pensava, também falam ao apreciador, assim como um livro fala ao leitor. E os debates sobre elas e sobre os textos, após as leituras foram muito proveitosos.
8. Tanto da produção de texto apartir de outros textos, quanto dos textos produzidos apartir das imagens, propiciaram uma grande contribuição para o grupo, as atividades propostas nesse sentido foram muito importantes para o crescimento dos alunos.

9. Sim, e muito. Aprendi a analisar mais a fundo uma obra, ou um quadro, aprendi a usar os recursos necessários para um melhor aproveitamento da leitura. E aprendi a organizar melhor um texto, preparando um projeto e aproveitando ao máximo o material quer seja, as lembranças, sentimentos, amores, dores, ilusões, sonhos, etc., por mim guardados na memória.

10. Sim. O mundo vai muito além do que aquilo que podemos enxergar, vai até onde nossa imaginação possa alcançar, o mundo tem cultura, conhecimento, crescimento, coisas boas e coisas ruins, que podemos aprender com elas, cabe a nós fazer a escolha pelas coisas boas. A arte, a leitura, e todo o conhecimento que me for possível adquirir da literatura, quero aprender, porque o conhecimento que nós temos ninguém pode nos tomar.

11. Quero apenas ratificar, tudo o que já disse, e acrescentar que sou muito grato por essa oportunidade que a U.E.M. me ofereceu, e agradecer muito a todas as professoras que ofereceram do seu conhecimento cultural, literário e até de vida, para que eu pudesse crescer mais, no meu conhecimento e também como pessoa.

Questionário 2 (P.H.J.)

1. Tive conhecimento do projeto pela diretora do CEEBJA. Profa. Tamires Moreira de Carvalho, a Senhora Marlene.

A princípio, não fiquei contente não, me opus a participar, porém, para minhas surpresa, fui indicado e resolvi então experimentar.

2. Eu esperava que fosse mais um daqueles cursos, chatos, intediante que só serve para deixar os alunos com sono.

3. Não tinha muitas expectativas para o primeiro texto... Para mim, talvez ele fosse parar no fundo de uma gaveta ou até mesmo no lixo.

4. Os trabalhos com leituras e produções de textos, superou todas as minhas expectativas, pois me surpreendi com a quantidade de coisas novas e desconhecidas eu aprendi.

5. O que mais me agradou foi a maneira com que as professoras conduziram o curso, deram o respeito e a amizade e receberam o dobro; com paciência souberam nos ensinar e com certeza, todos os esforços não foram em vão.

6. Bom, gostei de muitos textos, porém, houve alguns que não me agradaram, mas com as discussões sobre eles, aprendi entendê-los, com isso, todos são bons, uns menos e outros mais.

7. Aprendi muito com os trabalho com imagens, pois aprendi a ler as imagens, que antes do curso, eram apenas quadros de pintores famosos.

8. De tudo que aprendi, gostei mais das atividades de produção de textos, pois absorvi muito conhecimento, como elaborar um texto, seja ele como for; história, poema, soneto, narrativa, conto, enfim, descobri que gosto muito de escrever.

9. Com a participação no projeto, uma nova janela se abriu diante de meus olhos, aprendi, interpretar e entender melhor os textos e encher o que realmente o texto fala.

10. Sim, modificou muito o meu eu que antes era recluso e limitado a muitas coisas, descobri que tenho capacidade, inteligência e muita imaginação, descobri também que posso mudar minha história: Quem sabe tornar-me-ei escritor.

11. Um projeto como este, não pode se limitar, precisa chegar até as pessoas, não importando como e onde elas estejam. Os governos têm que apoiar e incentivar o projeto, pois, muitas histórias de vida podem se transformar com essa iniciativa, de respeito, carinho e de humanidade.

Questionário 3 (M.C.G.)

1. Fiquei sabendo do projeto através da assistente social que me assiste aqui na Penitenciária.

Decidi participar porque sempre gostei de ler e escrever.

2. Quando assinei a carta convite, pensei em aprender mais sobre a leitura, sobre autores, e dessa forma se tornar um leitor mais completo.

3. Quando me foi solicitado a produção de um texto, eu imaginei que através do texto seria avaliado a minha capacidade de escrita e meu ponto de vista sobre a leitura.

4. sim, correspondeu e muito com minhas expectativas, pois obtive novos conhecimentos em relação a leitura e produção de texto.

5. O que mais me agradou no projeto foi a diversidade de ideias, visões diferenciadas, mas que de certo sentido tinha suas razões.

6. Os textos são riquíssimos, é maravilhoso o saber a expressão da alma no papel, e as atividades de leitura é semelhante a uma viagem, é uma transe, de fora, para dentro de nós.

7. As imagens são janelas abertas, através das imagens sentimos, vivemos, construímos mentalmente ambientes livres das preocupações reais. Os trabalhos realizados foram fundamentais para o melhor entendimento e compreensão das imagens.

8. As atividades de produção nos orientou a direcionar os nossos propósitos, incinou as regras o alicerce para a construção do texto.

9. Alterou e muito, antes a minha leitura era pobre, eu lia bastante mas sem qualidade, depois do projeto ficou mais rica, hoje leio com mais emoção, me entrego a leitura e isso me dá muito prazer.

10. Modificou bastante, tanto a compreensão do mundo, como de mim próprio, hoje vejo o mundo cheio de imagens lindas e as armazeno mentalmente, isso me tráz paz, quando quero viajo nos pensamentos para lugares lindos e tranquilos, e dentro de mim se é feita a real modificação, se vejo o mundo lindo meu interior também será lindo.

11. Muito obrigado senhoras professoras por ter me privilegiado com esse tesouro enorme que vai ficar para vida toda.

Questionário 4 (A.M.S.R.)

1. Fiquei sabendo deste projeto através da escola que fez o convite a quem se interessasse a participar.

2. Quando aceitei a participar não pensei que eu ia ter muito aprender com este projeto.

3. Bom em primeiro lugar eles não fizeram a correção e analisar como nos produzíamos textos.

4. Bom eu acho que sim. Por que eu nunca fui muito bom em produção de texto e não gostava de leitura e acabei me surpreendendo com mim mesmo.

5. O que me agradou mais foi aquelas professoras que estavam nos passando uma nova visão sobre coisas que eu não conhecia dentro da leitura e interpretação de histórias.

6. Eu achei muito importante por que pude aprender a interpretação e ver os principais pontos importantes dentro dos textos passados pelas professoras.

7. Sobre a imagem achei muito boa porque pude ver que por trás de uma imagem existe também uma história. Pude através deste conhecimento fazer histórias de 1 imagem que as vezes a gente não tem este conhecimento ou esta visão de uma imagem.

8. Achei que pude aprender muitos pontos de vista que não tinha como fazer uma história. Fazer melhor a leitura ter começo meio e fim e discutir e entender melhor o que estava lendo.

9. O meu entendimento modificou e muito por que quando aseitei a participar deste projeto tive muitos conhecimentos sobre a leitura de textos e produção de textos que eu não conhecia e passei a conhecer através deste projeto.

10. sim por que pude ver que eu sou capas de fazer coisas que pude somente descobrir atraves deste projeto que nem eu sabia que podia fazer e modificou muito o meu modo de ver o mundo a traves da leitura que nos fala muitos acontecimentos ocorrido.

Questionário 5 (N.P.S.)

1. Eu fiquei sabendo do projeto através de nossa diretora Sr. Marlene e que desde que tive conhecimento do projeto resolvi participar para adquirir novos conhecimentos literários.

2. Esperava, ter contatos e técnicas de produção e leituras dos textos em estudos.

3. Sim. Apartir do texto que nos foi solicitado no primeiro encontro, serviria como base de todo conhecimento adquirido ao longo do curso.

4. Sim. Porque adquiri novos conhecimento literário e de uma maior compreensão dos textos e livros que hoje em dia eu tenho a oportunidade de ler.

5. O que mais me agradou no projeto foi as formas simples e humildes de nossas professoras de si depararem com tanta desigualdade de ambientes e nos foram sempre atenciosas para com as nossas duvidas em relação aos conteúdos estudados em tese.

6. Adorei todos e em relação as atividades so me fez crescer em conhecimento, fazendo de certa forma trazer para o meu ser toda essencia do texto.

7. Em relação as imagens nos passa uma forma mais concreta de se observar os acontecimentos do cotidiano.

No entanto me deixa um pouco mais a vontade de se falar sobre uma tela ou imagem em questão.

8. Me trouxe uma nova visão ao ler qualquer texto.

9. Sim. O entendimento muito melhor como leitor pois tenho uma noção mais além do que dizem as palavras, como sentimentos e emoções tristes alegres vividos pelos personagens no texto.

10. Sim, pois ao longo do período do projeto me fez refletir como ser humano e com os mesmos direitos de todos “ser livre” de preconceitos etc.

11. A observação em que eu julgo interessante e muito importante é de que se de novas oportunidades cada vez mais aos internos do sistema penitenciário, de se aprender com projetos importantes como este, uma nova visão do mundo. Se dando a oportunidade de escolhas de novos caminhos.

Questionário 6 (O.M.A.)

1. Atraz ves da dona Pernadeti que chegou na escola quem quer participar do projeto de Literatura,

Em mediatamente fui escrever o meu nome para participar achei não foi muito ótimo para mim este conhecimento que estou tendo foi para mim uma eperiencia boa que desevoivi muito.

2. Quando eu fique sabeindo que tinha já com cruido que iria fazer fique ancioso para saber como era nen sabia o quer era nem imaginava.

Eu não imaginava o que seria este projeto mas fiquei emprecionado agora foi ótimo esta esperinecia esta sendo bom o projeto é maximo para nos desevoiver este conhecimento.

3. O primeiro texto que eu fis vamos falar que foi rui não sabia como comesar ou terminar mas no correr do tempo fui absorvendo melhorando a cada dia.

4. Sim. Aprendi muito com as professora o conhecimento do texto que elas trouxerão o projeto até nós fico contente que pessoas assim ainda eziste este mundo.

5. Foi a dedicação de todos para ter um desenvolvimento bom por nós e também pelas professora que veio de longe para ensinar foi bom.

6. Ótimo porque lembrou de tudo que passei lembça boa na minha vida. As atividades do textos foi todos bom um melhor que o outro.

7. As imagens foi belas paissagem que recordarão quando eu vivia nos campos e também nos outro lugares. Os trabalhos realizado foi os melhores cada um mais interessante que outro.

8. 1 texto era de resumir o que dizia no texto foi muito bom porque tive conhecimento de raciocinar trabalhar os meus pensamento foi melhorando más tudo o que fizemos para nosso conhecimento é bom os outro foi também interessante que nos críamos os texto imaginava e escrevia mas ficava ótimo.

9. Sim aterou para melhor pelo conhecimento e melhorou a minha leitura o meu dezevouimento a cada dia.

10. Sim porque tive conhecimento dos escritores da formas que eles escrever sobre tudo e também das tortura para mim foi uma esperiencia muito bom espero que fui util.

11. Sim A CASA esta fazendo um trabalho ótimo com juntamente a uem estes cursos e bom para nós aprender más sobre tudo e também para nós dezevolver nossas inteligência de forna agradável e sair. Eu agradeço pela opurtunidade que me derão fico agrato.

Os professores foi muito ateciososo teve paciência não tenho nem palavras para espresar meu agradecimento.

Só dizer obrigado.

Descupa pela letra ou não escrevi serto mas foi de boa vontade ter vindo estas aulas.

Só pessoas especiais são eternamente lembradas são os professores que emcina os alunos para ter um futuro melhor.

Questionário 7 (J.B.R.R.)

1. Foi atravez de um anuncio. Decidi partircipar por enteresse de conhecimentos.
2. Esperava que tudo que eu publicasse poderia ser uzado em um livro.
3. Uma análise da minha vida, e pedido alguns trabalho sobre os texto.
4. Sim. porque com a literatura aprendi como produzir textos e ver as imagens.
5. Os debates e o modo como cada um ver os texto ou uma imagens analisada.
6. importante, pois atravez das atividade nós aprendemos como escrever e como os autores nos transmite uma história que parece que viveu de tão real que entendemos.
7. As imagens, eu particularmente me indetifico mais com mais facilidade, quando estou fazendo a leitura das imagem. pois passa uma historia super diferente em minha cabeça, que facilita para eu fazer textos.
8. Da produção de texto, eu acho que o mais dificiu e emcontrar a forma que ele vai ser feito e contar as diferenças de um com o outro.
9. Sim. Eu melhorei a forma de expreçar, quando vou fazer trabalho textual dezespelho isso com um pouco de facilidade, pois agorara sei como é um texto e proza, verço, e narrativa e para que vou fala, ou vai ler.
10. Sim, pois comecei ver que o mundo não é só ver e viver e sim precisamos conta-la da forma que nós particularmente vemo para siproprio.

11. O que foi para mim importante nesse trabalho foi compreender o que as personagens destacam e saber que são as outras pessoas que são citadas durante a história. Como em poucas palavras eles descrevem todos que estão participando da história contada, interessante é fazer leitura das imagens que de princípio parecer ser só uma imagem qualquer e quando analisamos ela vemos que ela nos diz muito mais do que nós imaginamos. Logo sai um lindo texto que agente achava que não podia produzir.

Questionário 8 (L.F.)

1. Através da visita das professoras da UEM. Decidi participar para melhorar o meu desenvolvimento linguístico.

2. Como já disse, o meu objetivo é ser melhor conhecedor da nossa língua, é escrever melhor.

3. Outros mais bem elaborados, menos infantis.

4. Mais ou menos. Poderia ter sido melhor se tivéssemos tido mais contatos, maior frequência maior motivação de todos.

5. O contato com as professoras, todas tremendamente simpáticas.

6. Muito educativos. Como já disse anteriormente, poderia ter sido melhor ainda se o curso fosse mais longo e o intervalo entre as aulas não fosse tão comprido.

7. Pena que tenham sido tão poucos.

8. Poderia ter sido mais educativo se nossos contatos fossem maiores. Quero saber mais, muito mais!

9. Sim. Aguçou ainda mais o meu prazer de ler e escrever.

10. Claro que sim. Apesar do nosso curso ter sido tão pequeno e a distância entre uma aula e outra ser imensa, quase desmotivando os alunos, posso afirmar que ampliou minha visão de mundo.

11. A título de sugestão: Façam esse tipo de trabalho com mais frequência.

ANEXO IV
DIÁRIOS DE LEITURA
1ª ANTOLOGIA – APRESENTAÇÃO DO TEMA INFÂNCIA E DE PERSONAGENS
CRIANÇAS

O menino grapiúna, de Jorge Amado

Nota-se, que no primeiro texto: um acontecimento vivido e contado por uma criança que por sinal, sofria com inúmeras saudades sentindo-se prisioneiro.

Embora, padre □ifíci desde o início viu e anunciou a existência de uma vocação autêntica do jovem escritor, fazendo despertar no jovem uma grande estima pelos livros e a criação literária.

C. E. O.

Opinião

No sonhos contado pela menina, vimos que sempre ela estava lembrando momentos especiais que acontecia com a vida dela dentro do internato.

Pois sempre estava pensando na sua família, desabafando estória de sua vida, lembranças dos mares barulhos das ondas arrebantando na areia da praia. Sempre que fecho meus olhos sinto a brisa do mar batendo em meu rosto lembrança que não volta mais, no mesmo tempo escuto padre me chamando para fazer meus deveres pois tenho obrigações para cumprir. Sinto muita saudades da minha família pois minha vida só tem lembranças ruins depois que me internaram só tenho lembranças em tentar contornar minha vida.

Pois hoje já terminei minha universidade tenho uma grande família, também tenho problemas na minha família mas nunca pensei em levar meus filhos para onde me levaram sinto muito pelas crianças que estão lá no orfanato espero que um dia arrume uma família para eles.

Pois eu encontrei minha família e sou feliz...

N. P. R.

Texto I

Eu gostaria de falar que o texto número 1, teve o seu lado bom, e seu lado ruim.

Vou relatar sem muita convicção, pois não entendi todos os detalhes.

Quando agente descobre um dom ou um talento guardado em nosso ser interior, e comecemos a lapidar, logo também comecemos a ser valorizados pelas pessoas que estão ao nosso redor.

Mais se você for forçado a fazer o que não gosta, o esforço não adiantará de nada.

O menino do texto, comesou a gostar de uma coisa que para ele era um modo de esquer o lugar onde ele se encontrava atualmente: o internato.

Quando ele passou a receber um tratamento, diferenciado, com mais atenção ele adimitiu que se sentia prisioneiro, ou melhor dizeno: infeliz.

Esta sensação foi permanente durante a sua temporada de dois anos, mais estes dois anos não foi envão, porque ele colheseu o mundo da criação literária, que servirá de boa ajuda para ele.

Apesar do menino ter fugido do internato ele foi com um propósito, que é terminar os estudos, então eu tenhor serteza que não foi poracaso que Deus o levou até este internato (...) Deus disse que escreve as coisas por linhas tortas.

E este menino esta tentano aprender a ler para entender, o que queria ser.

A. G. P.

Texto 2 – Infância, de Carlos Drummond de Andrade

Nota-se também no segundo texto outro acontecimento contado e relembrado por uma criança que sentia muito orgulho e excelente lembrança de todos os seus familiares. Vivia uma vida feliz e contente e recorda-se da fartura e da união até mesmo nas horas das sagradas refeições.

C. E. O.

Texto II

A conhecencia deste dois texto é que são duas criança relembando da sua infância, que são totalmente diferente uma da outra. Mais que tem fundamentos iguais mostra aos leitores que uma vida podia ser escrita tanto em linhas tortas como tanto em linhas retas. O menino do texto dois, não demonstra ter algum dom mais demostra ser uma pessoa feliz com a vida que Deus lê-deu, e de ter uma boa família umilde, mais feliz.

O menino do texto 1, não era feliz, não estava com sua família, não tinha o livre arbítrio para ir e vim para onde quisece era deciplinado com alto rigor no colégo

dos jesuítas. E já o menino do texto dois, já não estava em um internato, não sofreu disciplina com rigor, não estava longe de sua família, mas em uma bela fazenda ele vivia feliz e contente.

A. G. P.

Na escolha do texto eu escolho o texto infância

Porque me fez lembrar um tempo que era criança, eu morava em um sítio, com minha avó, avô, tia e minha irmã mais velha.

Muitas vezes no final da tarde depois de terminar as obrigações eu ficava brincando em uns penus de trator no quintal de baixo dos pés de manga, nessas horas minha irmã fazia o café, não via a hora do café ficar pronto por que o que eu mais gostava além de presenciar minha família unida era do bolo de fubá era muito gostoso, o que eu mais gostava e gosto é ver minha família feliz.

Foi o que eu entendi o que eu espero é que posso ter acertado em pelo menos alguma frase.

I. F. F.

Opinião

Já no texto infância o menino conta a história de como é sua vida no campo, junto com sua mãe seu pai e seu irmão pois a única diversão que tinha era o livro que por si contava uma história quase igual a paisagem de sua casa.

Pois de manhã sai para brincar no quintal de minha vó, quando escutava minha vó cantando para o nenê também podia se ver que o café estava para sair então ficava por ali para tomar café com minha vó.

Percebi que o livro era bom entrei na estória de cabeça pois onde eu andava no quintal de casa percebia que a paisagem era mais linda e tranquila, pois na cidade aquele barulho, poluição, então resolvemos ficar no sítio pois estamos mais perto da natureza e num lugar mais aconchegante.

N.P.R.

Texto 3 – Meus oito anos, de Oswald de Andrade

No terceiro texto, nota-se que em determinado momento as saudades, o arrependimento pelo o que pude perceber, é ínfimo e incomoda até porque no texto ele relata. Tinha doces visões, da infância da infância. Acredito que influenciado ou despercebido a situação complicada que acaba de entrar.

Relata também que a cidade progredia, deixando parecer que acompanhava a progressão da cidade e não falou a respeito de sua própria progressão.

C.E.O.

Opinião

Do texto meus oito anos, podemos perceber que a vida daquele garoto foi muito sofrida.

Pois parece que nesse texto fala da cocaína então percebi que o garoto usava drogas em sua infância.

Tem um carinho da mãe mas não aquela atenção do pai mas percebe que tem laranjeira no quintal de casa e bananeira pois a história de Oswald de Andrade é muito interessante por falar de sua infância.

N.P.R.

O texto que eu escolhi é “Meus oito anos” (Oswald de Andrade)

Eu escolhi este poema por haver certas lembranças que o texto me traz a mente, “saudades que eu tenho da aurora da minha vida”.

Que na verdade todos nós quando éramos criança éramos felizes e não sabíamos e que quando envelhecemos e amadurecemos temos uma visão completamente diferente da vida.

Por mais que a história individual de cada um de nós, nos relate fatos e acontecimentos diferentes e marcantes, sempre nos vem a mente a saudade de tudo que vivemos que a cada momento é único na vida de todos nós e só nos restava a saudade de tudo que já vivemos até o presente momento.

Mas, de certa forma todos nós temos nossas belas e lindas histórias da vida, só depende do ponto de vista de cada um, de fazer das dificuldades e obstáculos uma meta a ser vencida na história de cada um de nós, tendo sempre em mente que a vida sempre nos capacita de acordo com o que buscamos em torno dos acontecimentos da vida.

N.P.S.

Texto III

De todos os textos que eu li, eu gostei do texto Criança, pois é uma poesia bonita. Fala de um menino que tem uma sofrida vida, mais que só ele sabe, mais

também fala de coisas boas. Poresempre: Menino santo. Sinto que esta estrofe fala de Deus, acho.

A.G.P.

Texto 4 – Criança, de Cecília Meireles

No quarto texto é uma espécie de poesia, onde a história contada fala de uma criança triste, sozinha e sofrida. Tinha medo de perder e acostumou-se em não ter nada. Enfim o texto fala de pessoas que vivem sozinhas e se acostumaram com esse tipo de vida.

C.E.O.

Criança

O texto que mais gostei foi Criança pela força dos sentimentos do escritor por respirar tão fundo e soprar palavras maravilhosas.

Que encantou muito minha pessoa não tenho muita palavra para dizer mais foi o que mais espirei e me identifiquei pois palavras para vencer na vida precisam lutar muito.

N.P. R.

Comentários Gerais sobre os quatro primeiros textos

Sem título

Minha opinião a respeito do texto é que o mar de ilhéus fez que ele entenda o quanto a liberdade é valiosa e que é importante sonhar ter esperança e muita fé, pois sem fé não é possível viver.

O colégio onde estudava era ruim ele se sentia na solidão e muito desconfortado, pois o lugar fazia como se sentisse preso, sem contar as normas do colégio onde estudava.

Por fim gostava “que era ler” descobriu seu talento e com a ajuda do padre Cabral com os livros deu bastante forças para ele chegar em seu objetivo “terminar seus estudos e sair daquela prisão”.

O texto infância é diferente do 1º texto embora seja as histórias de duas crianças, porém com o cotidiano diferente, pois o garoto desse texto é livre e leva uma vida tranquila e feliz com sua família.

A importância desse texto é que viver em harmonia na paz com a família é muito bom, uma família unida é uma família feliz.

Sem autor.

Opinião

Lendo os textos, percebemos que de comum entre eles existem 4 histórias descritas por crianças.

As 2 primeiras relatam histórias ocorridas no passado delas.

O 3º e o 4º tratam-se de versos e todos no entanto referem-se a crianças.

Porém me identifiquei com o 4º “criança” de Cecília Meireles porque vivi momentos semelhantes na minha infância.

A diferença entre eles está apenas na maneira de expor a história.

Enquanto uns se expressaram em versos outros num texto simples.

J.S.L

Opinião

Lendo todos os textos que nos foram apresentados, observa-se que na literatura desse país, a grande maioria dos nossos escritores buscam no cotidiano do brasileiro comum, os temas nos quais se inspiraram para escrever suas obras. A simplicidade é uma qualidade bastante apreciada por esses autores.

Em síntese, são temas comuns de um Brasil provinciano, dando ênfase para o comportamento, a fala, os tabus e tantas outras peculiaridades deste país. O conflito de gerações faz parte da convivência humana. Vários são os motivos que contribuem para isso. Entre estes podemos destacar a necessidade de afirmação, a busca de autonomia, o rompimento com o tradicional com seus valores e princípios.

Por isso falar do homem comum, dos seus interesses, suas perdas, seus amores, encontros e desencontros é falar dos sentimentos que norteiam a vida desse homem. Sempre numa linguagem própria, caracterizada pela simplicidade, pela informalidade e pela presença do cotidiano.

Os conflitos e tensões apresentados em suas obras são gerados por problemas amorosos ou familiares, capazes de alterar ou moldar o que esse homem tem de bom.

Minha opinião é que esses autores mais modernos devem ousar mais, devem transcender, se diversificar para se fazer melhor. Fugir do comum para tornarem-se raros.

L.F.

Comentários de um leigo

Me puseram para comentar sobre textos escritos por autores consagrados. Não é todo dia que se tem uma tarefa dessa natureza. Ainda mais se tratando de quem nunca fez isso.

Não sou um leitor assíduo mas sempre que posso me deleito no pouco que dispomos na nossa pequena biblioteca.

Já li quase toda obra de J. Amado e pelo estilo do texto, o local mencionado presume que o primeiro texto foi escrito por ele.

Os outros trabalhos são poesias de Oswald de Andrade, Drummond e Cecília Meireles.

Todos têm em comum o mesmo tema: a infância.

No entanto, percebi que mesmo se tratando do mesmo tema, todos se diferenciam entre si quanto ao modo com que cada um encara o seu destino. Enquanto o primeiro é inconformado com o seu mundo e tem espírito aventureiro, o segundo era feliz com sua vida rústica no campo. Sobre a terceira obra tenho dúvidas, pois acreditava que este poema era de autoria de Casimiro de Abreu e acredito que se foi ele quem escreveu este poema – plágio, ele pretendia provocar uma polêmica ao satirizar Casimiro de Abreu. Irreverência é uma das características de sua obra, como falta de rima, o jeito simples de falar do brasileiro comum.

A quarta obra, de autoria de Cecília Meireles, trata-se de um poema melodramático cheio de tristeza. Suas poesias são consideradas de grande reflexão, mesmo assim eu esperava mais da mulher que é considerada a principal voz feminina da poesia moderna brasileira.

Como disse sou leitor do baiano Jorge Amado e apesar de muito pequeno, o texto deixa espaço para um vasto horizonte de histórias que só ele de maneira sempre magistral sabe contar.

L.F.

Infacia

O texto que eu mais gostei foi Infacia. Por que foi honde ele aparentemente vivia uma fase feliz, da sua infacia. Adiferença emtre eles, au meu ver, nos outros texto ele de um fôrma ou outra estava se sentindo prisioneiro.

Comentário:

Olha no meu ponto de vista, o primeiro texto esta relatando uma história real de vida, vivida por uma pessoa que por um motivo ou outro foi internado ou imcarcerado em uma prisão.

O texto Oswaldo de Andrade, esta se lembrando de uma época que ele viveu e nos acontecimento daquele lugar.

O texto criança, de Cecília Meireles, esta apresentando uma historia triste, porque ele sofria, ficava pensativo medronha, desencantada que achava que não poderia ter felicidade.

Por isso eu gostei mais do segundo texto. Calos Drummond Andrade. Porque nele o homem conta uma historia honde ele aparentemente vivia uma fase feliz, da sua infacia, junto com a família que erra contituida pelo pai, mãe, ele e um irmão, e ele fala das cavalgada do pai, da mãe sempre conrendo e o cuidando com o irmão, das historia que sempre lia. Historia de Robinson Crusóe, nos dias em solarado que todos o dias não faltava, sempre no mesmo horário erra sagrado, e os cuidados que a mãe tinha por ele que não deichava ele arcorda o irmão que dormia um gostoso sono que se passace um mosquito ele já dava um profundo suspiro, aquele que parecia estar emcomodando, tanben relata que o pai erra uma pessoa trabalhadora que vivia no campo cuidando das lavouras, em quanto isso na sua cabeça ele pensava que aquela historia que ele estava vivendo poderia ser mais bonita que aquela que ele estava lendo, emtão pra mim o segundo texto tem uma historia mais legal e emteresante, por ele ter vivido este momento livre, juntos com seus pais, e familiares, que até hoje ele lembra e comta com carinho e orgulho.

J. B. R. R.

2^A ANTOLOGIA – A CRIANÇA E A RELAÇÃO COM ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

Minsk – Graciliano Ramos

O texto Minsk é um pouco diferente, fala a respeito de uma menina que ganha um periquito e faz desse um animal de grande estima.

Logo em seguida acontece um acidente até porque ela é uma menina despercebida e sem querer acaba pisando em cima do periquito e o matando.

Uma história interessante pois a menina gosta de aventura e se sentiu dona Henriqueta da Boa Vista e se divertia muito na carroça de seu Adão.

Este texto trouxe em mente algumas passagens de quando criança, eu tive um cachorro que era muito engraçado e arteiro. O nome dele era Fred, um dia ele se enfiou por baixo da máquina de lavar roupa e acabou ficando preso no motor da máquina. Ele latia muito devido ao desespero e à dor.

Outra lembrança foi um fato bastante engraçado e ao ler Minsk veio em mente, relacionado a este cachorro. Nós da família sempre combinávamos um lugar para deixar a chave escondida no quintal. Meus pais tinham saído para o trabalho, e fiquei sozinho em casa.

Fui sair de casa e não me recordo o que ia fazer, mas sabia que era preciso deixar a chave escondida para que os meus pais não ficassem fora. Deixei a chave no lugar combinado, que era uma bacia de alumínio de cabeça para baixo. Ao sair percebi que o meu cachorro ficou me observando, mas não desconfiei de nada. Quando voltei para casa os meus pais estavam fora porque a chave tinha sumido. E o Fred estava deitado lá na calçada com a chave na boca e com aquela cara de que estava esperando o seu verdadeiro dono voltar para fazer a devolução.

C.E.O.

Minsk

Luciana é a personagem principal.

Outros personagens: tio Severino, a cozinheira, Maria Julia, a mãe, seu Adão, o pai.

Uma observação que acho importante citar é, a maneira como o periquito influenciou na mudança do comportamento da menina.

A. D.M

O herói – Domingos Pellegrini

O texto é narrado por um autor e fala a história de uma criança que através de um filme na tv refletia nele um herói.

Ele saía nas ruas todo empolgado, mas tinha um porém o perigo era o menino da casa da esquina que era mais velho e covarde. Nos pensamentos dele eram os

melhores exemplo disto: ajuda um sujeito ferido arrastar um coitado até uma cratera e continua gritando os companheiros, batendo no tambor e na outra mão com uma metralhadora a fim de acabar com a batalha, tudo de sua mente sonhadora.

Derepente se depara com uma situação constrangedora, ao anoitecer vê um cachorro indefeso com o rabo entre as pernas a um passo de ser atropelado pelos carros.

Mas realmente não há nada a fazer: que pode a infantaria contra □ifícil e vê o animalzinho caindo ao seus pés morto embolado nas pedras. Veio bem rapidamente um senhor andando que trabalhava no posto de gasolina e falou. É filhote.

O menino nem pisca e vê realmente que o sangue era vivo e diferente dos filmes.

O senhor vendo o sofrimento do animal que tentava se arrastar pelo chão entrou no posto e veio com o resolver na mão e acabou com ambos sofrimentos, tapa os olhos moleque e da dois tiros.

A criança nem se alimentar queria, e os pais sem ter conhecimento da situação difícil que o filho estava, forçando ele a se alimentar e culpando um ao outro.

Deixaram o filho de castigo sem assistir televisão, mesmo assim ele driblou os pais e foi assistir um pouco de filme de espionagem.

Contou pra os outros que matou o cachorro com um espeto de churrasco e o deixou no pé de cidreira. Deixando claro que ele era o carrasco sem explicar nada a respeito, desconfiaram e pediram pra ver o espeto.

Perante aquele menino que era mais velho e covarde ele queria intimidar dizendo até mesmo que já tinha enterrado ali com toda honra um gato e um coelho.

Enterrinho é pra menina – diz o herói e apressam o passo decididos e machos.

C.E.O.

O herói

O texto está na 3ª pessoa.

1º Imaginação e realidade se misturam, como na mente das crianças é comum isso acontecer.

2º A criatividade é algo que encanta nas crianças.

3º Com experiências elas também amadurecem.

“Quando a mãe abriu a porta – Pode sair – saiu mais velho...”

Isto fez com que ele visse o frentista de uma maneira diferente. De vilão, passou a ser herói.

A.D.M.

O herói

No 1º texto “herói” eu entendi que o garoto era muito sonhador, tanto que sonhava acordado em batalhas guerriando e atirando batendo o tambor, salvando um sujeito ferido e gritando para os companheiros, atirando, era tudo de sua imaginação.

Derrepente se deparou em uma situação real um cachorro atravessa a avenida e é atropelado o homem do posto examinou o cachorro e falou é filhote, ao ver que o cão borbolhava sangue pela boca, orelha e nariz, os olhos virando duas bolas de sangue, o homem do posto fala as palavras que o garoto usará com seus colegas para tornar um herói: precisa matar para não sofrer.

I.F.

O herói

O texto o herói; fala de um menino que sonha acordado.

Em sua imaginação ele cria várias personagens, mais em todos ele quer ser o personagem principal.

Quando a pessoa sonha muito alto, ela esquece o que acontece ao seu redor, e foi o que sucedeu com o menino.

Mais depois do acontecimento que ocorreu com o animal, ele começou a amadurecer.

Eu vejo no meu ponto de vista que o menino é e não é herói, sabe por quê?

Na parte que eu acho ele herói é na superação, para um menino é difícil presenciar uma morte, pode ser tanto a morte de um animal ou de um ser humano.

Por ele ter conseguido superar este fato eu o considero um super herói.

Mas por outro lado eu o vejo como um vilão, quando você quer ser superior a outra pessoa ou mente para querer ser o que não é, isto te faz tornar em um vilão.

Pois mentir para as pessoas não é um ato heróico, querer ser superior também não é.

Mas como criança, eu o vejo como a mim, eu me formei no colégio dos mentirosos. Eu quando criança o que mais fiz foi mentir. Por isso eu o vejo com os olhos voltado ao bem. Amem!

A.G.P.

Biruta, de Lygia Fagundes Telles

A criança nesse texto, o menino Alonso, é uma criança sofrida que encontra num cachorrinho um companheiro.

Talvez pelo fato de ser órfão, as pessoas o desprezavam.

Era uma criança com responsabilidades de adulto.

O casal que o acolheu não fez o papel que deveria ser feito, que era de pai e mãe de Alonso.

Antes exploraram e humilharam o menino.

Com certeza a separação dele o de seu amigo o marcou muito.

O que eu vejo de comum entre os textos, é o fato de todos narrarem fatos de acontecimentos na vida de crianças.

Os textos também são para os adultos uma oportunidade de aprender mais sobre as crianças.

A.D.M.

Biruta

O texto Biruta é diferente do primeiro texto e um pouco parecido com o segundo, portanto, só muda os bichos de piquito, passa para cachorro mas os sentimentos são iguais.

Alonso tem o biruta como seu grande amigo conversa, brinca e briga.

Biruta é muito bagunseiro gostava de ficar mordendo as meias de dono zulu e a carterinha de Leduina.

Foi por essas brincadeiras Alonso ficou sem seu melhor amigo seu cachorro biruta.

Eu achei essa história triste, porque acabou triste, me fez lembrar também quando eu tinha 11 anos e tinha um cachorro malhado tinha muitos mas aquele era o que eu mais gostava infelizmente ele morreu atropelado.

Comentários gerais sobre a 2ª antologia

Opinião

Sou a pessoa menos indicada para opinar sobre o assunto. Principalmente porquê existe uma mania quase generalizada dos escritores infantis conduzirem suas histórias por caminhos que levam a criança às lágrimas. Essa tendência vem se desvanecendo. Atualmente as crianças têm se ligado mais em histórias cheias de ação, mas infelizmente com pouco teor moral.

Os textos que nos deram, são exemplos de descrições de crianças. Os escritores não se limitaram em descrever simplesmente as personagens fisicamente, mas também marcando os traços psicológicos, selecionando e ressaltando aspectos considerados importantes para a caracterização dos personagens.

Na verdade acheias todas piegas. No 1º texto a autora descreve um garoto que vive brincando de soldado com seus amigos. Tem um cachorro, a quem dedica e recebe todo carinho. O mesmo é atropelado e tem de ser sacrificado, levando o garoto a meditar sobre a morte.

No 2º texto vemos mais uma historinha sem sal e sem açúcar. Uma menina que ganha um piquito de um tio que mora numa fazenda. A morte está também no seu final melancólico. A autora descreve muito bem o ambiente familiar com o qual o papagaio foi morar, a maneira como foi escolhido o seu nome, e as pessoas que lhe rodeiam. A menina, uma solitária como sempre.

O 3º texto, graças a Deus menos melancólico, trata-se também de um garoto que tem um cachorro como único amigo e acaba sendo separado do mesmo.

Deve-se observar que nesse texto a intenção da autora é descrever o comportamento do garoto e do cachorro no convívio familiar, ressaltando o aspecto psicológico do garoto.

O garoto tirado dum orfanato como filho, mas não era tratado como tal. Sua afinidade com o animal era total. O mesmo, apesar de só lhe trazer problemas, parecia entender diretamente os pensamentos do seu dono. Aliás, percebeu primeiro que o garoto que este era o seu último passeio.

3ª ANTOLOGIA – COMPORTAMENTOS INFANTIS

O menino mais novo, de Graciliano Ramos

Neste texto fica um ar de inveja, o menino mais novo tem sonhos e admiração pelo seu irmão Fabiano.

Ele queria fazer alguma proeza para impressionar seu irmão Fabiano seu cachorro Baleia.

Seu irmão gostava de montar na égua alazã, e o menino mais novo queria fazer a mesma coisa, mas sua idade e seu porte físico não o ajudava. Cada dia que passava a admiração por Fabiano alimentava, o menino mais novo queria ser como seu irmão, queria montar nas éguas chucra, também queria tirar alguma admiração da Sinhá Vitória.

Um dia o menino mais novo inventou de querer montar nos bodes, ele esquematizou tudo, esperaria o bode colocar a cabeça no cochinho de água aí ele montaria.

Mas ele queria que seu irmão Fabiano e sua cachorra Baleia presenciase tudo, ele montou no bode por alguns segundos e caiu.

Ficou por alguns segundos no chão, seu irmão ria de seu fracasso, isto o despetecionou muito. Ele colocou na sua mente que iria crescer e ser mais forte que seu irmão Fabiano, iria também montar e domar os cavalos mais feroces que existissem.

Mas enquanto não acontecesse isto, ele iria continuar a admirando seu irmão Fabiano.

A.G.P.

Os netos de Lennon, de Walcir Carrasco

Neste texto fala de como os pais estão sendo improdutos ao educar os filhos.

Relatou que os filhos estão manipulando os pais, querem que os pais completem o que eles querem. Fala também que os pais não sabem dizer não para os filhos, certos tipos de atos, são criados pelos próprios pais.

Falou que os netos de Lennon não estão sendo bem educados pelos pais, deixa os filhos fazerem o que bem entenderem.

Para que o filho seja bem educado e preciso que os pais sejam produtivos, em saber dizer não nas horas certas e sim nas horas exatas. Às vezes é difícil dizer

para os filhos não, mas isto tem que acontecer com frequência porque se não os pais vam se lamentar até o fim de sua vida.

No texto fala da mal educação dos filhos nas hora da alimentação, na casa de outras pessoas. Por isso é preciso educar os filhos para que eles sejam pessoas de bem, para que não se perda no mundo.

A. G. P.

O inferno, de Graciliano Ramos

Neste texto um menino de 6 anos procura achar resposta para suas duvidas. Ele pergunta a sua mãe o que seguifica inferno, sua mãe esprica, mas para ele fica algumas duvidas.

Ele sabe que o inferno é um nome feio, também sabe que este nome é utilizado em brigas verbais e o lugar que as pessoas manda a outra quando está nervosa.

Sua mãe também espricou que este lugar é onde abita as pessoas más, falou que neste lugar é cheio de fogo ardente, e que não existe árvores e nem plantas, falo que existia demônios de rabos que torturava as pessoas que abitavam lá depois de mortos em fogueras de fogo ardente maior que as de S. João. Por mais que foi espricado ainda ficou as duvidas, ele queria saber como as pessoas conseguia sobreviver em labareda de fogo.

Ele desejava saber a explicação para curiosos abitos, sua mãe deu uma explicação curta e rápida disse que os diabos eram acostumado com o fogo. Pela sua coriosidade veio algumas chineladas e outros castigos.

A. G. P.

4ª ANTOLOGIA – PESSOAS QUE MARCARAM A INFÂNCIA

O avô secreto, de Moacyr Scliar

Esta é uma história muito bonita.

Um garoto precoce, com um belo talento para contar histórias e de amigos interessados e dispostos à ouvi-las.

Os personagens, garotos de classe média alta, que usufruem de boas roupas e bons brinquedos, conhecem um novo amigo que se mudara para a rua onde moram. Este, de uma família menos abastada, mas que teve boa educação. O novo

morador surpreende pela capacidade de contar histórias, supostamente passadas pelo seu avô, que no final da história se descobre não mais existir.

As relações de amizade se transcorrem de maneira fraternal entre os garotos.

O que impressiona e fascina a galerinha é a facilidade do novo amigo na descrição dessas histórias.

Já no final, um dos garotos descobre que o contador de histórias não tem avô nenhum, pois o mesmo havia falecido a dois anos. O entanto o mesmo demonstra muita percepção e resolve não falar aos demais colegas que não havia nenhum avô aventureiro.

L. F.

Comentário do texto “O avô secreto”

Eram três meninos que vinham de família ricas, que faziam parte da crace alta da sociedade.

Estes meninos tinham tudo que desejarem, eles também tinham avôs que os presentavam quase todos os dias.

Ao passar do tempo veio morar uma família na mesma rua do prédio, esta família era uma família simples e umilde financeiramente.

Eles foram morar em um casaram que estava desocupado fazia algum tempo, mas com uma bela reforma se transformaria em uma bela e confortante moradia para família.

A pesar da quela família ser uma família com problemas financeiro, não deichava de ser vista como pessoas boas e de carater.

Rafael é o menino que veio morar no casaran, e rapidamente ele se tornou amigo dos meninos que reside no prédio.

Rafael era um menino que aparentava tristeza, mas era por outro lado um menino muito inteligente.

Rafael não estudava no mesmo colégio que os meninos do prédio, mas sua fama de menino brilhate era conhecida.

Os meninos do prédio as vezes pediam ajuda para Rafael no trabalho de escola, e Rafael nunca soube falar não.

A convivência de Rafael com os meninos do prédio era um pouco constrangedora, por causa da desigualdade financeira.

Rafael tinha alguns brinquedos que não se comparava com os brinquedos dos meninos do prédio. Mas esta desigualdade não incomodava Rafael, pois ele estava satisfeito com o que tinha. Mas um dos meninos do prédio percebeu que tinha algo que perturbava Rafael, sempre que o menino do prédio tocava no assunto avôs, Rafael ficava triste.

Um dia um dos meninos do prédio perguntou se Rafael tinha avôs, e ele disse que sim.

Mas este avô era um avô imaginário, que não tinha condições de presentear com brinquedos, mais tinha condições de contar varias historias.

Estas historias que Rafael contava, era fruto de sua imaginação, e os meninos do prédio gostavam.

Até que um dia um dos meninos do prédio decobre que o avô de Rafael já tinha morrido e fazia dois anos.

O menino bem que poderia desmascarar Rafael, mas ele não fez por compaixão.

Ele devia saber com Rafael se sentiria triste constrangido diante de tal situação. por isso não falou nada, este foi o seu presente para Rafael de despedida.

Rafael se sentia uma pessoa sozinha, por isso usava sua imaginação, era algumas vezes mentira mas não fazia mal a ninguém.

Rafael se mudou no ano seguinte e os meninos do prédio nunca mais o viram e nunca ouviram as suas divertidas historias. E os meninos do prédio sonhava com um avô que nem o do Rafael, um avô contador de historia.

A. G. P.

A casa dos mistérios, de Miguel Jorge

Enfim uma história engraçada. Uma história infantil para todas as idades. Escrita numa época em que havia muita tensão, e uma paranóia levava todo mundo a pensar em que éramos alvo de espiões nazistas.

É fácil agora depois de tanto tempo, ver como a mente humana é fácil de ser manipulada. Principalmente a infantil.

O personagem principal, um garoto de aproximadamente 10 anos e seus coleguinhas de escola se vêm influenciados pelo clima de guerra na década de quarenta, quando fervilhavam boatos de toda natureza. Tudo era motivo para especulação e suspeitas.

Os personagens dominados pela curiosidade, medo e por um patriotismo ingênuo se deixam levar para uma aventura singular e patética.

Tudo muito engraçado.

L. F.

Descobertas (opinião sobre A casa dos mistérios)

Eu gostei desse por ter uma história que fala da guerra da Alemanha e as preocupações dos garotos e garotas, que por amor apátria até colocarão suas próprias vidas em risco para descobrir um fato que amedrontava e arondava uma cidade, ou até o país; mesmo assim aquelas crianças não deixaram de ir em busca da verdade, pois viram que não tinha espiões na cidade, que a guerra não chegaria até aquela pequena cidade, principalmente, descobrirão que a casa da esquina não era esconderijo de espiões, também descobrirão que o alimão não é um dos guerrilheiros nem espião, que sim era mesmo um dentista, que procurava um lugar longe das tormentas de qualquer possibilidade de guerra.

J. B.

O canteiro do meu avô, de Adriano Messias

André foi até o sítio de seu finado avô, e começou a recordar da sua feliz infância, e das suas brincadeiras.

E também começou a recordar de seu querido avô, para André seu querido avô era uma pessoa muito especial e muito carinhosa, com ele e também com as flores.

André começou a entrar na mata fechada que tinha no sítio, e andou por alguns minutos até chegar a onde seu avô costumava plantar lindas flores de cores variadas.

Só André a empregada Bá e Deus conheciam aqueles lugares lindos e maravilhosos.

Quando você chega naquele belo lugar, o perfume das flores exalam, e quem mais desfruta deste lugar são as abelhas, as joaninhas e as borboletas, que são muitas. Naquele lugar está depositado todo carinho de uma pessoa que amava a vida. Naquele mesmo lugar o avô de André foi enterrado, e encima de uma pedra de granito, estava a fotografia do avô de André.

Encima do túmulo, estava plantado girassóis, e o incrível que parece é a flor que André mais gostava.

Para André a alma de seu avô não estava lá, estava para ele no mar feliz e contente. André ia aquele lugar para se lembrar de como seu avô era uma pessoa especial e de como eles tinha algo em comum.

André não ficou abalado com a morte de seu avô, porque ele tem guardado no seu ser interior e em uma cardeneta todas as historias que seu avô contou.

André também tinha um grande carinho pela empregada Bá, que apoiava tudo que ele fazia. Bá tinha cem anos, ela viveu um bom tempo nas garras de feitores e dos senhores cafeeiro. O avô de André nunca tratou Bá como escrava e sim como empregada. Bá tinha sua própria casinha, e gostava de reseber visita e de ficar pitando cachibo assentinha em um banco. Bá tem cachorro que dorme o tempo todo, e Bá não dechava André atormentar a alma do avô.

Bá era uma pessoa superticiosa e não dechava André chamar o nome do avô.

A. G. P.

Ai que saudades que eu tenho

Neste texto mostra a diferença de temperamento do pai e de sua mãe. Mas ambos são carinhoso com a filha.

Sua mãe era pessoa menos suave, ao mesmo tempo que ela era uma mulher calorosa ela era também temperamental. Ela não batia na filha, mas falava alto, envadia seu carto sem pedir licença, fora isso era uma boa mãe. Já seu pai era uma pessoa de personalidade suave, me respeitava de uma tal maneira de des dos meus quatro anos ele batia na porta do meu carto para entrar. Seu pai era poético, gostava de ler historia para sua filha, graça ele ela se tornou uma pessoa apaixonada por poesia e por livros.

Sua mãe já gostava de cantar romanças, canções revolucionárias, e óperas. Os dois tinham opiniões difertes sobre as coisas como: política, religião, literatura, e educação, mas ambos tinham razão.

Ela gostava muito de ouvir seus pais discutir era uma escola para ela.

Mas apesar de tudo ela sabia que tudo que seus pais fazia era para o seu bem seja brigar ou fazer carinho era para o seu bem.

A. G. P.

ANEXO V

PRODUÇÕES DE TEXTOS COM PERSONAGENS CRIANÇAS

Texto J. B. – Pais e Filhos

Este texto é dedicado as crianças do Brasil.

Filhos, vocês que a inda tem seus pais dá o merecido respeito à eles, pois eles são fundamental a nossas vida, cuida com atenção e muito carinho.

Eu não pude aproveitar este privilégios da vida, pois perdi os meus pais cedo de mais antes de poder desfrutar tudo que eles tinha para me oferecer.

Gostaria de pensar a sim quando eu os tinha, talvez ate poderia ter evitado as tragedias que a aconteceu e telos comigo hoje, assim dizer a eles o quanto são importante em minha vida, quanto sinto falta do carinho deles, principalmente a mãe.

A mãe que perdi quando já era adolescente, a mãe que eu era ta apegado.

Então quero diser a vocês o que é amor de mãe crianças.

Amor de mãe é lembrar as noites quando ele entrava no quarto para ver se estava dormindo, se estava coberto, as manhãs que mi acordava para ir a escola, os cuidados com a minha roupa, como olha as minhas orelhas para ver se estava bem limpas, ela me servindo as refeições, até as veis que eu batia como fórmula de me educar. Tudo isso para mim é um grande amor, amor de mãe crianças...

Texto I. S. – Amor de mãe

Mãe, quando você nos colocou trancados num quarto com o cachorro, tudo naquele momento mudou, não só para mim mas também para minha irmã, ela sentiu mais sua falta doque eu, porque ela era mais velha e já sabia o que era o amor de mãe eu era muito novo e não entendia o que estava acontecendo.

Lembro do carinho, atenção, da roupa limpa, da comida, do café com bolo de milho da minha vó que me criou como seu filho.

Amor de mãe fui sentir sua falta, na minha adolescencia, alguma coisa estava faltando, não era comida, não era roupa limpa nem o bolo de milho era carinho, atenção, abraço de mãe, um ombro onde eu pudesse colocar minha cabeça e falar de todas as minha inseguranças.

Sentir um afago de mãe.

Texto A. G. P. – Sem título

No início de minha vida,
achei força nas palavras de um poeta,
que foi a rasteira, espancado e chamado de falso profeta.

Um homem que por amor
suportou a dor até o fim.
É motivo de orgulho sim.
Lembrança que eu guardo no pensamento,
o que aconteceu comigo foi ação do tempo.

Longe da minha família não sinto alegria.
Nada deicha o homem mais doente
que o abandono dos parentes.

Paro as vezes pra pensar se vou construir um belo lar.
É uma bela família, com conforto e alegria.
Ou se vou morrer, sem descobrir as melhores coisas daqui.
Pare e pense em uma solução
Para sair das piores situações
Sem nenhuma precipitação

Não jogue sua vida no lixo
não se transforme em um noiado
Em um bicho.

Os jovens de hoje endiados nas drogas procuram alegria.
Gostão de ficar muito loucos
E pra família é um desgosto
O que será que aconteceu,
Será que os jovens de hoje viraram ateus.
O meu Deus! muitos estão sendo corrompidos pelo prazer.
E acabam sendo contaminados pelo HIV.

Se o jovem de hoje não se cuida

Mais tarde não adianta chora
Pode acredita que mais tarde
não adianta chora... Pode acredita...
Pode acredita”,

Texto L. F. – **Professorinha (1ª versão)**

Seis anos, ainda guardo na memória o dia em que minha mãe me levou pela primeira vez à escola.

Morávamos em Fortaleza numa rua não muito longe do centro. A escola ficava a dois quarteirões da nossa escola.

Eu era o único filho em idade escolar, mas percebia que até os meus pais estavam ansiosos por isso. Meu coração fervilhava de aflição, pois me haviam tido que eu conheceria muitos amigos e que lá teria muitos brinquedos e muita diversão. Me disseram também que eu deveria ser educado e obediente. Todos aquelas coisas que todos os pais falam, mas nunca fizeram.

Quando chegamos à escola, fiquei surpreso pois o ambiente era muito maior do que eu havia imaginado. Fervilhava de crianças e algumas delas choravam e queriam que suas mães não fossem embora.

Foi então que minha mãe apresentou aquela fada, a minha primeira professorinha. Fui flexado instantaneamente.

Seu nome era Lucília. Era baixinha, magrinha, de olhos agateados e quentes e sua voz era uma música suave que deixou meu coração em frangalhos. Acredito que tinha lá os seus 18 anos. Era puro açúcar.

Brincava e cantava conosco como se nos conhecêssemos há muito tempo. Em pouco tempo estávamos familiarizados e encantados com ela.

E quem disse que o meu coração ficaria satisfeito só com isso?

Um belo dia, se fez ainda mais bonita e numa brincadeira de roda com meninos e meninas, ela se pôs a dançar, com as mãos na cintura, rebolando infantilmente, mas com graça e feminilidade. Tudo nela me deixava embevecido. Deixei que tudo se acalmasse e quando ficou só me aproximei e disse:

- Quando eu crescer você vai se casar comigo.

Ela explodiu numa risada incontrolável, até lhe vir as lágrimas. Me abraçou com carinho, me beijou e disse que eu era um garoto bôbo.

No final do dia me escreveu um bilhete e pediu que eu entregasse à minha mãe.

No dia seguinte minha mãe me acompanhou até a escola.

Conversaram reservadamente e depois minha mãe foi embora com um grande sorriso no rosto.

A noite, durante o jantar, meus pais comentavam dando boas gargalhadas os acontecimentos do dia anterior.

Não fiquei magoado pelo fato dela ter comentado sobre os meus sentimentos, mas sim por não ter me levado a sério.

Bons tempos aqueles. É difícil esquecer certas pessoas. Eu era um garoto muito feliz.

Texto L. F. – **Minha primeira professorinha (2ª versão)**

Na década de 50, nossa família morava em Fortaleza, a bela capital cearense. Estava sempre banhada de sol e suas praias belíssimas eram ponto de encontro das famílias. Uma época que jamais conseguirei esquecer. Apesar de eu, na época, ter somente 6 anos, ainda guardo na memória, o dia em que minha mãe me levou pela primeira vez à escola.

Morávamos numa rua não muito longe do centro. A escola ficava a dois quarteirões da nossa casa. Era imensa, muito maior do que eu havia imaginado. Eu era o único filho em idade escolar, mas percebia que até os meus pais estavam ansiosos por isso. Meu coração fervilhava de aflição, pois me haviam dito que conheceria muitos amigos e que lá eu teria muitos brinquedos e muita diversão. A escola superou todas as expectativas. Me disseram também que eu deveria ser educado e obediente. Todas aquelas coisas que os pais dizem, mas nunca fizeram.

A escola dispunha de play-ground, tudo era colorido e as professoras muito simpáticas. O local fervilhava de crianças e algumas delas choravam queriam que suas mães não fossem embora.

Foi então que minha mãe me apresentou aquela fada, minha primeira professora. Fui flexado instantaneamente. Seu nome era Lucília. Era baixinha, magrinha, de olhar agateado e quente e sua voz era uma música suave que deixou meu coração em frangalhos.

Acredito que tinha lá os seus 18 anos. Era puro açúcar. A professorinha brincava e cantava conosco como se nos conhecesse há muito tempo. Em pouco tempo estávamos familiarizados e encantados com ela.

E quem disse que o meu coração ficaria satisfeito só com isso?

Deixei que tudo se acalmasse e quando ela ficou só me aproximei e disse:

- Quando eu crescer você vai casar comigo.

Ela explodiu numa risada incontrolável, até lhe virem as lágrimas. Beijou um pouco d. água pra se acalmar me abraçou com carinho, me beijou e disse que eu era um garoto bobo. Ficou conversando comigo, me consolando, procurando não me deixar frustrado.

No final do dia me escreveu um bilhete e pediu que eu entregasse à minha mãe.

No dia seguinte minha mãe me acompanhou até a escola.

Conversaram reservadamente e depois minha mãe foi embora com um largo sorriso no rosto.

A noite, durante o jantar, meus pais comentavam dando boas gargalhadas os acontecimentos do dia anterior.

Não fiquei magoado pelo fato dela ter comentado sobre os meus sentimentos, mas sim por não ter me levado a sério.

Bons tempos aqueles. É difícil esquecer certas pessoas. Eu era um garoto muito feliz.

Texto C. E. O. – **A teimosia de Thiago**

Desde o início de sua juventude Thiago destacava-se chamando muito a atenção devido a seu comportamento, gênero, maneira de ser e atitudes.

Sentia mais prazer nas ruas do que na escola, usava toda sua capacidade e inteligência p/ mentiras e sucessivamente matava aulas sem que seus pais desconfiassem.

Seus pais além de serem pessoas bastante humilde eram também de idade, desligados e desatenciosos em questão do comportamento do filho, embora sabiam que Thiago era super agitado, demonstrava ser um tanto revoltado mas continuava ablidoso com as pessoas e com as palavras. Este desvio de conduta ocorreu quando Thiago conheceu e se envolveu com as drogas, via naquela rapaziada uma

sensação de poder misturado de adrenalina, via também que eles eram seus verdadeiros amigos.

Com dezessete anos começou fumando maconha por curiosidade e sentia-se bem com o efeito da droga, posteriormente conheceu a cocaína apresentada por um de seus melhores amigos (Zezinho). O objetivo de ambos era: usar uma substância de maior efeito. Zezinho já fazia pequenos furtos e vivia nas ruas envolvido na malandragem, tinha melhor desenvoltura para o crime e costuma se dar bem.

Zezinho vivia falando pro Thiago:

- Aí (cara) eu não suporto mais encontrar com você e a toda hora você me (ligando), se você quer usar droga tem que roubar ou traficar porque as coisas não vão cair do céu não falo meu camarada.

Thiago logo de imediato pergunta a Zezinho:

- O que é Zezinho que nós podemos fazer p/ arrumar uma grana e p/ negociarmos uma droga p/ gente usar.

Nem imagina a grande dor de cabeça que Thiago terá pela frente a dar sua palavras e ao se comprometer com Zezinho.

Agora juntos tinham que sobreviver e a única alternativa era roubar.

Texto N. P. S. – **O arrependimento (1ª versão)**

Esta é a história de Didi, que ao longo de sua vida não teve uma formação escolar.

Vindo de família pobre e humilde, morador da favela da Rocinha, sempre esteja entre conflitos familiares, pois não aceitava muitos conselhos de sua mãe, que aos nove anos de idade entrou para o mundo das drogas.

No começo só fazia uso de maconha, com os doze anos, passou a fazer parte da “firma”, como assim ele diz, para ganhar dinheiro com o tráfico de drogas, passava a noite inteira vendendo e fazendo uso de drogas e muitas vezes chegou a gastar mais do que vendia e ficava no vermelho com a “firma”, tendo que fazer alguns serviços extras para quitar a dívida com os donos da boca onde ele trabalhava.

Certa vez ele teve que participar de uma cobrança de contas com um dos chefes do morro onde ele morava e por fazer parte da “firma”, não teve como dizer não e lá estava ele envolvido até o pescoço com a situação e em determinado momento Pelé um dos chefes lhe chamou a atenção.

- Didi.

- Venha cá, quero que você mostre sua fidelidade para com a “firma”, (boca de tráfico) e mostre o que acontece com esses pilantras que tem dívidas com a “firma” e não as paga.

- O que você quer que eu faça?

- De imediato Pelé saca uma pistola 9mm. Destrava e faz uma “manobra” (engatilha a pistola) e diz que tem 19 no pente quero todos na cabeça deli essi pilantra vai pagar com a vida dele todo o crack que ele fumou.

Didi por sua vez sem saber o que fazer em fração de segundos si tornou um açassino pois descarregou o pente da pistola na cabeça de sujeirinha um viciado em crack, que ao invés de ter tido uma oportunidade de estudar e trabalhar dignamente teve sua vida ceifada pela violência no tráfico.

Agora com 15 anos preso pela vigésima vez nos fala um pouquinho de sua vida, em uma entrevista concedida a revista (Liberdade) para o repórter Mário Bragança.

- Didi, você tem 15 anos agora?

- É isso mesmo?

- Sim

- Você foi condenado a quanto tempo para ficar aqui nesta casa de recuperação?

Tenho que ficar três anos, talvez com bom comportamento eu vá antes para casa.

- Didi do que você mais se arrepende?

A é o seguinte tio, eu tenho muito que me arrepender principalmente por não ter dado ouvidos para os conselhos de minha mãe.

- Que conselhos são estes?

Sabe né meu, mãe sempre fala para o bem da gente.

- O que sua mãe lhe falava sempre?

Ela sempre foi contra eu ter entrado para o mundo do crime, sempre tem gente envolvida no tráfico morrendo por disputa de território de venda de drogas, e os que não morrem pela mão da polícia sempre acabam presos por vários tipos de crimes.

- Que tipo de crimes por exemplo?

A é o seguinte né tio, vai desdi um simples furto, assalto a mão armada, tráfico, homicídio entre outros tipos de crime que na maioria das vezes estes crimes são cometidos por usuários de crack para sustentar o vício.

- E agora que você está preso nesta unidade para recuperação de viciados em crack, o que você pensa da vida?

Olha a parada é o seguinte tio, quero muito poder vencer o vício que tenho e poder voltar a ter uma vida digna, fazer alguns cursos profissionalizantes, pois quando eu poder sair eu tenha mais chance, de conseguir um bom emprego para poder ajudar minha mãe.

- E agora com tudo isso que aconteceu com você na sua vida, com essa experiência amarga que você teve sobre o submundo do crime?

A né meu, eu dizia o seguinte que saia dessa caminhada o quanto é tempo e que passe a dar ouvidos aos conselhos de seus pais e mãs.

Por que si eu tivessi dado ouvidos aos conselhos eu não estava aqui neste momento.

- Você tem sonhos na vida?

Sim.

De terminar meus estudos e me formar.

Você gostaria de se formar em que?

Quero ser um professor.

- Por quê professor?

Eu acho uma profissão muito bonita, pois desde que fui apresentado ao mundo do saber sempre tive novas novidades pois cada palavra nova que aprendo é como si uma nova janela si abrisse em minha vida.

Texto N. P. S. – **O arrependimento (2ª versão)**

Esta é a história de Didi, que ao longo de sua infância, não teve formação escolar.

Vindo de família pobre e humilde, ele e seus dois irmãos e sua mãe, moravam na favela da rocinha, sempre esteve entre conflitos familiares, pois não aceitavam muito os conselhos de sua mãe, aos nove anos de idade entrou para o mundo das drogas.

No começo só fazia uso de maconha com doze anos, passou a fazer parte da firma, como assim ele diz, para ganhar dinheiro com o tráfico de drogas, passava a

noite inteira vendendo e fazendo uso de drogas e muitas vezes chegou a gastar mais do que vendia e ficava no vermelho com a firma, tendo que fazer alguns serviços extras para quitar a dívida com os donos da boca onde ele trabalhava.

Certa vez ele teve de participar de uma cobrança de contas com um dos chefes do morro onde ele morava, lugar cheio de vielas e becos sem saída e sombrios, como se a morte rondava por ali, ele não teve como dizer não e lá estava eli envolvido até o pescoço com a situação.

Em determinado momento pelé, um dos chefes do tráfico lhe chamou a atenção.

- Didi, venha cá quero que você mostre sua fidelidade para com a firma e mostre o que acontece com esses pilantras que tem dívidas com a firma e não as paga.

- O que você quer que eu faça?

De imediato Pelé saca uma pistola 9mm à destrava e faz uma “manobra” engatilhando a pistola e diz que tem 19 no pente quero todos na cabeça deli essi pilantra vai pagar com a vida dele todo o crack que ele fumou.

Didi por sua vez sem saber o que fazer em meio aos prantos de clemência de sujerinha para pouparem sua vida, em fração de segundos se tornou um assassino, pois descarregou o pente da pistola na cabeça de sujerinha, um viciado em crack, que ao invés de ter aproveitado a oportunidade de estudar e trabalhar dignamente, teve sua vida ceifada pela violência do tráfico.

Agora com 17 anos preso pela vigésima vez nos fala um pouco de sua vida, em uma entrevista concedida a revista (Liberdade) para o repórter Mauro Bragança.

- Didi você tem 17 anos agora, é isso mesmo?

- Sim senhor.

- Você foi condenado a quanto tempo para ficar aqui nesta casa de recuperação?

- Tenho que ficar três anos, talvez com bom comportamento eu consiga sair antes e voltar a viver com minha família.

- Didi do que você mais se arrepende?

- A é o seguinte tio, eu tenho muito do que me arrepender, principalmente por não ter dado ouvidos para os conselhos de minha mãe.

- Que conselhos são esses?

- Sabe né meu, mãe sempre fala para o bem da gente.

- O que sua mãe lhe falava sempre?

- Ela sempre foi contra eu ter entrado para o mundo do crime, sempre tem gente envolvida no tráfico morrendo por disputa de territórios de vendas de drogas, e os que não morrem pela mão da polícia sempre acabam presos por vários tipos de crimes.

- Que tipo de crimes por exemplos?

- Á, é o seguinte né tio, vai desde um simples furto, assalto a mão armada, tráfico, homicídio entre outros tipos de crime e que na maioria das vezes esses crimes são cometidos pelo usuários de crack para sustentar o próprio vício.

- E agora que você está preso nesta unidade para recuperação de viciados em crack, o que você pensa da vida?

- Olha a parada é o seguinte tio, quero muito poder vencer o vício que tenho e poder voltar a ter uma vida digna, já voltei a estudar, quero ter a oportunidade de fazer alguns cursos profissionalizantes, pois quando eu poder sair eu possa ter mais chance no mercado de trabalho para conseguir um bom emprego, para poder ajudar minha mãe e meus irmãos.

- E agora com tudo isso que aconteceu com você em sua vida, como essa amarga experiência que você teve sobre o submundo do crime o que você diria para os jovens e adolescentes que ainda estão no mundo do crime?

- A né meu, eu diria o seguinte que sai dessa caminhada o quanto é tempo e que passe a dar ouvidos aos conselhos de seus pais e mãe, porque si eu tivesse dado ouvidos aos conselhos, eu não estaria aqui neste momento.

- Você tem sonhos na vida?

- Sim.

- O que por exemplo?

- De terminar meus estudos e me formar.

- Você gostaria de se formar em que?

- Quero ser um professor.

- Por quê um professor?

- Eu acho uma profissão muito bonita, e desde que fui apresentado ao mundo do saber, sempre tive novidades pois a cada palavra nova que aprendo é como se uma nova janela se abrisse em minha vida.

- Para finalizar, lhe desejo sorte na vida e que você consiga alcançar seus ideais com sucesso e quero lhe dizer que nunca desista de lutar pelo seus ideais.

- Muito obrigado.

Texto N. P. S. – **Continuação da história do Biruta (1ª versão)**

Os tempos passaram e hoje Alonso já é um moço já é um moço formado e ao longo de sua vida teve muitas dificuldades e decepções, mas acima de tudo sempre foi perseverante.

Pois começou a estudar em um colégio público perto da casa de Leduína a empregada que desde criança sempre o protegia, sendo que seu amor e carinho por ela sempre teve uma atenção especial pois Leduína para ele era como a mãe que o destino lhe proporcionara.

Ao longo de sua infância lhe educou e lhe deu amor e carinho, como um verdadeiro filho.

Todos os dias ao sair da escola ele sempre dava uma passadinha na casa de Leduína, para lhe fazer uma visita e para conversar com seus dois filhos, que pelos quais tinha uma grande amizade até mesmo porquê estudavam juntos no mesmo colegio, entre o assunto do dia Alonso queria fazer um convite para Leduína ser sua madrinha no dia de sua formatura a qual aconteceria no final do ano.

Ao final da tarde seguiu então Alonso para casa de Leduína com a companhia de seus dois filhos, ao chegar a casa estava lá no portão Leduína que ao vê-lo ficou muito feliz após lhe cumprimentar lhe convidou para entrar e tomar um cafezinho e Alonso por sua vez logo lhe veio a mente o cheiro e o gostinho, gostoso do café de Leduína e de imediato Alonso entra na sala e passam a conversar sobre a vida de cada um entre um cafezinho e outro Leduína lhe indagou sobre o biruta se ele obtivera alguma notícia sobre o paradeiro dele, o qual ele jamais se esqueceu, mas jamais o tinha visto novamente.

Ele por sua vez respondeu meio triste que não.

Leduína sorriu, por que você está sorrindo Leduína, vou lhe dizer algo que tenho certeza que vai gostar muito de saber.

O que Leduína?

Fala, fala Logo; que estou curioso para saber o que é!

Descobri onde o biruta está morando.

O que?

Isso mesmo eu sei, me diga por favor, calma meu querido vou lhe contar, você sabe onde o seu cláudio mora.

Seu cláudio?

É o diretor da escola, sei é claro que sei então é lá e tenho certeza que você terá uma surpresa ao reve-lo, surpresa porque?

Vai lá e veja você mesmo!

Alonso saiu em disparada para ver o seu grande amigo que a anos não o via.

Ao chegar a casa do diretor da escola, si deparou com um grande portão todo fechado, o qual não se conseguia si ver nada do lado de dentro, chegou até a entrada e tocou a campainha e de imediato começaram a latir varios cachorros ao mesmo tempo, si passaram alguns minutos e o portão si abriu era a empregada, pois não em que posso ajuda-lo, gostaria de falar com o seu Cláudio por favor, sim e claro a quem deve anunciar eu sou o Alonso aluno da escola, só um minuto por favor que vou chama-lo.

Ficou Alonso a espera do senhor Cláudio com o coração apertado sem saber o que diria para o diretor quando ele chegasse, se distraia um pouco olhando a beleza do jardim da casa o qual tinha um grande orquídario com lindas e perfumadas orquídeas pelas quais ficou maravilhado com tanta beleza.

Logo mais ao fundo tinha um canil do qual vinha um latido que aos seus ouvidos não lhe era estranho, más foi interrompido com um cumprimento de boa tarde, meu rapaz em que posso ajudá-lo.

Boa tarde senhor Cláudio eu sou o Alonso aluno do Colégio onde o senhor é diretor sim Alonso eu o conheço você é da turma da tarde que vai se formar no final do ano não e mesmo?

Sim senhor, mas o que me traz até a sua presença é o fato de que fiquei sabendo que o senhor acolheu em sua casa a alguns anos atrás um cachorro pequenino e branco com uma orelha em pé e a outra completamente caída, sim eu o encontrei solto na rua perto aqui de casa, com fome e morrendo de frio, pois quando eu o encontrei era inverno, mas o que isto tem aver com sua visita, olha seu Cláudio e que este cachorro sempre foi meu grande amigo em minha vida e por malvadeza da casa onde eu morro até hoje o soltou na rua pois ele era muito bagunceiro, gostaria de pedir ao senhor si posso ve-lo sim é claro, vamos até o canil.

O coração de Alonso pulsava tão forte que parecia que iria lhe saltar do peito, e saíram em disparada em direção ao canil, seu cláudio lhe perguntou:

Como você o chamava?

Biruta senhor, biruta né então vamos ver si ele o reconheci.

Ao abrir a porta do canil saíram vários cachorros correndo de dentro, mas nada do biruta, ao olhar para dentro do canil lá estava ele da mesma maneira como na casa de dona deitado em meio ao pedaço de colchão, ao velo Alonso o chama pelo nome.

Biruta!

Ele o olha rapidamente e sai em disparada de dentro do canil todo feliz pulando e abanando o rabo, e não é que ele o reconheceu mesmo.

Pois Alonso, mas agora o biruta não está mais só porque quando eu o encontrei eu tinha uma cachorra que na época andava meio triste e com a chegada do biruta ela voltou a ficar mais alegre e este ano ela deu cria de 6 cachorrinhos e por incrível que pareça tem um filhote que é muito parecido com o biruta, e desde já estou vendo o seu amor por ele, e estou disposto a lhe dar um filhote você pode escolher um e todo seu, e claro que eu quero e vai ser este mesmo pois ele é todo bonitinho até se parece com o biruta quando era pequeno e desta vez posso cuidar dele pessoalmente para que ninguém o faça mal, gostaria de poder vir visitá-lo sempre se o senhor me autorizar e claro, pode é claro que pode ter certeza que o biruta vai gostar muito.

Texto N. P. S. – **O reencontro (2ª versão)**

Os tempos passaram e hoje Alonso já com 16 anos um moço formado que ao longo de sua vida teve muitas dificuldades e desiluzões, mas acima de tudo sempre foi perseverante, começou a estudar em um colégio público perto da casa de Leduína, a empregada da casa de seus pais adotivos que moravam no bairro do Morumbi, na cidade de São Paulo. Desde que era criança Leduína o protegia, sendo que seu amor e carinho por ela sempre teve uma atenção especial pois Leduína para ele era como uma verdadeira mãe que o destino lhe proporcionara, e ao longo de sua infância lhe educou com amor e carinho como um verdadeiro filho, pois de seus pais adotivos, Alonso sempre foi maltratado fazendo de sua infância um verdadeiro inferno, porque nunca o trataram como um verdadeiro filho, até parecia um empregado da casa, sempre com seus afazeres.

Leduína que por sua vez, nunca concordou com tamanha malvadeza de seus patrões em relação ao tratamento e com o abandono a educação de Alonso, que ao invés de estar estudando estava sendo explorado com os trabalhos que o mesmo tinha que fazer.

Dias depois de Leduína sair em defesa de Alonso ela foi mandada embora do emprego por seus patrões, que por sua vez não aceitaram o atrevimento por parte da empregada.

Alonso por sua vez ficou muito triste e decepcionado com seus pais adotivos, mas pelo amor que tinha por Leduína não quis perder o contato com sua pessoa e de imediato pegou seu endereço, que ficava no morro do pavão rua das azaléias n: 41 não muito longe de onde eles moravam.

Após a intervenção de Leduína em defesa de Alonso ele foi matriculado em uma escola pública e por incrível que pareça era perto da casa de Leduína onde os filhos dela também estudavam e todos os dias ao sair da escola ele sempre dava uma passadinha na casa de Leduína, para lhe fazer uma visita a sua mãe de coração. Ele e os filhos de Leduína sempre voltavam juntos da escola. Leduína senhora humilde e de idade já avançada, sempre no portão de sua modesta os esperavam e sempre que via Alonso muito feliz ela ficava lhe convidava para entrar e tomar um café, Alonso por sua vez sempre lhe via a mente o cheiro e o gostinho na garganta do café de Leduína, de imediato ele entra na sala e passam a conversar sobre a vida deli.

E entre um cafezinho e outro Leduína lhe indaga, sobre o biruta seu cachorrinho de estimação que por sertã ocasião os seus pais o abandonara, pela sorte do mundo ele o foi lançado, se ele obtivera alguma sobre o paradeiro do animalzinho, o qual ele jamais se esqueceu, mas jamais o tinha visto novamente, ele por sua vez respondeu meio triste que não!

Leduína sorriu.

- Por que você está sorrindo Leduína?
- Vou lhe dizer algo que tenho certeza que vai gostar muito de saber.
- O que é Leduína, fala logo, que estou curioso para saber o que é.
- Eu descobri onde o biruta esta morando.
- O quê?
- Isso mesmo.
- Eu sei.
- Me diga por favor.
- Calma meu querido, vou lhe contar, você sabe onde seu cláudio mora.
- Se cláudio?
- É o diretor da escola.

- Sei é claro que sei.
- Então é lá e tenho certeza que você terá uma surpresa ao reve-lo.
- Surpresa Porque?
- Vai lá e veja você mesmo!

Alonso saiu em disparada para ver o seu grande amigo que há anos não via.

Ao chegar a casa do diretor da escola se deparou com um grande portão todo fechado o qual não se conseguia ver nada do lado de dentro.

Chegou até a entrada e tocou a campainha e de imediato começaram a latir vários cachorros ao mesmo tempo. Se passaram alguns minutos e o portão si abriu era a empregada.

- Pois não em que posso ajuda-lo?
- Gostaria de falar com o seu Cláudio por favor.
- Sim e claro a quem deve anunciar?
- eu sou o Alonso aluno da escola.
- só um minuto por favor que vou chama-lo.

Ficou Alonso a espera do senhor Cláudio com o coração apertado sem saber o que diria para o diretor quando ele chegasse, se distraia um pouco olhando a beleza do jardim da casa o qual tinha um grande orquídario com lindas e perfumadas orquídeas pelas quais ficou maravilhado com tanta beleza.

Logo mais ao fundo tinha um canil do qual vinha um latido que ao seus ouvidos não lhe era estranho, más foi interrompido com um cumprimento de boa tarde, meu rapaz em que posso ajuda-lo.

- Boa tarde senhor Cláudio eu sou o Alonso aluno do Colégio onde o senhor é diretor.

- Sim Alonso eu o conheço você é da turma da tarde que vai se formar no final do ano não e mesmo?

- Sim senhor, mas o que me traz até a sua presença é o fato de que fiquei sabendo que o senhor acolheu em sua casa a alguns anos atrás um cachorro pequenino e branco com uma orelha em pé e a outra completamente caída.

- Sim eu o encontrei solto na rua perto aqui de casa, com fome e morrendo de frio, pois quando eu o encontrei era inverno, mas o que isto tem aver com sua visita?

- Olha seu Cláudio e que este cachorro sempre foi meu grande amigo em minha vida e por malvadeza da casa onde eu morro até hoje o soltou na rua pois ele

era muito bagunceiro, gostaria de pedir ao senhor si posso ve-lo sim é claro, vamos até o canil.

O coração de Alonso pulsava tão forte que parecia que iria lhe saltar do peito, e saíram em disparada em direção ao canil, seu cláudio lhe perguntou:

- Como você o chamava?

- Biruta senhor.

- Biruta né então vamos ver si ele o reconheci.

Ao abrir a porta do canil saíram vários cachorros correndo de dentro, mas nada do biruta, ao olhar para dentro do canil la estava ele da mesma maneira como na casa de dona deitado em meio ao pedaço de colchão, ao velo Alonso o chama pelo nome.

- Biruta!

Ele o olha rapidamente e sai em disparada de dentro do canil todo feliz pulando e abanando o rabo, e não é que ele o reconheceu mesmo. Pois é Alonso mas agora o biruta não esta mais so porque quando eu o encontrei eu tinha uma cachorra que na época andava meio triste e com a chegada do biruta ela voltou a ficar mais alegre e este ano ela deu cria de 6 cachorrinhos e por incrível que pareça tem um filhote que e muito parecido com o biruta, e desde já estou vendo o seu amor por ele, e estou disposto a lhe dar um filhote você pode escolher um é todo seu.

- É claro que eu quero e vai ser este mesmo pois ele é todo bonitinho ate se parece com o biruta quando era pequeno e desta vez posso cuidar dele pessoalmente para que ninguém o faça mal, gostaria de poder vir visita-lo sempre si o senhor me autorizar.

- É claro, pode é claro que pode tenho certeza que o biruta vai gostar muito.

Alonso ficou muito feliz e sempre que podia visitava o seu grande amigo.